

Planejamento do Texto Dissertativo-Argumentativo

Recapitulando um pouco do que já estudamos nos módulos anteriores, para considerarmos um texto como sendo do tipo dissertativo-argumentativo, é necessário que, além de expor fatos e informações, o autor desse texto apresente também ideias e opiniões acerca de determinado tema, utilizando para isso argumentos claros, objetivos e organizados, com o intuito de convencer o leitor sobre o ponto de vista apresentado.

É esperado, ainda, que essa tipologia textual seja composta pela seguinte sequência:

- **introdução** – proposição da tese (ponto de vista) a ser discutida;
- **desenvolvimento** – apresentação, fundamentação e explicação dos argumentos;
- **conclusão** – reafirmação das ideias debatidas e novas proposições (para reflexão ou para solução).

Essa composição diz respeito a qualquer produção que envolva a argumentação, seja ela de um vestibular que proponha, por exemplo, a redação de um artigo de opinião, seja do Enem, que tradicionalmente requer a elaboração de um texto dissertativo-argumentativo. Para construir tal estrutura, é necessário que o autor do texto seja capaz de refletir sobre o tema

- definindo o ponto de vista que será defendido;
- selecionando as ideias, os fatos e as informações do seu repertório sociocultural (conhecimentos adquiridos na escola, na vida social e familiar), interpretando-as e relacionando-as à tese a ser defendida;
- organizando os argumentos escolhidos de maneira clara e objetiva, observando qual é o mais e o menos importante e selecionando qual será utilizado em primeiro lugar, sempre em favor da defesa do ponto de vista;
- desenvolvendo e relacionando os argumentos de forma a manter a coerência das ideias apresentadas e conduzir o leitor pelo caminho de sentidos traçado.

Como podemos observar, a produção de um texto dissertativo-argumentativo é um trabalho que requer seleção, organização, hierarquização e desenvolvimento de ideias, portanto precisa ser planejado.

Como planejamento pressupõe um método, aqui estudaremos como utilizar os **esquemas** e os **mapas mentais**, que são uma maneira eficiente de organizar os conhecimentos que temos e as ideias que vão surgindo enquanto pensamos no tema a ser desenvolvido.

Para exemplificar o planejamento textual empregando esses métodos, utilizaremos a redação do Enem, que comumente propõe a escrita de um texto dissertativo-argumentativo sobre um tema que envolve uma questão social brasileira problematizada. O **assunto** abordado pelo exame em 2016 foi a questão religiosa; e o **tema**, “Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”.

Observe que assunto e tema são conceitos distintos. O primeiro refere-se a uma ideia mais ampla; e o segundo, a uma pequena parte dessa ideia. Dentro do assunto “religião”, que é nosso exemplo, pode-se recortar os temas “crenças das religiões afro-brasileiras”, “festas religiosas brasileiras”, “mitos das religiões indígenas”, “curas católicas”, enfim, vários eixos temáticos possíveis. Não observar essa diferença faz com que o participante tangencie o tema, ou seja, aborde somente o assunto de forma ampla, não aprofundando e desenvolvendo um recorte desse assunto.

Para que isso não ocorra, em primeiro lugar, é preciso identificar quais são as **palavras-chave** do tema, que dizem respeito ao que deve ser abordado, seja qual for a tese escolhida. Nesse tema específico, essas palavras são: “caminhos”, “combate”, “intolerância religiosa”, “Brasil”.

Nesse sentido, o participante deve escrever um texto que

- **afirme** a existência da intolerância religiosa no Brasil (uma vez que o próprio tema já faz essa asserção);
- **mostre** que ela precisa ser combatida;
- **aponte** quais são os caminhos para combatê-la.

Entender claramente o que se pede na proposta já é um importante passo para construir um texto que tenha um posicionamento. Sendo assim, podemos iniciar a esquematização das ideias fazendo-nos, por exemplo, as seguintes perguntas:

Intolerância religiosa – O que é? Quais suas causas?
Quais as consequências?

É um problema.	É histórico.	Afeta várias religiões.	Precisa ser combatido.
----------------	--------------	-------------------------	------------------------

Por quê? O que causou esse problema?	Quando surgiu? Por que ainda continua sem solução?	Quais as consequências do problema? Como ele afeta a sociedade? O que ele acarreta?	Como mudar a situação? Quem pode resolver? De que forma?
--------------------------------------	--	---	--

Quando entendemos o tema e começamos a nos perguntar sobre ele, ativamos nossos conhecimentos prévios, aqueles que foram adquiridos na leitura dos textos de apoio (que frequentemente estão presentes na proposta de redação dos exames), nas aulas que assistimos na escola e nas interações da vida social (informações adquiridas na Internet, conversas com amigos, televisão, revistas, jornais, etc.). Enfim, tudo aquilo que aprendemos até hoje e que chamamos de repertório sociocultural ou “conhecimento de mundo” é acionado na busca por dados e informações que possam nos ajudar a construir o nosso texto.

Assim, diante das ideias expostas e dos questionamentos feitos, começamos a planejar o que será escrito. Para nosso estudo, iremos escrever um texto que tenha de quatro a cinco parágrafos (mas, dependendo do contexto de escrita, ele pode ter mais que isso), e em cada um deles será desenvolvida uma dessas ideias:

Esquematisação do tema
“Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”

1º parágrafo – a introdução. Apresentar o que é a intolerância religiosa, quais são suas raízes e a necessidade de combatê-la, extingui-la ou minimizá-la.

2º parágrafo – o primeiro argumento. Fazer o percurso histórico, explicitando as causas dessa intolerância, que ainda persiste; apresentar as religiões mais afetadas e o que isso acarreta para as pessoas que as seguem.

3º parágrafo – o segundo argumento. Apresentar e explicar o porquê das discriminações e discorrer sobre a intolerância de indivíduos de algumas religiões em relação a outras.

4º parágrafo – a fundamentação. Reforçar a argumentação. Contextualizar o problema na atualidade e apresentar dados e outras informações que possam ser úteis para a defesa do ponto de vista, como a existência de uma “bancada evangélica” no Congresso Nacional, podendo discutir, nesse sentido, a questão da laicidade do Estado.

5º parágrafo – a conclusão do texto. Traçar caminhos para combater a intolerância religiosa, assim, pode-se, nesse espaço, incluir uma ou mais propostas para tentar resolver esse problema. Entretanto, nada impede que essas sugestões de combate venham junto com a argumentação, no decorrer do texto.

Feito o esquema e o planejamento, vamos partir para a escrita efetiva. O texto a seguir é um exemplo possível de produção que seguiu o planejamento detalhado anteriormente. Leia-o, observando os trechos destacados.

Ser intolerante é ser inflexível, é não aceitar determinada ação, vontade ou regra. No caso da religião, é a não aceitação da fé professada pelo outro. *É claro que, para muitos, tal pensamento pode parecer inconcebível na atualidade, em que se fala e se prega tanto a liberdade em toda a sua amplitude. Porém, para outros tantos, é perfeitamente aceitável – e até compreensível – visto que o preconceito pode, muitas vezes, sobrepujar a indulgência e a empatia, sentimentos tão indispensáveis na vida em sociedade.* Tal pensamento faz com que voltemos no período colonial brasileiro, no qual encontramos a raiz desse problema *que ainda persiste, principalmente entre aqueles que receberam como herança as religiões de matriz africana, alvo de ódio e humilhação desde os tempos passados. Por essa razão,* faz-se necessário extinguir, de uma vez por todas, a permanência e o desenvolvimento desse preconceito.

Desde o período da colonização brasileira, *com a vinda dos padres jesuítas para catequizar os índios que aqui estavam e que mantinham crenças politeístas, iniciou-se o processo de aculturação no novo país. Firmes nas suas convicções cristãs e católicas,* os portugueses, tal qual fizeram com os indígenas, também subjugaram e abominaram os negros africanos durante todo o processo histórico da escravidão, *proibindo-os de seguir suas religiões, praticar seus ritos e cultuar seus deuses e símbolos, com a acusação de pertencerem ao demônio e causarem males e sofrimentos. Infelizmente, depois de anos de acabada a servidão,* atitudes de desprezo e preconceito contra os praticantes da Umbanda, Quimbanda, Candomblé e outras religiões espíritas ainda existem e causam constrangimento e revolta a quem as segue, assim como foi no passado.

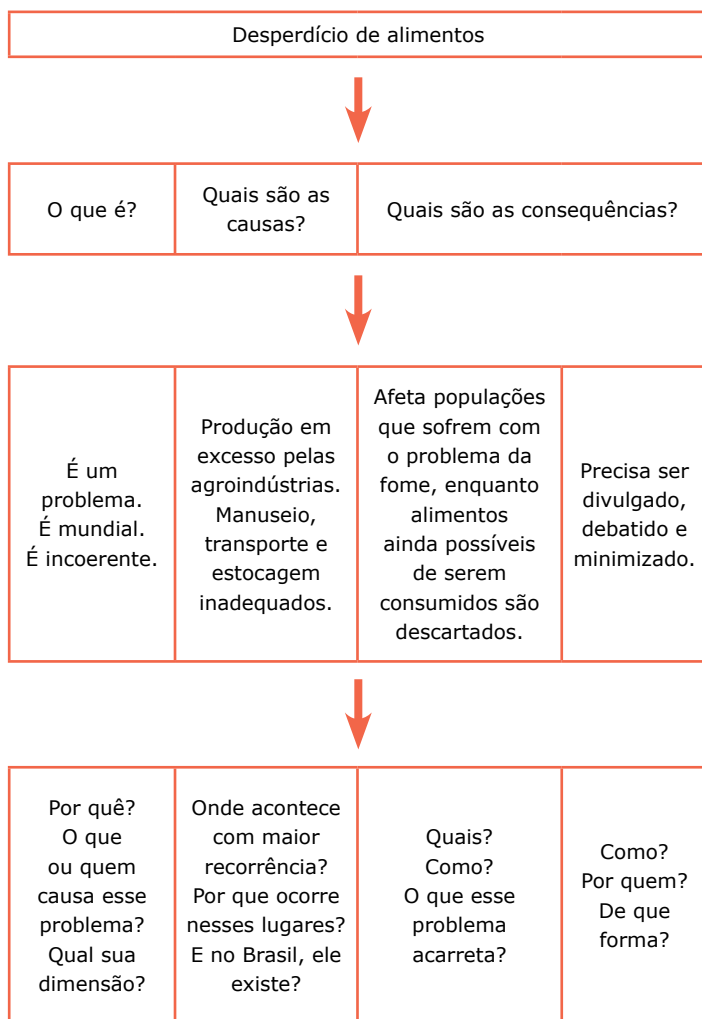
De acordo com o filósofo prussiano Kant, os homens devem ser valorizados como pessoas que possuem dignidade, já que a dignidade é o valor de que se reveste tudo aquilo que não tem preço. Sendo assim, observa-se que a sociedade brasileira, que guarda resquícios de um passado escravocrata, puritano e retrógrado, ainda permanece coisificando e menosprezando aqueles que possuem crenças não tradicionais, ou mesmo aqueles que não professam nenhuma fé, humilhando-os nas ruas, em manifestações, em redes sociais, e até mesmo agredindo-os fisicamente, demonstrando o quão despreparados alguns indivíduos estão para viver em sociedade, o que implica viver com respeito às escolhas e às diferenças.

Apesar de todo o quadro que ainda insiste em permanecer na sociedade brasileira, a nossa Constituição, no seu Artigo 5º, garante a liberdade de crença e religião: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos”, o que quer dizer que todos os indivíduos são iguais perante a lei, e que o Estado, sendo laico, tem o dever de assegurar a inviolabilidade desse direito a todo cidadão. Entretanto, o que se percebe é um descaso governamental quanto à observância dessa liberdade, haja vista a existência de uma bancada evangélica no Congresso Nacional, com indivíduos dispondo de seus cargos para difundir e legitimar conceitos e preceitos de sua religião em um lugar onde deveria haver respeito e equidade.

Portanto, é imprescindível que se façam intervenções para mudar essa realidade e minimizar a intolerância religiosa que separa e violenta o país. Nesse contexto, o Estado, em conjunto com o Ministério da Educação, poderia promover práticas públicas, como a inserção do conteúdo denominado “Religiões” nas disciplinas de Sociologia e Filosofia, a fim de apresentar e esclarecer os princípios de cada uma das religiões, debatendo os prós e os contras, de maneira aberta e respeitosa. Assim, cada aluno poderá conhecer antes de julgar e aprender para contestar, ao mesmo tempo que ressignifica conceitos preestabelecidos ao longo do tempo. Dessa forma, com o engajamento das instâncias superiores, poderemos dizer que vivemos em um país que é justo, que respeita a pluralidade de crenças e é efetivamente laico.

Observe agora o planejamento de um texto dissertativo-argumentativo sobre o tema “O desperdício de alimentos no mundo”.

Analisando as palavras-chave relacionadas a esse tema – “desperdício”, “alimentos”, “mundo” –, nota-se que ele é bastante amplo. O assunto “desperdício” a ser tratado no texto refere-se ao mundo inteiro, e não somente ao Brasil, o que não tira a possibilidade de se discuti-lo também no nosso país, como forma de trazer para nós uma parte da responsabilidade pelo problema.



Como são várias as informações que surgem das perguntas levantadas, devemos selecioná-las, relacionando-as. Dessa forma, é importante não só responder a essas perguntas, mas também desenvolver as respostas.

Assim, o planejamento do texto baseado nos questionamentos anteriores ficaria da seguinte forma:

Planejamento do tema “O desperdício de alimentos no mundo”
1º parágrafo – a definição do ponto de vista. Abordar o fato de que existe, no mundo, uma contradição no que se refere às questões da alimentação: muito desperdício de alimentos e grande número de pessoas em situação de fome. Nesse parágrafo, podem ser apresentados dados que indiquem ser este um problema mundial, que deve ser debatido e combatido.
2º parágrafo – o primeiro argumento. Apresentar as causas do desperdício de alimentos, quem são os responsáveis e onde (em quais países) esse desperdício é maior. Contar com informações dos textos motivadores da proposta.
3º parágrafo – a fundamentação. Apresentar a situação no Brasil e explicar por que no país ainda há desperdício enquanto muitos indivíduos passam fome.
4º parágrafo – o segundo argumento. As consequências do desperdício e o que poderia ser feito com os alimentos que, apesar de ainda serem consumíveis, são descartados.
5º parágrafo – a conclusão. Retomar o problema, os argumentos e sugerir de uma possível intervenção dos países no sentido de acabar com o desperdício.

A escrita do texto baseada nesse esquema torna-se menos complexa, uma vez que o roteiro a ser seguido já está pronto. Vamos observar como fica a redação de um texto que seguiu a esquematização proposta. Observe os trechos destacados.

A cada ano 1,3 bilhão de toneladas de alimentos são desperdiçados a nível global, e essa realidade preocupante mostra seu impacto no problema da fome. Segundo a ONU, há quase 1 bilhão de famintos no mundo e mais de 20 mil crianças morrem de inanição por dia em todo planeta. Dados alarmantes, tendo em vista o paradoxo da situação: muita comida sendo jogada fora enquanto muita gente passa fome. Dessa forma, torna-se urgente e indispensável o debate sobre o combate à fome e ao desperdício de alimentos, assim como a criação de alternativas para minimizar ou extinguir esse problema.

A agroindústria, responsável pelo abastecimento alimentício mundial, é uma das grandes responsáveis por parte desse cenário contraditório, pois cerca de dois terços da comida produzida em países em desenvolvimento é perdida após a colheita, por manuseio indevido, transporte e armazenamento inadequado. Quase 56% do desperdício mundial são de responsabilidade de países desenvolvidos, que rejeitam alimentos que não têm a aparência esperada (cor, formato, tamanho) ou a qualidade desejada (sabor e consistência), mesmo que estejam bons para o consumo. Além disso, o prazo de validade dos produtos imposto pelas indústrias alimentícias é rígido; e as multas, altas para quem desrespeita esse prazo e comercializa os produtos, causando, assim, o seu imediato descarte.

No Brasil, a situação não é diferente. Apesar de sermos um país com grande capacidade agropecuária, o desperdício é grande, especialmente no transporte, que é basicamente feito pela malha rodoviária, com estradas malconservadas, acessos difíceis e demorados, prejudicando e atrasando a entrega dos produtos, que, muitas vezes, deterioram antes mesmo de chegar ao seu destino. Há também a “lei da oferta e da procura”, causando a diminuição do preço e desvalorização do produto, que acaba estragando sem ser comercializado. Além disso, há ainda o consumo em excesso, as compras feitas sem planejamento, aproveitando as “ofertas”, em que alimentos ficam estocados nas casas dos consumidores, apodrecem ou perdem a “validade” e são descartados sem serem nem abertos.

Em contrapartida, em pontos do globo, inclusive no Brasil, onde o desenvolvimento técnico não se faz presente, faltam alimentos para abastecer a população. As baixas condições de trabalho no meio agrícola, somadas à ausência de investimentos nos setores produtivos, transformam a fome em um dos principais riscos de saúde no mundo. Pessoas procuram no lixo aqueles produtos que não servem mais para uns, mas que podem ser consumidos por quem não tem nada. Há um descaso por parte de quem produz, distribui, comercializa ou consome, que prefere jogar fora a doar para quem precisa. Existem leis sanitárias rígidas, ao menos no Brasil, as quais proíbem restaurantes, lanchonetes ou padarias de doarem o seu excedente a quem precisa, com possibilidade de receberem multas altíssimas caso infrinjam as regras e aconteça de alguém adoecer com tal alimento.

Diante de um problema tão sério, medidas precisam ser adotadas. Pensando em desperdício, órgãos de influência mundial deveriam adotar tratados que punissem financeiramente as indústrias agrícolas que desperdiçassem um contingente significativo de alimentos, além de prever isenções fiscais para empresas que doassem parte de seu excedente aos países e regiões necessitadas. Ademais, uma maior distribuição de terras férteis e investimentos governamentais nos setores produtivos, em áreas carentes, combateriam a fome e a miséria de forma significativa.

Outra boa maneira de planejar um texto é por meio dos **mapas mentais**. Esses mapas trabalham com os pensamentos que vão surgindo quando refletimos sobre determinado assunto e podem ser uma boa alternativa para registrar uma “explosão de ideias”.

Para exemplificar, tomemos o tema da redação do Enem de 2015: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. A primeira coisa a fazer é especificar e hierarquizar as palavras-chave do tema: “persistência”, “violência”, “mulher”, “sociedade brasileira”. Em seguida, vamos escrever o que nos vem à cabeça ao pensar nessas palavras:



Naturalmente, muitas palavras surgem quando pensamos no tema, cada uma representando ideias. Por meio das relações estabelecidas entre as ideias e as palavras, o mapa vai sendo criado, ramificando-se e, ao final, apresentando variadas possibilidades de abordagem do tema, que serão utilizadas na construção do texto.

Nota-se que não é apenas escrevendo as palavras ligadas ao tema que o percurso argumentativo de um texto é traçado. Assim como nos esquemas, é preciso selecionar e relacionar as ideias e informações, uma vez que, mesmo com a elaboração de um mapa mental, pode-se produzir um texto pouco claro ou com informações que não se completam ou não estão coerentes, interligadas.

Como exemplo de texto que trata do assunto abordado no Enem de 2015, leia o artigo “Por uma cultura de respeito às mulheres”, do professor e escritor José Carlos de Souza.

Por uma cultura de respeito às mulheres

O estupro vivido por uma adolescente, no Rio de Janeiro, colocou a discussão em torno desse tipo de violência na pauta dos recentes debates da grande mídia e das redes sociais. O esforço de algumas pessoas em promover uma reflexão responsável em torno do tema teve que rivalizar com um conjunto de discursos falaciosos e posições preconceituosas que se disseminaram com contornos que beiraram a histeria.

Em muitos desses discursos surpreende o fato de que um dos princípios básicos que deve marcar as relações entre as pessoas foi quase que completamente ignorado: a ideia do respeito à dignidade humana. Talvez, não seja demais supor que o momento de imoralidade política que o país experimenta contribua para a legitimação de discursos dessa ordem, reforçando que é possível manter uma posição de relativismo diante de semelhantes crimes.

Alguns dados estatísticos parecem reforçar isso. No Brasil, ocorrem anualmente cerca de 50 mil casos de estupros, mais da metade das vítimas são crianças e adolescentes. O constrangimento da situação e a dificuldade de se comprovar o crime mantêm boa parte dos agressores, muitas vezes pessoas próximas às vítimas, livres. Nessas circunstâncias, é inevitável que elas se vejam sujeitas a uma segunda violência, a violência da impunidade. Nossa sociedade machista e patriarcal institui e valoriza práticas sociais que desqualificam ou preterem as mulheres. Essas práticas contribuem para o que muitos chamam de cultura do estupro, um espaço em que homens são levados a crer que têm o direito de cometer diversos tipos de violência contra a mulher, inclusive sexual.

Nesse sentido, meios de comunicação, instituições públicas e a própria família sistematicamente vão legitimando papéis que meninos e meninas desde cedo são convidados a desempenhar. A instituição escolar não está isenta dessas práticas. O assédio a alunas e professoras é mais frequente do que se supõe, com circunstâncias que vão desde simples insinuações até abordagens mais agressivas, pautadas por ameaças ou violação da intimidade.

Os dados sobre a violência contra a mulher são absurdos e exigem de todos uma crescente consciência do seu significado e de como atuar para mudá-los. A escola como espaço privilegiado de formação e socialização precisa acolher essa discussão, ajudando os estudantes a compreender esse tema em toda a sua complexidade e extensão, implicando-os como possíveis sujeitos transformadores. Isso pode começar dentro da escola com a proposição de uma vivência cotidiana que reflita um compromisso efetivo com o respeito a todas as mulheres em tudo aquilo que elas mesmas reconhecem como aspectos marcantes de sua identidade.

SOUZA, José Carlos de. Por uma cultura de respeito às mulheres. *Carta Capital*. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/aulas/medio/por-uma-cultura-de-respeito-as-mulheres/>>. Acesso em: 24 out. 2017.

O texto apresentado não é uma redação do Enem, mas um artigo de opinião veiculado em uma revista de grande circulação. Ao lermos esse artigo e o compararmos com o mapa mental, notamos a ocorrência de palavras e ideias bem semelhantes, o que nos leva a crer que o conhecimento acerca desse tema, amplamente divulgado e comentado pela mídia, faz parte do repertório sociocultural que adquirimos também na vida social.

Sendo assim, supõe-se que, para escrever um texto como esse, deve-se planejá-lo da seguinte maneira:

Planejamento do tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”

1º parágrafo – introdução do tema: apresentação de um exemplo – um caso de estupro veiculado pela mídia –, a repercussão do fato, a reação das pessoas e a apresentação do pensamento preconceituoso e machista de ampla parcela da sociedade brasileira (em azul).

2º parágrafo – ponto de vista: pessoas preocupadas em discutir o fato não se importam com a dignidade humana, no caso, a dignidade feminina, da jovem que foi violentada (em verde).

3º parágrafo – argumento: dados sobre a violência contra mulheres jovens e meninas, o porquê da impunidade, as práticas machistas e a cultura do estupro (em laranja).

4º parágrafo – fundamentação: o estereótipo dos papéis masculinos e femininos, o assédio e a agressão, nas escolas, contra meninas e professoras (em vermelho).

5º parágrafo – conclusão: retomada do problema, dos argumentos, e apresentação de uma proposta de solução para a questão (em roxo).

O planejamento textual é importante, pois, além de facilitar a escrita, estimula a capacidade criadora, promove a intertextualidade, acrescenta informatividade, colabora para o estabelecimento da coerência do texto e contribui para a construção da coesão, requisitos básicos, como vimos anteriormente, para a produção de um bom texto argumentativo.

Agora, com base nas reflexões acerca do planejamento textual, faça as seguintes questões:

1. Elabore um esquema sobre o tema "O fenômeno das notícias falsas no jornalismo contemporâneo". Faça a você mesmo as perguntas sobre esse assunto. Depois de elaboradas respostas curtas para elas, faça o planejamento do texto, especificando o que será abordado em cada parágrafo.
2. Agora, você irá fazer um mapa mental sobre o tema "Perigos do consumo de álcool por adolescentes", conforme o modelo apresentado. Utilize uma folha de papel em branco, destaque as palavras-chave e vá ligando uma ideia a outra, sempre se perguntando "Por quê?", "Qual a causa?", "Quem ou o que provoca?", "O que pode ser feito?". Após isso, planeje o seu texto, especificando o que será abordado em cada parágrafo.
3. O texto a seguir, sobre o tema "Como conter o bullying nas escolas", foi redigido por um aluno do ensino médio. Leia-o e analise como ele foi planejado, identificando os problemas nesse planejamento, caso existam, e apontando soluções para eles.

Sabe-se que o bullying é um tipo de agressão física e / ou psicológica que tem como objetivo intimidar outra pessoa por motivos injustificáveis, simplesmente por ser diferente. Tais práticas violentas vêm crescendo constantemente, visto que o principal local para a execução dessas práticas são as escolas.

A escola é um local no qual existem alunos de todas as classes, etnias e particularidades, portanto tal instituição tem o dever de manter certa igualdade entre eles, para que o desrespeito não se mantenha no interior escolar. A escola, no entanto, possui diversos obstáculos; dentre eles, o maior é conter o bullying.

Empurrões, humilhação, ameaças, insultos são algumas formas de agressões entre alunos. De acordo com pesquisas realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2015, 46,6% dos alunos entrevistados alegaram ter sido vítimas de bullying dentro do colégio, sendo que mais de 18% afirmaram ter sido agredidos devido a sua aparência.

Ignorar esses números é imprescindível. Todos estão sujeitos a tais boçalidades levando como consequência problemas psicológicos e sucessivamente uma queda no aprendizado escolar.

Visto que o bullying é um dos maiores problemas encontrados no ambiente escolar, os professores devem rever as atitudes diante de tal situação. É necessário, portanto, punir alunos que praticam tal banalidade e ficar atento a todos os alunos, sejam agressores ou vítimas. As famílias devem ser avisadas e, junto com a escola, tomar medidas cabíveis a tal comportamento.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UPF-RS-2018) A mobilidade urbana refere-se às condições de deslocamento da população no espaço geográfico das cidades. O termo é geralmente empregado para referir-se ao trânsito de veículos e também de pedestres, seja através do transporte individual (carros, motos, etc.), seja através do uso de transportes coletivos (ônibus, metrô, etc.). Nos últimos anos, o debate sobre a mobilidade urbana no Brasil vem se acirrando cada vez mais, haja vista que a maior parte das grandes cidades do país vem encontrando dificuldades em desenvolver meios para diminuir a quantidade de congestionamentos ao longo do dia e o excesso de pedestres em áreas centrais dos espaços urbanos. Trata-se, também, de uma questão ambiental, pois o excesso de veículos nas ruas gera mais poluição, interferindo em problemas naturais e climáticos em larga escala e também nas próprias cidades, a exemplo do aumento do problema das ilhas de calor. A principal causa dos problemas de mobilidade urbana no Brasil relaciona-se ao aumento do uso de transportes individuais em detrimento da utilização de transportes coletivos, embora esses últimos também encontrem dificuldades com a superlotação.

PENA, Rodolfo F. Alves. Mobilidade urbana no Brasil. *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/mobilidade-urbana-no-brasil.htm>>. Acesso em: 08 set. 2017 (Adaptação).

Com base no trecho anterior e em suas leituras sobre a questão da mobilidade urbana, produza um texto dissertativo-argumentativo, respondendo à questão: **Quais as principais causas para o aumento do uso de transportes individuais em detrimento da utilização de transportes coletivos e quais as consequências desse comportamento para a vida diária das pessoas?**

02. (PUC-Campinas-SP-2018) Leia atentamente o texto a seguir.

É corrente a opinião de que, para os jovens de hoje, os tradicionais partidos políticos já não teriam muito o que dizer. A juventude estaria mais interessada em movimentos mais definidos, em causas e reivindicações mais específicas. É como muitos analisam os fatos recentes: certas manifestações de rua e certas postagens nas redes sociais parecem ignorar os caminhos da política partidária, buscando novas formas de participação na vida social.

Posicione-se diante da questão tratada no texto anterior, redigindo uma dissertação na qual você se valerá de argumentos claros e bem apresentados.

03. (ESPM-SP-2017)**Os desafios das “múltiplas janelas”**

Estudo realizado pela Universidade de Toronto, no Canadá, e pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT) sugere que adolescentes que se ocupam de múltiplas tarefas tecnológicas ao mesmo tempo podem ter um pior desempenho escolar, maior dificuldade de memória e mais impulsividade. Essa geração tem uma maneira muito peculiar de lidar com as novas tecnologias e com a construção da informação. Porém, se os jovens têm maior dificuldade em focar em um único objeto, como uma aula ou uma prova de Matemática ou Inglês, eles ganham em agilidade e capacidade de integração ao executar múltiplas tarefas ao mesmo tempo.

BOUER, Jairo. *O Estado de S. Paulo*, 22 maio 2016.

Proposta: Com base nas informações do texto e em outras de seu conhecimento sobre o assunto, elabore um texto dissertativo que apresente considerações sobre a seguinte questão: **Além dos ganhos e desafios de múltiplas tarefas tecnológicas simultâneas no desempenho escolar, como podemos pensá-las no âmbito das relações pessoais e profissionais?**

04. (Fatec-SP-2018)**Texto I**

Hoje, 39% dos jovens de 19 a 35 anos querem trocar de emprego em até dois anos, de acordo com um estudo da consultoria Deloitte com 8 000 jovens de 30 países.

No ano passado, o índice era maior: 44%. A redução, para Luís Fernando Martins, diretor de uma recrutadora, tem a ver com a crise econômica. “Há muitas vagas sendo preenchidas por seniores. Os jovens tiveram que ajustar as expectativas.”

RANGEL, Anna. *Folha de S. Paulo*, 02 abr. 2017 (Adaptação).

Texto II

Gostar do trabalho e encontrar um equilíbrio entre vida profissional e pessoal é muito importante, se não fundamental, para qualquer pessoa. Não se trata de transformar o emprego em *hobby*, mas de achar um cargo que, além do salário no fim do mês, lhe traga algum significado à vida e seja desafiador.

BRAGA, Beatriz. *Folha de S. Paulo*, 02 abr. 2017 (Adaptação).

Texto III

Com a morte de Steve Jobs, seu discurso aos formandos da Universidade de Stanford em 2005 virou febre na TV, nos jornais, na Internet e emocionou até quem não era fã do criador da Apple. No texto, ele defende o famigerado “o segredo do sucesso é amar o que faz”. Mas com ainda mais ênfase: ninguém deveria se contentar enquanto não achasse um trabalho que fosse sua paixão genuína.

O público achou edificante, mas especialistas em carreira cobriram o discurso de críticas. A começar pela mais óbvia: se todo mundo seguir esse conselho, como a sociedade vai funcionar se há centenas de trabalhos que talvez ninguém ame?

Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/o-segredo-do-sucesso-e-amar-o-que-voce-faz>>. Acesso em: 30 out. 2017 (Adaptação).

A partir dessa coletânea, elabore um texto narrativo ou um texto dissertativo-argumentativo explorando o seguinte tema: **O emprego perfeito: realidade ou ficção?**

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Instrução: O texto a seguir serve de base para responder às questões **01** e **02**.

Conselho não cassa registro por quebra de sigilo médico

Cláudia Colucci
10 fev. 2017 – 2h00 de São Paulo



Nos últimos quatro anos, nenhum médico teve seu registro profissional cassado no Estado de São Paulo por quebra de sigilo médico.

Segundo o Cremesp (conselho médico paulista), de 2012 a 2016, foram registrados 379 processos éticos por essa razão – 87 já julgados.

Desses, 39 foram inocentados e 48, julgados culpados. A maioria (26) recebeu penas confidenciais e 22, públicas.

As primeiras são advertências e censuras sigilosas (só o médico fica sabendo). Já as públicas envolvem publicação na imprensa oficial e a suspensão do exercício profissional por até 30 dias.

No mesmo período, 26 médicos foram cassados em primeira instância pelo Cremesp por diferentes motivos. Cabe recurso das decisões no Conselho Federal de Medicina. Para Mauro Aranha, presidente do Cremesp, o fato de não ter havido nenhuma cassação por quebra de sigilo não significa que essa seja uma infração menos grave.

“É uma infração ética muito importante. Mas a pena depende de uma série de contextos, por exemplo, o dano provocado ao paciente, se o médico cometeu o ato de forma proposital ou se foi negligente e do seu histórico ético no conselho”, explica.

Se a pessoa usar a quebra de sigilo para conseguir algum benefício (dinheiro, por exemplo), o ato é considerado gravíssimo. Aranha não comenta sobre as duas sindicâncias abertas para apurar o envolvimento de médicos na divulgação de dados de Marisa Letícia Lula da Silva e de mensagens de ódio em redes sociais (o processo é sigiloso).

Mas conforme apurou a *Folha* com conselheiros, a tendência é que os médicos acusados recebam, no mínimo, uma censura pública. Na opinião de Aranha, é preciso que os médicos repensem seus papéis nas redes sociais. “Elas convidam a pessoa a responder de forma instantânea, intempestiva. O médico não tem que ser um santo, mas o ato médico exige prudência.”

Mídias sociais

A violação do sigilo médico em mídias sociais não é uma prática incomum entre alunos de medicina, residentes e cirurgiões, aponta uma dissertação de mestrado apresentada nesta quarta (8), na Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

No estudo envolvendo 156 pessoas (52 alunos, 51 residentes e 53 docentes), o cirurgião Diego Adão Fanti Silva verificou que 53% dos alunos, 86% dos residentes e 62% dos docentes divulgam dados de pacientes nas mídias sociais. A maioria (entre 86,5% e 100%) relata que oculta a identidade dos pacientes no momento da divulgação.

No trabalho, o autor diz que é ilegal e antiética a divulgação de imagens de pacientes mesmo com a autorização dos expostos e mesmo não identificando o doente.

Só há permissão se a publicação tiver fins acadêmicos ou assistenciais – ainda assim, é necessário o consentimento do paciente.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/02/1857393-conselho-nao-cassa-registro-porquebra-de-sigilo-medico.shtml>>.

Acesso em: 08 out. 2017.

01. (Albert Einstein–2018) No texto de Cláudia Colucci, o posicionamento do presidente do Cremesp e o do cirurgião em sua dissertação de mestrado
- advertem sobre a necessidade de divulgação das imagens de pacientes se for para o bem deles.
 - são contraditórios quanto às perspectivas éticas referentes a exposições de dados de pacientes.
 - convergem em relação a questões éticas sobre a disseminação de imagens de pacientes.
 - defendem a exposição de informações sobre dados de pacientes desde que com consentimento.

02. (Albert Einstein–2018) Ainda na matéria “Conselho não cassa registro por quebra de sigilo médico”, tanto no início do terceiro parágrafo como no início do quarto, estão elípticas, respectivamente, as expressões
- registros profissionais; penas públicas.
 - culpados; censuras sigilosas.
 - processos éticos; penas confidenciais.
 - procedimentos julgados; advertências sigilosas.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de 03 a 05.

Um poema de Vinicius de Moraes

A flutuação do gosto em relação aos poetas é normal, como é normal a sucessão dos modos de fazer poesia. Pelo visto, Vinicius de Moraes anda em baixa acentuada. Talvez o seu prestígio tenha diminuído porque se tornou cantor e compositor, levando a opinião a considerá-lo mais letrista do que poeta. Mas deve ter sido também porque encarnou um tipo de poesia oposto a certas modalidades para as quais cada palavra tende a ser objeto autônomo, portador de maneira isolada (ou quase) do significado poético.

Na história da literatura brasileira ele é um poeta de continuidades, não de rupturas; e o nosso é um tempo que tende à ruptura, ao triunfo do ritmo e mesmo do ruído sobre a melodia, assim como tende a suprimir as manifestações da afetividade. Ora, Vinicius é melodioso e não tem medo de manifestar sentimentos, com uma naturalidade que deve desgostar as poéticas de choque. Por vezes, ele chega mesmo a cometer o pecado maior para o nosso tempo: o sentimentalismo. Isso lhe permitiu dar estatuto de poesia a coisas, sentimentos e palavras extraídos do mais singelo cotidiano, do coloquial mais familiar e até piegas, de maneira a parecer muitas vezes um seresteiro milagrosamente transformado em poeta maior. João Cabral disse mais de uma vez que sua própria poesia remava contra a maré da tradição lírica de Língua Portuguesa. Vinicius seria, ao contrário, alguém integrado no fluxo da sua corrente, porque se dispôs a atualizar a tradição. Isso foi possível devido à maestria com que dominou o verso, jogando com todas as suas possibilidades.

Ele consegue ser moderno usando metrificação e cultivando a melodia, com uma imaginação renovadora e uma liberdade que quebram as convenções e conseguem preservar os valores coloquiais. Rigoroso como Olavo Bilac, fluido como o Manuel Bandeira dos versos regulares, terra a terra como os poemas conversados de Mário de Andrade, esse mestre do soneto e da crônica é um raro malabarista.

CANDIDO, Antonio. *Teoria e debate*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, n. 49, out-dez, 2001 (Adaptação).

03. (UERJ–2019) A flutuação do gosto em relação aos poetas é normal, como é normal a sucessão dos modos de fazer poesia. (l. 1-2)

4N9D

A relação que se estabelece entre essa declaração inicial do crítico Antonio Candido e o restante de seu texto pode ser definida pela seguinte sequência:

- A) problema – solução
- B) abstração – realidade
- C) pressuposição – asserção
- D) generalização – particularização

04. (UERJ–2019) A articulação do primeiro com o segundo parágrafo revela o seguinte eixo principal da argumentação do crítico:

LNKU

- A) valorização de versos coloquiais
- B) descrição de uma poética singular
- C) contestação de artistas modernos
- D) exaltação de uma obra convencional

05. (UERJ–2019) Com base nas ideias apresentadas no texto, a metáfora “um raro malabarista” (l. 37-38) sugere que o poeta articula os seguintes aspectos em sua poesia:

- A) humor e seriedade
- B) tradição e inovação
- C) erudição e formalismo
- D) musicalidade e silêncio

06. (FCMSC-SP–2018) No meu tempo de estudante de medicina na Londres dos anos 1950, vi no Hospital de Middlesex muitos pacientes com delírio, estados de flutuação da consciência causados, às vezes, por infecções com febre alta ou por problemas como insuficiência dos rins ou do fígado, doença pulmonar ou diabetes mal controlado; todas essas condições podem produzir mudanças drásticas na química do sangue. Alguns pacientes deliravam em consequência de medicação, especialmente os que recebiam morfina ou outros opiáceos para aliviar a dor. Os pacientes com delírio estavam quase sempre nas alas médicas ou cirúrgicas, e não nas neurológicas ou psiquiátricas, pois em geral o delírio indica um problema médico, uma consequência de algo que afeta o corpo como um todo, inclusive o cérebro, e desaparece assim que o problema médico é sanado.

É possível que a idade, mesmo com um funcionamento intelectual pleno, aumente o risco de alucinação ou delírio em resposta a problemas médicos e medicação, ainda mais com a polifarmácia tão frequentemente praticada na medicina atual. Como trabalho em vários lares para idosos, de vez em quando vejo pacientes tratados com muitas medicações, as quais podem interagir umas com as outras de modos complexos, e, não raro, empurrar o paciente para o delírio.

A MENTE ASSOMBRADA. 2013 (Adaptação).

“É possível que a idade, mesmo com um funcionamento intelectual pleno, aumente o risco de alucinação ou delírio em resposta a problemas médicos e medicação” (2º parágrafo)

No contexto em que está inserido, o trecho destacado expressa

- A) uma causa. D) uma finalidade.
- B) uma consequência. E) uma concessão.
- C) uma condição.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2017) Em um estudo no qual se investigou a relação entre trabalho e lazer de trabalhadoras domésticas diaristas, constatou-se que essas mulheres têm baixa escolaridade, têm de realizar suas próprias tarefas domésticas (segunda jornada de trabalho), levam três horas para chegar ao trabalho e quatro para retornar à residência, saem de casa por volta de quatro e meia da manhã e chegam entre nove e dez da noite, além de trabalharem seis dias na semana. Nos discursos sobre o que fazem no lazer ou tempo livre, essas mulheres revelaram que: “o cansaço não deixa fazer outra coisa”, além de dormir ou assistir TV. A pesquisa revela como essas mulheres trabalhadoras têm uma enorme dificuldade de acesso ao lazer.

PALMA, A. Atividade física, processo saúde-doença e condições socioeconômicas: uma revisão de literatura. *Revista Paulista de Educação Física*, n. 1, jan. / jun. 2000 (Adaptação).

De acordo com o texto, uma das dificuldades de acesso ao lazer das trabalhadoras domésticas diaristas é fruto das desigualdades de gênero na sociedade, na medida em que

- A) as mulheres possuem menos escolaridade que os homens, que, por apresentarem uma formação melhor, têm melhores condições de acesso ao lazer.
- B) as trabalhadoras domésticas diaristas são expostas a uma sobrecarga de trabalho elevada, dificultando o acesso ao lazer, um privilégio de outras categorias profissionais.
- C) as mulheres mencionadas no texto precisam submeter-se a condições de trabalho degradantes e algumas decidem estudar, não lhes restando tempo disponível para o lazer.
- D) as trabalhadoras domésticas diaristas encontram-se em condição de vulnerabilidade social e o lazer torna-se algo supérfluo, pelo fato de eles priorizarem as necessidades imediatas de trabalhar e prover a família.
- E) as trabalhadoras domésticas diaristas, além de cumprirem uma jornada de trabalho extenuante na esfera pública, ainda são responsáveis pelas tarefas da casa, dificultando o acesso delas ao tempo livre para o lazer.

- 02.** (Enem–2017) A aptidão física, em termos gerais, pode ser definida como a capacidade que um indivíduo tem para realizar atividades físicas. Essa característica humana pode derivar de fatores herdados, do estado de saúde, da alimentação e, principalmente, da prática regular de exercícios físicos. Quando relacionada à saúde, a aptidão física envolve componentes associados ao estado de saúde, seja nos aspectos de prevenção e redução dos riscos de doenças, seja pela maior disposição (energia) para as atividades da vida diária. Os seguintes componentes da aptidão física estão relacionados à saúde: resistência aeróbica, composição corporal, flexibilidade e resistência muscular. Pode-se destacar a resistência aeróbica, devido a sua relação com a aptidão cardiorrespiratória, por facilitar o trabalho de trocas e transporte gasosos, otimizando o trabalho cardíaco e respiratório.

NAHAS, M. V. *Atividade física, saúde e qualidade de vida*. Londrina: Midiograf, 2001 (Adaptação).

De acordo com o texto, a aptidão cardiorrespiratória diz respeito à capacidade de

- A) amplitude nos movimentos corporais.
- B) acúmulo de gordura e de massa corporal magra.
- C) resistência à fadiga durante esforços de média e longa duração.
- D) enrijecimento muscular durante esforços de intensidade máxima.
- E) realização de contrações musculares repetidamente sem perda significativa de eficiência.

- 03.** (Enem–2017) Boa parte dos usuários da Internet – em especial aqueles que têm perfis em redes sociais – já receberam alguma notícia por meio dessas ferramentas antes mesmo da publicação nos grandes portais, rádio ou televisão. Na maioria das vezes, uma pessoa que presenciou o fato descreve o que aconteceu e o assunto se espalha pela rede. Essa é uma rotina cada vez mais comum à medida que aumenta o acesso à Internet e às mídias sociais, além da mudança de perfil dos *blogs*, que já estão na rede há mais de 10 anos. Os pesquisadores atualmente debatem a relevância dos conteúdos colaborativos nos meios de comunicação, como discernir notícias reais de *spam* (lixo eletrônico) e como essa forma de publicar notícias pode melhorar os jornais e demais mídias. Todo cidadão pode ser um produtor de notícias, e lidar com esse cenário em que as notícias vêm de todos os lados é um desafio.

SANTANA, A. E. Disponível em: <www.ebc.com.br>. Acesso em: 18 maio 2013 (Adaptação).

Ao valorizar a descentralização da produção de informações, o texto explicita que o principal impacto das comunidades virtuais na comunicação contemporânea é o(a)

- A) crescimento do número de leitores.
- B) agilidade na veiculação de notícias.
- C) aproximação entre leitores e editores.
- D) possibilidade da visão correta do fato.
- E) aumento da qualidade das publicações.

- 04.** (Enem–2017)

O jogo do aprendizado

O governo da Irlanda do Norte parece ter encontrado uma boa solução para prender a atenção dos alunos durante as aulas. O departamento regional de cultura, artes e lazer decidiu comprar e distribuir um jogo de blocos eletrônico para mais de 200 escolas e 30 bibliotecas do país, segundo o jornal *The Guardian*. O jogo permite aos participantes explorar um vasto terreno composto de blocos, com possibilidade de adaptar o ambiente do jeito que preferirem, de modo a criar e destruir vários tipos de estruturas tridimensionalmente.

A flexibilidade do jogo foi elogiada por pais de crianças autistas, que encontraram nele um espaço no qual podiam se exprimir em segurança, progredindo em meses o que tinham levado anos para conseguir em sessões de terapia. Uma prova de que videogames podem ensinar e trazer diversão para um público bem abrangente, diferentemente do estigma de “vício” com o que são normalmente associados.

MENDONÇA, F. M. *Carta Capital*, abr. 2015 (Adaptação).

Ao relacionar tecnologia e educação e evidenciar uma mudança de paradigma por meio dessa relação, o texto indica que o investimento em jogos tem o objetivo de

- A) proporcionar meios eficazes de conhecimento.
 - B) tornar os jogos de videogame mais fáceis.
 - C) assegurar um novo público para os games.
 - D) promover a integração de alunos autistas.
 - E) retirar o rótulo negativo dos games.
- 05.** (Enem–2017) No esporte-participação ou esporte popular, a manifestação ocorre no princípio do prazer lúdico, que tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes. Está associado intimamente com o lazer e o tempo livre e ocorre em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária. Tem como propósitos a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e o relacionamento com as pessoas. Pode-se afirmar que o esporte-participação, por ser a dimensão social do esporte mais inter-relacionada com os caminhos democráticos, equilibra o quadro de desigualdades de oportunidades esportivas encontrado na dimensão esporte-performance. Enquanto o esporte-performance só permite sucesso aos talentos ou àqueles que tiveram condições, o esporte-participação favorece o prazer a todos que dele desejarem tomar parte.
- GODTSFRIEDT, J. Esporte e sua relação com a sociedade: uma síntese bibliográfica. *EFDeportes*, n. 142, mar. 2010.

O sentido de esporte-participação construído no texto está fundamentalmente presente

- A) nos Jogos Olímpicos, uma vez que reúnem diversos países na disputa de diferentes modalidades esportivas.
- B) nas competições de esportes individuais, uma vez que o sucesso de um indivíduo incentiva a participação dos demais.
- C) nos campeonatos oficiais de futebol, regionais e nacionais, por se tratar de uma modalidade esportiva muito popular no país.
- D) nas competições promovidas pelas federações e confederações, cujo objetivo é a formação e a descoberta de talentos.
- E) nas modalidades esportivas adaptadas, cujo objetivo é o maior engajamento dos cidadãos.

06. (Enem)

E-mail **com hora programada**

Redação INFO, 28 de agosto de 2007.

Agende o envio de e-mails no Thunderbird com a extensão SendLater

Nem sempre é interessante mandar um *e-mail* na hora. Há situações em que agendar o envio de uma mensagem é útil, como em datas comemorativas ou quando o *e-mail* serve para lembrar o destinatário de algum evento futuro. O Thunderbird, o ótimo cliente de *e-mail* do grupo Mozilla, conta com uma extensão para esse fim. Trata-se do SendLater. Depois de instalado, ele cria um item no menu de criação de mensagens que permite marcar o dia e a hora exatos para o envio do *e-mail*. Só há um ponto negativo: para garantir que a mensagem seja enviada na hora, o Thunderbird deverá estar em execução. Senão, ele mandará o *e-mail* somente na próxima vez que for rodado.

Disponível em: <<http://info.abril.com.br>>.

Acesso em: 18 fev. 2012 (Adaptação).

Considerando-se a função do SendLater, o objetivo do autor do texto “*E-mail com hora programada*” é

- A) eliminar os entraves no envio de mensagens via *e-mail*.
- B) viabilizar a aquisição de conhecimento especializado pelo usuário.
- C) permitir a seleção dos destinatários dos textos enviados.
- D) controlar a quantidade de informações constantes do corpo do texto.
- E) divulgar um produto ampliador da funcionalidade de um recurso comunicativo.

07.

Texto I

[...] um em cada três domicílios brasileiros não possui uma árvore próxima de sua fachada, o que acumula um déficit mínimo de 15 milhões de árvores no país. São, portanto, 32% de residências não atendidas pelo benefício da arborização urbana, um total de quase 50 milhões de pessoas.

Outro indicador, também dramático, revelou que um terço das cidades brasileiras com mais de 1 milhão de habitantes mantém entre 60% e 77,6% das suas respectivas populações sem o benefício da arborização urbana nas proximidades de sua residência. No total, apenas duas das cidades pesquisadas chegaram a apresentar índices mais satisfatórios: Goiânia (GO), com 89,5% e Campinas (SP), com 88,4%.

De acordo com o estudo do IBGE, as regiões mais arborizadas nos bairros, calçadas ou canteiros, concentram-se no Sudeste e no Sul do País, com 73,5% e 72,1% de cobertura, respectivamente. O Centro-Oeste, com 69,5%, e o Nordeste, com 61,5% ocupam posições intermediárias. Já as áreas menos cobertas pela arborização urbana localizam-se na região Norte, com apenas 36,7% na oferta do benefício. Ai, em plena área da Floresta Amazônica, surpreendentemente, as cidades de Manaus e Belém ostentaram índices baixíssimos de atendimento, de 22,4% e 25,1%, respectivamente.

JUNQUEIRA, Hélio; PEETZ, Márcia. *O déficit da arborização urbana no Brasil*, 08 ago. 2012.

Disponível em: <<http://www.jardimcor.com/arvores/o-deficit-da-arborizacao-urbana-no-brasil/>>.

Acesso em: 18 out. 2018. [Fragmento]

Texto II

[...] a legislação urbanística municipal pode e deve incentivar ao particular a conservação de áreas verdes em sua propriedade, assim como incentivar a sua criação e manutenção, possibilitando inclusive desconto no IPTU ao proprietário que constitui ou mantém áreas verdes no seu imóvel, como já ocorrem em algumas cidades.

Por sua vez, quem destrói ou danifica, lesa ou maltrata, por qualquer modo ou meio, plantas de ornamentação de logradouros públicos ou em propriedades privadas alheias, comete crime ambiental penalizado nos termos do art.49, da Lei 9 605/98.

Portanto, pela condição jurídica de bem comum do povo as áreas verdes naturais ou arborizadas podem e devem ser protegidas legalmente pela coletividade através das associações de bairro por meio da ação civil pública (Lei 7 347/85), ou pelo Ministério Público, ou ainda pelo cidadão através da ação popular (Lei 4 717/65).

SANTOS, Antônio S. R. *Arborização urbana: importância e aspectos jurídicos*. Disponível em: <<http://www.ultimaarcastenoe.com.br/arborizacao-urbana/>>.

Acesso em: 18 out. 2018. [Fragmento]

Texto III

BENEFÍCIOS DA ARBORIZAÇÃO NA CIDADE

- ▶ Aprisionamento de partículas poluentes (poeira, fumaça, químicos e bactérias)
- ▶ É a casa de muitos animais e outros seres vivos.
- ▶ Protegem do sol e da chuva
- ▶ Reduzem a poluição sonora (ruídos).
- ▶ Purificam o ar, absorvendo e convertendo o CO2 em oxigênio puro.
- ▶ Embelezam as ruas.
- ▶ Valorizam os imóveis.
- ▶ Cada árvore, diariamente absorve a contaminação gerada por 100 carros.

CREA-PB

Divulgação

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa sobre o tema: "A importância e os desafios da arborização urbana". Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. Nessa proposta, deve-se redigir um texto argumentativo posicionando-se acerca das principais causas para o aumento do uso de transportes individuais em detrimento da utilização de transportes coletivos, além disso, é preciso citar quais as consequências desse comportamento para a vida diária das pessoas. É possível, inicialmente, discorrer sobre as possíveis causas para o aumento da demanda por transportes individuais em detrimento de transportes públicos. Para isso, pode-se argumentar, por exemplo, acerca do maior acesso econômico da população nos últimos anos, que permitiu que muitas pessoas adquirissem mais bens materiais, como veículos próprios. Independentemente do posicionamento assumido, é importante que os argumentos utilizados para defendê-lo sejam organizados de maneira clara, coerente e coesa, em texto redigido de acordo com a norma-padrão.
- 02. Nessa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo posicionando-se acerca da relação entre os jovens e a política partidária tradicional. É preciso citar os ganhos e os desafios pensando no âmbito das relações pessoais e profissionais. É possível, inicialmente, discorrer sobre o novo cenário atual de desenvolvimento, no qual

os jovens estão se dissociando de muitos resquícios deixados pelas gerações anteriores e buscando seguir um caminho novo, de oportunidades e acessos até então inexistentes. Independentemente do posicionamento assumido, é importante que os argumentos utilizados para defendê-lo sejam organizados de maneira clara, coerente e coesa, em texto redigido de acordo com a norma-padrão.

- 03. Nessa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo acerca das múltiplas tarefas tecnológicas simultâneas no desempenho escolar, além disso, é possível relacionar os ganhos e desafios pensando no âmbito das relações pessoais e profissionais. É possível, ainda, partir do ponto apresentado no enunciado da questão, de que as novas tecnologias da informação e da comunicação conferem aos usuários maior agilidade e capacidade de integração. Independentemente do posicionamento assumido, é importante que os argumentos utilizados para defendê-lo sejam organizados de maneira clara, coerente e coesa, em texto redigido de acordo com a norma-padrão.
- 04. Nessa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo acerca do emprego perfeito, posicionando-se para defender se é uma realidade ou ficção. O texto deve ser estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão e expor a argumentação por meio de estratégias dissertativas e argumentativas, para buscar convencer o leitor acerca da proposição. Independentemente do posicionamento assumido, é importante que os argumentos utilizados para defendê-lo sejam organizados de maneira clara, coerente e coesa, em texto redigido de acordo com a norma-padrão.

Propostas

Acertei _____ Errei _____

- 01. C ○ 03. D ○ 05. B
- 02. C ○ 04. B ○ 06. E

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. E ○ 03. B ○ 05. E
- 02. C ○ 04. A ○ 06. E
- 07. A proposta de redação segue o modelo de avaliação do Enem e solicita que se aponte a importância e os desafios da arborização urbana. A coletânea de textos motivadores indica algumas possibilidades que poderão ser exploradas na elaboração do texto. É possível utilizar algumas dessas informações para compor a redação, mas é preciso extrapolar as ideias já apresentadas. É necessário que sejam apresentadas propostas efetivas de arborização urbana, dando destaque àquelas que envolvam a participação de toda a sociedade. Vale lembrar que os argumentos devem estar organizados em um texto coeso, coerente e adequado à norma-padrão.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Introdução e Tese do Texto Dissertativo-Argumentativo

DETERMINANDO O PONTO DE VISTA



Conforme estudamos no módulo anterior, para a escrita de um texto dissertativo-argumentativo, deve haver um planejamento, uma vez que precisamos seguir uma ordenação lógica de ideias e argumentos se quisermos convencer nosso interlocutor de que a tese defendida é a melhor para aquele tema.

Vimos também que, para contextualizar o texto, é necessário que nos façamos algumas perguntas, de forma a conhecer do que se trata o tema, o que se sabe sobre ele, quais as informações mais e menos relevantes. Todas essas perguntas mostrarão quais os ângulos possíveis do tema e sob quais perspectivas ele pode ser desenvolvido. A partir disso, poderemos escolher a tese que será abordada, ou seja, qual será o ponto de vista que iremos defender.

A tese de um texto evidencia, de modo sintético e genérico, a principal ideia a ser desenvolvida. Nesse sentido, ela pode conter uma opinião a respeito do assunto a ser discutido ou uma delimitação desse assunto, dependendo do objetivo do texto.

É comum que a tese receba outros nomes, como frase-núcleo ou ideia-núcleo. Tais denominações demonstram a função que uma tese tem em um texto: a de servir como ponto de partida para o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, como ponto de chegada. Em outras palavras, em um texto dissertativo-argumentativo coeso e coerente, todas as informações apresentadas devem ter a função de comprovar a tese e devem, também, conduzir a uma conclusão que, principalmente, reafirme a ideia-núcleo.

Não há um único modo de elaborar uma tese para um texto, mesmo porque isso depende, em grande parte, do objetivo que se deseja atingir. Entretanto, ao elaborar as teses de suas redações, procure compor uma ou mais frases que contenham:

- uma breve articulação com o assunto abordado;
- uma opinião clara a respeito desse assunto OU uma delimitação do assunto;
- uma indicação do principal argumento que fundamenta a opinião OU da principal estratégia argumentativa a ser usada no desenvolvimento do texto.

Um problema, um fato ou uma circunstância pode ter vários ângulos, pode ser visto de várias perspectivas. Em todas as situações do nosso cotidiano, há um ponto de vista a ser observado. Nesse sentido, podemos desenvolver o tema “O desperdício de alimentos no mundo”, apresentado no módulo anterior, do ponto de vista dos impactos ambientais, do paradoxo entre fome e desperdício ou, ainda, sob a perspectiva dos governos, da legislação ou das agroindústrias.

Assim, para que os textos que produzimos não virem uma “colcha de retalhos”, não apresentando lógica de raciocínio, devemos escolher um ponto de vista e desenvolver todas as ideias em torno dele, como foi feito no exemplo do módulo anterior. Nele, o posicionamento adotado foi o de que existe uma incoerência no mundo no que se refere ao consumo de alimentos: há um grande desperdício de alimento ao mesmo tempo que populações vivem em situação de fome. Essa tese foi a norteadora de todo o texto, e a estratégia foi defini-la logo na introdução, deixando clara a partir de qual perspectiva a argumentação seria construída.

ESCOLHENDO A INTRODUÇÃO



Iniciar um texto é uma das dificuldades comumente apontadas pelas pessoas que precisam produzir os mais variados gêneros. Entre os problemas que evidenciam essa dificuldade estão: a “falta de ideias”, a qual, como já demonstramos, não se sustenta, visto que todos temos algum conhecimento sobre muitos assuntos; e o não saber a abordagem adequada que levará a um desenvolvimento do texto, o que pode ser resolvido com um bom planejamento da escrita, conforme discutimos.

Nos textos dissertativo-argumentativos, é na introdução que, na maioria das vezes, a tese é apresentada. Contudo, ela não precisa aparecer sozinha nesse início. Você pode usar algumas estratégias e apresentar a tese associada a outras informações pertinentes ao tema, de modo a tornar o texto mais atraente para o leitor. A seguir, apresentamos alguns dos recursos utilizados para iniciar um texto, os quais poderão orientar essa tarefa.

Fazer uma declaração

Fazer uma declaração é o modo mais comum de se iniciar um texto de caráter argumentativo, uma vez que, em seguida, ela pode ser esclarecida, justificada ou aprofundada. Nesse caso, normalmente a declaração feita contém a tese que será desenvolvida.

A introdução a seguir parte de uma declaração acerca do modo como a questão da criança e do adolescente é tratada na Constituição, iniciando uma discussão sobre os direitos da criança. Leia.

Nossa Constituição Federal estabelece expressamente que os direitos da criança, do adolescente e do jovem devem ser assegurados, com absoluta prioridade, pela família, sociedade e Estado. No entanto, basta um simples olhar ao nosso entorno para constatarmos como é de fato distante do cotidiano social esse importante mandamento constitucional.

A sociedade é ainda bastante “adultocêntrica” e, portanto, diversos preceitos de proteção jurídica ao universo infanto-juvenil permanecem apenas como promessas da legislação.

AUAD, Denise. Onde está o direito à prioridade absoluta da criança? *Nexo*. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2017/Onde-est%C3%A1-o-direito-%C3%A0-prioridade-absoluta-da-crian%C3%A7a>>. Acesso em: 24 out. 2017. [Fragmento]

O fragmento a seguir, por sua vez, faz uma declaração em que já se expõe uma tese sobre a falta de medidas dos governos para conter o aquecimento global.

Até agora a discussão do aquecimento global (AG) por governantes e cientistas gerou apenas um acordo: o de que não há acordo algum.

PEREIRA, Aldo. Fim do mundo, decisão na incerteza. *Folha de S.Paulo*, 08 fev. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0802201009.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2017. [Fragmento]

Apresentar fatos

Por serem elementos passíveis de constatação, os fatos, como dados estatísticos, episódios reais, informações retiradas dos textos de apoio de uma proposta ou do nosso próprio repertório sociocultural, agregam valor e credibilidade à argumentação.

Observe o exemplo a seguir, cujo fato – a descoberta de fraudes no sistema de cotas do vestibular de uma universidade federal – introduz uma discussão sobre os critérios para determinar quem pode usufruir do sistema de cotas:

A descoberta de mais uma série de casos de fraudes por candidatos que passaram no vestibular da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) por meio do sistema de cotas fez voltar à tona o debate sobre os critérios adotados tanto em concursos públicos quanto em universidades públicas para determinar quem pode usufruir do direito a ser cotista, em especial o uso da autodeclaração racial.

No último domingo (24), reportagem do jornal *Folha de S.Paulo* apontou para a descoberta de “dezenas” de candidatos brancos que haviam ingressado no curso de medicina da universidade mineira pelo sistema de cotas, adotado por ela em 2009, declarando-se negros ou pardos. Um dos alunos cotistas, que, segundo a publicação, tem “pele, olhos e cabelos muito claros”, abandonou o curso após a denúncia. O curso reserva 160 das suas 320 vagas anuais para cotas para alunos que tenham cursado escola pública, são de famílias de baixa renda ou se autodeclararam pretos, pardos ou indígenas.

RONCOLATO, Murilo. Casos de fraudes em cotas e o debate sobre as comissões de verificação. *Nexo*. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/09/29/Casos-de-fraudes-em-cotas-e-o-debate-sobre-as-comiss%C3%B5es-de-verifica%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 24 out. 2017. [Fragmento]

Já no trecho a seguir, são apresentados dados sobre o aumento da obesidade no Brasil e suas principais consequências, introduzindo um artigo que discute modos de prevenção e tratamento da doença.

As previsões em relação à obesidade estão cada vez mais pessimistas e desanimadoras. No Brasil, a obesidade cresceu 60% em dez anos (2006-2016): passamos de 11,8% para 18,9% a porcentagem de indivíduos com o problema. Segundo o levantamento feito pela Vigitel, uma em cada cinco pessoas no país está acima do peso, e com isso também houve aumento da prevalência de doenças de alta morbidade, como o diabetes (a prevalência foi de 5,5 para 8,9%) e hipertensão arterial (aumento de 22,5 para 25,7%).

KALIL, Claudia Cozer. Afinal, o que comemoramos no Dia Mundial da Obesidade? *Veja*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/letra-de-medico/afinal-o-que-comemoramos-no-dia-mundial-da-obesidade/>>. Acesso em: 13 nov. 2017. [Fragmento]

Estabelecer relação entre textos

O uso da intertextualidade no início de uma produção evidencia o repertório de conhecimentos do produtor, o qual passa por vários textos, que podem ser relacionados com o tema abordado em uma produção. Observe como ela foi usada no trecho a seguir:

Um anjo torto disse para Drummond ao nascer: **“Vai, Carlos! ser gauche na vida”. Já o meu ordenou: “Vai ser careca e otimista”**. Como diria outro poeta, **“Deus é um cara gozador”**. De fato, tinha o mundo inteiro, mas **preferiu me jogar “na barriga da miséria” como bom brasileiro**. Não está fácil a vida de um otimista no Brasil, ainda mais no Rio de Janeiro. Tudo conspira a favor dos pessimistas, que não têm do que se queixar, pois há motivos de sobra. Eu só não sou um deles porque acho o pessimista um chato, que acaba torcendo para dar tudo errado e ele poder tripudiar depois: “Eu não disse!?”

VENTURA, Zuenir. Não é fácil ser otimista. *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opinia/nao-facil-ser-otimista-21814012#ixzz4uyWMURof>>. Acesso em: 24 out. 2017. [Fragmento]

Nesse excerto, o escritor Zuenir Ventura usou a intertextualidade com dois textos para introduzir o seu artigo: o “Poema de Sete Faces”, de Carlos Drummond de Andrade, comparando o “gauche” do poeta a si mesmo, e com a música “Partido alto”, de Chico Buarque, que fala de Deus como um gozador por fazer o eu lírico nascer no Brasil, “na barriga da miséria”, assim como Zuenir Ventura, que também lamenta ter nascido no país.

Lançar perguntas

Esse tipo de introdução pode ser usado de duas formas distintas. Na primeira, o autor expõe uma pergunta para a qual ele apresentará uma resposta ao longo do desenvolvimento do texto. Na segunda, ele apresenta uma pergunta retórica. Nesse caso, o autor não pretende respondê-la, seja porque a resposta é óbvia e ele só deseja conquistar a confiança e a aprovação do leitor, seja porque ela foi usada sarcasticamente, apenas para causar indignação.

As perguntas feitas na introdução podem ser precedidas de uma narração descritiva, que oferece um cenário, um contexto para ela, como no exemplo 1 a seguir.

Exemplo 1:

Pregado na parede, atrás da Ministra Carmen Lúcia, um pouco acima dela, diagonal à direita de quem olha para a imagem, o crucifixo, símbolo cristão. Decidiam, naquele momento, sobre o ensino religioso na escola pública. **Afinal, a aula de religião, que é facultativa na escola pública, pode estar vinculada a uma crença específica?**

CABRAL, Guilherme Perez. *O ensino laico-religioso do STF*. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/colunas/guilherme-cabral/2017/10/02/o-ensino-laico-religioso-do-stf.htm>>. Acesso em: 24 out. 2017. [Fragmento]

Exemplo 2:

Que o amor materno é fundamental para a vida de qualquer criança, não temos qualquer dúvida. Aliás, em pleno século XXI, nossa cultura ainda coloca sob responsabilidade (quase que exclusiva) da mãe os cuidados com os filhos (é uma criança que faz birra? Que bate no amiguinho? Que vai mal na escola? “A culpa é da mãe”, não é assim que ouvimos comumente por aí?).

Mas como fica o papel do pai nessa história?

SALGADO, Nívea. *Amor do pai é uma das maiores influências da personalidade da criança*. Disponível em: <<http://www.mildicasdemaes.com.br/2015/02/amor-pai-e-uma-das-maiores-influencias-da-personalidade-da-crianca.html>>. Acesso em: 13 nov. 2017. [Fragmento]

Apresentar uma definição

Ao apresentar uma definição no início do texto, o autor já sinaliza o que vai abordar, ao mesmo tempo que esclarece para o leitor um termo que, talvez, seja desconhecido por ele, ajudando-o na compreensão do texto. Entretanto, como estamos falando de estratégias, o autor pode utilizar esse recurso para enfatizar o que já é sabido por todos e, portanto, incontestável, como nos exemplos a seguir:

Exemplo 1:

Há momentos em que um conceito que parecia velho, em desuso, e até superado, como que se impõe. Esse é o caso do castigado termo patrimonialismo, utilizado pela primeira vez pelo sociólogo alemão Max Weber (1864-1920) ainda em finais do século 19. **Derivado da palavra patrimônio, que evoca o sentido de propriedade privada, o termo sugere a importância do lugar patrimonial, do espaço individual, que se destaca diante das causas públicas e comuns.**

Mas as teses de Weber não se limitam ao uso particular do conceito. Nas mãos desse teórico, o termo ganha um sentido mais amplo, remetendo a uma forma de poder em que as fronteiras entre as esferas públicas e privadas se tornam tão nebulosas que acabam por se confundir. **Patrimonialismo passou a designar, então, a utilização de interesses pessoais, e destituídos de ética ou moral, por meio de mecanismos públicos. Mas, atenção, não vale o seu contrário: o uso de bens privados em prol da vontade pública. Nesse caso, a ordem dos fatores altera, e muito, o produto.**

SCHWARCZ, Lília. Da cor da cordialidade: sobre fiéis e infiéis. *Nexo*. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2017/Da-cor-da-cordialidade-sobre-fi%C3%A9is-e-infi%C3%A9is>>. Acesso em: 24 out. 2017. [Fragmento]

Exemplo 2:

Você já ouviu falar em sarcopenia? O termo vem do grego: *sarx* quer dizer músculo e *penia*, perda. Resumindo, sarcopenia é o processo natural e progressivo de perda de massa muscular (músculos), característico do envelhecimento.

Segundo João Toniolo, médico geriatra e diretor do Núcleo de Estudos Clínicos em Sarcopenia, é muito comum os pacientes chegarem a seu consultório e relatarem ter o mesmo peso desde a juventude. Entretanto, quando o médico faz o teste de composição corporal, percebe que mais de 80% do peso é composto de gordura, ou seja, a pessoa manteve o peso, mas perdeu músculos e ganhou gordura.

CONTE, Juliana. *Perda de músculos depois dos 50 anos*. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/noticias/perda-de-musculos-depois-dos-50-anos/>>. Acesso em: 13 nov. 2017. [Fragmento]

Exemplo 3:

São Paulo é a Nova York dos anos 1970. A cracolândia, os Campos Elíseos, a Vila Leopoldina e outros bairros centrais vivem os mesmos problemas com crime, drogas, moradores de rua e prostituição que Times Square, Bowery e Hell's Kitchen experimentaram 40 anos atrás.

Os conflitos e a desesperança que marcam a vida urbana paulistana hoje são idênticos à violência e desalento que tomavam conta dos nova-iorquinos, naquele que terá sido um dos mais sombrios e perigosos períodos da história da Big Apple.

WASHBURN, Alexandros; YANG, Philip. Por que São Paulo é a Nova York de 40 anos atrás. *Nexo*. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2017/Por-que-S%C3%A3o-Paulo-%C3%A9-a-Nova-York-de-40-anos-atr%C3%A1s>>. Acesso em: 13 nov. 2017. [Fragmento]

Estabelecer comparação

A comparação é uma das muitas maneiras de argumentar, utilizada quando queremos apontar semelhanças ou contrastes. Esse recurso pode ser apresentado de maneira sutil, ou vir explícito. Observe, nos exemplos a seguir, como essa estratégia é utilizada.

Exemplo 1:

Há gente que sofre calada e sozinha. Há outros que tornam sua insatisfação fonte e origem para a transformação de si ou do mundo. Há ainda aqueles que, no desprezo por seu próprio mal-estar, dedicam-se a explorar o sofrimento alheio.

Não faz muito que o Brasil constituiu uma nova valência política para o sofrimento, deslocando seu circuito de afetos do medo e da inveja, típicos da cultura de condomínio, para o ódio e a intolerância.

DUNKER, Christian. *Políticas de sofrimento*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2017/10/1924752-politicas-de-sofrimento.shtml>>. Acesso em: 24 out. 2017. [Fragmento]

Exemplo 2:

O inimigo não é quem pensa diferente de você, tem outra ideologia, outra identidade, outra vida. Mas quem não pensa e, a partir desse vazio, ataca a existência de tudo à sua volta que não lhe faz sentido. O seu inimigo não é seu adversário político ou econômico, mas quem repete mantras violentos que lê na Internet, ouve em bares ou vê em certas igrejas e não para para pensar qual a origem daquilo e a quem interessa que esse discurso seja assim. É quem promove um nós contra eles cego, que utiliza técnica de desumanização, tornando o outro uma coisa sem sentimentos e, ao fim, pede sua extinção.

SAKAMOTO, Leonardo. *O inimigo não é quem pensa diferente de você, mas quem não pensa*. Disponível em: <<https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2017/09/11/o-inimigo-nao-e-quem-pensa-diferente-de-voce-mas-quem-nao-pensa/>>. Acesso em: 13 nov. 2017. [Fragmento]

Observar mudanças na linha do tempo

Utilizar a passagem do tempo na construção de um conceito pode ser bem eficiente, principalmente quando queremos mostrar como ele foi sendo aprimorado, deteriorado, modificado e até mesmo reconstruído com o passar do tempo. Como apresenta um processo, a linha do tempo pode servir de base para a construção da argumentação, como no trecho a seguir, em que o autor introduziu o tema "Internet na escola" apontando como foi o processo de entrada dessa tecnologia no ambiente escolar.

Geralmente, ao adotar essa estratégia, são utilizadas expressões que marcam a passagem de tempo, como "antes", "com o passar do tempo", "atualmente" e outras, como as assinaladas no exemplo.

Há muito tempo, as tecnologias vêm entrando na escola: a princípio, timidamente, em lugares reservados exclusivamente para elas, como as salas de vídeo e os auditórios, e na condição de recurso para a reprodução de um filme ou apresentação de um documentário. **Mas, devagar, elas foram chegando**, acompanhando o professor até a sala de aula, instalando-se em espaços maiores, tomando novas formas, aprimorando as interfaces, modificando os tamanhos e ampliando suas utilizações. **Hoje**, essas tecnologias – que já invadiram lares, empresas, hospitais e os mais variados setores da sociedade – como não podia deixar de ser, **entram sem nenhuma cerimônia** nos espaços escolares, trazidas dentro dos bolsos, mochilas ou nas mãos dos alunos e, também, dos professores.

FORTUNATO, G. C. Os adolescentes e o *blog*: a produção textual na sala de aula e na Internet. In: RIBEIRO, A. E.; NOVAIS, A. E. *Letramento digital em 15 cliques*. Belo Horizonte: RHJ, 2012. [Fragmento]

Enumerar casos como exemplificação

Outra estratégia eficiente para introduzir um texto argumentativo é a apresentação de exemplos, pois, ao exemplificar, o autor traz para o texto fatos e episódios reais que ilustram o que ele quer dizer e prendem a atenção do leitor. Além disso, escolher fatos significativos ajuda na elaboração da tese a ser defendida, uma vez que exemplos são facilmente apreendidos pelo leitor.

Observe no trecho a seguir:

A escravidão no Brasil acabou há 128 anos, e durante 354 anos houve escravos negros no país. Após a abolição, o quadro que se instalou foi de um povo que recebeu a alforria, mas não se tornou livre, já que não havia nenhuma preocupação do governo e nem da sociedade racista da época com a inclusão deles como cidadãos livres. Atualmente, 45% da população brasileira é formada por afrodescendentes, os quais enfrentam toda sorte de preconceitos, como o relato da professora e historiadora Luana Tolentino, que, por ser negra, foi abordada por uma mulher perguntando se ela fazia faxina, e que obteve como resposta: “não, faço mestrado”. Ou como no caso da jornalista Maria Júlia Coutinho, que sofreu ataques racistas explícitos em comentários na Internet. Esses são apenas dois dos vários casos que, diariamente, comprovam que o Brasil continua, sim, um país racista, preconceituoso e intolerante.

Contar uma história

Quando iniciamos o texto com uma narrativa, a nossa chance de atrair a atenção do leitor e criar um envolvimento dele com o que será argumentado aumenta muito. Essa é uma boa estratégia, já que ouvir histórias estimula nosso imaginário, além de ser agradável, principalmente quando o autor é um bom contador de histórias.

É válido ressaltar que, em textos dissertativo-argumentativos de vestibulares, escritos em 3ª pessoa, essa estratégia não pode ser desenvolvida em 1ª pessoa. Além disso, mesmo quando a história é contada em 3ª pessoa, ela não deve ser estendida, para que não se corra o risco de fugir das tipologias textuais esperadas (expositiva e argumentativa).

Os exemplos a seguir, escritos pelo médico Drauzio Varella, apresentam a narrativa como forma de introduzir a argumentação. No primeiro, o trecho narrativo serve para introduzir e ilustrar o tema dos custos do cigarro e o quanto ele rende em impostos. Para isso, o médico faz uma retrospectiva dos seus tempos de adolescência, mostrando como era a indústria do cigarro, bem diferente dos dias atuais. Já no segundo, para discutir o problema da divulgação de notícias sobre contaminação de alimentos, Drauzio narra um diálogo que teve com um taxista.

Exemplo 1:

Em minha adolescência mais da metade dos adultos fumava. A indústria tabaqueira investia fortunas para manter o cigarro na moda e esconder as pesquisas que associavam o fumo ao câncer e às doenças pulmonares.

Não era difícil. As verbas investidas na publicidade em jornais, revistas e televisão lhes asseguravam o poder de calar as vozes contrárias. Chegavam ao cúmulo de contratar cientistas para criticar e contradizer qualquer estudo científico que atribuísse ao fumo os malefícios hoje conhecidos por todos.

VARELLA, Drauzio. *Os custos do cigarro*. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/drauzio/artigos/os-custos-do-cigarro/>>. Acesso em: 25 out. 2017. [Fragmento]

Exemplo 2:

“Doutor, o senhor viu que esses caras colocam papelão e ácido ascórbico na salsicha”, disse o taxista que me trouxe de Cumbica.

Há quatro dias, fora do país, eu estava a par do teor das declarações feitas por um delegado da Polícia Federal, mas desconhecia as repercussões populares da denúncia.

Consegui explicar que o ácido ascórbico não era uma substância corrosiva, mas a prosaica vitamina C. Quanto ao papelão nos embutidos, minha descrença não foi suficiente para convencê-lo.

No final, ele sentenciou:

“Não é à toa que o povo diz: ‘O peixe morre pela boca’”.

VARELLA, Drauzio. *Carne enfraquecida*. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/colunas/drauziovarella/2017/04/1871557-carne-enfraquecida.shtml>>. Acesso em: 13 nov. 2017. [Fragmento]

Criar uma categorização

Uma categoria se assemelha a uma definição ou mesmo a um neologismo, uma vez que explica determinado elemento, ação ou situação. Geralmente, quando no início de um texto, ela se torna um norteador da argumentação, conduzindo o raciocínio tanto do autor quanto do leitor. Observe a categoria criadas no exemplo a seguir:

Como é de conhecimento geral, as recentes sucessivas crises políticas e institucionais em nosso país são “**mercadorias encomendadas**”. É que se trava uma acirrada luta pelo poder. Para quem as trava, pouco importa o Brasil, muito menos ainda os brasileiros.

BRAGA, Sérgio Murilo. O descolamento da crise. *Revista Viver Brasil*, edição 200, ago. 2017. [Fragmento]

Agora, com base nos estudos sobre estratégias para iniciar um texto, faça os seguintes exercícios:

1. Escreva um pequeno texto argumentativo para o tema “**Viver em rede no século 21: os limites entre o público e o privado**”, utilizando como início a estratégia de contar uma história. Não esqueça de planejar o seu texto levando em conta esse tipo de introdução.
2. No tópico sobre a estratégia “Estabelecer comparação”, foram apresentados três exemplos utilizando esse recurso de formas distintas. Compare as três, destacando as diferenças entre elas.
3. Aponte no texto a seguir qual é a tese defendida pelo autor. Em seguida, apresente a estratégia adotada por ele para iniciar seu texto e analise como essa estratégia contribuiu para a argumentação.

Por que existe desconforto ou até medo de interagir com pessoas com deficiência?

JAIRO MARQUES / FOLHAPRESS

Pesquisa divulgada pelo jornal inglês *The Independent* me deixou mais arrepiado do que o cabelo da Ana Maria Braga. A sondagem indicou que um em cada quatro britânicos evita conversar com pessoas com deficiência alegando “medo de ofender”, por “sentir-se desconfortável” ou por “não saber o que falar”.

O reflexo direto do levantamento está na outra ponta, a do universo da diversidade física, intelectual e sensorial, uma vez que 53% do povo “malacabado” indica que se sente sozinho em seu cotidiano, carente de interação, de convívio com o “lá fora”.

Embora o brasileiro seja mais afeito que o inglês a puxar papo na rua e tenha pouco pudor em sair perguntando a desconhecidos “o que foi que aconteceu com suas perninhas”, especulo que, se replicada a pesquisa por aqui, os resultados poderiam chamar ainda mais a atenção. Isso porque a realidade brasileira é mais excludente em setores sociais básicos como a escola e o trabalho e menos combativa a estereótipos que imputam incapacidades em vez de limitações às pessoas.

O isolamento e a exclusão podem ser considerados elementos diretamente causadores desse “desconforto” em criar interação com o diferente. O que se desconhece costuma-se temer, ir devagarinho no contato ou até mesmo repelir.

Na excelente e recém-lançada obra *A Escola para Todos e para Cada Um*, coletânea de textos sobre a importância da educação em que todos aprendem juntos, Augusto Galery, organizador do trabalho, escreve de forma brilhante: “A questão mais complexa sobre a segregação é que ela tende a não preparar para a vida em sociedade. A separação das diferenças leva a um estranhamento da diversidade. A maior parte dos indivíduos, hoje, sente-se desconfortável diante de pessoas com deficiência, sendo tal fato prejudicial a ambos”.

Mas “bora” destrinchar as justificativas da não interação. A primeira é o “medo de ofender”. Isso deriva de uma mentalidade antiga, que já evoluiu um bocado, ligada à não aceitação de uma característica física ou sensorial.

Não ofende o cego quem lhe perguntar “Você viu o tombo do Faustão?”, pois, à sua maneira, o cego também vê, ri de informações supostamente apenas visuais. Como também não vai ofender o cadeirante aquele que soltar um “Anda logo, que o trem já vai partir”. Deficiência é condição, não um fardo ingrato da vida.

Sobre o “desconforto”, a situação é um pouco mais complexa. Teme-se que um paralisado cerebral dê uma babadinha ao longo de uma conversa, que uma pessoa com autismo dê uma despirocada na festa, que não se entenda o sinal de um surdo ao pedir uma informação.

Tudo isso pode mesmo acontecer, é da vida, mas desconforto maior é o de quem precisa driblar suas próprias características para estar num mundo de padrões determinados. Quando se trabalha que cada um tem sua forma de manifestação, tudo fica bem mais fácil e fada-se menos gente ao isolamento, ao medo de ser como se é.

Por fim, o “não saber o que dizer”. Novamente, a questão aqui é o foco na deficiência, não no “serumano”. É por essa razão que usuários de cão-guia relatam ganho na qualidade de vida social quando aderem ao cachorro que os puxa pela rua, pois, dessa forma, o foco muda para a fofice do bicho e a conversa flui de maneira mais natural.

É perfeito para o mundo a interação entre todos, caminho para novos aprendizados, conquista de cidadania e aperfeiçoamento dos conceitos de solidariedade.

MARQUES, Jairo. *Por que existe desconforto ou até medo de interagir com pessoas com deficiência?* Disponível em: <<http://assimcomovoce.blogfolha.uol.com.br/2017/10/18/por-que-existe-desconforto-ou-ate-medo-de-interagir-com-pessoas-com-deficiencia/?loggedpaywall>>. Acesso em: 14 dez. 2017.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. Leia a introdução do texto “Mais uma do melhor amigo do homem” a seguir para responder às questões.

Mais uma do melhor amigo do homem

Donos de cachorros dirão “eu já sabia!”, mas agora está comprovado pela ciência: cães têm a habilidade de reconhecer emoções humanas, pelo menos a alegria e a raiva. A conclusão é resultado de um estudo realizado por uma cientista brasileira na Universidade de Lincoln, no Reino Unido, em parceria com a Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de São Paulo. A equipe avaliou como os animais reagiram a sons e fotografias de cães e humanos com expressões positivas (felicidade / brincadeira) e negativas (raiva / agressividade). O estudo foi publicado na revista *Biology Letters*.

Durante o teste, 17 cachorros de diferentes raças foram expostos a dois tipos de estímulos emocionais, visual e auditivo. Projetadas em telas estavam fotografias de humanos e animais com diferentes expressões e, paralelamente, era reproduzido um som neutro ou vocalização positiva ou negativa, que podia ou não corresponder às emoções expressas nas imagens. As vocalizações humanas foram feitas em português, por ser uma língua desconhecida para os cães participantes do estudo – um cuidado para evitar que os animais reconhecessem alguma palavra específica, em vez de focar no conteúdo emocional do som.

[...]

CHAGAS, Catarina. *Mais uma do melhor amigo do homem*. Instituto Ciência Hoje/RJ. Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br/mais-uma-do-melhor-amigo-do-homem/>>. Acesso em: 17 out. 2018. [Fragmento]

- A) Dos recursos estudados, identifique qual deles foi utilizado nessa introdução. Justifique com trechos do texto.
- B) Identifique a tese dessa introdução.
02. Leia a introdução do texto “Imprimam – e repensem – suas fotografias” a seguir para responder às questões.

Imprimam – e repensem – suas fotografias

Outro dia, mandaram um *link* para que eu lesse com carinho. Era um texto dizendo que o “pai da Internet”, Vint Cerf, recomendava que imprimissemos nossas fotografias. O problema seria a tal da “obsolescência programada”, essa invenção malévola e espertinha que nos transforma em consumidores compulsórios de equipamentos novos em substituição a outros sempre, e rapidamente, desatualizados.

Aconteceu outro dia, e outro e outro: usei um celular por muitos anos, insistentemente, até que não consegui baixar mais nenhum aplicativo nele. Pronto, passava da hora de trocar de aparelho. Vai durar. Doce ilusão.

Comprei outro e outro, e cada um, num belo dia diferente, mas não a espaços muito largos, deixava de funcionar por algum motivo. Mas a coisa era predeterminada. Em alguns casos, a máquina não funcionava nem com aplicativos fabricados pela própria empresa. Mas vá lá, tenhamos paciência ou bobia suficientes.

[...]

RIBEIRO, Ana Elisa. Imprimam – e repensem – suas fotografias. *Digestivo cultural*. Disponível em: <https://www.digestivocultural.com/colonistas/coluna.asp?codigo=4372&titulo=Imprimam_-_e_repensem_-_suas_fotografias>. Acesso em: 17 out. 2018. [Fragmento]

- A) Dos recursos estudados, identifique qual deles foi utilizado nessa introdução. Justifique com trechos do texto.
- B) Identifique a tese dessa introdução.

- 03.** Leia a introdução do texto “Esqueça o que você sabe sobre a origem da humanidade” a seguir para responder às questões.

Esqueça o que você sabe sobre a origem da humanidade

A Internet chegou para nos trazer informações e conhecimentos incríveis. Você acha que sabe tudo sobre a história e evolução da humanidade? Então, leia este texto e veja que você pode estar equivocado.

A origem humana ainda é um tema delicado e cercado de mistérios. Quem teria, por exemplo, construído as estruturas gigantes de megalíticos da Terra? Como podemos ter artefatos e estruturas que datam de antes da existência humana? Estas são questões que intrigam os pesquisadores.

[...]

Disponível em: <<https://www.sitedecuriosidades.com/curiosidade/esqueca-o-que-voce-sabe-sobre-a-origem-da-humanidade.html>>. Acesso em: 27 nov. 2018. [Fragmento]

- A) Dos recursos estudados, identifique qual deles foi utilizado nessa introdução. Justifique com trechos do texto.
- B) Identifique a tese dessa introdução.

- 04.** (UFU-MG–2018) As interrupções frequentes e o tom quase irônico dos congressistas deixavam claro que estávamos assistindo ao mais bem produzido “puxão de orelha” da história da Internet. A imagem do jovem empresário acuado, sendo constrangido perante os “representantes do povo”, é poderosa: algo está sendo feito.

O prazer quase sádico que se sente com a reprimenda é justificável: em sua saga para tornar o mundo mais “aberto e conectado”, o Facebook já errou muito. Com os erros, costumam vir as desculpas e, com elas, algumas mudanças. O que não muda é o modelo de negócios da empresa que, graças à coleta massiva de dados de usuários, pode oferecer sofisticadas ferramentas de direcionamento de anúncios, serviço esse que é responsável por grande parte de sua invejável receita de US\$ 40,6 bilhões, só em 2017.

O que parece não ter ficado claro é que Zuckerberg não construiu tudo isso sozinho. O Facebook só existe – e continuará existindo – da forma como ele é porque o Congresso dos EUA nunca implementou um modelo regulatório que protegesse satisfatoriamente a privacidade dos usuários de Internet. Sempre que surgiram propostas nesse sentido, elas foram sumariamente rechaçadas.

ANTONIALI, Dennys. Audiências de Zuckerberg no Congresso dos EUA foram teatro de cúmplices. *O Estado de S. Paulo*. 12 abr. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/RP447U>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

Considerando-se o emprego das aspas no texto, discorra sobre a opinião do autor com relação aos temas a seguir. Indique outros elementos, retirados do texto, que justifiquem sua resposta.

- A) Facebook.
- B) Congresso norte-americano.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



- 01.** (PUCPR–2018)

É verdade que divulgar suicídios causa mais suicídios?

Tudo depende do jeito como é divulgado. Para o psiquiatra Fernando Fernandes, do Programa de Transtornos Afetivos do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, a divulgação espetacular do suicídio, como aquela que o retrata de forma romântica, pode ser um fator precipitante para quem já tem uma vulnerabilidade. Essa é a mesma opinião de Eliane Soares, coordenadora da Comissão Nacional de Divulgação do Centro de Valorização à Vida (CVV). Dependendo da forma com que o suicídio for divulgado, pode ocorrer repetição por outras pessoas que já estejam em desequilíbrio emocional. Esse processo de “inspiração” é chamado de Efeito Werther. O termo vem do livro *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, do alemão Goethe, em que um jovem rapaz se suicida. Logo após sua publicação, começaram a surgir na Alemanha relatos de jovens usando o mesmo método que ele para tirar a própria vida.

Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/saude/e-verdade-que-divulgar-suicidios-causa-mais-suicidios/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

O autor desse texto tem como objetivo responder à pergunta feita no início. Assim, sua escolha vocabular e sua seleção de argumentos permitem afirmarmos que ele

- A) dirime a possibilidade de que haja relação entre a espetacularização do suicídio e o incentivo ao ato.
- B) enaltece o efeito da arte no comportamento das pessoas, atribuindo-lhe responsabilidade quanto ao suicídio.

- C) mitiga a distância entre a representação e a reprodução do ato, culpabilizando a mídia pelo estímulo ao suicídio.
- D) rechaça a relação entre encorajamento artístico e imitação verídica, pois a mídia prefere não divulgar suicídios.
- E) relativiza a resposta, o que fica claro em estruturas como “pode ser um fator” e “pode ocorrer repetição”.

Instrução: As questões de 02 a 04 estão relacionadas ao texto a seguir.

5 Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, _____ um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, – e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos.

10 De fato, antes se procurava mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões _____; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

35 Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. Segundo esta ordem de ideias, o ângulo sociológico adquire uma validade maior do que tinha.

45 Em _____, não pode mais ser imposto como critério único, ou mesmo preferencial, pois a importância de cada fator depende do caso a ser analisado. Uma crítica que se queira integral deve deixar de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzir a uma interpretação coerente.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

02. (UFRGS-RS-2018) Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 3, 23 e 42, nessa ordem.

- A) porque – dissociadas – compensação
 B) por que – dissociadas – compensação
 C) por que – dissociadas – compensação
 D) porque – dissociadas – compensação
 E) porque – dissociadas – compensação

03. (UFRGS-RS-2018) Assinale a afirmação que está de acordo com a argumentação defendida pelo autor no texto.

- A) O autor defende um ponto de vista objetivo de análise que trate da relação entre a obra e o condicionamento social, por meio de interpretação exacerbada da realidade, concebida como verdade, para chamar a atenção do leitor.
- B) O autor defende que o valor e o significado de uma obra são dependentes de sua relação com a realidade e que este aspecto constitui o essencial da análise literária, por agregar uma história sociologicamente orientada, com a valorização dos aspectos externos à obra.
- C) O autor defende uma análise unicamente sociológica da obra para que se configure uma interpretação assimilada à realidade, que conceda uma validade maior ao ângulo sociológico e se chegue à verdade no processo interpretativo.
- D) O autor defende uma interpretação coerente e estética, que considere o aspecto externo (social) como interno e como fator de arte agregado a outros elementos, com a consideração da importância de cada fator como dependente de cada obra em análise.
- E) O autor defende que, para se chegar a uma interpretação coerente que valorize o texto e o contexto externo, deve-se atribuir o mesmo grau de importância aos fatores externos (sociais) e internos (psicológicos ou linguísticos).

04. (UFRGS-RS-2018) Considere as seguintes afirmações sobre a síntese de cada parágrafo do texto.

- I. O primeiro parágrafo situa a problemática relacionada à relação da obra com o seu condicionamento social, com a apresentação de duas posições.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2018)

Enquanto isso, nos bastidores do universo

Você planeja passar um longo tempo em outro país, trabalhando e estudando, mas o universo está preparando a chegada de um amor daqueles de tirar o chão, um amor que fará você jogar fora seu atlas e criar raízes no quintal como se fosse uma figueira.

Você treina para a maratona mais desafiadora de todas, mas não chegará com as duas pernas intactas na hora da largada, e a primeira perplexidade será esta: a experiência da frustração.

O universo nunca entrega o que promete. Aliás, ele nunca prometeu nada, você é que escuta vozes.

No dia em que você pensa que não tem nada a dizer para o analista, faz a revelação mais bombástica dos seus dois anos de terapia. O resultado de um exame de rotina coloca sua rotina de cabeça para baixo. Você não imaginava que iriam tantos amigos à sua festa, e tampouco imaginou que justo sua grande paixão não iria. Quando achou que estava bela, não arrasou corações. Quando saiu sem maquiagem e com uma camiseta puída, chamou a atenção. E assim seguem os dias à prova de planejamento e contrariando nossas vontades, pois, por mais que tenhamos ensaiado nossa fala e estejamos preparados para a melhor cena, nos bastidores do universo alguém troca nosso papel de última hora, tornando surpreendente a nossa vida.

MEDEIROS, M. *O Globo*. 21 jun. 2015.

Entre as estratégias argumentativas utilizadas para sustentar a tese apresentada nesse fragmento, destaca-se a recorrência de

- estruturas sintáticas semelhantes, para reforçar a velocidade das mudanças da vida.
- marcas de interlocução, para aproximar o leitor das experiências vividas pela autora.
- formas verbais no presente, para exprimir, reais possibilidades de concretização das ações.
- construções de oposição, para enfatizar que as expectativas são afetadas pelo inesperado.
- sequências descritivas, para promover a identificação do leitor com as situações apresentadas.

02. (Enem-2016)

Brinquedos cantados

Os brinquedos cantados são atividades diretamente relacionadas com o ato de cantar e ao conjunto dessas canções, a que chamamos de cancionero folclórico infantil. É difícil determinar sua origem. Parece que essas canções sempre existiram, sempre encantaram o povo e embalaram as crianças. A maioria parece ter chegado com os colonizadores portugueses, sofrendo influência ameríndia e africana, devido à colonização e posteriormente ao tráfico de escravos para o Brasil.

Analisando as letras de alguns brinquedos cantados, podemos observar que elas desenvolvem várias habilidades motoras, como: motricidade ampla, ritmo, equilíbrio, direcionalidade, lateralidade, percepção espaço-temporal, tônus muscular, entre outras. E no cognitivo, as letras e coreografias ajudam a criança a desenvolver a atenção, a imaginação e a criatividade.

ZOBOLI, F.; FURTUOSO, M. S.; TELLES, C. *O brinquedo cantado na escola*: uma ferramenta no processo de aprendizagem. Disponível em: <www.efdeportes.com>.

Acesso em: 14 dez. 2012 (Adaptação).

O brinquedo cantado é um importante componente da cultura corporal brasileira, sendo vivenciado com frequência por muitas crianças. Identifica-se o seu valor para a tradição cultural no(a)

- ampliação dada à força motora das crianças devido ao uso da música e das danças.
- condição educativa fundamentada no uso de jogos sem regras previamente estabelecidas.
- histórico indeterminado dessa forma de brincadeira representativa do cancionero folclórico.
- uso de técnicas, facilmente adotadas por qualquer criança, que intensificam a motricidade esportiva.
- possibilidade de contribuição para o desenvolvimento integral do indivíduo.

03. (Enem-2016)

Qual é a segurança do sangue?

Para que o sangue esteja disponível para aqueles que necessitam, os indivíduos saudáveis devem criar o hábito de doar sangue e encorajar amigos e familiares saudáveis a praticarem o mesmo ato.

A prática de selecionar criteriosamente os doadores, bem como as rígidas normas aplicadas para testar, transportar, estocar e transfundir o sangue doado fizeram dele um produto muito mais seguro do que já foi anteriormente. Apenas pessoas saudáveis e que não sejam de risco para adquirir doenças infecciosas transmissíveis pelo sangue, como hepatites B e C, HIV, sífilis e Chagas, podem doar sangue.

Se você acha que sua saúde ou comportamento pode colocar em risco a vida de quem for receber seu sangue, ou tem a real intenção de apenas realizar o teste para o vírus HIV, NÃO DOE SANGUE.

Cumprido destacar que apesar de o sangue doado ser testado para as doenças transmissíveis conhecidas no momento, existe um período chamado de janela imunológica em que um doador contaminado por um determinado vírus pode transmitir a doença através do seu sangue.

DA SUA HONESTIDADE DEPENDE A VIDA DE QUEM VAI RECEBER SEU SANGUE.

Disponível em: <www.prosangue.sp.gov.br>.

Acesso em: 24 abr. 2015 (Adaptação).

Nessa campanha, as informações apresentadas têm como objetivo principal

- conscientizar o doador de sua corresponsabilidade pela qualidade do sangue.
- garantir a segurança de pessoas de grupos de risco durante a doação de sangue.
- esclarecer o público sobre a segurança do processo de captação do sangue.
- alertar os doadores sobre as dificuldades enfrentadas na coleta de sangue.
- ampliar o número de doadores para manter o banco de sangue.

- 04.** (Enem–2016) O filme *Menina de ouro* conta a história de Maggie Fitzgerald, uma garçonne de 31 anos que vive sozinha em condições humildes e sonha em se tornar uma boxeadora profissional treinada por Frankie Dunn.

Em uma cena, assim que o treinador atravessa a porta do corredor onde ela se encontra, Maggie o aborda e, a caminho da saída, pergunta a ele se está interessado em treiná-la. Frankie responde: “Eu não treino garotas”. Após essa fala, ele vira as costas e vai embora. Aqui, percebemos, em Frankie, um comportamento ancorado na representação de que boxe é esporte de homem e, em Maggie, a superação da concepção de que os ringues são tradicionalmente masculinos.

Historicamente construída, a feminilidade dominante atribui a submissão, a fragilidade e a passividade a uma “natureza feminina”. Numa concepção hegemônica dos gêneros, feminilidades e masculinidades encontram-se em extremidades opostas.

No entanto, algumas mulheres, indiferentes às convenções sociais, sentem-se seduzidas e desafiadas a aderirem à prática das modalidades consideradas masculinas. É o que observamos em Maggie, que se mostra determinada e insiste em seu objetivo de ser treinada por Frankie.

FERNANDES, V.; MOURÃO, L. Menina de ouro e a representação de feminilidades plurais. *Movimento*, n. 4, out., dez. 2014 (Adaptação).

A inserção da personagem Maggie na prática corporal do boxe indica a possibilidade da construção de uma feminilidade marcada pela

- adequação da mulher a uma modalidade esportiva alinhada a seu gênero.
- valorização de comportamentos e atitudes normalmente associados à mulher.
- transposição de limites impostos à mulher num espaço de domínio masculino.
- aceitação de padrões sociais acerca da participação da mulher nas lutas corporais.
- naturalização de barreiras socioculturais responsáveis pela exclusão da mulher no boxe.

- 05.** (Enem–2016) É possível considerar as modalidades esportivas coletivas dentro de uma mesma lógica, pois possuem uma estrutura comum: seis princípios operacionais divididos em dois grupos, o ataque e a defesa. Os três princípios operacionais de ataque são: conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe com a posse da bola em direção ao alvo adversário e finalização da jogada, visando a obtenção de ponto. Os três princípios operacionais da defesa são: recuperação da bola, impedimento do avanço da equipe contrária com a posse da bola e proteção do alvo para impedir a finalização da equipe adversária.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos — modelo pendular a partir das ideias de Claude Bayer. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, out. 2002 (Adaptação).

Considerando os princípios expostos no texto, o drible no handebol caracteriza o princípio de

- recuperação da bola.
- progressão da equipe.
- finalização da jogada.
- proteção do próprio alvo.
- impedimento do avanço adversário.

- 06.**

Texto I

Workaholics têm mais chances de problemas cardíacos

Em julho de 2017, uma pesquisa da University College London que acompanhou 85 mil profissionais – entre homens e mulheres de meia idade – descobriu uma relação entre as longas horas trabalhadas e a propensão para problemas cardiovasculares. Trabalhar mais de 50 horas semanais aumenta cerca de 40% a chance de ter arritmia cardíaca.

Outros problemas que podem ocorrer por conta do excesso de trabalho

- Sobrepeso
- Pressão alta
- Alcoolismo
- Estresse
- Gastrite
- Crises de enxaqueca

Disponível em: <<http://www.sbie.com.br/blog/p8257/>>. Acesso em: 27 nov. 2018. [Fragmento]

Texto II

Por que ainda trabalhamos tanto?

[...]

[...] No Brasil, o excesso de trabalho angustia mais gente do que o medo de perder o emprego.

É o que diz uma pesquisa da Isma-Brasil, instituição internacional que estuda qualidade de vida, que em 2009 ouviu mil executivos e constatou que 62% deles estão insatisfeitos com a quantidade de horas que dedicam ao trabalho – e sofrem por isso.

Nos seis anos anteriores em que a mesma pesquisa foi realizada, o fantasma do desemprego sempre foi o maior fator de estresse entre os executivos, à frente da sobrecarga de trabalho.

A busca por uma vida equilibrada também se revela em um estudo conduzido por Daniela Degani e Felipe Ferrazoli, pesquisadores da Fundação Instituto de Administração (FIA), de São Paulo. Eles descobriram, em entrevistas com 55 gestores, que 60% deles gostariam de trabalhar numa companhia na qual pudessem ter horários mais flexíveis e menos sobrecarga.

Esses profissionais estão, inclusive, dispostos a renunciar a até 15% de suas remunerações para dispor, em troca, de mais nove horas livres na semana. Essa busca por equilíbrio, no entanto, não passa de um desejo. No mundo real, 45% desse mesmo grupo trabalha entre dez e 12 horas por dia e 9% ficam mais de 13 horas dentro do escritório. Pior, na prática, eles fazem pouco para reverter a situação.

[...]

Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/por-que-ainda-trabalhamos-tanto/>>.

Acesso em: 12 de out. 2018. [Fragmento]

Texto III



A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa sobre o tema: "O excesso de trabalho na contemporaneidade". Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01.

- A) Na introdução do texto em análise, foi empregada, como estratégia argumentativa, a apresentação de fatos. Exemplo disso pode ser constatado no trecho: "A conclusão é resultado de um estudo realizado por uma cientista brasileira na Universidade de Lincoln, no Reino Unido, em parceria com a Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de São Paulo."
- B) A tese é: "está comprovado pela ciência: cães têm a habilidade de reconhecer emoções humanas".

02.

- A) Na introdução do texto em análise, foi empregada, como estratégia argumentativa, o correlacionamento de textos. Exemplo disso pode ser constatado no trecho: "Outro dia, mandaram um *link* para que eu lesse com carinho. Era um texto dizendo que o 'pai da Internet', Vint Cerf, recomendava que [...]"
- B) A tese é "obsolescência programada".

03.

- A) Na introdução do texto em análise, foi empregada, como estratégia argumentativa, o lançamento de perguntas. Exemplo disso pode ser constatado no trecho: "Você acha que sabe tudo sobre a história e evolução da humanidade? [...]"
- B) A tese é "A origem humana ainda é um tema delicado e cercado de mistérios".

04.

- A) Pelo conteúdo e o tom do texto, pode-se entender que o autor não tem uma opinião muito favorável quanto ao Facebook, uma vez que essa rede social abusa de seu poder e enriquece, em grande parte, devido às custas de venda de dados dos usuários, prática que deveria ser condenatória, segundo o autor, mas que ainda não possui previsão legal para ser julgada.
- B) Igualmente, o autor demonstra ter uma opinião condenatória em relação ao congresso norte-americano por este órgão parecer ser conivente com essa prática. Ainda, o uso das aspas na expressão "representantes do povo" demarca a ironia do autor em relação aos congressistas.

Propostas

Acertei _____ Errei _____

01. E 03. D 05. C 07. C
02. D 04. C 06. A

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

01. D 03. A 05. B
02. E 04. C
06. A proposta de redação segue o modelo de avaliação do Enem e solicita que se aponte o excesso de trabalho na contemporaneidade. A coletânea de textos motivadores indica algumas possibilidades que poderão ser exploradas na elaboração do texto. É possível utilizar algumas dessas informações para compor a redação, mas é preciso extrapolar as ideias já apresentadas. É necessário que sejam apresentadas propostas efetivas que minimizem o excesso de trabalho na contemporaneidade, dando destaque àquelas que envolvam a participação de toda a sociedade. Vale lembrar que os argumentos devem estar organizados em um texto coeso, coerente e adequado à norma-padrão.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Desenvolvimento do Texto Dissertativo-Argumentativo

O objetivo do desenvolvimento em um texto dissertativo-argumentativo é fundamentar e comprovar a tese, reafirmando-a por meio de argumentos pertinentes e coerentes entre si e em relação ao posicionamento assumido. Por esse motivo, ele está diretamente relacionado à introdução, funcionando como uma expansão e um aprofundamento daquilo que foi tratado inicialmente. É no desenvolvimento, portanto, que a argumentação será construída. Argumentar é apresentar razões, discutir.

Conforme discutido nos módulos anteriores, para o exercício da argumentação, não basta apenas expor as ideias que se tem sobre determinado tema, mas selecioná-las, relacioná-las, organizá-las e interpretá-las em favor da defesa do ponto de vista escolhido. Vimos também que, para isso, é importante planejar como será o texto, desde a elaboração da introdução e a apresentação da tese até o planejamento acerca do tópico que será desenvolvido em cada parágrafo da argumentação.

É exatamente no espaço do desenvolvimento que se deve definir a melhor maneira de apresentar as ideias, dados, informações e opiniões selecionadas no planejamento, estabelecendo como elas serão relacionadas e quais os recursos que utilizaremos para isso.

Nesse sentido, o desenvolvimento do texto é importante para demonstrar a coerência, a capacidade argumentativa e, principalmente, a **autoría**. Um texto autoral é aquele em que o produtor é capaz de se posicionar em relação aos dados e informações apresentados, analisando-os e criticando-os. Além disso, em um texto autoral, é possível perceber o trajeto argumentativo percorrido pelo autor, que contribui para o entendimento e a defesa da tese.

A seguir, elencamos algumas estratégias, baseadas em Koch e Elias, que irão colaborar na elaboração do seu percurso argumentativo. Leia-as analisando os exemplos apresentados.



Argumentação

Essa videoaula trabalha a argumentação.

YTE4

Fazer pergunta e apresentar resposta

Algumas vezes, no desenvolvimento do texto, podemos fazer perguntas para, ao respondê-las, reafirmarmos a tese que estamos construindo e defendendo. No texto a seguir, o autor, ao tecer a estrutura textual, faz perguntas diretamente ao leitor, instigando-o e promovendo uma reflexão acerca de como seria viver em uma sociedade cujas normas e leis são estabelecidas por indivíduos autoritários que agem conforme seus próprios interesses. Em seguida, ele responde a essas perguntas com argumentos que sustentam a tese apresentada: uma sociedade justa e equilibrada deve contar com um sistema de normas estabelecido democraticamente em um processo transparente, sem a influência autoritária de grupos e indivíduos isolados.

E agora, quem vai ditar as regras?

Uma das maiores conquistas da humanidade foi o momento em que a sociedade deixou de se submeter a normas que vinham da cabeça de uma pessoa, de uma autoridade, e passou a se organizar com base em um sistema de regras. Essas regras dizem como as pessoas em geral devem se comportar, mas também dizem como os agentes públicos devem proceder, como e por quem essas regras devem ser elaboradas e aplicadas e – muito importante – o que acontece caso alguém descumpra qualquer desses preceitos.

[...]

Você consegue imaginar como seria voltar a viver em uma realidade em que as regras surgem da cabeça de uma autoridade soberana, que teria o poder ilimitado de julgar e de punir, de acordo com seu estado de humor e próprias crenças? Você investiria em um empreendimento novo, que requer empenho de tempo, recursos e uma série de contratos com outros empreendedores, com fornecedores, distribuidores, trabalhadores, em um ambiente onde as regras são incertas e suscetíveis a mudanças repentinas?

A confiança de que os pactos serão cumpridos é realmente importante para que a criatividade e o empreendedorismo das pessoas possam se desenvolver, mas principalmente para cultivar o sentimento de justiça entre as pessoas. [...]. **Pode-se dizer, portanto, que um sistema de normas previamente estabelecido por um processo transparente e verdadeiramente democrático é um dos elementos mais importantes para que uma sociedade possa ser considerada justa e equilibrada.** E é exatamente isso que está em jogo quando juízes midiáticos e vaidosos aceitam o natural anseio do povo por um redentor que aparecerá para acabar milagrosamente com toda a nossa angústia. O problema é que, além de não resolvermos os problemas, que demandam soluções muito mais complexas, damos um passo grande de retrocesso, voltando à Idade Média, quando as leis e os julgamentos variavam de acordo com o humor da autoridade competente.

[...]

BUSSE, Diogo. E agora, quem vai ditar as regras? *Nexo*. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2017/E-agora-quem-vai-ditar-as-regras>>. Acesso em: 14 nov. 2017. [Fragmento]

Levantar problema e propor solução

Outra maneira de desenvolver um texto argumentativo, que, inclusive, é uma exigência do Enem, é por meio da problematização de um assunto, ou seja, a apresentação de determinado tema como sendo um problema e de uma proposta de solução para ele. Essa proposta pode vir no final da argumentação, como uma solução possível para todas as questões discutidas, ou intercalada aos problemas apresentados, como no exemplo a seguir, em que o autor discute a obrigatoriedade na transmissão da *Voz do Brasil*, programa de rádio instituído no Brasil em uma época com outro contexto social, político e informativo, mas que ainda permanece, mesmo sem apresentar uma função específica ou representativa.

A hora da monotonia

Os mais antigos certamente se lembram do Projeto Minerva, um programa educativo, criado no período militar e que era veiculado obrigatoriamente todos os dias por duas horas nas rádios brasileiras. [...]

Uma outra aberração é a Voz do Brasil, criada em 1935 como Hora do Brasil. Trata-se de um programa que ocupa um espaço em horário nobilíssimo — das 19h às 20h — nas duas frequências (AM e FM). Um horário que poderia ser aproveitado com prestação de serviço e entretenimento, especialmente para os ouvintes que estão voltando do trabalho para as suas casas, engarrafados no trânsito caótico das grandes cidades. O conteúdo da programação da *Voz do Brasil* só contempla interesses de políticos (da Câmara e do Senado) [...] e o Poder Judiciário [...].

Essa obrigatoriedade de veiculação, que muitos acham que vem do governo Vargas, na verdade nasceu no curto período da presidência de Jânio Quadros [...].

Não seria a hora de os políticos repensarem esse modelo arcaico e se conscientizarem de que o noticiário pode alcançar o público por seus próprios méritos, e não pela obrigatoriedade, como é o caso? As emissoras hoje passam por dificuldades financeiras, o que afeta diretamente o mercado e a contratação de jornalistas que estão saindo das universidades em busca de emprego. Entre 19h e 20h, há uma queda de audiência que leva à queda de receita. Rádio vive de publicidade e da confiança dos ouvintes e internautas. Além do mais, poderíamos ter uma programação bem mais interessante, especialmente pelas emissoras que transmitem no sistema all news, com um noticiário bem mais dinâmico e em rede, sem aquela senha para a monotonia nos lembrando que em Brasília são 19 horas.

CAMPOS, Célio. A hora da monotonia. *O Globo*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniaio/a-hora-da-monotonia-21917992#ixzz4uyTWu7zu>>. Acesso em: 14 nov. 2017. [Fragmento]

Confrontar argumentos favoráveis e argumentos contrários

Esse tipo de estratégia é comumente utilizado como recurso para a tomada de posição contra ou a favor de determinado assunto, uma vez que apresenta argumentos com pontos de vista opostos. Esse confronto de ideias pode vir em blocos, em que, de um lado, são mostradas as posições favoráveis e, de outro, as contrárias, ou como no texto a seguir, em que o autor apresenta os prós e os contras da vacinação à medida que argumenta.

Como ele é a favor das vacinas, constrói seu texto apresentando as ideias contrárias para, em seguida, rebatê-las com seus argumentos. Observe como ele realiza esse movimento de rebater ideias contrárias às que ele defende:

Sábios antivacinais

[...] No Brasil e em outros países, têm ganhado força os **movimentos de oposição às vacinas**. É um contingente formado, sobretudo, por pessoas que tiveram acesso a escolas de qualidade e às melhores fontes de informação, mas **acreditam piamente em especulações estapafúrdias sobre os possíveis malefícios da vacinação**.

[...] **Afirmam que as vacinas debilitam o organismo, impedem o desenvolvimento do sistema imunológico, causam alergias, autismo, retardo mental e outros males.** [...]

[...]

Essas sumidades têm todo o direito de discordar dos médicos e dos avanços científicos, mas deveriam ser coerentes. [...] **Por que não amamentam os recém-nascidos com mamadeiras e leite em pó em vez de oferecer-lhes o seio materno, por pelo menos seis meses, como recomenda o mesmo Ministério da Saúde que vacina as crianças?** Segundo o Ministério, quase 25% das crianças não comparecem para tomar a terceira dose da vacina tríplice, que protege contra sarampo, caxumba e rubéola.

[...] **Paradoxalmente, boa parte dessas crianças não é levada à Unidade de Saúde em virtude do sucesso dos programas de vacinação que tornaram raras essas doenças.** Pais que não ouvem falar delas na vizinhança tendem a menosprezar o risco que os filhos correm.

Esse descaso, alimentado pelos grupos de ativistas que se comunicam pela Internet, é responsável por mais de 7 mil casos de sarampo ocorridos em países europeus, nos quais a doença estava para desaparecer.

[...]

VARELLA, Drauzio. *Sábios antivacinais*. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/colunas/drauziovarella/2017/05/1887700-sabios-antivacinais.shtml>>. Acesso em: 14 nov. 2017. [Fragmento]

Estabelecer comparação

A estratégia da comparação permite ao autor apresentar semelhanças e dessemelhanças que fortalecem seu ponto de vista. No texto a seguir, ao comparar diferenças culturais entre Brasil e Estados Unidos e as atitudes que tem

quando está fora do país com as que demonstra estando aqui, a autora defende o argumento de que tendemos a reproduzir estereótipos de nação quando estamos em solo estrangeiro, questionando e refletindo sobre o que define a nossa identidade.

Da arte de estar “dentro” e “fora”

A cada ano – e já faz quase dez anos –, passo uma temporada na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Nesta semana começo minhas aulas por aqui, e é sempre uma sensação ambivalente que me invade nessa ocasião: aquela que revela as dificuldades de estar “fora” e de estar “dentro”.

De um lado, sair um pouco do país, nesta época tão marcada por “essa nossa crise de cada dia”, por tanta intolerância e gestos diários de discriminação, causa um certo alívio. Mas o que pega mesmo é a segurança, oposta à insegurança que já virou lugar comum no Brasil. A quantidade de energia que dispendemos aferrolhando nossas casas, deixando de andar livremente pelas ruas, segurando bolsas e fechando bolsos para evitar o roubo, trancando nossos carros ou evitando ficar parados em lugares públicos é proporcional à naturalização com que acabamos nos submetendo a esses expedientes, por certo, violentos.

Andar nas ruas, a qualquer hora, e sem ter medo, é uma experiência quase que libertadora, não fossem as loucuras próprias aos EUA, que vêm sofrendo com atentados inexplicáveis vindos de “dentro” [...] e de “fora”.

Assisti à chegada da maratona de Nova York, no domingo passado, e o tamanho e o peso das pedras que foram colocadas nas calçadas, para evitar essa nova modalidade de terrorismo, que implica o uso de automóveis para atropelar vítimas inocentes, explica bem o outro tipo de insegurança que aflige também este país.

Mas há vários problemas em ser de “fora”; de se sentir estrangeiro em um país. O historiador Boris Fausto explica que, se a comida socializa, a língua nos aparta. [...]

[...] Faltam termos para comprar o bilhete do trem; palavras para explicar as necessidades mais cotidianas; expressões que nos ajudem a vencer a lida do dia a dia. [...] Uma conversa qualquer pede uma concentração de elefante;

uma palestra vira prova de adivinhação, e a sensação que se tem, mesmo com muitos anos de janela, é que, quando se abre a boca para uma observação caprichada, só se ouve sair dela algo que soa como um “nenê qué papá”.

[...]

No meu humilde caso particular, **não é difícil perceber como, fora do Brasil, me converto imediatamente em brasileira. Torço pelos times nacionais, canto e defendo as músicas da terra, me emociono quando vejo um artista brasileiro fazer parte das coleções de museus norte-americanos, e assim por diante. Mais ainda, assim como os “brasileiros da África”, passo a criar culturas. Em Lagos, os ex-escravizados viraram católicos e construíram igrejas “brasileiras”**. Já na minha experiência singular, me vejo falando de Brasil como quem discute time de futebol.

Se, quando estou no Brasil, sou a primeira a desconfiar do nacionalismo essencial e da patriotada alvissareira, já no exterior sou contaminada por esses sentimentos. Como professora, se não me cuidar, vou me pegar falando apenas de capoeira, candomblé, samba, malandragem e, nos dias de hoje, de corrupção. Como se esses traços da cultura virassem marcas, rígidas e a-históricas, de identidade.

[...]

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Da arte de estar “dentro” e “fora”. *Nexo*. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2017/Da-arte-de-estar-%E2%80%98dentro%E2%80%99-e-%E2%80%98fora%E2%80%99>>. Acesso em: 06 dez. 2012. [Fragmento]

Apresentar exemplos

Em um texto dissertativo-argumentativo, os exemplos são muito pertinentes e cumprem a função de ilustrar o posicionamento assumido na argumentação, consequentemente eles dão força persuasiva ao desenvolvimento. No texto a seguir, o autor defende a necessidade de uma renovação no sistema político brasileiro, considerando que o modo como esse sistema e os indivíduos que o fazem funcionar não são capazes de solucionar as demandas do povo, pois são levados a agir pensando apenas no bem individual, e não no coletivo. Para reforçar sua tese, o articulista apresenta exemplos que comprovam a descrença dos cidadãos na atual política, indicando, ainda, fatores que contribuem para a falta de confiança nos políticos.

E se trocassem congressistas por robôs?

As redes neurais artificiais formalizam, matematicamente, o sistema de funcionamento não linear do cérebro humano, adquirindo conhecimento por meio de aprendizado. Esses sistemas são capazes de receber uma quantidade imensa de informações e processá-las para que seja possível reconhecer padrões, agrupar e classificar as variáveis. [...]

Se o governo brasileiro e o Congresso Nacional fossem substituídos por uma grande rede neural para captar as demandas dos brasileiros (*inputs*), processar tais informações considerando sua complexidade (*sinapses*), e produzir peças legislativas e votos coerentes com tais demandas (*outputs*), o Brasil não estaria nessa crise política.

[...]

Ontem vi uma foto de um adesivo (“see through”) mimetizando um título de eleitor que cobria todo o vidro traseiro do carro. No nome do eleitor constava “Não vamos reeleger ninguém”, no espaço do município, “Essa é a nossa arma”. A data de emissão não poderia ser diferente: “chega”. Uma tarja abaixo convocava: “Saia da inércia, compartilhe essa ideia”.

O sentimento estampado nesse carro parece que se espalha como pólvora pelo Brasil. [...] 94% das pessoas acreditam que os políticos no poder não representam a sociedade. 79% prefeririam candidatos de fora da política tradicional para as eleições de 2018. **Os desvendamentos de diversos casos de corrupção ao longo dos últimos anos, a exemplo da operação Lava Jato, foram os maiores impulsionadores da rejeição da classe política.** [...]

[...]

[...] será fundamental que os representantes públicos estejam mais conectados com as preocupações cotidianas do cidadão, combinem a responsividade das redes neurais com a habilidade política focada no bem público. [...]

LAUDARES, Humberto. E se trocassem congressistas por robôs? *Nexo*. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2017/E-se-trocassem-congressistas-por-rob%C3%B4s>>. Acesso em: 20 nov. 2017. [Fragmento]

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (IFBA-2018)

Texto I

A crescente aceleração tecnológica contribui para o afastamento das relações humanas. É a tv, o celular e a internet que substituem gradativamente o encontro entre as pessoas. As relações esfriaram e há famílias que, no próprio ambiente do lar, se comunicam através do bate-papo ou do celular. Cada membro cria seu ciberespaço e nele projeta um mundo irreal, onde a comunicação entre familiares, vizinhos e amigos torna-se fria e distante.

É preciso rever conceitos e resgatar valores, abrir a janela da alma e voltar a apreciar as coisas belas que a vida oferece, como um passeio pelo parque, uma conversa entre amigos, uma visita a um familiar distante. É preciso estar atento aos bons momentos que perdemos ao fechar a porta do nosso quarto e conviver com a máquina.

Convido você a buscar uma relação de afeto e de proximidade com o ser humano. Nada substitui, e nada é tão importante e tão saudável como o toque, o calor humano e o abraço.

MICHELON, Nívea. *A tecnologia e as relações humanas*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-tecnologia-e-as-relacoes-humanas/34364>. Acesso em: 07 ago. 2017.

Texto II



Texto III

"Hoje em dia cada um de nós está ligado electronicamente a todo o mundo, e no entanto, nunca como agora nos sentimos tão sós".

Dan Brown em *O Símbolo perdido*.

Considerando os textos I, II e III bem como seus conhecimentos sobre o assunto, elabore um texto dissertativo-argumentativo, em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, sobre o tema "**Como proteger as relações humanas diante dos avanços tecnológicos**", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

02. (ESPM-2017)

Os emojis são a linguagem universal?

Os Dicionários Oxford anunciaram a palavra do ano, a escolha de 2015 recaiu num emoji, mais concretamente na "carinha com lágrimas de alegria".

Sete anos depois de darem as caras (literalmente) no teclado dos smartphones ocidentais, eles são considerados uma espécie de idioma universal pela Geração Z (jovens nascidos a partir da década de 1990).

Especialistas da linguagem dizem que os emojis produzem sentido nas práticas discursivas no meio digital e são capazes de tomar a interação virtual mais afetiva e dinâmica, proporcionando rapidez nas trocas de informações.

O professor de linguística da Universidade da Califórnia, Neil Cohn, especialista em comunicação visual, acredita que o triunfo da língua franca dos emojis é fruto de seu poder de síntese que acaba aproximando as pessoas por conseguirem captar experiências e expressões de uma conversa pessoal.

REVISTA GALIEU e VEJA.COM (Adaptação).

Proposta: Com base nas informações do texto e em outras de seu conhecimento sobre o assunto, elabore um texto dissertativo que apresente considerações sobre a seguinte questão:

Tendo em vista que a palavra do ano foi um emoji, que é um recurso visual, podemos afirmar que esta dinâmica, por meio dos dispositivos móveis, relaciona-se a um modismo estilístico ou é uma alteração que amplia o recurso da linguagem?

03. (IFCE-2016) Redija um texto dissertativo-argumentativo abordando o tema "A falta de segurança não é problema recente. Parece estar enraizada na educação e até na cultura do país. Como explicar isso e quais as propostas de solução a curto e longo prazo?"



04. (UPF-RS-2016) O Brasil, nos últimos meses, tem vivido intensas manifestações populares nas quais se busca algo que nem todos sabem ao certo o que é (políticas sociais, reforma política, etc.). Através das mídias sociais, muitas pessoas têm participado intensamente desse momento histórico pelo qual passa o Brasil.

Quando questionado acerca do papel das redes sociais no sentido de dar voz ao povo, Zygmunt Bauman, escritor e sociólogo polonês, responde dizendo: *Nas redes, é tão fácil adicionar e eliminar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha*¹.

O escritor italiano Umberto Eco, após uma cerimônia na Universidade de Turim, em 2015, afirmou: *As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel*².

¹ Disponível em: <<http://pplware.sapo.pt/informacao/zygmunt-bauman-defende-que-as-redes-sociais-sao-uma-armadilha/>>. Acesso em: abr. 2016.

² Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/02/5-frases-memoraveis-do-escritor-umberto-eco-sobre-redes-sociais-e-tecnologia.html>>. Acesso em: abr. 2016.

Considerando as últimas manifestações populares pelo país e os depoimentos de Zygmunt Bauman e Umberto Eco, escreva um texto dissertativo-argumentativo, respondendo à seguinte questão: **Qual o papel das mídias sociais na formação da opinião pública?**

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia com atenção o texto a seguir para responder às questões de 01 a 04.

Consumidor controlado: um produto à venda

O capitalismo contemporâneo se ergue sobre uma imensa capacidade de processamento digital e metaboliza as forças vitais e as práticas da vida cotidiana com voracidade inaudita, criando necessidades e lançando constantemente novas mercadorias, serviços e subjetividades. Estas últimas constituem produtos muito especiais, que são adquiridos e de imediato descartados pelos diversos tipos de consumidores aos quais se destinam, alimentando uma espiral de consumo em aceleração crescente. Assim, a ilusão de uma identidade fixa e estável, característica da sociedade moderna e industrial, vai cedendo terreno aos “kits de perfis-padrão” ou “identidade prêt-à-porter”, segundo as denominações da psicanalista brasileira Suely Rolnik. Trata-se de modelos subjetivos efêmeros, descartáveis, sempre vinculados aos voláteis interesses do mercado.

Atualmente, tanto as noções de massa e de povo quanto a própria ideia de indivíduo moderno estão perdendo força. No lugar dessas figuras, outras emergem. O papel do consumidor, por exemplo, assume relevância cada vez maior. Mais do que integrar uma massa ou um povo – como os cidadãos dos Estados-nação da era industrial –, ele faz parte de diversas amostras, nichos de mercado, segmentos de público e bancos de dados.

O sujeito da sociedade contemporânea detém cada vez mais cartões, chips e senhas de acesso – todos dispositivos digitais. De maneira crescente, a identificação do consumidor passa pelo seu perfil: uma série de dados sobre sua condição socioeconômica, seus hábitos e suas preferências de consumo. Todas essas informações se acumulam por meio do preenchimento de fichas de cadastro e formulários de pesquisa, que são processados digitalmente para serem armazenados em bancos de dados conectados em rede. Estes, por sua vez, serão acessados, vendidos, comprados e usados pelas empresas em suas estratégias de *marketing*. Desse modo, o consumidor passa a ser, ele mesmo, um produto à venda.

Uma amostra desse processo é uma tendência bem atual que se verifica, sobretudo, na Internet, onde as empresas mais cotadas do momento oferecem uma variedade de serviços gratuitos a grandes quantidades de usuários, em troca dos quais estes devem fornecer dados sobre seus perfis. Tais informações são muito valiosas em termos de *marketing*, pois permitem enviar publicidade direcionada de acordo com cada tipo de consumidor, além de terem uma infinidade de outros usos, atuais e futuros. Assim, sem pedir dinheiro em troca, são oferecidos serviços cada vez mais fundamentais para os sujeitos contemporâneos: contas de correio eletrônico ou páginas nas redes sociais, espaço para armazenar ou compartilhar arquivos, bem como para publicar sites ou blogs, acesso ao conteúdo de revistas e jornais, sistemas de busca de informações, inclusive a própria conexão à Internet. Mas, em todos esses casos, o produto comprado e vendido é ele: o consumidor.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015. p. 34-36 (Adaptação).

01. (UEG-GO-2017) De acordo com a argumentação da autora, o sujeito social contemporâneo
- investe uma grande quantidade de recursos financeiros na aquisição de produtos tecnológicos e digitais como meios para alcançar a realização pessoal.
 - elabora seus projetos particulares, especialmente aqueles relacionados à carreira profissional e ao lazer, tendo como base modelos culturais tradicionais.
 - tem sua identidade e seu valor constituídos a partir dos dados presentes em seus perfis digitais e dos papéis que ocupa na sociedade de consumo.
 - fundamenta sua trajetória social na noção de divisão de classes, cada vez mais enfatizada pelos modos de consumo da sociedade contemporânea.
 - constrói sua imagem corporal a partir dos cuidados com o corpo e com a manipulação das imagens fotográficas exibidas no mundo digital.

02. (UEG-GO–2017) O quarto parágrafo do texto desempenha a seguinte função argumentativa:

- A) desenvolve uma contra-argumentação à ideia defendida pela autora.
- B) expõe um quadro comparativo para contrastar duas ideias opostas.
- C) exemplifica a ideia apresentada no final do parágrafo anterior.
- D) explica, a partir de conceitos abstratos, o cenário social.
- E) apresenta uma síntese conclusiva das ideias do texto.

03. (UEG-GO–2017) O enunciado “metaboliza as forças vitais e as práticas da vida cotidiana com voracidade inaudita” (linhas 3 e 4), usando termos da biologia para caracterizar a sociedade contemporânea, é construído a partir da seguinte figura de linguagem:

- A) ironia
- B) metáfora
- C) metonímia
- D) sinestesia
- E) catacrese

04. (UEG-GO–2017) Considere o trecho a seguir.

533F
X79A

“De maneira crescente, a identificação do consumidor passa pelo seu perfil: uma série de dados sobre sua condição socioeconômica, seus hábitos e suas preferências de consumo”

No trecho citado, o sinal de dois pontos tem como função introduzir

- A) a explicação de um termo.
- B) uma sequência de discurso direto.
- C) um elemento que expressa finalidade.
- D) a enumeração de uma lista de objetos.
- E) uma síntese do trecho anterior.

Instrução: Considere o seguinte texto para responder às questões **05** e **06**.

Criança e Natureza: Precisamos trazer áreas verdes para nossas cidades

Em 2008, pela primeira vez na história foi registrado que a maior parte da população mundial morava em cidades. No Brasil, esse número chegava a 84% da população, segundo dados do IBGE 2010. O estilo de vida apressado, que adotamos ao morar em centros urbanos, nos afasta, e também nossas crianças, do convívio com a natureza. No livro *A última criança na natureza*, o autor, Richard Louv, aponta que o aumento de doenças modernas, que já atingem as crianças, como hiperatividade, déficit de atenção e depressão, tem origem no modo de vida urbana e na falta do contato com a natureza. Provavelmente, você se recorda de ter brincado em uma área livre, em sua infância. Mas, se não mudarmos nossa forma de agir e pensar, as próximas gerações talvez não tenham essa oportunidade. [...]

Existem movimentos em diversos países promovidos por pessoas ou organizações que sonham reverter anos e anos de declínio no convívio com a natureza. No entanto, precisamos, todos, fazer nossa parte para tornar as cidades espaços mais ricos em natureza. [...]

Afinal, queremos ser lembrados pelas gigantes selvas de pedra que construímos ou pelas gigantes selvas verdes que preservamos?

Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/noticia/2017/06/crianca-e-natureza-precisamos-trazer-areas-verdes-para-nossas-cidades.html>>. Acesso em: 24 out. 2017 (Adaptação).

05. (Uncisal–2018) No texto, a referência ao livro de Richard Louv tem o seguinte objetivo comunicativo:

- A) divulgar o livro, aumentando sua vendagem.
- B) respaldar suas ideias centrais, por meio de um discurso de autoridade.
- C) ensinar, por analogia, formas de combater problemas de aprendizagem.
- D) expor um argumento com base em raciocínio lógico, demonstrando causas e consequências de um estilo de vida.
- E) enumerar exemplos de doenças modernas e compará-las com as que atingiam gerações anteriores.

06. (Uncisal–2018) No texto apresentado, o sublinhado foi utilizado para marcar a existência de um *hiperlink*. Em relação à utilização desse *hiperlink*, é correto afirmar que

- A) tem a função de estabelecer relações com outra fonte de informação relacionada ao assunto discutido, possibilitando a interatividade constitutiva do hipertexto.
- B) indica que a matéria é um texto linear, com começo, meio e fim, configurando a estabilidade comum aos hipertextos.
- C) caracteriza a matéria como um hipertexto com acessibilidade limitada à obra indicada, do autor Richard Louv.
- D) revela uma das características inerentes ao hipertexto: a de controlar as escolhas do leitor, indicando, no caso, uma obra que deve ser lida para que a matéria seja compreendida.
- E) articula-se à natureza do gênero ao qual o texto pertence, com um espaço de leitura e escrita delimitado e definido, independente do suporte ou meio de circulação, impresso ou digital.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2018) A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. [...] O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia.

Por sorte ainda aparece nos campos, [...] algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade.

GALEANO, E. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM Pockets, 1995 (Adaptação).

O texto indica que as mudanças nas práticas corporais, especificamente no futebol,

- A) fomentaram uma tecnocracia, promovendo uma vivência mais lúdica e irreverente.
- B) promoveram o surgimento de atletas mais habilidosos, para que fossem inovadores.
- C) incentivaram a associação dessa manifestação à fruição, favorecendo o improviso.
- D) tornaram a modalidade em um produto a ser consumido, negando sua dimensão criativa.
- E) contribuíram para esse esporte ter mais jogadores, bem como acompanhado de torcedores.

02. (Enem-2016)

Você pode não acreditar

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os leiteiros deixavam as garrafinhas de leite do lado de fora das casas, seja ao pé da porta, seja na janela.

A gente ia de uniforme azul e branco para o grupo, de manhãzinha, passava pelas casas e não ocorria que alguém pudesse roubar aquilo.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que os padeiros deixavam o pão na soleira da porta ou na janela que dava para a rua. A gente passava e via aquilo como uma coisa normal.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que você saía à noite para namorar e voltava andando pelas ruas da cidade, caminhando displicentemente, sentindo cheiro de jasmim e de alecrim, sem olhar para trás, sem temer as sombras.

Você pode não acreditar: houve um tempo em que as pessoas se visitavam aiosamente. Chegavam no meio da tarde ou à noite, contavam casos, tomavam café, falavam da saúde, tricotavam sobre a vida alheia e voltavam de bonde às suas casas.

Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que o namorado primeiro ficava andando com a moça numa rua perto da casa dela, depois passava a namorar no portão, depois tinha ingresso na sala da família. Era sinal de que já estava praticamente noivo e seguro.

Houve um tempo em que havia tempo.

Houve um tempo.

SANT'ANNA, A. R. *Estado de Minas*. 05 maio 2013. [Fragmento]

Nessa crônica, a repetição do trecho "Você pode não acreditar: mas houve um tempo em que..." configura-se como uma estratégia argumentativa que visa

- A) surpreender o leitor com a descrição do que as pessoas faziam durante o seu tempo livre antigamente.
- B) sensibilizar o leitor sobre o modo como as pessoas se relacionavam entre si num tempo mais aprazível.
- C) advertir o leitor mais jovem sobre o mau uso que se faz do tempo nos dias atuais.
- D) incentivar o leitor a organizar melhor o seu tempo sem deixar de ser nostálgico.
- E) convencer o leitor sobre a veracidade de fatos relativos à vida no passado.

03. (Enem-2015) Riscar o chão para sair pulando é uma brincadeira que vem dos tempos do Império Romano. A amarelinha original tinha mais de cem metros e era usada como treinamento militar imitações reduzidas do campo utilizado pelos soldados e acrescentaram numeração nos quadrados que deveriam ser pulados. Hoje as amarelinhas variam nos formatos geométricos e na quantidade de casas. As palavras "céu" e "inferno" podem ser escritas no começo e no final do desenho, que é marcado no chão com giz, tinta ou graveto.

Disponível em: <www.biblioteca.ajes.edu.br>.

Acesso em: 20 maio 2015 (Adaptação).

Com base em fatos históricos, o texto retrata o processo de adaptação pelo qual passou um tipo de brincadeira. Nesse sentido, conclui-se que as brincadeiras comportam o(a)

- A) caráter competitivo que se assemelha às suas origens.
- B) delimitação de regras que se perpetuam com o tempo.
- C) definição antecipada do número de grupos participantes.
- D) objetivo de aperfeiçoamento físico daqueles que a praticam.
- E) possibilidade de reinvenção no contexto em que é realizada.

04. (Enem)

Adolescentes: mais altos, gordos e preguiçosos

A oferta de produtos industrializados e a falta de tempo têm sua parcela de responsabilidade no aumento da silhueta dos jovens. "Os nossos hábitos alimentares, de modo geral, mudaram muito", observa Vivian Ellinger, presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), no Rio de Janeiro. Pesquisas mostram que, aqui no Brasil, estamos exagerando no sal e no açúcar, além de tomar pouco leite e comer menos frutas e feijão.

Outro pecado, velho conhecido de quem exibe excesso de gordura por causa da gula, surge como marca da nova geração: a preguiça, "Cem por cento das meninas que participam do Programa não praticavam nenhum esporte", revela a psicóloga Cristina Freire, que monitora o desenvolvimento emocional das voluntárias.

Você provavelmente já sabe quais são as consequências de uma rotina sedentária e cheia de gordura. “E não é novidade que os obesos têm uma sobrevida menor”, acredita Claudia Cozer, endocrinologista da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. Mas, se há cinco anos os estudos projetavam um futuro sombrio para os jovens, no cenário atual as doenças que viriam na velhice já são parte da rotina deles. “Os adolescentes já estão sofrendo com hipertensão e diabetes”, exemplifica Claudia.

DESGUALDO, P. *Revista Saúde*. Disponível em: <<http://saude.abril.com.br>>. Acesso em: 28 jul. 2012 (Adaptação).

Sobre a relação entre os hábitos da população adolescente e as suas condições de saúde, as informações apresentadas no texto indicam que

- a falta de atividade física somada a uma alimentação nutricionalmente desequilibrada constituem fatores relacionados ao aparecimento de doenças crônicas entre os adolescentes.
- a diminuição do consumo de alimentos fontes de carboidratos combinada com um maior consumo de alimentos ricos em proteínas contribuíram para o aumento da obesidade entre os adolescentes.
- a maior participação dos alimentos industrializados e gordurosos na dieta da população adolescente tem tornado escasso o consumo de sais e açúcares, o que prejudica o equilíbrio metabólico.
- a ocorrência de casos de hipertensão e diabetes entre os adolescentes advém das condições de alimentação, enquanto que na população adulta os fatores hereditários são preponderantes.
- a prática regular de atividade física é um importante fator de controle da diabetes entre a população adolescente, por provocar um constante aumento da pressão arterial sistólica.

- 05.** (Enem) O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”.

HUIZINGA, J. *Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Segundo o texto, o jogo comporta a possibilidade de fruição. Do ponto de vista das práticas corporais, essa fruição se estabelece por meio do(a)

- fixação de táticas, que define a padronização para maior alcance popular.
- competitividade, que impulsiona o interesse pelo sucesso.
- refinamento técnico, que gera resultados satisfatórios.
- caráter lúdico, que permite experiências inusitadas.
- uso tecnológico, que amplia as opções de lazer.

- 06.** (Enem)

O que é bullying virtual ou cyberbullying?

É o *bullying* que ocorre em meios eletrônicos, com mensagens difamatórias ou ameaçadoras circulando por e-mails, sites, blogs (os diários virtuais), redes sociais e celulares. É quase uma extensão do que dizem e fazem na escola, mas com o agravante de que as pessoas envolvidas não estão cara a cara.

Dessa forma, o anonimato pode aumentar a crueldade dos comentários e das ameaças e os efeitos podem ser tão graves ou piores. “O autor, assim como o alvo, tem dificuldade de sair de seu papel e retomar valores esquecidos ou formar novos”, explica Luciene Tognetta, doutora em Psicologia Escolar e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br>>. Acesso em: 03 ago. 2012 (Adaptação).

Segundo o texto, com as tecnologias de informação e comunicação, a prática do *bullying* ganha novas nuances de perversidade e é potencializada pelo fato de

- atingir um grupo maior de espectadores.
- dificultar a identificação do agressor incógnito.
- impedir a retomada de valores consolidados pela vítima.
- possibilitar a participação de um número maior de autores.
- proporcionar o uso de uma variedade de ferramentas da Internet.

- 07.**

Texto I

As consequências da erotização precoce para as crianças

[...] Cabe aos pais monitorarem o que os seus filhos veem na televisão, na internet, revistas, etc., e os ajudarem a se situar na idade que têm, o que a criança pode e o que não pode. Assim, a criança também vai desenvolvendo seu senso crítico [...].

E se as consequências são negativas para a criança que é espectadora de toda essa exposição, diria que são ainda piores, desastrosas, para a criança que é exposta como objeto de sedução. A criança [...] terá a sua sexualidade despertada precocemente, o que influenciará diretamente [...] na adolescência e na vida adulta, afetando também a sua autoestima, poderá ter problemas de relacionamentos com os colegas da mesma idade e dificuldades na escola. [...].

BADOTTI, Priscila. [Psicóloga infantil]. *As consequências da erotização precoce para as crianças*. Disponível em: <http://www.psicologia-infantil.psc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=92:as-consequencias-da-erotizacao-precoce-para-as-criancas&catid=43:textos&Itemid=110>. Acesso em: 12 out. 2018. [Fragmento]

Texto II**Ministério Público abre inquérito sobre 'sexualização' de MC Melody**

O Ministério Público de São Paulo abriu nesta quinta-feira um inquérito para investigação sobre "forte conteúdo erótico e de apelos sexuais" em músicas e coreografias de crianças e adolescentes músicos.

A cantora de funk conhecida como MC Melody, de oito anos, é um dos alvos da investigação, que suspeita de "violação ao direito ao respeito e à dignidade de crianças / adolescentes". O caso está sendo investigado pela Promotoria de Justiça de Defesa dos Interesses Difusos e Coletivos da Infância e da Juventude da Capital.

Segundo uma das representações publicadas no inquérito, Mc Melody "canta músicas obscenas, com alto teor sexual e faz poses extremamente sensuais, bem como trabalha como vocalista musical em carreira solo, [...]".

[...].

SENRA, Ricardo. *GI*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/musica/noticia/2015/04/ministerio-publico-abre-inquerito-sobre-sexualizacao-de-mc-melody.html>>. Acesso em: 14 out. 2018. [Fragmento]

Texto III

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma-padrão da Língua Portuguesa sobre o tema: "As consequências da erotização precoce no Brasil". Apresente proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____

Errei _____

- 01. Nessa proposta, o primeiro texto motivador discorre sobre a necessidade de contato físico, de proximidade. O texto II é uma charge que mostra, de maneira divertida e irônica, o efeito da tecnologia nas relações sociais. O texto III é um trecho de um romance do escritor Dan Brown e traz uma reflexão sobre o afastamento das relações humanas e a solidão causada pelo uso excessivo das tecnologias eletrônicas. É possível argumentar, por exemplo, a favor de pessoas tímidas ou com dificuldade de relacionamento pessoal fisicamente, que, contudo, conseguem se expressar e se relacionar por meio das redes sociais, tendo uma vida satisfatória graças às tecnologias. É importante fornecer argumentos claros e coerentes de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.
- 02. Nessa proposta, o que se propõe é uma reflexão sobre a dinâmica da comunicação por meio de emojis, questionando se se relaciona a um modismo estilístico ou se é uma alteração que amplia o recurso da linguagem. É possível argumentar que a comunicação via emojis se tornou parte da linguagem atual, ampliando sua forma de manifestação. É importante fornecer argumentos claros e coerentes de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.
- 03. A proposta delimita o ponto de vista a ser defendido, visto que assevera que a falta de segurança não é um problema recente e está enraizada na educação e na cultura. Partindo dessa ideia, deve-se elaborar um texto dissertativo-argumentativo discorrendo sobre as possíveis causas dessa enraização da violência e propondo ações sociais, de acordo com os direitos humanos, para minimizar ou extinguir o problema.
- 04. A proposta de redação em análise solicita a produção de um texto dissertativo-argumentativo discorrendo sobre o papel das mídias sociais na formação da opinião pública. Observa-se que, no texto motivador, os dois escritores demonstram posicionamento crítico em relação ao papel das mídias sociais na formação de opinião pública. Independentemente do posicionamento escolhido, é importante fornecer argumentos claros e coerentes de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa.

Propostos

Acertei _____

Errei _____

- 01. C
- 02. D
- 03. B
- 04. A
- 05. B
- 06. A

Seção Enem

Acertei _____

Errei _____

- 01. D
- 02. B
- 03. E
- 04. A
- 05. D
- 06. B
- 07. A proposta de redação segue o modelo de avaliação do Enem e solicita que se aponte as consequências da erotização precoce no Brasil. A coletânea de textos motivadores indica algumas possibilidades que poderão ser exploradas na elaboração do texto. É possível utilizar algumas dessas informações para compor a redação, mas é preciso extrapolar as ideias já apresentadas. É necessário que sejam apresentadas propostas efetivas contra a erotização precoce, dando destaque àquelas que envolvam a participação de toda a sociedade. Vale lembrar que os argumentos devem estar organizados em um texto coeso, coerente e adequado à norma-padrão.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Quinhentismo

O **Quinhentismo** é o nome atribuído às primeiras produções literárias compostas pelos autores do Velho Mundo sobre os territórios descobertos pelo expansionismo marítimo do século XVI. Nesse sentido, a grande quantidade de textos do período versa sobre as paisagens percorridas e os locais encontrados. Tudo isso relatado em crônicas de viagem, em uma literatura documental e informativa. É assim que se inaugura a literatura brasileira: pelos discursos feitos pelos portugueses sobre a descoberta da Ilha de Santa Cruz. O Quinhentismo brasileiro constituiu-se, portanto, de uma **literatura informativa** sobre a terra e das produções realizadas no processo de catequização dos índios – a **literatura jesuítica**. Informar sobre o território e domesticar os gentios: essas foram as diretrizes das produções realizadas pelos europeus sobre o Novo Mundo.

O olhar europeu sobre os nativos, registrado nas literaturas informativas (cartas, tratados, diários, poemas), apresenta-se também, de modo não menos importante que o literário, em gravuras produzidas entre os séculos XVI e XVII. Tais produções, ao lado das representações literárias, permitem uma visão global dos fenômenos artísticos do Quinhentismo.

Há registros de que, desde meados do século XVI, havia artistas no Brasil. Em sua maioria, esses eram viajantes, alguns eram enviados pelos monarcas europeus para representarem as novas terras e torná-las conhecidas ao velho mundo, outros eram naturalistas, e havia ainda aqueles que fugiam de perseguição religiosa. Merecem destaque nesse cenário as gravuras que ilustram a obra de Jean de Léry, *Viagem à terra do Brasil* (1578), e as que ilustram a terceira parte da obra *Grandes viagens* (1592), de Theodore de Bry, algumas feitas com base nos relatos do alemão Hans Staden.

Léry era cristão protestante e viveu entre os tupinambás na Baía de Guanabara, àquela época conhecida como França Antártica, por ser uma colônia francesa. Assim Léry descreve os nativos:

Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado bem garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro, devereis colocar junto a esses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho preso a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas.

LÉRY, J. de. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. p. 118. [Fragmento]

Junto a essa descrição, segue esta gravura, do próprio Léry:



LÉRY, Jean de. *Família Tupinambá*. Xilogravura.

O estudioso colombiano Chicangana-Bayona chama a atenção para dois fatos: o primeiro é o de que a caracterização etnográfica dos nativos, na obra de Léry, praticamente limita-se à questão da indumentária, dos acessórios. As diferenças de biotipo – estatura, formas do corpo, formato do nariz, da boca, dos olhos – não se verificam ou não são significantes, sendo os índios tupinambás de Léry fisicamente muito semelhantes aos próprios europeus; o segundo é o fato de que os índios de Léry possuem corpos rijos e fortes e seguem o ideal de beleza e força físicas segundo os padrões clássicos greco-latinos, como, aliás, ditam as convenções do Renascimento. Esse segundo aspecto fica bem evidente quando se compara o guerreiro tupinambá de Léry com a obra *Davi*, de Michelangelo.

Observe:



BUONARROTI, Michelangelo. *Davi*. Entre 1501 e 1504. Escultura, 517 x 199 cm. Galeria da Academia de Belas Artes de Florença, Itália.

Observe, agora, a gravura do ourives belga Theodore de Bry:



BRY, Theodore de. *Antropofagia tupinambá*. In: STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. 1592.

A representação feita por ele também aproxima, fisicamente, os nativos aos europeus e aos modelos clássicos, sobretudo as mulheres. Note-se, na imagem, que o físico dos índios não é distinto do de Hans Staden – prisioneiro dos Tupinambás, homem de barba representado ao fundo. As diferenças, nesse caso, são estabelecidas pela nuance de cor (a pele dos nativos é mais parda e avermelhada, em contraste com a pele branca do europeu), pela presença da barba ruiva do alemão, em oposição ao rosto imberbe dos nativos, e também pelos gestos.

As cenas em De Bry são quase sempre marcadas pela dramaticidade, pelo excesso de gestos ritualizados, o que às vezes as torna um pouco caricatas. No caso em questão, tem-se a representação do ritual de antropofagia, na maioria das vezes, incompreendido pelo europeu. O detalhamento minucioso e mórbido do ritual, a ênfase em aspectos exóticos ou macabros, deixa entrever um julgamento moral por parte do colonizador, que justificará o seu domínio, entre outros motivos, pela necessidade de civilizar o nativo, de livrá-lo da barbárie.

Outras produções artísticas de relevância datam de meados do século XVII e, embora tenham acontecido pouco mais de 100 anos após o descobrimento, é válido mencioná-las por seu importante caráter documental e pelo diálogo que pode ser estabelecido entre elas e os cronistas do século XVI. Os responsáveis por essas obras são os holandeses Frans Post e Albert Eckhout, que chegaram ao Brasil em 1637, a convite de Maurício de Nassau.

LITERATURA INFORMATIVA

A **literatura informativa** constitui-se das crônicas dos viajantes, que eram feitas para relatar ao Rei de Portugal as características físicas não só dos territórios avistados, mas também do povo que os ocupava. Duas eram as preocupações dos europeus: visualizar a riqueza, ou seja, os bens naturais a serem explorados, e ter consciência das condições de ocupação, inclusive sobre a resistência ou não dos habitantes locais. Diante de tal incumbência, de tudo informar ao Rei e de fazê-lo de modo mais verossímil possível, era comum nas expedições a figura de um cronista nos navios, que tinha justamente o papel de relator das paisagens e de delator dos episódios.

Caberia ao cronista levar ao Rei as “imagens” do território percorrido e do povo encontrado, por isso as crônicas possuem uma linguagem extremamente descritiva e detalhista, composta por uma série de analogias, pois caberia ao escritor explicar o desconhecido por meio daquilo que o Rei conhecia.

As gravuras produzidas no período em questão, tendo propósitos análogos aos dos textos literários, representaram as paisagens e as características culturais e sociais, não apenas ampliando a visão fornecida pela literatura, mas tornando-se imagens de fundação nas representações artísticas brasileiras.

Em obras paisagísticas, etnográficas ou de natureza morta, Post e Eckhout registraram com precisão o universo dos trópicos, com sua fauna e flora típicas, bem como com seus habitantes. A riqueza das águas descrita na *Carta de Caminha* pôde ser visualmente comprovada pelas telas *Rio São Francisco* e *A cachoeira de Paulo Afonso*:



Frans Post / Domínio Público

Rio São Francisco.



Frans Post / Domínio Público

A cachoeira de Paulo Afonso.

É interessante notar, na tela *Rio São Francisco*, o destaque dado à vegetação e à fauna locais, que aparecem em primeiro plano. Mais importante ainda que o próprio destaque é a maneira sutil com que ele é construído. Post, nesse e em outros quadros, faz questão de que os elementos típicos figurem em sua paisagem, se possível em evidência, mas pinta-os com a mesma sobriedade com que pintaria um cenário europeu qualquer e, portanto, consegue se afastar de construções estereotipadas e sensacionalistas do novo mundo como um lugar de exotismo e de excentricidade, muito comuns àquela época.

A sobriedade do estilo e a precisão da pintura também são características da obra de Albert Eckhout, que retratou os frutos típicos, em quadros de natureza-morta, e também os nativos. Observe o quadro a seguir:



ECKHOUT, Albert. *Mulher tapuia*. 1641. Óleo sobre tela, 272 x 165 cm. Museu Nacional de Copenhague, Dinamarca.

A representação do nativo feita por Eckhout, desprovida dos maneirismos de estilo e dos traços europeizantes, aproxima-se mais do real do que aquela vista nas gravuras do século XVI anteriormente analisadas. Note-se que o ritual de antropofagia também é referenciado, por meio das partes humanas que a índia segura ou carrega no cesto. A postura da mulher tapuia é espontânea, quase displicente, totalmente diversa da postura das mulheres antropófagas de De Bry, com gestos exagerados e bárbaros, o que revela a ausência de julgamento moral de Eckhout quanto ao ritual de canibalismo praticado entre algumas tribos indígenas brasileiras.

A naturalidade das representações de Post e de Eckhout, sobretudo deste último, faz com que alguns críticos classifiquem-nos como artistas diferenciados e afirmem terem sido eles os que mais se aproximaram de uma representação verossímil do novo mundo.

A precisão da obra de Eckhout é tanta que ele consegue diferenciar, em suas representações, particularidades entre grupos indígenas. Os tapuias eram os índios que não pertenciam ao tronco linguístico tupi-guarani (daí a palavra *tapuia* significar algo como “bárbaro”, “inimigo”, “estrangeiro”) e que viviam em terras mais interioranas. Em relação ao grupo dos tupis-guaranis, os tapuias eram mais primitivos, e a sua rusticidade é bem retratada na tela do pintor neerlandês.

Note-se a simplicidade do cesto e dos acessórios que porta a índia tapuia. Os tupis-guaranis viviam mais próximos ao litoral e apresentavam maior grau de desenvolvimento se comparados aos tapuias. E esse traço distintivo não passou despercebido na obra do artista. Observe:



ECKHOUT, Albert. *Índia tupi*. 1641. Óleo sobre tela, 274 x 163 cm. Museu Nacional de Copenhague, Dinamarca.

A índia tupi de Eckhout, diferente da tapuia, apresenta mais acessórios, o cesto é mais bem trabalhado e ela carrega, inclusive, uma cerâmica. Merece destaque nesse cenário a presença de uma habitação ao fundo; pelo fato de viverem no litoral, os índios tupis acabavam ficando próximos da incipiente civilização. O elemento local está presente na figura da bananeira.

As representações dos trópicos, ao lado dos relatos de viagem ou talvez até mais do que eles, foram significativas para a construção do Novo Mundo no imaginário social europeu.

Dentro do contexto histórico vivenciado por Portugal e pelo Brasil, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* ao Rei Dom Manuel sobre o achamento da Ilha de Vera Cruz foi o relato mais significativo. Essa crônica é considerada o texto fundacional da literatura brasileira, a “certidão de nascimento” do país. Esquecida durante muitos séculos, somente no oitocentismo a *Carta de Caminha* ganhou notoriedade, principalmente porque o momento histórico era adequado para isso: a Independência do Brasil. Os escritores e pintores românticos passaram, assim, a cultuar a *Carta*, a exaltar a figura do índio como o “Bom Selvagem”, o que já vinha sendo divulgado pela filosofia de Rousseau.

Foi desse modo que definitivamente a missiva de Caminha ao Rei português se consagrou dentro da tradição literária brasileira. Veja, a seguir, a linguagem descritiva presente na *Carta*, o que reitera o intuito informativo e histórico dela.

A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber. Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobre-pente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas. [...] Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como espantados. Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provavam, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada. Não beberam.

Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhes dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar.

CASTRO, Sílvio. *A Carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 79-80. [Fragmento]

A influência da *Carta de Caminha* é perceptível não apenas nas produções literárias posteriores ao Quinhentismo, mas também na pintura. A exemplo, veja o quadro *Primeira missa no Brasil*, do pintor Victor Meirelles, criado cerca de 360 anos após o acontecimento da primeira missa. A obra de Meirelles, a seguir, exemplifica a influência da *Carta de Caminha* na produção ufanista divulgada pelo Romantismo do século XIX.



MEIRELLES, Victor. *Primeira missa no Brasil*. 1860. Óleo sobre tela, 268 x 356 cm. Museu Nacional de Belas Artes (MNBA).

Além da *Carta de Caminha*, outros autores e obras passaram a ser muito estudados a partir do Modernismo brasileiro, outro período histórico em que se procurou fazer um levantamento e mapeamento da tradição literária brasileira desde a sua "origem". Merecem destaque, nesse sentido, alguns trabalhos como: *O diário de navegação*, de Pero Lopes e Sousa; o *Tratado da terra do Brasil* e a *História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamam Brasil*, de Pero de Magalhães Gândavo; a *Narrativa epistolar* e os *Tratados da terra e da gente do Brasil*, do jesuíta Fernão Cardim; o *Diálogo sobre a Conversão dos Gentios*, do Pe. Manuel da Nóbrega; o *Tratado descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa. Todos esses textos apresentam um forte teor descritivo e de caráter "científico" e "historiográfico". Veja o seguinte e clássico trecho da obra de Gândavo:

A língua deste gentio toda pela Costa he, huma: carece de três letras – *scilicet*, não se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.

Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assi machos como fêmeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. p. 52. [Fragmento]

LITERATURA JESUÍTICA

Quanto à literatura jesuítica, merece destaque o trabalho poético – e principalmente dramático – desenvolvido pelo Padre Anchieta, que veio para o Brasil em 1553 com a tarefa de participar do processo de catequização dos índios. A obra de Anchieta, como um todo, é composta por cartas, próximas à estrutura das crônicas da época, nas quais ele descreve os costumes dos índios, por poemas religiosos e por peças teatrais, geralmente autos. O teatro de Anchieta tornou-se o mais consagrado gênero por ele praticado, tendo em vista a eficácia catequética, a astúcia linguística e persuasória de tais textos. Anchieta, aos poucos, acrescentava ao tupi e às entidades religiosas indígenas, com os quais ele estruturava suas peças, vocábulos do português e demonstrações da fé cristã para que, dessa forma, os índios fossem "encenando" a verdadeira fé que teriam de viver. Assim, Anchieta fez, nos diálogos de seus autos, com que Tupã e Anhangá convivessem com Deus, a Virgem Maria e os santos católicos.

A obra de Anchieta alinha-se à visão teocêntrica e catequética dos jesuítas, característica que se percebe em seu poema intitulado “Do Santíssimo Sacramento”. Os versos em questão são marcados por tom devocional, lembrando uma oração. Leia-o.

Ó que pão, ó que comida,
ó que divino manjar
se nos dá no santo altar
cada dia!

Filho da Virgem Maria
que Deus-Padre cá mandou
e por nós na cruz passou,
crua morte,

e para que nos conforte
se deixou no sacramento
para dar-nos, com aumento,
sua graça,

esta divina fogaça
é manjar de lutadores
Galardão de vencedores
esforçados,

deleite de namorados,
que, co'o gosto deste pão
deixam a deleitação
transitória.

Quem quiser haver vitória
do falso contentamento,
goste deste sacramento
divinal.

Este dá vida imortal,
este mata toda fome,
porque nele Deus e homem
se contêm.

É fonte de todo bem,
da qual quem bem se
embebeda
não tenha medo da queda
do pecado.

No poema, o sacrifício de Cristo é comparado a um alimento (fogaça) para os lutadores e esforçados, os quais, ao se absterem dos prazeres passageiros do mundo terreno, encontrariam a vida eterna e teriam fome e sede espirituais e terrenas saciadas.

RELEITURAS

As crônicas do século XVI foram de suma importância para a construção da identidade nacional no século XIX, à época da Independência do Brasil. De fato, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* é considerada, por muitos historiadores, como um dos principais elementos do mito fundador do país, e suas ideias continuam sendo símbolos de referência para a construção de nossa autoimagem.

A existência de uma terra paradisíaca, situada a oeste do mundo conhecido até então, é mencionada em diversos escritos medievais ou mesmo em registros anteriores. Na Bíblia, esse local é referenciado no livro do Gênesis, no qual é descrito como uma terra de leite e mel, banhada por rios cujos leitos são ricos em pedras preciosas. Além do Éden bíblico, outra menção significativa é a da existência de ilhas afortunadas ou bem-aventuradas, também localizadas no Oriente, que seriam um lugar abençoado, onde reinariam a juventude e a primavera eternas e onde animais e homens conviveriam em harmonia. Os fenícios denominavam esse lugar de **Braaz**, e os monges irlandeses denominavam-no **Hy Brazil**; mapas que datam do século XIV, portanto anteriores ao descobrimento, já registravam a existência de uma possível terra chamada Insulla de Brazil ou Isola de Brazil.

Quando Pedro Álvares Cabral chegou à Bahia, a correspondência entre a terra recém-descoberta e o paraíso terrestre de que falavam os antigos registros foi imediata. A descrição da nova terra, tal como se apresenta na *Carta de Caminha*, não é, portanto, arbitrária. A referência à vastidão do território, à fauna e à flora exuberantes, à fertilidade do solo, à abundância das águas, à inocência e à pureza dos nativos apenas confirma o ideal paradisíaco do europeu à época do Renascimento e das grandes navegações. E é justamente essa associação entre o Brasil e o paraíso perdido que será apropriada por diversos escritores e poetas ao longo da história para a construção da identidade nacional.

Os escritores românticos, como veremos com mais detalhes posteriormente, construirão o nacionalismo de seus textos sobretudo por meio da exaltação das belezas naturais sem precedentes do “Brasil-Jardim”, enfim, desse país que possui paisagens incomparáveis. É o que se pode perceber pelo famoso poema de Gonçalves Dias, “Canção do exílio”:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Esses versos, que evidenciam como, na visão dos românticos, a natureza brasileira apresenta superioridade incontestável, serão retomados mais tarde para a própria composição do Hino Nacional.

Além do Hino, outro símbolo nacional que se apropria da descrição da natureza paradisíaca do Brasil, tal como ela aparece na *Carta*, é a bandeira. Marilena Chauí lembra que as bandeiras surgidas após a Revolução Francesa tendem a ser tricolores e a representar lutas políticas ou a narrar eventos históricos do país. No entanto, o auriverde pendão brasileiro é quadrangular, e seu simbolismo recai sobre o enaltecimento das riquezas naturais, representadas pelo verde das matas, pelo amarelo do ouro e pelo céu estrelado.

É ainda a concepção do “Brasil-paraíso”, ditada na *Carta*, que permanece na criação de alguns versos de nossa música popular:

Moro num país tropical
Abençoado por Deus
e bonito por natureza, mas que beleza

BEN JOR, Jorge. País Tropical. BEN JOR, Jorge. In: *Dádiva*.
Rio de Janeiro: Som Livre, 1983. 1 CD. [Fragmento]

Esse coqueiro que dá coco
Onde amarro minha rede
Nas noites claras de luar
Por essas fontes murmurantes
Onde eu mato a minha sede
Onde a lua vem brincar
Huuu!

Esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil Brasileiro
[...]

O Brasil do meu amor
Terra de Nosso Senhor

BARROSO, Ary. Aquarela do Brasil. BARROSO, Ary. In: *Meu Brasil Brasileiro*. [S.l.]: Brazilian Classics, 2013. 1 CD. [Fragmento]

Se, por um lado, muitos artistas se apropriaram da *Carta de Caminha* para criar uma imagem ufanista do país, por outro, muitos se utilizaram dela para desconstruir e reconstruir o passado nacional, refletindo criticamente sobre o nosso processo de colonização. Poetas da Primeira Geração do Modernismo, como Oswald de Andrade, em *Pau-Brasil*, ou Murilo Mendes, em *História do Brasil*, serão pródigos nessa prática. Veja o poema a seguir:

Pero Vaz Caminha

Oswald de Andrade

A DESCOBERTA

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Páscoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

OS SELVAGENS

Mostraram-lhes uma galinha
Quase haviam medo dela
E não queriam pôr a mão
E depois a tomaram como espantados

PRIMEIRO CHÁ

Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real

AS MENINAS DA GARE

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha

PERO VAZ CAMINHA – In: *Poesias Reunidas*, de Oswald de Andrade, Companhia das Letras, São Paulo © by herdeiros de Oswald de Andrade.

Nesse poema, o texto da *Carta de Caminha* permanece praticamente inalterado, mas a simples escolha de algumas passagens da *Carta* tem em si um propósito de chamar a atenção para aspectos específicos do texto de Caminha. Veja-se, por exemplo, a associação das índias às “meninas da gare”, que evidencia a crítica do poeta. “Gare”, no português lusitano, é estação de metrô. Assim, as meninas da gare são uma referência às prostitutas. Ao comparar as nativas às prostitutas, o poeta desmascara o discurso do colonizador, revelando seus propósitos sexuais; o fato de se atribuir uma inocência pueril às habitantes da terra não impediu que o colonizador visse nelas uma possibilidade de desfrutar o prazer carnal, o que se confirmaria ao longo da história. Recurso semelhante é utilizado pelo contemporâneo Frederico Barbosa na criação do seu “Grande teatro dos sentidos”:

12

Nem lavram nem criam

nem boi nem vaca
nem ovelha nem cabra
nem galinha

nem outra nenhuma
alimária de casa

só esse inhame
e o que a terra grata dá
lhes mata a fome

e como comem

© Frederico Barbosa por azpi propriedade intelectual.

13

Flr

comem-se por vingança
devoram até crianças

fazem farinha de gente
na sua nudez inocente

© Frederico Barbosa por azpi propriedade intelectual.

Nesse poema, o texto do escrivão é preservado, exceto pelo fato de que Barbosa omite o trecho em que Caminha exalta o porte físico e a saúde dos nativos, a despeito de sua alimentação ser composta, essencialmente, pelo “inhame que a terra dá”. Esse trecho é substituído, no poema de Barbosa, pela referência ao ritual de antropofagia, incompreendido pelo europeu colonizador, que o concebia como ato de vingança (“comem-se por vingança”) ou de covardia (“devoram até criança”). O poema traz implícita uma crítica à concepção eurocêntrica de mundo, que torna o colonizador incapaz de compreender culturas distintas da europeia.



0Q1M

Quinhentismo

Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico e as obras do Quinhentismo no Brasil.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UESC-BA) Leia os textos a seguir:

Texto I

Tudo parece indicar que, em sua devoção à catequese, os jesuítas não partiam do respeito às tendências naturais do índio brasileiro. Ao contrário dos franciscanos, não souberam acatar-lhe os costumes, consentir-lhe na liberdade, aproveitar-lhe os talentos. Desprezavam as suas disposições para certos ofícios em troca de uma vã tentativa de fazê-los letrados; obstinaram-se em sujeitar os homens de cultura paleolítica a um ensino altamente acadêmico. Como era natural, os resultados eram com frequência desencorajadores, para desespero dos padres. Anchieta acha os silvícolas 'sem engenho', desenganado, chega a recomendar 'espada e vara de ferro, que é a melhor pregação'. Quanto a Nóbrega, seu desabafo é franco: 'São tão bestiais, que não lhes entra no coração coisa de Deus'.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*: breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 7.

Texto II

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, a qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles todo e qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o fato de Ele nos haver até aqui trazido, creio que não o foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E aprazera a Deus que com pouco trabalho seja assim!

CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 94.

A *Carta* apresenta o objetivo do colonizador de dominar culturalmente o nativo. Compare a expectativa do escrivão a respeito desse processo com os dados apresentados por Merquior no texto I, observando se os prognósticos de Pero Vaz de Caminha, expressos no texto II, foram concretizados na prática da catequese. (15 linhas)

02. Comente o caráter epistolar e metalinguístico do início da *Carta de Pero Vaz de Caminha* enviada ao Rei Dom Manuel. (12 linhas)

Posto que o capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães, escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou, não deixarei também de dar minha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que, para o bem contar e falar, o saiba fazer pior que todos.

Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para alindar nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu. Da marinagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo [...]

03. (UFMG) Com base na leitura da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, redija um texto analisando dois fatos que revelam diferenças culturais relatadas na obra. (10 linhas)

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UESPI) Muitas são as formas fixas que foram cultivadas por Camões. Muitas dessas formas também foram praticadas por outros poetas do Quinhentismo português, a exemplo de Sá de Miranda e Antônio Ferreira. Assim, dentre as formas literárias que compõem a poética de Camões, quais não podemos assinalar como cultivadas pelo poeta?

- A) Odes e elegias.
B) Figurados e canto real.
C) Oitavas e écoglas.
D) Redondilhas e epopeia.
E) Canções e sextinas.

02. (UESPI) A literatura informativa, que esteve presente nos primeiros tempos da colonização brasileira, pode ser definida como

- A) obras catequéticas dirigidas aos índios.
B) busca de emancipação da influência portuguesa.
C) descrição dos costumes dos povos da terra.
D) confirmação do paganismo dos primeiros colonizadores.
E) descrição do muito ouro e da muita prata existentes no Brasil.

03. (UFAM) Caracterizam a literatura dos viajantes as afirmativas a seguir, exceto

- A) Os escritos dos viajantes refletem a visão, os conceitos e os interesses dos europeus em relação às terras do além-mar.
B) Observa-se a necessidade de informar a Coroa portuguesa sobre as potencialidades econômicas da nova terra.
C) O conjunto do registro dos viajantes tem, sobretudo, valor documental e histórico.
D) As crônicas dos viajantes surgiram como o desdobramento de um processo de mudanças estruturais na Europa.
E) Havia, por parte dos cronistas, uma preocupação estética, um apuro literário formal.

04. (UFAM) Marque a opção que não se relaciona, direta ou indiretamente, ao período em que aconteceu a chamada literatura dos viajantes e dos jesuítas:

- A) As obras dessa fase refletem certos aspectos da realidade brasileira, evidenciando traços de uma consciência nacional.
- B) As concepções medievais perdem espaço para os novos conceitos e valores fundados no ideário renascentista.
- C) Esse ciclo da Literatura Brasileira correspondeu ao momento inicial da colonização de nosso país.
- D) Os textos corresponderam à necessidade de informações que confirmassem a viabilidade econômica da empresa colonial.
- E) Viveu-se um período de delírio e espírito aventureiro, com a “descoberta” de novas terras e povos tidos como exóticos.

05. (IFSP) Leia um trecho do poema “Ilha da Maré”, do escritor brasileiro Manuel Botelho de Oliveira.

E, tratando das próprias, os coqueiros,
galhardos e frondosos
criam cocos gostosos;
e andou tão liberal a natureza
que lhes deu por grandeza,
não só para bebida, mas sustento,
o néctar doce, o cândido alimento.
De várias cores são os cajus belos,
uns são vermelhos, outros amarelos,
e como vários são nas várias cores,
também se mostram vários nos sabores;
e criam a castanha,
que é melhor que a de França, Itália, Espanha.

COHN, Sergio. *Poesia.br*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012.

Podemos relacionar os versos desse poema ao Quinhentismo Nacional, pois

- A) o eu lírico repudia a presença de colonizadores portugueses em nossa terra.
- B) a fauna e a flora tropicais são descritas de maneira minuciosa e idealizada.
- C) o poeta enriqueceu devido à exportação de produtos brasileiros para a metrópole.
- D) a exuberância e a diversidade da natureza tropical são exaltadas pelo poeta.
- E) a natureza farta e bela é o cenário onde ocorrem os encontros amorosos do eu lírico.

06. (IFSP–2016) Leia, a seguir, o fragmento da *História da Província de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gândavo, para responder à questão.

Finalmente que como Deus tenha de muito longe esta terra dedicada à cristandade, e o interesse seja o que mais leva os homens trás si que nenhuma outra coisa haja na vida, parece manifesto querer entretê-los

na terra com esta riqueza do mar até chegarem a descobrir aquelas grandes minas que a mesma terra promete, para que assim desta maneira tragam ainda toda aquela bárbara gente que habita nestas partes ao lume e ao conhecimento da nossa santa fé católica, que será descobrir-lhe outras minas maiores no céu, o qual nosso Senhor permita que assim seja, para glória sua, e salvação de tantas almas.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província de Santa Cruz*. Organização de Ricardo Martins Valle. Introdução e notas de Ricardo Martins Valle e Clara Carolina Souza Santos. São Paulo: Hedra, 2008. p. 115.

A leitura atenta do texto permite afirmar que

- A) nos textos de informação estavam consorciados o projeto de exploração das novas terras descobertas e o de difusão da fé cristã.
- B) o autor julga desinteressante a perspectiva de exploração mercantil do Brasil, preferindo a ela o projeto de difusão da fé cristã.
- C) o autor condena os homens ambiciosos e interesseiros, que preferem a exploração mercantil ao projeto abnegado de difusão da fé cristã.
- D) o autor condena a hipocrisia dos que afirmam empreender em nome da fé cristã, mas que apenas se interessam pelas “grandes minas” a descobrir.
- E) havia discrepância e dissenso entre o projeto de exploração das novas terras descobertas e o de difusão da fé cristã.

07. (UDESC) O movimento literário que retrata as manifestações literárias produzidas no Brasil à época de seu descobrimento, e durante o século XVI, é conhecido como Quinhentismo ou Literatura de Informação.

Analise as proposições em relação a este período.

- I. A produção literária no Brasil, no século XVI, era restrita às literaturas de viagens e jesuíticas de caráter religioso.
- II. A obra literária jesuítica, relacionada às atividades catequéticas e pedagógicas, raramente assume um caráter apenas artístico. O nome mais destacado é o do padre José de Anchieta.
- III. O nome Quinhentismo está ligado a um referencial cronológico – as manifestações literárias no Brasil tiveram início em 1500, época da colonização portuguesa – e não a um referencial estético.
- IV. As produções literárias neste período prendem-se à literatura portuguesa, integrando o conjunto das chamadas literaturas de viagens ultramarinas, e aos valores da cultura greco-latina.
- V. As produções literárias deste período constituem um painel da vida dos anos iniciais do Brasil colônia, retratando os primeiros contatos entre os europeus e a realidade da nova terra.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente as afirmativas I, IV e V são verdadeiras.
- B) Somente a afirmativa II é verdadeira.
- C) Somente as afirmativas I, II, III e V são verdadeiras.
- D) Somente as afirmativas III e IV são verdadeiras.
- E) Todas as afirmativas são verdadeiras.

08. (UCS-RS) Com base na *Carta do Achamento*, de Pero Vaz de Caminha, considere as seguintes afirmações.

- I. Na *Carta*, o escrivão Caminha descreve o descobrimento de uma nova terra, chamando a atenção para a beleza natural, a fertilidade, a cordialidade dos índios e as riquezas.
- II. No texto, é possível perceber um dos objetivos da expansão marítima de Portugal: catequização dos gentios para a ampliação do mundo cristão.
- III. A *Carta*, um dos relatos que fazem parte da literatura informativa sobre o Brasil, é considerada mais um documento histórico do que uma obra literária.

Das afirmativas anteriores, pode-se dizer que

- A) apenas I está correta.
- B) apenas III está correta.
- C) apenas I e II estão corretas.
- D) apenas II e III estão corretas.
- E) I, II e III estão corretas.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2015) Ao se apossarem do novo território, os europeus ignoraram um universo de antiga sabedoria, povoado por homens e bens unidos por um sistema integrado. A recusa em se inteirar dos valores culturais dos primeiros habitantes levou-os a uma descrição simplista desses grupos e à sua sucessiva destruição.

Na verdade, não existe uma distinção entre a nossa arte e aquela produzida por povos tecnicamente menos desenvolvidos. As duas manifestações devem ser encaradas como expressões diferentes dos modos de sentir e pensar das várias sociedades, mas também como equivalentes, por resultarem de impulsos humanos comuns.

SCATAMACHIA, M. C. M. In: AGUILAR, N. (Org.). *Mostra do redescobrimto: arqueologia*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo – Associação Brasil 500 anos artes visuais, 2000.

De acordo com o texto, inexistente distinção entre as artes produzidas pelos colonizadores e pelos colonizados, pois ambas compartilham o(a)

- A) suporte artístico.
- B) nível tecnológico.
- C) base antropológica.
- D) concepção estética.
- E) referencial temático.

02. (Enem)

Texto I

Andaram na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e daí a pouco começaram a vir mais. E parece-me que viriam, este dia, à praia, quatrocentos ou quatrocentos e cinquenta. Alguns deles traziam arcos e flechas, que todos trocaram por carapuças ou por qualquer coisa que lhes davam. [...] Andavam todos tão bem-dispostos, tão bem feitos e galantes com suas tinturas que muito agradavam.

CASTRO, S. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996. [Fragmento]

Texto II



PORTINARI, C. *O descobrimento do Brasil*. 1956. Óleo sobre tela, 199 x 169 cm. Disponível em: <www.portinari.org.br>. Acesso em: 12 jun. 2013.

Pertencentes ao patrimônio cultural brasileiro, a carta de Pero Vaz de Caminha e a obra de Portinari retratam a chegada dos portugueses ao Brasil. Da leitura dos textos, constata-se que

- A) a carta de Pero Vaz de Caminha representa uma das primeiras manifestações artísticas dos portugueses em terras brasileiras e preocupa-se apenas com a estética literária.
- B) a tela de Portinari retrata indígenas nus com corpos pintados, cuja grande significação é a afirmação da arte acadêmica brasileira e a contestação de uma linguagem moderna.
- C) a carta, como testemunho histórico-político, mostra o olhar do colonizador sobre a gente da terra, e a pintura destaca, em primeiro plano, a inquietação dos nativos.
- D) as duas produções, embora usem linguagens diferentes – verbal e não verbal –, cumprem a mesma função social e artística.
- E) a pintura e a carta de Caminha são manifestações de grupos étnicos diferentes, produzidas em um mesmo momento histórico, retratando a colonização.

03. (Enem)



ECKHOUT, A. *Índio Tapuia* (1810-1866). Disponível em: <<http://www.diaadia.pr.gov.br>>. Acesso em: 09 jul. 2009.

A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.

CAMINHA P. V. *A carta*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2009.

Ao se estabelecer uma relação entre a obra de Eckhout e o trecho do texto de Caminha, conclui-se que

- A) ambos se identificam pelas características estéticas marcantes, como tristeza e melancolia, do movimento romântico das artes plásticas.
- B) o artista, na pintura, foi fiel ao seu objeto, representando-o de maneira realista, ao passo que o texto é apenas fantasioso.
- C) a pintura e o texto têm uma característica em comum, que é representar o habitante das terras que sofreriam processo colonizador.
- D) o texto e a pintura são baseados no contraste entre a cultura europeia e a cultura indígena.
- E) há forte direcionamento religioso no texto e na pintura, uma vez que o índio representado é objeto da catequização jesuítica.

04. (Enem) Murilo Mendes, em um de seus poemas, dialoga com a carta de Pero Vaz de Caminha:

A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de ouro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muito,
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes tem à vontade
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudoso
Se for embora daqui.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Arcaísmos e termos coloquiais misturam-se nesse poema, criando um efeito de contraste, como ocorre em:

- A) A terra é mui graciosa / Tem macaco até demais
- B) Salvo o devido respeito / Reforçai, Senhor, a arca
- C) A gente vai passear / Ficarei muito saudoso
- D) De plumagens mui vistosas / Bengala de castão de ouro
- E) No chão espeta um caniço / Diamantes tem à vontade

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. O texto I contraria os prognósticos do texto II. Na *Carta* de Caminha, o escrivão prevê que a catequização dos índios será fácil, que os nativos aceitarão de bom grado a religião cristã. No texto de Merquior, no entanto, encontram-se depoimentos de padres jesuítas, Nóbrega e Anchieta, nos quais os nativos são retratados como seres "bestiais" e "sem engenho", incapazes de aceitar "as coisas de Deus". As palavras dos padres jesuítas revelam o insucesso da pregação religiosa entre os índios resistentes ao catolicismo.
- 02. O uso de vocativo, data, despedida, a interlocução constante e a própria reflexão metalinguística compõem o caráter epistolar do texto. A metalinguagem se faz presente no início da *Carta*, quando Caminha discorre sobre a própria composição do texto; ele antecipa para seu interlocutor o conteúdo da missiva e tenta convencê-lo da fidelidade da sua narrativa.
- 03. São fatos que revelam diferenças culturais na *Carta* de Pero Vaz de Caminha e que podem ser analisados:
 - a surpresa dos portugueses ante a nudez dos nativos, a qual é avaliada por Caminha como evidência de pureza e inocência, revelando que os dois povos não compartilhavam os mesmos valores e costumes morais;
 - as representações pictóricas nos corpos e os adornos usados pelos indígenas, que causam grande estranhamento nos portugueses, de acordo com o relato do missivista;
 - a interpretação de Caminha a respeito da inexistência de costumes religiosos entre os nativos em oposição à celebração de missas, à distribuição de rosários e cruzeiros e às preocupações catequéticas dos portugueses;
 - o medo e / ou indiferença dos nativos em relação aos animais domésticos que lhes foram mostrados, bem como a rejeição de alguns alimentos oferecidos a eles.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. B
- 02. C
- 03. E
- 04. A
- 05. D
- 06. A
- 07. C
- 08. E

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. C
- 03. C
- 04. A



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Barroco e Arcadismo

A interpretação sobre o Barroco permaneceu, durante séculos, vinculada a uma postura iluminista construída pelos artistas do estilo que o sucedeu: o Neoclassicismo. Como o próprio nome indica, os neoclássicos retomavam os ideais da Antiguidade Clássica e do Renascimento, condenando a postura medieval dos artistas barrocos, que priorizavam uma arte passional, baseada na religiosidade, nos extremismos e antagonismos dos sentimentos. Com isso, o artista barroco construía seus textos e imagens explorando, de modo hiperbólico, antitético e paradoxal todos os antagonismos humanos.

A concepção pejorativa de que a arte barroca seria irregular, afetada, repleta de ornamentos abusivos que comprometiam a sobriedade e a linearidade das formas plásticas e a clareza linguística diz respeito a um olhar parcial. Esse olhar é marcado pelo pensamento Iluminista do século XVIII, segundo o qual o Barroco “deturpou” a sobriedade, o equilíbrio geométrico e a precisão da arte renascentista. Somente com os estudos publicados em meados do século XX, o estigma de que o Barroco era uma “arte menor” deixou de ser um consenso no universo intelectual.

Outra condenação a que o Barroco esteve sujeito se deveu ao fato de sua produção estar muito vinculada à religiosidade, o que, para a postura cética, racionalista e de tendência pagã dos neoclássicos, era outro equívoco. A proximidade do Barroco com a religiosidade medieval explica-se pelo fato de que a Igreja Católica, consciente da perda de muitos de seus fiéis com a Reforma Protestante de Lutero, desejava recuperar e resguardar seu “império”. Com isso, as artes, tanto a literatura quanto a pintura, tornaram-se o grande foco da Contrarreforma, que pretendia educar e moralizar os fiéis para que eles não se afastassem dos valores católicos.

Conceituar a arte barroca ou definir os seus preceitos é uma tarefa complexa, talvez impossível. Grosso modo, atribui-se o rótulo “barroco” a todo um conjunto de obras artísticas produzidas nos séculos XVII e XVIII, tanto na Europa como no Novo Mundo. Uma produção assim tão vasta, que compreende quase 200 anos nos mais variados locais, não há como ser uniforme.

Em cada lugar onde se manifestou – Itália, Holanda, Espanha, Alemanha, Portugal, Brasil, só para citar alguns países – o Barroco teve suas particularidades e seus traços próprios. Se tomarmos o contexto brasileiro, por exemplo, encontraremos diferenças entre o Barroco mineiro e o Barroco do litoral. Aliás, dentro do próprio Barroco mineiro, os especialistas distinguem três fases. Dessa forma, as características ditas barrocas na verdade consistem em um conjunto de elementos que pareceram ser mais recorrentes nas obras produzidas nos anos seiscentos e setecentos.

As características do Barroco nas artes plásticas não se diferem muito daquelas que serão observadas no plano literário. A exuberância e o requinte formal, por exemplo, que na linguagem se expressam por meio dos hipérbatos, das sintaxes não convencionais e do vocabulário rebuscado, na arquitetura, manifestam-se por meio da predileção pelas formas retorcidas e do apreço pela abundância de detalhes ornamentais. Já o antagonismo e a dualidade, que no plano linguístico se revelam por meio, sobretudo, dos paradoxos e das antíteses, na pintura, serão expressos por meio do contraste entre luz e sombras, entre claro e escuro. Citam-se, ainda, o predomínio das cores fortes e a profundidade.

As temáticas abordadas variam. As telas podem retratar desde cenas cotidianas, retratos de pessoas ilustres, até temas que retomam a Antiguidade Clássica – uma herança do Renascimento, embora em muitos aspectos o Barroco tenha representado, se não uma reação, pelo menos uma superação desse estilo. Entretanto, é na temática religiosa que o Barroco se consagra. Na Itália, a Igreja Católica era a grande financiadora dos artistas. Pela representação do sofrimento dos mártires ou das experiências epifânicas dos cristãos, os espectadores eram arrebatados.

Observe as obras a seguir e tente identificar algumas das características barrocas apresentadas.



CARAVAGGIO. *Deposição de Cristo*. 1603 ou 1604. Óleo sobre tela. Pinacoteca Vaticana, Roma.



BERNINI, Gian Lorenzo. *Êxtase de Santa Teresa*. 1652. Escultura em mármore, 350 x 138 cm. Basílica de Santa Maria da Vitória, Roma.

Além de Caravaggio e Bernini, outros renomados artistas do Barroco europeu são: Borromini, Rembrandt, Rubens, Vermeer, Van Dick e Velázquez.

O Barroco passou a ser considerado uma arte da Contrarreforma justamente pelas qualidades de sua visualidade pictural, capaz de seduzir, convencer e converter o espectador. Além de ter a função de retomar o prestígio da Igreja Católica na Europa, o Barroco também era empregado como uma arte catequética, que tinha o intuito de educar e moralizar os “gentios” das colônias descobertas no século anterior.

Segundo o crítico Affonso Ávila, um dos maiores estudiosos do Barroco no Brasil, a linguagem barroca era propícia para divulgar os valores da Contrarreforma, uma vez que ela se sustentou sobre três alicerces de caráter estético-ideológico: o lúdico, a ênfase visual e o persuasório. Esse apelo a um aspecto pictórico de caráter lúdico e persuasório é estudado pelo crítico.

Em seu livro *Conceitos fundamentais da história da arte*, Wölfflin traçou cinco categorias a partir das quais é possível discernir uma obra renascentista de outra barroca, sem, entretanto, fazer juízo de valor em relação a qual obra seria “melhor”.

Renascimento	Barroco
Linear	Pictórico
Plano	Profundo
Forma fechada	Forma aberta
Pluralidade	Unidade
Clareza	Obscuridade

No Brasil, a manifestação mais expressiva do Barroco está nas igrejas de Minas Gerais dos setecentos, das quais muitas foram tombadas pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade. A expressividade do Barroco mineiro deve-se à influência da França e da Alemanha, à peculiaridade das suas condições de produção e também à genialidade de artistas como Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, e Manuel da Costa Ataíde.

De um modo geral, pode-se dizer que as igrejas barrocas são marcadas pela simplicidade e pela clareza do exterior, que contrastam com a suntuosidade e a penumbra do interior. Suas portas costumam obedecer à proporção 2 por 1 (altura é o dobro da largura) e os pórticos são bem detalhados. Os ornamentos interiores também são ricamente trabalhados e muitos são banhados a ouro. As colunas mantêm o padrão clássico e são, em sua maioria, das ordens coríntia ou compósita. As igrejas da primeira fase possuíam formas mais retangulares, mas, com o tempo, evoluíram para formas mais abauladas.

As igrejas São Francisco de Assis (Ouro Preto e São João del Rei), Nossa Senhora do Carmo (Mariana) e São João Batista (Barão de Cocais) possuem torres cilíndricas, fugindo totalmente ao padrão da época. As duas primeiras são assinadas por Aleijadinho, e as duas últimas, por seu pai, mas acredita-se que ele tenha colaborado no projeto, o que pode ser uma evidência de que torres cilíndricas constituem uma marca pessoal do artista. É justamente essa fuga do padrão barroco e, conseqüentemente, o desenvolvimento de um novo conjunto artístico-arquitetônico com traços Rococós que marcam a obra de Aleijadinho.



Sarah and Iain / Domínio Público

Igreja São Francisco de Assis em Ouro Preto, MG. Planta e ornamentação da fachada de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.



Enrique Lopez Tamayo Bloca

ALEIJADINHO. Altar da Igreja São Francisco de Assis. Ouro Preto.

Também trabalhou na Igreja São Francisco de Assis em Ouro Preto o Mestre Ataíde, responsável pela pintura do forro da nave, que retrata a coroação de Nossa Senhora da Porciúncula. Essa obra, por meio de efeitos criados pela arquitetura em perspectiva, cria um efeito ilusório que transporta o espectador para o plano celeste. Chama a atenção o predomínio das cores vermelha e azul, recorrente na obra de Ataíde, embora não constituam sua marca pessoal, mas sim uma tendência da época. A influência do incipiente Rococó se faz presente por meio da presença de formas de flores e conchas. As figuras do Mestre Ataíde são praticamente desprovidas de ângulos, predominam as formas curvas, mesmo nos joelhos e nos cotovelos.

Observe:



Tetraktys / Domínio Público

ATAÍDE, M. C. *Assunção da Virgem*. Entre 1804 e 1807. Óleo sobre madeira. Forro da nave da Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto-MG.

Dois detalhes em particular marcam a obra de Ataíde: os traços mulatos de algumas de suas personagens e também a leveza. Os anjos e os santos, muitas vezes, possuem pele parda, lábios grossos, olhos repuxados de frequente exoftalmia. Alguns biógrafos do artista afirmam que ele se inspirava nos próprios filhos e na sua companheira para pintar, mas essa não é uma afirmação comprovada. A pintura de Ataíde é marcada também pela claridade e, como já se disse, pela leveza, que contrastam com os tons pesados e as expressões de dor de outras pinturas da obra sacra do Barroco.

Vale lembrar que o Barroco mineiro ocorreu tardiamente, no século XVIII e, em alguns lugares, até no início do XIX. A arte barroca em Minas foi contemporânea dos poetas árcades.

A riqueza da arte barroca desperta simultaneamente a visão, a audição e o tato, suscitando a participação não apenas do intelecto, mas das sensações. Isso se verifica não só na pintura dos tetos, nos retábulos, na arquitetura das fachadas, no conjunto de esculturas das imagens devocionais das igrejas, mas também na literatura, como se comprova tanto nos poemas de Gregório de Matos como nos sermões do Padre Antônio Vieira.

A parenética (conjunto de sermões) do Padre Antônio Vieira exemplifica perfeitamente a arte barroca da Contrarreforma, cujo objetivo foi a promoção da fé católica por meio de uma linguagem cultista e conceptista. O caráter cultista da linguagem barroca está no seu exercício retórico de caráter lúdico e encantatório.

Como o próprio nome indica, o cultismo é o exercício do culto à forma rebuscada, o que justifica o emprego de várias sofisticacões linguísticas para se alcançar todo o contorcionismo estético que se deseja. Entre os elementos que propiciam a reverberação da linguagem cultista, destacam-se: o hipérbato (inversão sintática que produz no texto efeito análogo ao das estruturas espiraladas da arquitetura e da pintura); a aliteração, a assonância e a anáfora (que geram uma intensa musicalidade no texto); a disseminação e o recolho (que correspondem à retomada das palavras como num ritornelo).

Contudo, a linguagem barroca não pode ser apenas cultista, porque senão ela não conseguirá cumprir com a sua função persuasiva, será mero exercício oratório sem a capacidade retórica de envolver e de persuadir. Para que o envolvimento e a persuasão ocorram, a linguagem também deve ser conceptista, ou seja, deve explicar um conceito (uma ideia abstrata) por meio de uma imagem concreta. O **conceptismo** é construído, portanto, através de algumas figuras de pensamento, como analogias, comparações e metáforas.

Para exemplificar a presença desses dois elementos na estrutura dos textos barrocos, tomemos como base o "Sermão da Sexagésima", de Vieira, pregado na Capela Real de Lisboa, em 1655, com o intuito de condenar os próprios sermonistas. Em sua pregação, Vieira acusa os demais sermonistas de não estarem mais convertendo ou sensibilizando os fiéis devido aos excessos cultistas dos textos que vinham fazendo. E isso se dava porque estavam pregando para si e não para os outros, pregando em nome da glória e da vaidade e não em recurso do resgate e da proteção dos fiéis. Segundo Vieira, os sermões estavam sendo produzidos de modo equivocado porque retratavam vários assuntos e utilizavam uma linguagem extremamente verborrágica. Com esses dois desvios, o público assistia simplesmente a um espetáculo retórico em vez de ser educado e convertido aos valores cristãos.

Após salientar que o erro de não se converterem mais as almas não era nem de Deus nem dos homens, mas dos pregadores que agiam de má-fé, Vieira aponta como deve ser escrito e pregado um sermão. Para isso, ele utiliza uma linguagem completamente conceptista, pois traça uma analogia entre a elaboração do texto e a estrutura de uma árvore.

Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nascer todos da mesma matéria e continuar e acabar nela. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede: uma árvore tem raízes, tem tronco, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem frutos. Assim há de ser o sermão: há de ter raízes fortes e sólidas, porque há de ser fundado no Evangelho; há de ter um tronco, porque há de ter um só assunto e tratar uma só matéria; deste tronco hão de nascer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nascidos da mesma matéria e continuados nela; estes ramos hão de ser secos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Há de ter esta árvore varas, que são a repreensão dos vícios; há de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo, há de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há de ordenar o sermão. De maneira que há de haver frutos, há de haver flores, há de haver varas, há de haver folhas, há de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só matéria. Se tudo são troncos, não é sermão, é madeira. Se tudo são ramos, não é sermão, são maravalhas. Se tudo são folhas, não é sermão, são versas. Se tudo são varas, não é sermão, é feixe. Se tudo são flores, não é sermão, é ramallete. Serem tudo frutos, não pode ser; porque não há frutos sem árvore. Assim que nesta árvore, à que podemos chamar "árvore da vida", há de haver o proveitoso do fruto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido e formado de um só tronco e esse não levantado no ar, senão fundado nas raízes do Evangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como hão de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não é muito que se não faça fruto com eles.

VIEIRA, Antônio. *Sermão da Sexagésima*. In: VIEIRA. *Sermões*. 13. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1977. p. 132-133. [Fragmento]

Além do "Sermão da Sexagésima", outros trabalhos de autoria do Padre Antônio Vieira são: "Sermão do Bom Ladrão", "Sermão do Mandato", "Sermão das Quarenta Horas" e o "Sermão pelo bom sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda" (neste agressivo sermão, Vieira tem a ousadia de pregar para Deus, censurando o próprio Senhor por atentar contra Si próprio e contra a fé católica ao permitir que os Holandeses, protestantes, ocupassem as terras brasileiras).

Além do trabalho religioso desenvolvido com muito mérito pelo Padre Antônio Vieira, outro destaque do Barroco em Língua Portuguesa deve-se à poética de Gregório de Matos e Guerra. A poesia do escritor baiano, denominado de "Boca do Inferno", pode ser dividida em três grupos: a sacra, a amorosa e a satírica (vertente que justifica o epíteto do poeta).

Entretanto, ainda que se modifique a temática ou a linhagem de seus textos, em todas as vertentes, o que é característico de Gregório é o seu intenso trabalho lúdico com a palavra poética, o que se manifesta nos trocadilhos, nas ambiguidades, nas construções metafóricas, hiperbólicas e antitéticas, bem ao gosto conceptista e cultista do Barroco.

A **poesia sacra** de Gregório de Matos ficou consagrada graças às imagens fortes, ao sentimento exacerbado de contrição, ao desejo intenso de purgação do pecado, como exemplifica a voz poética do clássico soneto a seguir:

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido,
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido,
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida, e já cobrada
Glória tal, e prazer tão repentino
vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada
Cobrai-a, e não queirais, Pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

MATOS, Gregório de. *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. v. 1. p. 69.

A partir da leitura do poema é possível traçar a síntese do raciocínio Barroco: cabe ao homem pecar e a Deus perdoar, pois é da condição de todos os humanos passar pelos vícios do corpo e pela degradação moral, ao passo que também é da condição divina o caráter benigno e consolador. Desse modo, o arrependimento é a única forma de o homem ter em si a centelha divina e de Deus poder ajudar seus filhos. Assim, criador e criatura se unem pela consciência dos papéis que têm de exercer: mecanismo pelo qual o Todo (Deus) habita a parte (ser humano).

Já a **poética amorosa** de Gregório de Matos é marcada pela concepção mundana, carnal e efêmera da vida e dos relacionamentos amorosos. O *carpe diem* se faz constante em sua lírica, como exemplifica o "1º soneto a Maria dos Povos".

Discreta, e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espelha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeiriza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade
Te converta em flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

SPINA, Segismundo (Comp.). *A poesia de Gregório de Matos*.
São Paulo: Edusp, 1995. p. 145.

No poema, a passagem do tempo é entendida como elemento desencadeador de angústia. A voz poética sugere que se goze da beleza, antes que o tempo, em sua rapidez, destrua “a flor da mocidade”. Tal é o modo como se afigura o *carpe diem* para o homem barroco. Vale ressaltar, nesse soneto, o emprego da gradação como figura que assinala simultaneamente o desaparecimento gradual da beleza, a passagem do tempo e a proximidade da morte: “[...] essa beleza / Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada”.

Entretanto, o grande mérito da escrita de Gregório de Matos é atribuído à sua sofisticada **poesia satírica**, capaz de denunciar as torpezas, os vícios e os enganos do Brasil, como aparece evidenciado em um clássico fragmento metalinguístico do seu poema “Aos vícios”.

Eu sou aquele, que os passados anos
cantei na minha lira maldizente
torpezas do Brasil, vícios, e enganos

MATOS, Gregório de. *Aos vícios*. In: *Seleção de Obras Poéticas*.
Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000119.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2018.

A “lira maldizente” de Gregório de Matos atingia a todos e em todas as instâncias: a usura da Igreja, a riqueza inescrupulosa das autoridades governamentais do Brasil Colonial, a exploração da metrópole portuguesa, a alienação dos mestiços brasileiros. Ou seja, desde as classes mais nobres até as mais baixas, Gregório apontou os “vícios” do Brasil e da Bahia. Em “Epílogos”, um de seus mais belos poemas, o autor pintou a imagem da Bahia (metonímia para o Brasil) no século XVII, valendo-se de um dialogismo polifônico, ou seja, da representação de perspectivas diferentes sobre um mesmo tema, em um só texto, dividindo a voz poética entre perguntas e respostas.

Que falta nesta cidade?.....Verdade.
Que mais por sua desonra.....Honra.
Falta mais que se lhe ponha.....Vergonha.
O demo a viver se exponha,
por mais que a fama a exalta,
numa cidade, onde falta
Verdade, Honra, Vergonha.
Quem a pôs neste socrócio?.....Negócio.
Quem causa tal perdição?.....Ambição.
E o maior desta loucura?.....Usura.
Notável desventura
de um povo néscio, e sandeu,
que não sabe, que o perdeu
Negócio, Ambição, Usura.
[...]

CHOCIAY, Rogério. *Os metros do boca: Teoria do verso em Gregório de Matos*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 100-101.

É interessante notar que a disposição gráfica do poema antecipa, em certa medida, a consciência da visualidade no processo de escrita, característica que será marcante na Poesia Concreta brasileira do século XX. O caráter visual confere, ainda, plasticidade ao poema, de modo similar à arquitetura interior das igrejas barrocas. Outro recurso tipicamente barroco apresentado nesse poema é a “disseminação e recolha”. Essa prática linguística consiste na dispersão de palavras em versos distintos e na reunião delas, em sequência, em um só verso: “Verdade, Honra, Vergonha”; “Negócio, Ambição, Usura”, etc. No poema, a figura de linguagem em questão não consiste em puro jogo de linguagem, mas tem também o objetivo de ordenar a sequência de pensamento.

Diante de tantas mazelas, o poeta demonstra o seu estado de desapontamento com o Brasil, sempre representado de modo metonímico pela Bahia.

Triste Bahia! Ó quão dessemelhante
Estás, e estou do nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.

A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado
Tanto negócio, e tanto negociante.

Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sangaz brichote.

Oh se quisera Deus, que de repente
Um dia amanheceras tão sisuda
Que fora de algodão o teu capote!

SPINA, Segismundo (Comp.).
A poesia de Gregório de Matos. São Paulo: Edusp, 1995. p. 179.

No entanto, além de utilizar a sátira para denúncias sérias e graves no que diz respeito à situação econômica e social do país no século XVII, o autor também a emprega em descontraídos textos por meio dos quais consegue rir e se “vingar” de algumas situações e circunstâncias, como exemplificam os casos seguintes:

Sal, cal, e alho

caiam no teu maldito caralho. Amém.

O fogo de Sodoma e de Gomorra

em cinza te reduzam essa porra. Amém.

Tudo em fogo arda,

Tu, e teus filhos, e o Capitão da Guarda.

MATOS, Gregório de. *Poemas atribuídos: códice Asensio-Cunha*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. v. 1. p. 135.



Barroco

LLNO

Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico do Barroco no Brasil e seus principais autores.

RELEITURAS

O Barroco do século XVII, que você acabou de estudar, é denominado Barroco do século de ouro ou, ainda, Barroco histórico. Alguns teóricos, no entanto, criticam essa denominação, afirmando ser o Barroco uma forma transistórica. Isso significa dizer que, para esses teóricos, o Barroco é um estilo cíclico, que reaparece de tempos em tempos, em momentos caóticos ou de saturação do classicismo. Por essa perspectiva, o rótulo Barroco não se aplicaria somente ao conjunto das produções artísticas inscritas no século XVII, mas teria uma conotação mais ampla, estendendo-se a obras que tivessem algumas características ditas barrocas, como o irracionalismo, o contraste, o jogo de palavras, o hermetismo, a exuberância, entre outras. Seria, nos dizeres de Haroldo de Campos, “a arte do caos, da crise e da conturbação”.

Se o Barroco como o conhecemos floresceu no século XVII, em uma época marcada pela dualidade decorrente das conquistas herdadas do Renascimento e da opressão da Contrarreforma, o neobarroco encontrou terreno propício para seu aparecimento na América Latina do século XX, um espaço de contrastes que combina o velho e o novo, o passado colonial e a modernidade, a subnutrição e o avanço tecnológico.

O termo “Neobarroco” surgiu em 1972, segundo seus adeptos, mais para designar um estado de espírito do que para instituir uma escola literária. Na verdade, nem se pode dizer que o neobarroco seja uma escola literária com princípios próprios, pois seus autores têm origens, idades, estilos e temas diversos. Não se ocupa em ser uma arte de vanguarda, em constituir uma novidade, mas em retomar fórmulas e estruturas antigas, remodelando-as, dando-lhes novos significados.

O Neobarroco não se compromete com nenhum tema, nem com qualquer projeto específico, apenas “revitaliza” a literatura. De fato, o compromisso maior do Neobarroco está em não se prender a nenhuma fórmula, mas em se metamorfosear, em se reinventar sempre.

Observe os exemplos a seguir:

Texto I

O retrato de Dom Luís de Gôngora

Horácio Costa

Cara de vampiro, nariz boxeado pela vida,
stiffness, teu legendário orgulho desmesurado,
sem ironia ou sorriso a boca nos cantos desce,
não vejo tuas mãos, estarão escrevendo,
estarão manipulando o ábaco da sintaxe,
preocupado te vejo em encontrar tesouros
dormentes, na folha branca brilham larvais,
e já fixos me perfuram teus olhos de esfinge,
que imitam tuas orelhas em leque, teu *manteau*
absoluto, mole de lã ou veludo, sempre Diretor
dum hospital barroco antes do *Grand Renfermement*,
para quem posas, canta o Esgueva do pensamento
de teus contemporâneos, o radical suspiro da Natureza
em cio profundo, linguagem láctea, campo blau,
e me avalias, por fora Ácis, por dentro Polifemo,
assim é o mundo Dom Luís, para mim está posando,
pré-kafkaniana barata insigne vai de ante em antessala,
paciente expõe seu elástico decoro enfático, tanto
tens que suportar, por fora Hyde, por dentro tão menino,
pois és menino e más Allá da moldura deste quadro
como os negros falas – é de noite que em pérola
se transforma a banalidade, e tua calva preenche
o céu, cede o vazio, e tua palavra uma *berceuse* escapa.

© Iluminuras Extraído de: Satori São Paulo: Iluminuras, 1989.

Texto II

circuladô de fulô ao deus ao demodará que deus te guie
porque eu não
posso guiá e viva quem já me deu circuladô de fulô e ainda
quem falta me
dá soando como um shamisen e feito apenas com um
arame tenso um cabo e
uma lata velha num fim de festafeira no pino do sol a pino
mas para
outros não existia aquela música não podia porque não
podia popular
aquela música se não canta não é popular se não afina
não tintina não
tarantina e no entanto puxada na tripa da miséria na tripa
tensa da mais
megeira miséria física e doendo doendo como um prego
na palma da mão um
ferrugem prego cego na palma espalma da mão coração
exposto como um nervo
tenso retenso um renegro prego cego durando na palma
polpa da mão ao sol [...]
o povo é o inventalinguas na malícia da maestria no
matreiro da maravilha
no visgo do improvisado tenteando a travessia azeitava o
eixo do sol

CAMPOS, Haroldo de. *Galáxias*. São Paulo: Editora 34, 2004.

Provando seu caráter “inventálguas”, Haroldo de Campos constrói um autêntico texto da “arte do caos”, caracterizado pela desconstrução da sintaxe, pela assimetria, pelo jogo de palavras, pelo irracionalismo e pelo hermetismo. Esse texto, retirado da obra *Galáxias*, de 1984, foi musicado por Caetano Veloso no início dos anos 1990. A obra de Haroldo de Campos será estudada mais detidamente no módulo referente à Poesia Concreta desta coleção.

NEOCLASSICISMO OU ARCADISMO

O **Iluminismo** do século XVIII, bem como as mudanças sociais e políticas, em parte, dele decorrentes, criaram um campo propício para o aparecimento do **Neoclassicismo**. A racionalidade típica da Ilustração fazia com que o homem dessa época considerasse o Barroco e o Rococó como estilos de excessos, de mau gosto, e que, portanto, deveriam ser superados. Da mesma forma, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, a Independência das Treze Colônias e a Revolução Francesa, por exemplo, necessitavam de uma arte que os representasse. Surge, assim, o Neoclassicismo, que, a exemplo do Classicismo do século XV, se propõe a retomar os ideais estéticos da Antiguidade Clássica.

Para representar as incipientes mudanças na estrutura social e política, os artistas neoclássicos buscaram inspiração na arquitetura da Grécia (referência de Democracia) e de Roma (referência de República). Contribuiu muito para a realização desse trabalho a descoberta recente das ruínas da cidade de Pompeia, em 1748, província romana destruída pelo Vesúvio em 79 d.C. e que permanecera soterrada por mais de 1600 anos.

As escavações arqueológicas que se iniciaram a partir de então permitiram a descoberta de uma série de prédios públicos, teatros, aquedutos, fontes e vários tipos de edificações que serviram de modelo para os arquitetos neoclássicos. Outra referência comum para esses artistas foram as construções do italiano renascentista Andrea Palladio. Valores como simplicidade, equilíbrio, proporção, predomínio de formas retas são marcas da arquitetura neoclássica, que procura obedecer ao princípio do arquiteto romano Marcus Vitrúvio, *utilitas, venustas e firmitas*, utilidade, beleza e solidez. A Casa Branca e o Capitólio, nos Estados Unidos, o Portão de Brandemburgo, na Alemanha, e também o Arco do Triunfo, na França, são exemplos de algumas construções em estilo neoclássico.



Michael Righi / Creative Commons

Arco do Triunfo, Paris. Monumento inspirado no Arco do Triunfo de Tito, Roma, 81 d.C.



Thomas Wolf / Creative Commons

Portão de Brandemburgo. Localizado em Berlim.



Pedrasani-Edson L. Pedrasani / Creative Commons

Ruínas da cidade de Pompeia, 79 d.C.

A apropriação da arquitetura clássica, nas construções retratadas, consiste em imitação da forma geral, com interferências que marcam, por assim dizer, um estilo Neoclássico. Essa releitura da tradição se faz presente também em alguns textos do Arcadismo.

Se Grécia e Roma foram férteis fontes de inspiração para a arquitetura neoclássica, o mesmo não se pode dizer da pintura, mais escassa nesses lugares. Assim, os pintores neoclássicos buscaram seu modelo nos artistas do Renascimento, sobretudo em Rafael, considerado o mestre do equilíbrio da composição.

Destacam-se como características da pintura neoclássica a valorização do desenho e dos contornos firmes, e também a harmonia do colorido. No plano temático, evidencia-se a preferência pelas formas alegóricas e idealizadas, por temas da mitologia clássica ou por temas heroicos, grandiloquentes, históricos. Esse é o caso, por exemplo, da obra de Jacques-Louis David, pintor francês e certamente um dos mais renomados do Neoclassicismo. David foi considerado o pintor da Revolução Francesa, porém, mais tarde, tornou-se o pintor oficial de Napoleão Bonaparte e, por isso, sua produção nesse período determinou as diretrizes do que ficaria conhecido na França como “estilo imperial”.



DAVID, Jacques-Louis. *Napoleão cruzando os Alpes*. Entre 1801 e 1805. Óleo sobre tela, 261 x 221 cm. Castelo de Malmaison, Rueil-Malmaison.

O Neoclassicismo na Europa se estende pelo século XIX, sendo o seu auge por volta de 1830. No Brasil, esse estilo se inicia com a chegada da missão artística francesa em 1816. Como se sabe, a chegada da família real em 1808 elevou o Brasil à condição de Reino Unido de Portugal. A fim de tornar a colônia um lugar mais adequado para sediar a Corte, D. João VI adotou uma série de medidas, entre as quais a de convidar uma comitiva de artistas franceses para fundar a Academia Imperial de Belas Artes (AIBA). O grupo, liderado por Joachim Lebreton, incluía entre seus principais membros os pintores Jean-Baptiste Debrét e Antoine Taunay, o escultor Auguste-Marie Taunay, o arquiteto Grandjean de Montigny e os irmãos Ferrez.



Marc Ferrez / Domínio Público

Academia Imperial de Belas Artes (AIBA). O estilo neoclássico se faz presente já na fachada. A foto é de Marc Ferrez, um dos integrantes da missão artística francesa.

O método de ensino da AIBA baseava-se na rígida cópia do modelo francês. Essa transposição de um modelo europeu para a realidade cultural brasileira, muito diversa, é vista como problemática pela maioria dos críticos. No caso da arquitetura, por exemplo, os teóricos destacam que os edifícios das províncias constituíam cópias imperfeitas da arquitetura neoclássica do litoral. Os motivos neoclássicos eram adotados de forma superficial e muitas vezes conviviam com o Barroco colonial. Além disso, faltava mão de obra especializada e matéria-prima adequada.

A pintura neoclássica no Brasil seguiu os mesmos princípios do neoclassicismo europeu. No quadro a seguir, de Pedro Américo, encontramos uma representação alegórica da identidade brasileira. Além da alegoria, da volta do nu e da idealização, destacam-se, ainda, como características neoclássicas, os contornos bem definidos e a cor branca da pele, que mimetiza o mármore das esculturas clássicas.



AMÉRICO, Pedro. *A carioca*. 1882. Óleo sobre tela, 205 x 135 cm. Museu Nacional de Belas Artes.

Chama-se a atenção para o fato de que Pedro Américo, assim como Victor Meirelles e outros pintores brasileiros do período, iniciou sua formação artística na AIBA e, portanto, no estilo neoclássico, mas, com o passar do tempo, evoluiu para o estilo romântico.

A produção setecentista foi elaborada dentro de um projeto artístico que buscou negar o teocentrismo ideológico e o cultismo estético do Barroco para instaurar uma arte baseada no racionalismo, na exatidão, na geometrização e na linearidade. Tãmanha postura cientificista de caráter filosófico e de tradição pagã pontuou-se pela contraposição à arte da Contrarreforma praticada no século anterior. A exaltação dos valores intelectuais sobre os morais e os religiosos fez com que os homens do século XVIII instituíssem o período Iluminista da humanidade, que se voltava contra o Medievalismo e o Barroco.

O vínculo com a Antiguidade Clássica fundamentou o nome de Neoclassicismo para a arte do século XVIII, que buscou nos gregos, romanos e renascentistas um modelo a ser mimetizado, compilado e copiado. Aristóteles, Platão, Virgílio, Quintiliano e Horácio eram imitados pelos escritores neoclássicos, que viam nos mestres da Antiguidade os valores estéticos adequados para se constituir a verdadeira arte: pura, desprovida de excessos, equilibrada, filosófica, moralizante, *utile et dulce* (expressão de Horácio que significa "útil e dócil", no sentido de "agradável e de bom tom"). A obra de arte deveria, assim, ter um papel pedagógico, instrutivo, informativo, prezar pela leveza, pelo decoro, pelo equilíbrio do sujeito e da sociedade, pelo homem em estado natural, longe dos "afetamentos" da cultura urbana. Era essa a "arte poética" cantada por todos os neoclássicos.

Em nome do culto à natureza, o qual se propaga devido a essa busca de tudo aquilo que é desvestido de artificialismo, daquilo que é corrompido pela sociedade deturpadora, é comum na arte neoclássica o apego aos valores do campo (simplicidade, humildade, sobriedade, honra) em oposição aos valores promulgados na cidade (ostentação, vaidade, arrogância, hipocrisia, comportamento teatral, etc.). A natureza tornava-se, desse modo, um modelo a ser reproduzido pelo homem, um estilo que deveria ser mimetizado pela arte.

Tal concepção filosófica e literária baseada na natureza é que explica as principais características do Arcadismo, como o desejo de fugir da cidade (*fugere urbem*), o culto à vida pastoril e à paisagem bucólica (*locus amoenus*), a condenação a quem exalta a pompa, as coisas inúteis (*inutilia truncat*), a valorização da simplicidade (*aurea mediocritas*) e o elogio ao homem em estado natural. Tudo isso contribuiu para que Rousseau divulgasse e consagrasse a sua teoria do "Bom selvagem" – o índio do Velho Mundo que, exilado do convívio social, conseguiu manter a integridade de seu caráter.

A proximidade com a natureza legitima a atitude dos poetas árcades de adotarem pseudônimos pastoris para cantar a vida bucólica idealizada por eles. Cláudio Manuel da Costa, por exemplo, adotou o pseudônimo "Glauceste Satúrnio".

Esse fingimento poético manifesta-se também na estruturação dos ambientes dentro dos poemas: o cenário dos textos árcades é descrito não em face da realidade, mas da ficção renascentista e antiga, ou seja, os autores não mencionavam um espaço verídico e contemporâneo, mas uma paisagem imaginária e pretérita, como aparecia nos textos que serviam de modelo aos neoclássicos.

Portanto, a **natureza**, nos poemas, remete aos mesmos elementos retirados basicamente dos textos gregos, nos quais os autores árcades buscavam a fonte de suas referências intertextuais, o que a torna **universal**. Independentemente da região em que o poeta árcade vivia, a ambientação dos seus poemas era sempre a mesma: a que existia nas páginas dos antepassados. Isso é comprovado quando se estudam autores de diferentes localidades: a natureza é sempre a mesma, com raras e discretas exceções.

A concepção do homem em estado natural também remete a outro discurso proferido na época por Horácio: a ideia de que a vida é passageira, de que a existência é fugaz e, por isso, cabe ao homem gozá-la o mais rápido possível. Esse raciocínio culminou no *carpe diem* horaciano. Vários poemas árcades retomam essa temática que explicita o caráter efêmero da condição humana, sem mais indagar-se sobre a existência transcendental do sujeito, como fazia o Barroco.

O marco do Arcadismo no Brasil se deu com a publicação das *Obras poéticas*, de Cláudio Manuel da Costa, em 1768. As élogos e os sonetos do escritor mineiro são exemplos de uma arte de transição que ainda apresenta alguns aspectos barrocos, mas já introduz, no país, os elementos típicos do ambiente pastoril e ideal da estética árcade. Um dos aspectos mais relevantes nos textos de Cláudio Manuel foi o tom local dado à paisagem universal, como exemplifica o seguinte soneto de sua autoria:

Soneto XCVIII

Destes penhascos fez a natureza
O berço, em que nasci! Oh quem cuidara,
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa
Tomou logo render-me; ele declara
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei, penhas, temei; que Amor tirano,
Onde há mais resistência, mais se apura.

RONCARI, Luiz (Comp.). *Literatura brasileira*: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. São Paulo: Edusp, 2002. p. 251.

A partir da leitura do soneto, é possível reconhecer como Cláudio Manuel retrata, em sua poética, não só o cenário pastoril universal da literatura arcádica, mas também as “duras penhas” da antiga Vila Rica. Outra característica do texto é o caráter especular entre o homem e o espaço de sua origem: ambos marcados por uma dureza, por um coração empedernido. Entretanto, no final do soneto, o eu lírico estabelece uma interlocução com a paisagem (observe a prosopopeia tão frequente no Arcadismo) para aconselhá-la: que as duras penhas tomem cuidado, pois o Amor sempre vence quem resiste à Sua morada, apresentando sentimentos de “pedra”. Portanto, ele, que sempre teve o coração de pedra e que, agora, sofre com as feridas de Cupido, já maduro, experiente e ferido, aconselha a natureza e o leitor que se julga isento das artimanhas do Amor. Esse último dado evidencia outra típica característica árcade: a referência frequente à mitologia greco-romana, bem ao gosto da Antiguidade Clássica e do Renascimento.

Além da poesia lírica, o autor produziu o poema narrativo “Vila Rica”, no qual retrata a atividade da mineração em Minas Gerais na época do Ciclo do Ouro. Aliás, essa temática aparece também em seus sonetos e nas obras dos outros poetas do período. Isso faz com que o bucolismo árcade ganhe, na poesia brasileira, um caráter mais histórico e de cunho social, como se comprova em vários sonetos de Cláudio Manuel da Costa e também na obra *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

A crítica literária brasileira ressalta a obra *Marília de Dirceu* como a maior produção lírica do Arcadismo. Como toda grande obra, ela não se resume a ser um texto fruto de seu tempo, mas antecipa elementos das artes das gerações seguintes. No caso, o poema prenuncia traços do Romantismo em sua elaboração.

Nos versos a seguir, de típica postura iluminista, Dirceu dirige-se a Marília, dizendo-lhe que, ao seu lado, ela não irá assistir à realidade brasileira, mas viverá entre livros, em uma vida culta e douta, em vez de se deparar com as atividades econômicas e sociais do país, tais como a mineração, a produção da cana-de-açúcar ou a extração do fumo. Entretanto, o recurso do poema é controverso: ao mostrar o mundo idealizado e contrapô-lo ao real, Dirceu acaba por nos traçar um painel das questões históricas da época.

Lira III (Terceira Parte)

Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.
Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da bateia.
Não verás derrubar os virgens matos;
Queimar as capoeiras ainda novas;
Servir de adubo à terra a fértil cinza;

Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes

Das secas folhas do cheiroso fumo;

Nem espremer entre as dentadas rodas

Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa

Altos volumes de enredados feitos;

Ver-me-ás folhear os grandes livros,

E decidir os pleitos.

RONCARI, Luiz (Comp.). *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp, 2002. p. 272.

Entre os aspectos tipicamente árcades do texto, destacam-se a representação do ambiente pastoril como cenário propício para encontros amorosos, as referências à mitologia greco-romana, as alusões aos escritores clássicos, a interlocução do eu poético com a natureza e o emprego do *carpe diem* para que o poeta possa demonstrar a efemeridade da beleza de Marília e a fugacidade do tempo, como exemplificam o excerto a seguir:

Lira XIV (Primeira Parte)

Minha bela Marília, tudo passa;

A sorte deste mundo é mal segura;

Se vem depois dos males a ventura,

Vem depois dos prazeres a desgraça.

[...]

Ornemos nossas testas com as flores;

E façamos de feno um brando leito,

Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,

Gozemos do prazer de são Amores.

Sobre as nossas cabeças,

Sem que o possam deter, o tempo corre;

E para nós o tempo, que se passa,

Também, Marília, morre.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. 1. ed. São Paulo: Ediouro. (Prestígio).

Apesar do tom aparentemente romântico no que diz respeito à retratação de um sentimento amoroso exacerbado e dos aspectos árcades em relação à idealização do ser amado, *Marília de Dirceu* é uma obra de consciente intencionalidade política. Por trás dos versos mitológicos e amorosos cantados por Dirceu, há o intuito maior traçado por Tomás Antônio Gonzaga: o desejo de comprovar seu apoio à Coroa e de se desvincular do movimento da Inconfidência Mineira, afastando-se, assim, da imagem de subversor que lhe é atribuída. Em vários trechos da obra, Dirceu afirma que o seu único crime foi a paixão, “que a todos faz réus”, que é completamente inocente das acusações políticas de que tentaria contra o Estado, que era de Direito Divino. O seguinte fragmento do livro exemplifica esse discurso político do autor, que, historicamente, acaba por ser degradado para a África.

Lira XXXVI (Segunda Parte)

Esta mão, esta mão, que ré parece,

Ah! não foi uma vez, não foi só uma,

Que em defesa dos bens, que são do Estado,

Moveu a sábia pluma.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. 1. ed. São Paulo: Ediouro. (Prestígio).

Entretanto, as acusações contra Gonzaga tinham procedência, pois, se publicamente a sua obra *Marília de Dirceu* é a defesa de seu apoio à Corte, subversivamente foi a mesma mão “inocente” de Gonzaga que escreveu a mais sarcástica obra do Arcadismo: as *Cartas Chilenas*.

Nessa sátira, Critilo (pseudônimo de Tomás Antônio Gonzaga), que se encontrava em Santiago do Chile, escreve algumas cartas a Doroteu (pseudônimo de Cláudio Manuel da Costa), que vivia na Espanha, a respeito das arbitrariedades e atitudes despóticas do governador chileno, o Fanfarrão Minésio (na realidade, tratava-se de Luís da Cunha Meneses, governador de Minas Gerais antes da Inconfidência Mineira). As *Cartas* foram escritas, portanto, para satirizar o governo de Portugal no território brasileiro. Desde o prólogo, o tom satírico do texto é evidente. Sobretudo ao aproximar a figura do Fanfarrão ao próprio leitor brasileiro, estreitando, assim, a relação entre as *Cartas* e o contexto brasileiro:

Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Américas espanholas. Nele se transportava um mancebo, cavalheiro instruído nas humanas letras. Não me foi dificultoso travar, com ele, uma estreita amizade e chegou a confiar-me os manuscritos, que trazia. Entre eles encontrei as *Cartas Chilenas*, que são um artificioso compêndio das desordens, que fez no seu governo Fanfarrão Minésio, general de Chile. [...] Lê, diverte-te e não queiras fazer juízos temerários sobre a pessoa de Fanfarrão. Há muitos fanfarrões no mundo, e talvez que tu sejas também um deles, etc.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas*. Editora Companhia De Bolso.

Uma das maiores influências na produção árcade nacional era a obra épica e lírica de Camões, o que se verifica não só nos sonetos de Cláudio Manuel da Costa como em epopeias árcades que remontam a *Os Lusíadas*. Esse texto épico de Língua Portuguesa oficial irá suscitar as criações de epopeias brasileiras como *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e *O Uruguai*, de Basílio da Gama. Em ambas, é possível reconhecer o início do indianismo épico na literatura brasileira, o que culminaria, no próximo século, nos trabalhos românticos de Gonçalves Dias.

Em *O Uruguai*, por exemplo, já se representa o índio como personagem valente e guerreira, traços que serão reforçados na literatura romântica do Indianismo. O poema épico representa o conflito entre os jesuítas e o povo indígena, que se recusa a ceder seu território, em jogo nas negociações do Tratado de Madri. Se no Romantismo os Índios são apresentados como heróis, em *O Uruguai* são representados como povo massacrado por interesses da Igreja.

Insta Gerardo, e quase o ferro o alcança,
Quando Tatu-Guaçu, o mais valente
De quantos índios viu a nossa idade,
Armado o peito da escamosa pele
De um jacaré disforme, que matara,
Se atravessa diante. Intenta o nosso
Com a outra pistola abrir caminho,
E em vão o intenta: a verde-negra pele,
Que ao índio o largo peito orna e defende,
Formou a natureza impenetrável.
Co'a espada o fere no ombro e na cabeça
E as penas corta, de que o campo espalha.
Separa os dous fortíssimos guerreiros
A multidão dos nossos, que atropela
Os índios fugitivos: tão depressa
Cobrem o campo os mortos e os feridos,
E por nós a vitória se declara.

DA GAMA, Basílio. *O Uruguai*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2106>. Acesso em: 24 set. 2017.

No que diz respeito ao aspecto estrutural, *O Uruguai* rompe com as regras das epopeias clássicas, pois o autor compõe o seu livro em cinco cantos, constituídos de versos decassílabos e brancos.

Diferentemente, Santa Rita Durão compõe *Caramuru* dentro de um padrão clássico, baseado na epopeia portuguesa *Os Lusíadas*, de Camões: constitui-se de dez cantos apresentados dentro do convencionalismo formal (proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo), com versos decassílabos e oitava rima camoniana. *Caramuru* se passa durante o descobrimento da Bahia, no século XVI, por Diogo Álvares Correia. No poema, estão presentes ritos, tradições e política das colônias.

O poema de Santa Rita Durão encontra na pintura alguns de seus desdobramentos. Na tela *Moema*, Victor Meirelles, pintor romântico, baseia-se no Canto VI de *Caramuru*, no qual a índia é abandonada pelo português Caramuru, que parte em um navio. Ela, então, atira-se ao mar, tentando alcançar a nau de seu amado, que a abandonara, o que foi em vão. Moema morre afogada diante de tanto esforço e é devolvida pelas ondas à margem da praia.



MEIRELLES, Victor. *Moema*. 1866. Tinta a óleo, 129 × 190 cm. Museu de Arte de São Paulo.

Além de tais autores árcades, o nome de Silva Alvarenga também deve ser mencionado, pois, em sua obra *Glaura*, esse autor, cujo pseudônimo é Alcindo Palmireno, conseguiu imortalizar duas espécies do gênero lírico: os rondós e os madrigais – ambos construídos com a intensa musicalidade da linguagem lírica realizada pelo autor. Outro aspecto que merece destaque no trabalho de Silva Alvarenga, além do valor sonoro e rítmico de seus versos, é a forma de “nacionalização” da natureza ocorrida em sua poesia.

O autor conseguiu substituir o maior símbolo pastoril do arcadismo (a ovelha) pelos animais típicos da realidade brasileira: a onça, o morcego, o novilho, a pomba, o beija-flor. Também no que diz respeito à flora, houve a contribuição significativa da ambientação local com a presença de alguns elementos como a laranjeira e o cajueiro.

RELEITURAS

Tomás Antônio Gonzaga encerra a “Lira II” que compõe a segunda parte da obra *Marília de Dirceu* com a seguinte estrofe:

Eu tenho um coração maior que o mundo,
Tu, formosa Marília, bem o sabes:
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. 1. ed. São Paulo: Ediouro. (Prestígio).

O primeiro verso dessa quadra seria retomado no século XX por dois modernistas, o brasileiro Carlos Drummond de Andrade e o português Jorge de Sena. A referência em Drummond aparece de forma mais explícita no poema “Mundo grande” e de forma mais indireta no famoso “Poema de sete faces”; em ambos, no entanto, a retomada é feita com o intuito de revelar a pequenez e a impotência do eu lírico diante do mundo.

Observe:

Mundo grande

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
por isso me grito,
por isso frequento os jornais, me exponho cruamente
[nas livrarias:
preciso de todos.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 45. [Fragmento]

Poema de sete faces

Mundo mundo vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 11. [Fragmento]

Na lírica amorosa do poeta árcade, a comparação entre as dimensões do mundo e do coração de Dirceu cumpre o propósito de enfatizar o seu sentimento pela amada. O coração do pastor é maior que o mundo, portanto, também é maior que o mundo o seu amor por Marília. Nos versos do modernista brasileiro, a comparação perde o traço amoroso e ganha conotações filosóficas e políticas.

Em “Mundo grande”, o coração do eu lírico é menor que o mundo, é pequeno o bastante para não conseguir comportar suas dores. É por meio da escrita e de “se expor nas livrarias” que o poeta testemunha sua insuficiência como indivíduo diante de seu sofrimento e da vastidão do mundo, fazendo apelo à participação do leitor não apenas como aquele que se comove com o texto, mas como aquele que compartilha de uma visão sobre o mundo.

Já no “Poema de sete faces”, o coração leva vantagem na comparação com o mundo, uma vez que é mais “vasto”. Isso, no entanto, não é necessariamente positivo. O fato de o coração do eu lírico ser enorme faz com que ele carregue sonhos e anseios que o mundo, muito menor, é incapaz de realizar. A sensação final, portanto, é de vazio, de desejo irrealizável, de expectativa não preenchida.

Observe, agora, a releitura de um verso de Tomás Antônio Gonzaga feita pelo escritor português Jorge de Sena:

Homenagem a Tomás Antônio Gonzaga

Gonzaga: podias não ter dito mais nada,
não ter escrito senão insuportáveis versos
de um árcade pedante, numa língua bífida
para o coloquial e o latim às avessas.

Mas uma vez disseste:
“eu tenho um coração maior que o mundo”.
Pouco importa em que circunstâncias o disseste:
Um coração maior que o mundo –
uma das mais raras coisas
que um poeta disse.

Talvez que a tenhas copiado
de algum velho clássico. Mas como
tu a disseste, Gonzaga! Por certo
que o teu coração era maior que o mundo:
nem pátrias nem Marílias te bastavam.
(Ainda que em Moçambique, como Rimbaud na Etiópia,
engordasses depois vendendo escravos).

SENA, Jorge de. Homenagem a Tomás Antônio de Gonzaga.
In: _____. *Poesia III*. Lisboa, PT: Edições 70, 1989. p. 95.

Para Sena, o verso “eu tenho um coração maior que o mundo” é o bastante para consagrar Gonzaga como poeta, eximindo-o de ter de escrever quaisquer outros versos. O verso se destacaria entre as demais composições do Arcadismo, consideradas pelo português como artificiais e pedantes. Justamente por ser o autor do verso em questão, Gonzaga é lido como poeta superior aos demais do Neoclassicismo, estilo literário criticado pelo autor português. Ao fim do poema, contudo, Sena ironiza o comportamento de Gonzaga. Os versos finais de “Homenagem a Tomás Antônio Gonzaga” sugerem que o coração do poeta árcade era tão grande que somente pátrias e Marílias não lhe contentavam e, por isso, Gonzaga teria buscado enriquecer vendendo escravos em Moçambique, para onde fora exilado em função da sua participação na Inconfidência Mineira. Essa postura de retomada dos clássicos, ora de forma elogiosa, ora de forma crítica, é um traço marcante do Modernismo, que será estudado de forma mais aprofundada em módulos futuros.



Arcadismo

Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico do Arcadismo no Brasil e seus principais autores.

VF4B

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFMG) Leia os dois poemas de Gregório de Matos.

Texto I

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz, se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém se acaba o Sol, por que nascia?
Se formosa a Luz é, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

Texto II

Discreta, e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos, e boca o Sol, e o dia:

Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh não aguardes, que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.
Redija um texto, explicando como ideias comuns aos
dois poemas justificam o conselho dado pelo poeta no
segundo poema.

02. (PUC Rio) Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém, ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. – Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? –

Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem*. Se o Rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata, o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

VIEIRA, Pe. Antônio. *Sermão do bom ladrão*. [Fragmento]

Uma das mais importantes características da obra do Padre Antônio Vieira refere-se à presença constante em seus sermões das dimensões social e política, somadas à religiosa. Comente essa afirmativa em função do texto anterior.

03. (UFTM-MG) Leia o poema de Cláudio Manuel da Costa.
- Destes penhascos fez a natureza
O berço em que nasci: oh quem cuidara,
Que entre penhas tão duras se criara
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os Tigres, por empresa
Tomou logo render-me, ele declara
Contra o meu coração guerra tão rara,
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,
A que dava ocasião minha brandura,
Nunca pude fugir ao cego engano;

Vós, que ostentais a condição mais dura,
Temei penhas, temei; que Amor tirano,
Onde há mais resistência, mais se apura.

Analisando a concepção de amor apresentada pelo eu lírico,

- A) Explique como ele entende o amor, justificando sua resposta com trechos do poema.
B) Explique o conselho que o eu lírico dá às penhas, justificando sua resposta com trechos do poema.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UPE)
00GH

Buscando a Cristo

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos,
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas abertos
Pois, para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa p'ra chamar-me.

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

GUERRA, Gregório de Matos. *Poemas escolhidos*.
São Paulo: Cultrix, 1989.

Considerando a escola literária Barroca, analise as afirmativas a seguir:

- I. O soneto apresenta metonímias que vão relacionando as partes de Cristo ("braços", "olhos", "pés", "sangue", "cabeça"), substituindo, aos poucos, o todo: Cristo crucificado. Com esse recurso, percebe-se que cada uma das partes do corpo revela uma atitude acolhedora, de bondade e de comiseração, o que assegura ao eu lírico fé e confiança.
- II. Nesse poema, é perceptível o trabalho com figuras de linguagem representando o aspecto conceptista do Barroco. É um jogo de palavras que se desenvolve também com outros recursos, como as anáforas em "Vós" (v. 5, 9, 10, 11, 12 e 13), o que parece registrar o desejo do eu lírico de se encontrar com Cristo.
- III. No soneto, nota-se uma das características típicas da estética barroca, o uso de situações ambivalentes, que permitem a dupla interpretação, como se vê nessa passagem – "braços abertos e cravados" (presos); os braços estão abertos para receber o fiel e, ao mesmo tempo, fechados para não castigá-lo pelos pecados cometidos.
- IV. O texto expõe, de maneira exemplar, ao longo dos versos decassílabos, em linguagem rebuscada, o tema do fusionismo na personificação do fiel, que reconhece os sinais do acolhimento de Cristo e, por isso, esse fiel manifesta o seu desejo de "ficar unido, atado e firme", reforçando ainda a constatação da fragilidade humana.

- V. Por suas idiossincrasias quanto à visão dos pares antagônicos – pecado / perdão – o poeta utiliza, no final do poema, alguns versos livres e brancos, com os quais obtém um efeito mais leve, de caráter religioso, também cultivado pelo conceptista Padre Vieira.

Está correto o que se afirma em

- A) I, II e III. D) II, IV e V.
B) I, III e IV. E) III, IV e V.
C) II, III e IV.

02. (UFRGS-RS) Leia o trecho do "Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda", do Padre Antônio Vieira, e o soneto de Gregório de Matos Guerra a seguir:

Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda

Pede razão Jó a Deus, e tem muita razão de a pedir – responde por ele o mesmo santo que o arguiu – porque se é condição de Deus usar de misericórdia, e é grande e não vulgar a glória que adquire em perdoar pecados, que razão tem, ou pode dar bastante, de os não perdoar? O mesmo Jó tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes, com energia para Deus muito forte: *Peccavi, quid faciam tibi?* Como se dissera: Se eu fiz, Senhor, como homem em pecar, que razão tendes vós para não fazer como Deus em me perdoar? Ainda disse e quis dizer mais: *Peccavi, quid faciam tibi?* Pequei, que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Jó, a Deus em pecar? Não lhe fiz pouco, porque lhe dei ocasião a me perdoar, e, perdoando-me, ganhar muita glória. Eu dever-lhe-ei a ele, como a causa, a graça que me fizer, e ele dever-me-á a mim, como a ocasião, a glória que alcançar.

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
Da vossa piedade me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto um pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na sacra história,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada:
Cobrai-a, e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Considere as seguintes afirmações sobre os dois textos.

- I. Tanto Padre Vieira quanto Gregório de Matos dirigem-se a Deus mediante a segunda pessoa do plural (vós, vos): Gregório argumenta que o Senhor está empenhado em perdoá-lo, enquanto Vieira dirige-se a Deus (E que fizestes vós...) para impedir que Jó seja perdoado.
- II. Padre Vieira vale-se das palavras e do exemplo de Jó, figura do Velho Testamento, para argumentar que o homem abusa da misericórdia divina ao pecar, e que Deus, de acordo com a ocasião e os argumentos fornecidos por Jó, inclina-se para o castigo no lugar do perdão.
- III. Tanto Padre Vieira como Gregório de Matos argumentam sobre a misericórdia e a glória divinas: assim como Jó, citado por Vieira, declara que Deus lhe deverá a glória por tê-lo perdoado; Gregório compara-se à ovelha desgarrada que, se não for recuperada, pode pôr a perder a glória de Deus.

Qual(is) está(ão) correta(s)?

- A) Apenas I.
- B) Apenas III.
- C) Apenas I e II.
- D) Apenas II e III.
- E) I, II e III.

03.
VMAM

(Unesp)

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.
[...]

Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a Cidade da Bahia.

MATOS, Gregório de. Descreve o que era realmente naquele tempo a cidade da Bahia de mais enredada por menos confusa. In: AMADO, Jorge (Org.). *Obra poética*. 1990.

O poema, escrito por Gregório de Matos no século XVII,

- A) representa, de maneira satírica, os governantes e a desonestidade na Bahia colonial.
- B) critica a colonização portuguesa e defende, de forma nativista, a independência brasileira.
- C) tem inspiração neoclássica e denuncia os problemas de moradia na capital baiana.
- D) revela a identidade brasileira, preocupação constante do modernismo literário.
- E) valoriza os aspectos formais da construção poética parnasiana e aproveita para criticar o governo.

04.
94NK

(UFPR-2016) O soneto "No fluxo e refluxo da maré encontra o poeta incentivo pra recordar seus males", de Gregório de Matos, apresenta características marcantes do poeta e do período em que ele o escreveu:

Seis horas enche e outras tantas vaza
A maré pelas margens do Oceano,
E não larga a tarefa um ponto no ano,
Depois que o mar rodeia, o sol abrasa.

Desde a esfera primeira opaca, ou rasa
A Lua com impulso soberano
Engole o mar por um secreto cano,
E quando o mar vomita, o mundo arrasa.

Muda-se o tempo, e suas temperanças.
Até o céu se muda, a terra, os mares,
E tudo está sujeito a mil mudanças.

Só eu, que todo o fim de meus pesares
Eram de algum minguante as esperanças,
Nunca o minguante vi de meus azares.
De acordo com o poema, é correto afirmar:

- A) A temática barroca do desconcerto do mundo está representada no poema, uma vez que as coisas do mundo estão em desarmonia entre si.
- B) A transitoriedade das coisas terrenas está em oposição ao caráter imutável do sujeito, submetido a uma concepção fatalista do destino humano.
- C) A concepção de um mundo às avessas está figurada no soneto através da clara oposição entre o mar que tudo move e a lua imutável.
- D) A clareza empregada para exposição do tema reforça o ideal de simplicidade e bucolismo da poesia barroca, cujo lema fundamental era a *aurea mediocritas*.
- E) A sintonia entre a natureza e o eu poético embasa as personificações de objetos inanimados aliadas às hipérboles que descrevem o sujeito.

- 05.** (UEL-PR) Leia o texto, analise a figura e responda à questão.

Há a propensão para uma forma que se abre em indeterminação de limites e imprecisão de contornos, apelando para os recursos da impressão sensorial, que não quer apenas conter a informação estética, mas sobretudo, comunicá-la sob um alto grau de tensão que transporte o receptor, o espectador, da simples esfera da plenitude intelectual e contemplativa para uma estesia mais franca e envolvente – mais do que isso, para o êxtase dos sentidos sugestivamente acesos e livres.

ÁVILA, A. *O lúdico e as projeções do Barroco*. São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 20.



ATAÍDE, M. C. Pintura do forro da nave da Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto (MG).

In: ÁVILA, A.; GONTIJO, J. M. M.;

MACHADO, R. G. *Barroco mineiro*: glossário de arquitetura e ornamentação. São Paulo: FJP/FRM/CEN, 1980. p. 198.

Sobre o texto e a figura, é correto afirmar:

- O texto apresenta as principais características do rococó e a figura refere-se à pintura do Barroco, principal movimento artístico do Período Colonial brasileiro.
- Enquanto a figura representa a arte colonial brasileira, o texto discorre sobre a projeção do barroco na arte concreta e sua busca por um envolvimento mais efetivo e completo do espectador com a obra.
- Não é possível afirmar que o texto e a imagem estejam relacionados ao mesmo assunto, pois a figura é do Barroco mineiro, mas o texto trata do Barroco baiano.
- Tanto o texto como a imagem tratam da arte neoclássica no momento máximo de sua penetração na cultura brasileira como um todo e não sobre algo específico.
- O texto explicita as principais características da pintura barroca tal qual foi praticada em Minas Gerais no século XVIII, muitas delas presentes na obra de Manoel da Costa Ataíde.

Instrução: Texto para as questões 06 e 07.

Lira 83

Que diversas que são, Marília, as horas,
que passo na masmorra imunda e feia,
dessas horas felizes, já passadas

na tua pátria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste;
e à sombra de alto cedro na campina
eu versos te compunha, e ele os compunha
à sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva;
de exceder um ao outro qualquer trata;
o eco agora diz: Marília terna;
e logo: Eulina ingrata.

Deixam os mesmos sátiros as grutas:

um para nós ligeiro move os passos,
ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
cos pés em mil pedaços.

– Dirceu – clama um pastor – ah! bem merece
da cândida Marília a formosura.

E aonde – clama o outro – quer Eulina
achar maior ventura?

Nenhum pastor cuidava do rebanho,
enquanto em nós durava esta porfia;

e ela, ó minha amada, só findava
depois de acabar-se o dia.

À noite te escrevia na cabana
os versos, que de tarde havia feito;

mal tos dava e os lia, os guardavas
no casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
banhados com as lágrimas do gosto,

jurava não cantar mais outras graças
que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento;

eu agora, Marília, não as canto;

mas inda vale mais que os doces versos
a voz do triste pranto.

GONZAGA, T. A. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*.
São Paulo: Ática, 1997. p. 126-127.

06. (UEL-PR) O ideal horaciano da "áurea mediocridade", tão cultivado pelos poetas árcades, faz-se presente pelo registro

- de uma existência em contato com seres míticos, como é o caso dos sátiros.
- de uma vida raciocinante expressa por meio de linguagem elaborada metaforicamente.
- da aceitação obstinada dos reveses da vida impostos pela política.
- do prazer suscitado pelas situações difíceis a serem disciplinadamente encaradas.
- de uma vida tranquila e amorosa em contato com a natureza sempre amena.

07. (UEL-PR) Assinale a alternativa que enumera corretamente as características do Arcadismo brasileiro presentes no poema de Tomás Antônio Gonzaga.

- A presença do ambiente rústico; a transmissão da palavra poética ao autor; a celebração da vida familiar; a engenhosa elaboração pictórica do poema de maneira a dominarem as figuras de linguagem.

- B) A presença do ambiente nacional; a supressão da palavra poética; a celebração da vida familiar; a construção pictórica do poema de maneira a dominarem as figuras de linguagem.
- C) A presença do ambiente urbano; a transmissão da palavra poética ao autor; a celebração da vida rústica; a elaboração predominantemente hiperbólica do poema.
- D) A presença de ambiente bucólico; a delegação da palavra poética a um pastor; a celebração da vida simples; a clareza, a lógica e a simplicidade na construção do poema.
- E) A presença do ambiente nacional; a delegação da palavra poética a um pastor; a celebração da vida em sociedade; a construção racional do poema enfatizando o decoro e a discrição.

Instrução: Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa para responder às questões **08** e **09**.

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

Obras. 1996.

- 08.** (UNIFESP) No soneto, o eu lírico expressa-se de forma
- A) eufórica, reconhecendo a necessidade de mudança.
- B) contida, descortinando as impressões auspiciosas do cenário.
- C) introspectiva, valendo-se da idealização da natureza.
- D) racional, mostrando-se indiferente às mudanças.
- E) reflexiva, explorando ambiguidades existenciais.

- 09.** (UNIFESP) São recursos expressivos e tema presentes no soneto, respectivamente,
- A) metáforas e a ideia da imutabilidade das pessoas e dos lugares.
- B) sinestésias e a superação pelo eu lírico de seus maiores problemas.
- C) paradoxos e a certeza de um presente melhor para o eu lírico que o passado.
- D) hipérboles e a força interior que faz o eu lírico superar seus males.
- E) antíteses e o abalo emocional vivido pelo eu lírico.

SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem-2016)

Soneto VII

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

COSTA, C. M. *Poemas*. Disponível em:
<www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 07 jul. 2012.

No soneto de Cláudio Manuel da Costa, a contemplação da paisagem permite ao eu lírico uma reflexão em que transparece uma

- A) angústia provocada pela sensação de solidão.
- B) resignação diante das mudanças do meio ambiente.
- C) dúvida existencial em face do espaço desconhecido.
- D) intenção de recriar o passado por meio da paisagem.
- E) empatia entre os sofrimentos do eu e a agonia da terra.

02. (Enem–2015)

Casa dos Contos

& em cada conto te cont
o & em cada enquanto me enca
nto & em cada arco te a
barco & em cada porta m
e perco & em cada lança t
e alcanço & em cada escad
a me escapo & em cada pe
dra te prendo & em cada g
rade me escravo & em ca
da sótão te sonho & em cada
esconso me affonso & em
cada cláudio te canto & e
m cada fosso me enforco &

ÁVILA, A. *Discurso da difamação do poeta*.
São Paulo: Summus, 1978.

O contexto histórico e literário do período barroco-árcade fundamenta o poema “Casa dos Contos”, de 1975. A restauração de elementos daquele contexto por uma poética contemporânea revela que

- A) a disposição visual do poema reflete sua dimensão plástica, que prevalece sobre a observação da realidade social.
- B) a reflexão do eu lírico privilegia a memória e resgata, em fragmentos, fatos e personalidades da Inconfidência Mineira.
- C) a palavra “esconso” (escondido) demonstra o desencanto do poeta com a utopia e sua opção por uma linguagem erudita.
- D) o eu lírico pretende revitalizar os contrastes barrocos, gerando uma continuidade de procedimentos estéticos e literários.
- E) o eu lírico recria, em seu momento histórico, numa linguagem de ruptura, o ambiente de opressão vivido pelos inconfidentes.

03. (Enem)

Quando Deus redimiu da tirania
Da mão do Faraó endurecido
O Povo Hebreu amado, e esclarecido,
Páscoa ficou da redenção o dia.

Páscoa de flores, dia de alegria
Àquele Povo foi tão afligido
O dia, em que por Deus foi redimido;
Ergo sois vós, Senhor, Deus da Bahia.

Pois mandado pela alta Majestade
Nos remiu de tão triste cativoiro,
Nos livrou de tão vil calamidade.

Quem pode ser senão um verdadeiro
Deus, que veio estirpar desta cidade
O Faraó do povo brasileiro.

DAMASCENO, D. (Org.). *Melhores poemas*: Gregório de Matos.
São Paulo: Globo, 2006.

Com uma elaboração de linguagem e uma visão de mundo que apresentam princípios barrocos, o soneto de Gregório de Matos apresenta temática expressa por

- A) visão cética sobre as relações sociais.
- B) preocupação com a identidade brasileira.
- C) crítica velada à forma de governo vigente.
- D) reflexão sobre os dogmas do cristianismo.
- E) questionamento das práticas pagãs na Bahia.

GABARITOMeu aproveitamento **Aprendizagem**

Acertei _____ Errei _____

- 01. Tanto o texto I quanto o texto II, ambos de Gregório de Matos, tratam da inconstância das coisas, retratada através de antíteses. A luz, o dia, a alegria, a beleza feminina, tudo é breve e passageiro e, por isso, deve ser aproveitado ao máximo, pois logo chegarão a escuridão, a noite, a tristeza e a velhice. Diante do caráter efêmero de todas as coisas, inclusive da beleza e da juventude, o eu lírico aconselha sua interlocutora a gozar o momento presente.
- 02. O fragmento é um bom exemplo da preocupação do Padre Antônio Vieira com temas de caráter social e de dimensão política. A aproximação e a comparação da figura de Alexandre Magno, grande conquistador do mundo antigo, com a do pirata saqueador evidenciam a crítica aos valores morais e a visão ideológica do autor.
- 03.
 - A) O amor é dominador, tem uma força extraordinária; tirano, vence qualquer obstáculo.
Ex.: “Amor, que vence os tigres, por empresa”, “tomou logo render-me...”
 - B) Que as penhas (rochedos), mesmo ostentando a condição mais dura, pode ser dobrada pela fortaleza do amor. “Onde há mais resistência, mais se apura”. O amor eleva, sublima tudo.
Ex.: último terceto.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. B 04. B 07. D
- 02. B 05. E 08. E
- 03. A 06. E 09. E

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. E 02. E 03. C



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Elementos da Prosa

ENREDO, NARRADOR, ESPAÇO, TEMPO E PERSONAGENS



Os textos em prosa geralmente são constituídos por uma história (enredo), que é contada por alguém (narrador), sobre determinadas pessoas (personagens), que se encontram em determinado local (espaço) e em uma época específica ou não (tempo). Ao ter contato com a narrativa, o leitor deverá, portanto, estar atento ao processo de construção desses elementos que a constituem, a fim de reconhecer certos recursos que a tornam mais envolvente, criativa e poética. A partir de agora, você observará como cada um desses aspectos será desenvolvido, comentado e exemplificado. Mas, lembre-se, a cada leitura, é preciso utilizar criticamente o conhecimento adquirido e perceber os recursos estéticos empregados pelo autor na construção dos textos. Em cada conto, crônica, novela ou romance, esteja atento ao aparecimento das personagens, à descrição de um ambiente, ao diálogo com o leitor, à postura do narrador, etc.

Enredo

O enredo de um texto é o desenrolar da história, é o desencadear de um episódio que, aos poucos, se apresenta com o surgimento das personagens, a representação de uma paisagem, o início das disputas entre os envolvidos em determinada trama e a contextualização de certo momento histórico ou de recordações emotivas já vividas por alguém. Enfim, o enredo é o arcabouço da obra, o qual, em relatos mais tradicionais, marca-se pelo início, pelo **clímax** (momento crucial da narrativa) e pelo **epílogo** (desfecho dos episódios). Caso isso ocorra, o enredo apresenta uma linearidade em sua construção, o que facilita o processo de leitura e de absorção da história por parte do leitor. Entretanto, muitas obras fogem a esse esquema preestabelecido, devido ao fato de seus autores utilizarem diferentes estratégias narrativas, como começar pelo final e depois reconstituir o passado por meio do *flashback*, utilizarem diferentes vozes narrativas, fazerem cortes temporais, apresentarem espaços e épocas de modo simultâneo, etc. Nesse caso, o leitor é desafiado a “costurar” e a “alinhar” os fatos fragmentados que lhe são apresentados, é levado a criar uma “ordem” para o “caos” estrutural do texto. Tais obras instigam o público a ser não só um leitor, mas um “coautor” de um enredo que se encontra “aberto”, sem respostas, sem verdades, sem um desfecho conclusivo e explicativo do último capítulo ou da última página que venha a desvendar todos os enigmas e dúvidas apresentados durante a trama.

Narrador

Ao lermos um texto, sempre escutamos uma **voz** que nos narra os episódios. É esse alguém que chamamos de **narrador** da obra, figura ficcional que se distancia do ser real que a criou: o autor. Mesmo que o narrador se apresente como o autor do livro, é preciso que o leitor reconheça nele um ser de papel, uma voz que se manifesta apenas através da palavra impressa, alguém que habita o espaço da página, o tempo da leitura, o mundo da ficção. Portanto, o primeiro passo é separar o criador do relato e a voz que se escuta nesse relato. Por isso, no momento de comentar um livro, deve-se utilizar “autor” para se referir à estrutura, à elaboração do texto (emprego de figuras de linguagem, qualidade estética do estilo, introdução dos discursos, construção linear ou não do enredo, emprego do *flashback*, etc.); já o termo “narrador” deve ser empregado nos momentos em que o comentário for a respeito da história (apresentação de uma personagem, descrição de um ambiente, narração de um episódio, etc.).

A partir de agora, veja alguns casos clássicos de construção da voz narrativa:

Narrador de primeira pessoa

Quando o **foco narrativo** é de **primeira pessoa**, tem-se a presença de um **narrador-personagem**, que relata a história a partir, é claro, de seu ponto de vista, de seus interesses, de sua visão de mundo. A primeira preocupação do leitor será, portanto, reconhecer a subjetividade do relato, o emprego da função emotiva da linguagem. A voz que narra terá a necessidade de se apresentar como um “herói”, para se vangloriar, ou como uma “vítima”, para causar piedade em quem a “escuta” / lê. A parcialidade do discurso em primeira pessoa pode ser exemplificada em um recente livro do escritor angolano Gonçalo M. Tavares. Em *Short Movies*, o autor se propõe a escrever narrativas breves em que predomina a perspectiva em primeira pessoa. Na primeira página, há uma nota explicativa do procedimento narrativo empregado: “Tentativa de levar a escrita do cérebro aos olhos e de não deixar sair daí. Evitar que se pense, transferir tudo para uma questão de óptica” (TAVARES, G. M. *Short movies*. Porto Alegre: Dublinense, 2015. Nota). O efeito alcançado por tal procedimento é a perspectiva em primeira pessoa, como se se tratasse de uma câmera. Só se vê o que está no plano da câmera. Leia, a seguir, o miniconto “O rosto”, do livro em questão:

O rosto

Uma corrida de velocidade.

Vemos o rosto de um corredor em grande plano.

O rosto de esforço. As sobrancelhas, a boca.

Não sabemos o que está a acontecer na corrida porque só vemos o grande plano do rosto de um corredor.

Acaba a corrida.

E porque continuamos apenas a ver um rosto, não sabemos o que aconteceu – quem perdeu, quem ganhou.

TAVARES, G. M. *Short movies*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

Repare nos verbos empregados em primeira pessoa do plural. A perspectiva do narrador coincide com a do leitor, ambos sofrem a limitação de um ponto de vista. Com esse simples efeito, o autor subverte a lógica do enredo tradicional, em que se espera que algo aconteça, que haja clímax e desfecho. Nesse caso, a limitação de perspectiva interfere diretamente na percepção das outras categorias. Esse texto, em sua simplicidade, demonstra as implicações do foco em um conto, um romance, uma crônica narrativa e, também, um filme ou uma série.

Narrador de terceira pessoa

Os principais casos de relatos com o **foco narrativo de terceira pessoa** são o narrador de terceira pessoa **observador** e o **onisciente**.

O narrador observador é aquele que se limita a informar apenas dados externos sobre as personagens. Ele relata somente o que vê, sem qualquer intromissão efetiva nos pensamentos das personagens, pois não tem poder para isso. O relato é feito de modo o mais distanciado possível, com descrições de cenários, de figurinos e de ações das personagens, sem qualquer intromissão introspectiva.

Veja um exemplo no seguinte trecho do conto “Penélope”, de Dalton Trevisan:

Penélope

Naquela rua mora um casal de velhos. A mulher espera o marido na varanda, tricoteia em sua cadeira de balanço. Quando ele chega ao portão, ela está de pé, agulhas cruzadas na cestinha. Ele atravessa o pequeno jardim e, no limiar da porta, beija-a de olho fechado.

Sempre juntos, a lidar no quintal, ele entre as couves, ela no canteiro de malvas. Pela janela da cozinha, os vizinhos podem ver que o marido enxuga a louça. No sábado, saem a passeio, ela, gorda, de olhos azuis e ele, magro, de preto. No verão, a mulher usa um vestido branco, fora de moda; ele ainda de preto. Mistério a sua vida; sabe-se vagamente, anos atrás, um desastre, os filhos mortos. Desertando casa, túmulo, bicho, os velhos mudam-se para Curitiba.

TREVISAN, Dalton. *Penélope*. Disponível em: <http://www.releituras.com/daltontrevisan_penelope.asp>. Acesso em: 16 jan. 2018. [Fragmento]

No fragmento de conto anterior, pode-se perceber o uso de pronomes de terceira pessoa para se referir ao casal observado e, também, de sujeito indeterminado quando se trata dos mistérios que rondam a vida das personagens observadas – “sabe-se vagamente, anos atrás, um desastre, os filhos mortos” –, informação que não pode ser confirmada pelo narrador por conta do seu ponto de vista limitado. Além disso, têm-se a perspectiva de outras personagens, os vizinhos, que, como o narrador, observam de longe a rotina do casal, sem conseguir identificar suas emoções e anseios. O narrador em terceira pessoa, quando é observador, sofre limitações em relação ao que vê. Entretanto, o foco da observação é o das personagens.

Já o narrador onisciente, como o próprio nome indica, é aquele capaz de saber todas as informações sobre as personagens: o que sentem, o que pensam, o que lembram, por que sofrem, o que almejam, etc. Essa onisciência do narrador propicia ao autor explorar alguns recursos como: o **monólogo interior** (personagens “conversando” com elas mesmas); o **fluxo de consciência** (retratação de todos os delírios, recordações e projeções que fluem no pensamento das personagens); o **discurso indireto livre** (proximidade e até mesmo fusão do ponto de vista do narrador com o ponto de vista das personagens); o flashback (interrupção no tempo presente da narrativa para a inserção de imagens e acontecimentos pretéritos existentes nas recordações das personagens). A onisciência propicia plenos poderes ao narrador, pois lhe permite investigar todas as épocas, acompanhar todos os episódios, saber sobre o íntimo de todos os seres, o que, de certo modo, faz do narrador um ser **demiurgo**, um Deus que tudo sabe, tudo vê e tudo pode. Tome como exemplo desse tipo de narrador onisciente a seguinte passagem de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, em que a cadela Baleia leva um tiro de seu dono, Fabiano.

Uma sede horrível queimava-lhe a garganta. Procurou ver as pernas e não as distinguiu: um nevoeiro impedia-lhe a visão. Pôs-se a latir e desejou morder Fabiano. Realmente não latia: uivava baixinho, e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis.

[...] Olhou se de novo, aflita. Que lhe estaria acontecendo? O nevoeiro engrossava e aproximava-se. [...] De novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão. Não conhecia o objeto, mas pôs-se a tremer, convencida de que ele encerrava surpresas desagradáveis. Fez um esforço para desviar-se daquilo e encolher o rabo. Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.

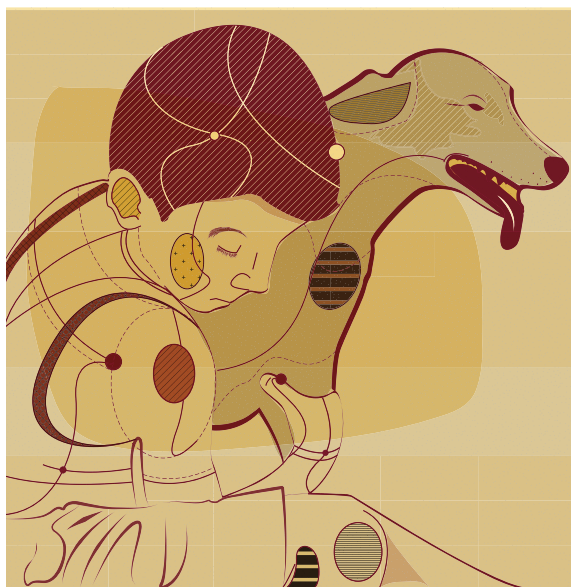
[...]

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente. Sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamberia as mãos de Fabiano, um Fabiano Enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 32. ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 131-134. [Fragmento]

Em *Vidas secas*, a cadela Baleia é uma personagem humanizada, dotada de sentimentos e pensamentos. Nesse caso, a onisciência do narrador está, justamente, em ter acesso aos sentimentos e aos pensamentos que não são seus, mas da cadela. Repare, por exemplo, na presença de discurso indireto livre, mesclando o pensamento da personagem em questão à perspectiva do narrador, em “Que lhe estaria acontecendo?”. Não se trata de uma dúvida daquele que narra a cena, mas da própria cadela, expressa na onisciência do narrador. Soma-se a isso o conhecimento do desejo da cadela, como em “De novo lhe veio o desejo de morder Fabiano”.



Bruno Martins

O menino mais velho e a cachorra Baleia.

Narrativas polifônicas

Um recurso muito rico na elaboração textual é a **polifonia**: presença de várias vozes narrativas. Por meio dessa estratégia, o autor consegue desenvolver o enredo a partir de diferentes pontos de vista, cedendo a voz a cada uma das personagens que, assim, se transformam em narradores em uma parte do relato. O escritor Lúcio Cardoso é autor de uma elaborada obra polifônica, intitulada *Crônica da casa assassinada*, cujo enredo é descontínuo não só no tempo, mas também no discurso: em cada capítulo, novas vozes (personagens) pronunciam o seu ponto de vista sobre a história, o que impossibilita se chegar à “verdade”. Quem também utiliza a polifonia é o autor Carlos Herculano Lopes em seus romances *Sombra de Julho* e *A dança dos cabelos*.

Entretanto, o recurso polifônico não se encontra apenas nas narrativas. Na poesia e na música (nesta está a origem do termo), ele também se faz presente. Uma canção que emprega diferentes vozes que cantam trechos da música simultaneamente explora a polifonia, e os poemas que explicitam várias vozes em sua formação fazem o mesmo.

Espaço

Aparentemente, a análise do espaço em um texto literário pode parecer tarefa fácil, caso ele tenha meramente a função de ser “pano de fundo” para o desenrolar dos episódios. Entretanto, na maioria das narrativas, o espaço é também um elemento produtor de sentidos e rico constituinte de informação em uma obra.

Além de induzir as personagens a certas ações, o espaço pode também alterar as características físicas e psicológicas delas. Isso se verifica em vários romances do século XIX, de caráter realista, em que o homem é produto do meio. O meio (espaço) é descrito para que, em seguida, o leitor reconheça o porquê de a personagem ser deste ou daquele modo.

No conto “Insônia”, de Graciliano Ramos, autor da geração modernista de 1930, é possível identificar a exteriorização das sensações da personagem no espaço:

Sim ou não? Estarei completamente doido ou oscilarei ainda entre a razão e a loucura? Estou bem, é claro. Tudo em redor se conserva em ordem: a cama larga não aumentou nem diminuiu, as paredes sumiram-se depois que apertei o botão do comutador, a faixa de luz que varre o quarto é comum, igual à que ontem me feriu os olhos e me despertou subitamente.

RAMOS, Graciliano. *Insônia*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1986. p. 10. [Fragmento]

O espaço, nessa narrativa, é como um espelho em que as sensações interiores da personagem se deixam ver. Porque o espaço está em ordem, a personagem compreende que não está louca. Recurso próximo a esse é empregado na tela expressionista *O grito*, de Edvard Munch, que procura justamente representar na espacialidade o grito da figura central.



MUNCH, Edvard. *O grito*. 1893. Têmpera e pastel oleoso sobre cartão. Galeria Nacional, Oslo, Noruega.

Na tela, a distorção espacial e a mescla de cores procuram representar a distorção da voz, o grito angustiado.

Em algumas narrativas, a força do espaço é tão evidente que ele se transforma em personagem na história. As obras *O Ateneu*, de Raul Pompeia, e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, são os dois maiores exemplos nacionais. Essa configuração do espaço como personagem também é recurso recorrente no cinema e na pintura, principalmente nas produções surrealistas que, ao explorarem o universo onírico, tendem a personificar a paisagem, dando-lhe um aspecto antropomorfo. Veja como exemplo a seguinte tela de Salvador Dalí:



DALÍ, Salvador. *Rosto de Mae West*. 1934 ou 1935. Guache, grafite e colagem sobre página de revista, 28,3 x 17,8 cm. Instituto de Arte de Chicago, EUA.

Esse processo de antropomorfização do espaço físico também ocorre no conto “Viagem aos seios de Duília”, de Aníbal Machado. Na seguinte passagem, a natureza se transforma, no delírio surreal da personagem José Maria, no corpo de sua amada Duília:

Passou a praticar com mais assiduidade a janela. Quanto mais o fazia, mais as colinas da outra margem lhe recordavam a presença corporal da moça. Às vezes chegava a dormir com a sensação de ter deixado a cabeça pousada no colo dela. As colinas se transformavam em seios de Duília. Espantava-se da metamorfose, mas se comprazia na evocação.

Não ignorava o que havia de alucinatório nisso. Chegava a envergonhar-se. Como evitá-lo? E por quê, se isso lhe fazia bem? Era o afloramento súbito da namorada, seus seios reluzindo na memória como duas gemas no fundo da água.

MACHADO, Aníbal.

Viagem aos seios de Duília.

In: MACHADO, Aníbal. *A morte da porta-estandarte, Tati, a garota e outras histórias*. 15. ed.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 41. [Fragmento]

As narrativas mais contemporâneas exploram não só o espaço como ambiente “real” descrito no texto, mas também o espaço físico da página em branco, no qual as personagens se encontram como palavras. Assim, nas obras metalinguísticas, o território da folha transforma-se em uma geografia percorrida pelos seres.

Tempo

O tempo, em uma obra, pode ser classificado como: cronológico, histórico, mítico, cíclico e psicológico. Claro que, em um mesmo livro, é possível que haja a confluência de dois ou mais tipos de tempo, o que enriquece a obra. Vejamos cada um desses tempos e as suas peculiaridades.

Tempo cronológico

O texto que emprega o tempo cronológico é aquele que privilegia a linearidade da narrativa. A obra é estruturada em uma sequência progressiva dos episódios: início, meio, fim. Os acontecimentos retratados acompanham o movimento do relógio, a periodicidade do calendário, as fases da lua, as estações do ano, os períodos de colheita e de estiagem, etc. Geralmente, tais textos apresentam maior facilidade de leitura e se mostram como obras mais verossímeis.

Tempo histórico

Bem mais específicos e aprofundados são os romances de tempo histórico, que estruturam seus enredos vinculados a acontecimentos verídicos, a episódios vivenciados pela humanidade. Livros que retratam a Segunda Guerra Mundial, a Revolução Cubana, a Revolta da Vacina, a Guerra do Paraguai, a Queda da Bastilha, a Ditadura Militar no Brasil são exemplos de obras literárias que utilizam o tempo histórico. Nessas produções, é comum o convívio entre personagens reais e fictícias, são rasuradas as fronteiras entre o real e o imaginário, o documental e o lúdico. No Brasil, as obras de Erico Verissimo, principalmente a série *O tempo e o vento*, são bons exemplos de exploração do tempo histórico, uma vez que o enredo conta parte da história do Brasil pela perspectiva da região Sul.

Tempo mítico

Esse tipo de tempo encontra-se presente nas narrativas folclóricas, lendárias e fabulares. Geralmente, ele é marcado pela imprecisão dos acontecimentos. Ninguém data quando o fato ocorreu, mas sabe-se que ele ocorreu, está na memória coletiva, é passado de geração a geração pelos relatos orais, pelas experiências dos antepassados. É o tempo do “Era uma vez...”. Na obra dramática *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, a personagem Chicó sempre narra experiências fantásticas, mágicas e míticas. Quando alguém lhe pergunta como e quando aquilo ocorreu, a resposta é: “Não sei, só sei que foi assim!”

Tempo cíclico

As narrativas que exploram esse tipo de tempo são marcadas pela circularidade dos episódios. O livro abre com uma cena e encerra com a mesma imagem, mostrando que o desfecho apenas aponta para o reinício de tudo. Isso pode ocorrer para traduzir como os dilemas não são resolvidos ou como os valores passam de geração para geração. O fato é que o tempo cíclico aponta para a ideia do eterno retorno, de uma continuidade das coisas ainda que outros sejam os homens que as vivenciam. Na obra *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa emprega o tempo cíclico para demonstrar como o protagonista Riobaldo, assim como qualquer ser humano, não encontra respostas e verdades para a vida, mas apenas contínuas dúvidas e inquietações. O livro se inicia e também termina com o termo “nonada”, que, metaforicamente, representa como o homem não consegue entender a própria vida, apenas vive a “travessia”.

Cerro. O senhor vê. Conte tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. [...] Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano. Travessia.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. [Fragmento]

Tempo psicológico

O tempo mais sofisticado na construção de um texto é o psicológico, pois ele exige atenção extrema por parte do leitor, que terá de “ordenar” os delírios e as recordações das personagens em seus momentos de *flashback*, de fluxo de consciência, de monólogo interior. O relato descontínuo, fragmentado pela visão subjetiva da personagem, por seu tumultuado universo introspectivo, faz com que o tempo seja simultâneo e estilizado. Imagens do presente, do passado e do futuro convivem, aproximam-se, afastam-se e acrescentam-se. Tanta ruptura da linearidade, advinda de lembranças, desejos e alucinações, muitas vezes propicia situações inverossímeis e surreais, como é o caso da seguinte passagem do romance *Angústia*, de Graciliano Ramos.

Nu, deitado de costas na cama de ferro, esfregava-me no colchão estreito e coçava-me, mordido pelas pulgas. No quarto, escuro para a conta da Nordeste não crescer, a luz que havia era a do cigarro, que me fazia desviar os olhos de um lado para outro. Não podia deixar de olhá-la.

Às vezes me entorpecia, a luz ia diminuindo, cobria-se de cinza. De repente despertava sobressaltado: parecia-me que, se o cigarro se apagasse, alguma desgraça me sucederia. E entrava a fumar desesperadamente, e soprava a cinza. Impossível dormir. O quarto de D. Rosália ficava paredes-meias com o meu. Antônia tinha-me dito, em confiança: – “O homem chegou.” Devia ser o sujeito calvo e moreno que tocava o chapéu e rosnava um cumprimento. Agora se distinguam palavras claras:

– Bichinha, gordinha... Não sei como aquelas criaturas se podiam amar assim em voz alta, sem ligar importância à curiosidade dos vizinhos. D. Rosália resfolegava e tinha uns espasmos longos terminados num uii! medonho que devia ouvir-se na rua. Antes desse uivo prolongado o homem soltava palavrões obscenos. Parecia-me que o meu quarto se enchia de órgãos sexuais soltos, voando. A brasa do cigarro iluminava corpos atacadados, gemendo:

– Bichinha, gordinha... – Uii! Na escuridão a parede estreita desaparecia. Estávamos os três na mesma peça, eu rebolando-me no colchão estreito, picado de pulgas, respirando o cheiro de pano sujo e esperma, eles agarrados, torcendo-se, espumando, mordendo-se. Aquilo iria prolongar-se por muitas horas. Depois o silêncio, o cansaço, a luz da madrugada, o sono, a parede, nos afastariam.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 19. ed. São Paulo: Record, 1978. p. 98. [Fragmento]

Personagens

A classificação das personagens em uma narrativa está vinculada ao grau de importância que cada uma delas possui, bem como à postura delas no desenvolvimento da obra. Assim, tem-se:

Personagens protagonistas

São as mais relevantes no enredo da obra, por isso aparecem desempenhando um papel central.

Personagens antagonistas

São as que proporcionam conflito no enredo ao apresentarem problemas para os heróis. Nem sempre o antagonista de uma obra é uma pessoa. Às vezes pode ser um sistema político, um período de seca, o preconceito cultural, a rejeição social, um fato histórico, etc.

Personagens secundárias

São as que se encontram em segundo plano dentro da narrativa, não apresentando grande relevância para o enredo.

Personagens-tipo

São construídas a partir de estereótipos, de atitudes padronizadas, de arquétipos. Isso faz com que tais personagens tenham um caráter metonímico, pois, ao se falar de uma, expressa-se o todo; ao se descrever uma identidade particular, pinta-se uma feição coletiva.

Além de tais denominações, as personagens também são classificadas em **planas** (as que mantêm as mesmas atitudes e características psicológicas ao longo da obra) ou **esféricas / redondas** (que são as personagens que se modificam no decorrer da narrativa, apresentando surpresas para o público).

TIPOS DE DISCURSO

Depois de ter estudado os possíveis tipos de narradores e a construção das personagens, agora você terá uma apresentação teórica sobre a relação desses dois elementos da prosa ao perceber como o narrador pode, em algumas circunstâncias, ceder a voz às personagens. Há três modos de o narrador propiciar que as vozes das personagens apareçam no discurso: o que se denomina de **discurso direto** (o narrador interrompe o seu relato e reproduz literalmente as falas das personagens, como ocorre no momento de um diálogo, por exemplo); o **indireto** (o narrador parafraseia as falas das personagens) e o **indireto livre** (o ponto de vista do narrador se funde ao ponto de vista das personagens para reproduzir os sentimentos e os pensamentos delas). Vamos estudar cada um desses casos, de modo bem detalhado, a partir de agora.

Discurso direto

Quando o narrador cede a fala às personagens, deixando que elas explicitamente se comuniquem umas com as outras, são comuns alguns recursos, como o emprego de verbos de elocução (tais como: *dizer, falar, perguntar, comunicar, informar, exclamar, explicar*, etc.) e a utilização de sinais gráficos (dois pontos, travessão, aspas, itálico). Entretanto, nas narrativas mais contemporâneas, nem sempre os autores utilizam os sinais gráficos para introduzir a fala das personagens. Nesse caso, o leitor deve ficar atento à mudança das vozes por meio das pessoas do discurso. Veja alguns exemplos de textos que empregam o discurso direto de modo diferenciado, para que você tenha consciência de tais processos:

Exemplo 1:

Então a moça bondosa abriu a janela dando pro Pacaembu deserto e falou:

- Vou dizer três adivinhas, se você descobre, te deixo fugir. O que é que é: É comprido, roliço e perfurado, entra duro e sai mole, satisfaz o gosto da gente e não é palavra indecente?
- Ah! isso é indecência sim!
- Bobo! É macarrão!
- Ahn... é mesmo!... Engraçado, não?
- Agora o que é que é: Qual o lugar onde as mulheres têm cabelo mais crespinho?
- Ôh, que bom! Isso eu sei! É aí!
- Cachorro! É na África...

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. Florianópolis: Editora UFSC, 1988. p. 106. [Fragmento]

Exemplo 2:

Adão e Eva, naquela primeira noite depois de expulsos do Éden, [...] ficaram os dois no vão da porta, Eva perguntou a Adão, queres uma bolacha, e como justamente tinha só uma, partiu-a em dois bocados...

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Cia das Letras, 1988. [Fragmento]

Exemplo 3:

Ouvi uma piada uma vez: Um homem vai ao médico, diz que está deprimido. Diz que a vida parece dura e cruel. Conta que se sente só num mundo ameaçador onde o que se anuncia é vago e incerto.

O médico diz: "O tratamento é simples. O grande palhaço Pagliacci está na cidade, assista ao espetáculo. Isso deve animá-lo."

O homem se desfaz em lágrimas. E diz: "Mas, doutor... Eu sou o Pagliacci."

Boa piada. Todo mundo ri. Rufam os tambores. Desce o pano.

MOORE, Alan. *Watchmen*. Edição definitiva. São Paulo: Panini Brasil Ltda, 2009. [Fragmento]

A presença do discurso direto em uma obra proporciona ao texto maior dinamismo e caráter cênico, tendo em vista que o diálogo é a estrutura propícia ao gênero dramático. Por isso, um autor o insere para que a narrativa ganhe, em alguns trechos, maior verossimilhança (por retratar fielmente o vocabulário e o "sotaque" da personagem) e rapidez de informações. Veja o seguinte comentário de Celso Cunha e Lindley Cintra a respeito do emprego do discurso direto:

No plano expressivo, a força da narração em discurso direto provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Estas, na reprodução direta, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam impregnar de emotividade a expressão oral.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007. p. 637. [Fragmento]

Discurso indireto

De modo oposto ao que ocorre no discurso direto, nos trechos em que aparece o discurso indireto, o narrador não permite que as personagens "falem diretamente"; ele acaba por parafrasear as palavras alheias, reproduzindo indiretamente a fala delas. No plano estrutural, ainda haverá, na maioria das vezes, a presença dos verbos de elocução (indicadores de fala) seguidos por conectivos, principalmente o "que".

Veja o exemplo:

Perguntei se alguém escutara o tiro, e de que modo o haviam encontrado. O Sr. Demétrio não pareceu muito satisfeito com essas perguntas, sobretudo porque revelavam elas mais de um inquérito policial do que propriamente de uma indagação médica, mas assim mesmo afirmou que o irmão se achava desde cedo limpando o revólver, e que diversas vezes manifestara ele em voz alta o receio de que sucedesse alguma coisa, já que tudo era de se esperar de uma arma velha e emperrada...

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. São Paulo: ALLCA XX, 1997. [Fragmento]

Discurso indireto livre

O discurso indireto livre é marcado pela fusão do ponto de vista do narrador com o ponto de vista da personagem. Para que isso ocorra, é necessário que o narrador seja de terceira pessoa, onisciente, pois somente assim ele conseguirá mesclar o seu discurso ao discurso da personagem. Para atingir essa proximidade de perspectivas, os autores utilizam-se de alguns recursos que geram a ambiguidade do discurso, o que não permite definir quem ao certo fala: se o narrador ou se a personagem. Efetivamente, a fala é do narrador, pois não há nenhum sinal gráfico ou emprego da primeira pessoa que permitam identificar a voz da personagem, mas, ao se ler a frase, é possível reconhecer que o sentimento e o pensamento que nela se encontram são pertencentes à personagem. Segundo Irene Machado:

O discurso indireto livre é [...] um discurso de representação, o discurso vivo do imaginário e, por isso mesmo, o discurso literário por excelência da prosa moderna. Como em todo discurso bivoçalizado, no discurso indireto livre domina um processo de adivinhação: é preciso adivinhar quem está com a palavra. Ouvimos vozes como se fosse num sonho, mas a impressão é de que alguém fala de fato. Essa impressão de fala só pode ser transmitida, segundo Volochinov, através do discurso indireto livre, "a forma por excelência do imaginário".

MACHADO, Irene. *O romance e a voz*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 128-129. [Fragmento]

Quincas Borba, de Machado de Assis, é uma obra brasileira significativa na construção do discurso indireto livre. O enredo apresenta um ambiente sociopolítico instável que se move pelo interesse barato, pela vaidade banal e corriqueira, e pela teatralidade dos comportamentos. O narrador deixa transparecer em sua fala os pensamentos, sentimentos ou impressões das personagens. Esse procedimento tem como efeito a intensificação do caráter da onisciência na narração, pois explicita a relação psíquica entre narrador e personagem. Tente identificar isso no seguinte trecho:

Exemplo 1:

Rubião interrompeu as reflexões para ler ainda a notícia. Que era bem escrita, era. Trechos havia que releu com muita satisfação. O diabo do homem parecia ter assistido à cena. Que narração! que viveza de estilo! Alguns pontos estavam acrescentados, – confusão de memória, – mas o acréscimo não ficava mal. E certo orgulho que lhe notou ao repetir-lhe o nome? "O nosso amigo, o nosso distintíssimo amigo, o nosso valente amigo..."

ASSIS, Machado. *Quincas Borba*. [Fragmento]

Não se esqueça de que, ao estudar o discurso indireto livre, você terá de trabalhar com os conceitos de monólogo interior, fluxo de consciência e flashback, pois são situações textuais em que o narrador onisciente evidencia o pensamento das personagens. Não é possível reconhecer como isso se dá nos fragmentos em que o narrador evidencia as emoções de Sinha Vitória? Lembre-se de que isso também ocorre com a personagem Baleia, como apareceu evidenciado no tópico "Narrador de terceira pessoa".

Esteja atento, também, a alguns recursos que geram a ambiguidade da voz e a fusão dos pontos de vista. Entre eles, destacam-se: ausência de pronomes; verbos no infinitivo ou no pretérito (nesse caso, não se sabe se é a primeira ou a terceira pessoa quem fala, ou seja, se é a personagem ou o narrador); emprego de frases interrogativas e exclamativas, que evidenciam a função emotiva, embora não estejam entre aspas ou com travessão (o que comprovaria que elas pertencem às personagens). Tente identificar, no trecho seguinte, as passagens em que há o discurso indireto livre. Faça esse trabalho em conjunto com os seus colegas e com o professor. Não deixe de identificar as estratégias utilizadas para gerar a ambiguidade.

Exemplo 2:

[...] – Não faça assim. *Ich bin sechzehn Jahre alt*, repita. Só mais uma vez.

Carlos repetiu molemente. A hora não acabava. Se livrar daquela biblioteca!...

Fräulein escondeu o movimento de impaciência. Não conseguia prender a atenção do menino. O inglês e o francês eram familiares já para ele. Principalmente o inglês, de que tinha aulas diárias desde nove anos. Mas alemão... já cinco lições e não decorava uma palavrinha só, burrice? Nesta aula que acabava, *Fräulein* já fora obrigada a repetir três vezes que "irmã" era *Schwester*. [...]

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. [Fragmento]

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (FUVEST-SP) Em janeiro de 1935, um grupo de turistas pernambucanos passeava de carro quando deu de cara com Lampião e seu bando. Revirando a bagagem do grupo, um cangaceiro encontrou uma *Kodak* e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia. Apavorado, um deles levantou o dedo. “Quero que o senhor tire o meu retrato”, disparou o “rei do cangaço”, pondo-se a posar. O homem, esforçando-se, bateu uma chapa, mas avisou: “Capitão, esta posição não está boa”. Dando um salto e caindo de pé, Lampião perguntou: “E esta? Está melhor?” Outra foto foi feita. Quando libertava os turistas, após pilhá-los, o “fotógrafo” de ocasião indagou-lhe como podia enviar as imagens. “Não é preciso. Mande publicar nos jornais”, disse o cangaceiro.

HAAG, Carlos. *Pesquisa FAPESP*.

Os trechos seguintes encontram-se em discurso indireto e discurso direto, respectivamente. Transforme em discurso direto o primeiro trecho e, em discurso indireto, o segundo.

- I. [...] um cangaceiro encontrou uma *Kodak* e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia.
- II. “Quero que o senhor tire o meu retrato”, disparou o “rei do cangaço” [...].

- 02.** (PUC Rio)

A solução

Chamava-se Almira e engordara demais. Alice era a sua maior amiga. Pelo menos era o que dizia a todos com aflição, querendo compensar com a própria veemência a falta de amizade que a outra lhe dedicava.

Alice era pensativa e sorria sem ouvi-la, continuando a bater à máquina.

À medida que a amizade de Alice não existia, a amizade de Almira mais crescia. Alice era de rosto oval e aveludado. O nariz de Almira brilhava sempre. Havia no rosto de Almira uma avidez que nunca lhe ocorrera disfarçar: a mesma que tinha por comida, seu contato mais direto com o mundo.

Porque Alice tolerava Almira, ninguém entendia. Ambas eram datilógrafas e colegas, o que não explicava. Ambas lanchavam juntas, o que não explicava. Saíam do escritório à mesma hora e esperavam condução na mesma fila. Almira sempre pajeando Alice. Esta, distante e sonhadora, deixando-se adorar. Alice era pequena e delicada. Almira tinha o rosto muito largo, amarelado e brilhante: com ela o batom não durava nos lábios, ela era das que comem o batom sem querer.

– Gostei tanto do programa da Rádio Ministério da Educação, dizia Almira procurando de algum modo agradar. Mas Alice recebia tudo como se lhe fosse devido, inclusive a ópera do Ministério da Educação.

Só a natureza de Almira era delicada. Com todo aquele corpanzil, podia perder uma noite de sono por ter dito uma palavra menos bem dita. E um pedaço de chocolate podia de repente ficar-lhe amargo na boca ao pensamento de que fora injusta. O que nunca lhe faltava era chocolate na bolsa, e sustos pelo que pudesse ter feito. Não por bondade. Eram talvez nervos frouxos num corpo frouxo.

Na manhã do dia em que aconteceu, Almira saiu para o trabalho correndo, ainda mastigando um pedaço de pão. Quando chegou ao escritório, olhou para a mesa de Alice e não a viu. Uma hora depois esta aparecia de olhos vermelhos. Não quis explicar nem respondeu às perguntas nervosas de Almira. Almira quase chorava sobre a máquina.

Afinal, na hora do almoço, implorou a Alice que aceitasse almoçarem juntas, ela pagaria.

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

– Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva. Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

– Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao Pronto-Socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda arregalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Algumas pessoas observadoras disseram que naquela amizade bem que havia dente-de-coelho. Outras, amigas da família, contaram que a avó de Almira, dona Altamiranda, fora mulher muito esquisita. Ninguém se lembrou de que os elefantes, de acordo com os estudiosos do assunto, são criaturas extremamente sensíveis, mesmo nas grossas patas.

Na prisão, Almira comportou-se com docilidade e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiães, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate. Exatamente como para um elefante no circo.

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*.

Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964. p. 80-82.

A utilização de imagens grotescas e violentas acentua a tragicidade da história. Justifique com suas próprias palavras o seu uso e comente a possível relação entre o título “A solução” e a ironia empregada pelo narrador.

03. (PUC Rio)

O peru de Natal

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fomos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, de uma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha prazeres.

Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória obstruente do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação de uma lembrança dolorosa em cada almoço, em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira à mamãe a ideia dela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto.

Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a ideia de fazer uma das minhas chamadas "loucuras". Essa fora aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos de ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável de tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, de uma criada de parentes: eu consegui, no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de "louco". "É doido, coitado!", falavam. Meus pais falavam com certa tristeza condescendente, o resto da parentagem buscando exemplo para os filhos e provavelmente com aquele prazer dos que se convencem de alguma superioridade. Não tinham doidos entre os filhos. Pois foi o que me salvou, essa fama. Fiz tudo o que a vida me apresentou e o meu ser exigia para se realizar com integridade. E me deixaram fazer tudo, porque eu era doido, coitado. Resultou disso uma existência sem complexos, de que não posso me queixar um nada.

ANDRADE, Mário de. *Contos novos*.
Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. p. 75-76.

O texto de Mário de Andrade é narrado em primeira pessoa. O protagonista caracteriza a sua família a partir de uma visão subjetiva das relações entre os seus membros. Correlacione essa visão com o comportamento transgressor do personagem narrador, indicado pelo uso de expressões como "louco" e "doido".

EXERCÍCIOS
PROPOSTOS

01. (UEMA) Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias. Mas preparado estou para sair discretamente pela saída da porta dos fundos. Experimentei quase tudo, inclusive a paixão e o seu desespero. E agora só queria ter o que eu tivesse sido e não fui.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Do fragmento recortado da obra, pode-se depreender um narrador que se apresenta como um sujeito

- entediado com sua própria vida e desejoso de viver novas experiências.
- angustiado e limitado diante da vida e do ato de escrever.
- deslocado na vida e no mundo, que tem no ato de escrever o seu alento existencial.
- cansado de viver e, por isso, desejoso de pôr fim à sua existência.
- desesperado diante da sua própria impossibilidade de ser escritor.

02. (UFRN) O fragmento transcrito a seguir faz parte do conto "Circuito fechado (3)", de Ricardo Ramos.

Muito prazer. Por favor, quer ver o meu saldo? Acho que sim. Que bom telefonar, foi ótimo, agora mesmo estava pensando em você. Puro, com gelo. Passe mais tarde, ainda não fiz, não está pronto. Amanhã eu ligo, e digo alguma coisa. Guarde o troco. Penso que sim. Este mês, não, fica para o outro. Desculpe, não me lembrei. Veja logo a conta, sim? É uma pena, mas hoje não posso, tenho um jantar. Vinte litros, da comum. Acho que não. Nas próximas férias, vou até lá, de carro. Gosto mais assim, com azul. Bem, obrigado, e você? [...] É um chato, um perigo público. Foi há muito tempo. Tudo bem, tudo legal? Gostei de ver. Acho que não, penso que não, creio que não. Acredito que sim. Claro, fechei a porta e botei o carro pra dentro. Vamos dormir? É, leia que é bom. Ainda agosto e esse calor. Me acorde cedo amanhã, viu?

LADEIRA, Julieta de Godoy (Org.). *Contos brasileiros contemporâneos*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005. p. 126-127.

Esse conto pode ser visto como uma representação literária do automatismo da vida cotidiana moderna. Os procedimentos dos quais o autor se vale para representar esse automatismo são

- frases curtas, fragmentação de diálogo e estrutura narrativa circular.
- causalidade entre as ações, descrição exaustiva e estrutura narrativa circular.
- fragmentação de diálogo, omissão dos nomes das personagens e ritmo narrativo lento.
- frases curtas, densidade psicológica das personagens e causalidade entre as ações.

- 03.** (UFG-GO) Em *Mãos de Cavalo*, de Daniel Galera, o emprego do fluxo de consciência cria um efeito de fusão da fala da personagem à do narrador. Esse efeito está explícito no seguinte trecho:
- A) 'Não esquenta, eu sou médico'. Nunca em sua vida aquelas palavras tinham soado tão artificiais saindo de sua boca. Eu sou um médico. (p. 153)
- B) A mão dela espalhou na pele a gota vermelha que tinha escorrido quase até o umbigo. Hermano gravou a cena toda mentalmente. Sabia que jamais ia esquecer aquilo. (p. 142)
- C) Era Naiara, a irmã menor do Bonobo. Ele começou a ver tudo de fora, como uma câmera instalada no teto do quarto. (p. 139)
- D) Hermano fazia de tudo para evitar Naiara em público. Se afastava imediatamente quando ela aparecia, e se as circunstâncias não permitiam, dava um jeito de não trocarem palavra. (p. 164)
- E) Reconhecia a irracionalidade dessa sensação, mas sabia também que a razão não tem poder sobre certas emoções e portanto cultivou a sensação de traição sem procurar sufocá-la. (p. 163)

- 04.** (UEL-PR) Cosme disse para dar um tempo que depois esticaria pra todo mundo de uma vez. O intruso arriscou pedir uma dose de uísque. Silva mandou que se servisse. O bruto encheu o copo até transbordar. Bebeu tudo em dois goles, sob o olhar reprovador dos presentes acerca de sua desmesura. Permaneceram como se nada estivesse acontecendo. Fumaram outro baseado, em seguida Silva esticou cinco carreiras, consumiu a sua e passou o prato para o intruso junto com o canudo feito numa nota de cinco cruzeiros. As suas mãos bêbadas deixaram o prato cair no chão. Vacilo de morte no meio da bandidagem. Cosme fez menção de agredi-lo, porém Silva o impediu de esbofetear o intruso.

– Qualé, meu cumpádi, vai se arengar com o cara só por causa de brizola? Caiu, caiu, cumpádi... Deixa pra lá. Vamos tomar uma cervela lá embaixo pra lavar o estômago.

Chinelo Virado foi o primeiro a descer para ver se estava tudo limpeza. Verificou a área, acenou para os amigos. Os cinco desceram ligeiros, tomaram o rumo da biroscas que havia no Bloco Nove. Andariam cem metros. Caminhavam mudos diante do pique-esconde das crianças, dos carros na pista, das janelas dos primeiros andares na hora do jantar e novela. Silva adiantou-se para ver o que havia além da esquina que iria surgir diante de todos, seus olhos viram apenas a noite também se esticando ao longo duma viela mal iluminada. Silva virou-se para os que o seguiam. O intruso ainda viu a lua cheia de Ogum esconder-se atrás duma nuvem rala, um segundo antes de receber um tiro no peito disparado do revólver do Silva. Rodopiou e caiu lentamente em decúbito frontal. Cosme deu-lhe uma geral, conseguiu apenas alguns trocados. O corpo ficou estirado em cima da grama fria. Silva ficou nervoso com a maneira como o corpo do intruso se portou após o tiro. Quem cai de bruços quer vingança.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 113-114.

É correto afirmar que o romance é narrado

- A) em primeira pessoa, por um narrador supersticioso, que registra todos os fatos, com base na crença em presságios e entidades espirituais.
- B) por uma testemunha ocular, mais precisamente um morador da região dominada pelo traficante Silva, que denuncia às autoridades os desmandos sofridos pelos habitantes desse espaço.
- C) em primeira pessoa, por um investigador disfarçado da polícia federal, inserido naquele meio com o intuito de vasculhar as atividades de traficantes nas favelas do Rio de Janeiro.
- D) em terceira pessoa, por Inferninho, Pardalzinho e Zé Miúdo, que reproduzem, respectivamente, o desenvolvimento do tráfico no Rio de Janeiro, nas décadas de 60, 70 e 80.
- E) em terceira pessoa, por um narrador não nomeado, onisciente, que, ao contar episódios do universo da criminalidade carioca, reproduz os modos de falar e o comportamento adotado por seus representantes.

- 05.** (UEMA-2016)

Cadeia

Estava tão cansado, tão machucado, que ia quase adormecendo no meio daquela desgraça. Havia ali um bêbedo tresvariando em voz alta [...] Discutiam, queixava-se da lenha molhada. Fabiano cochilava, a cabeça pesada inclinava-se para o peito e levantava-se. [...] Acordou sobressaltado. Pois não estava misturando as pessoas, desatinando? Talvez fosse efeito da cachaça. Não era: tinha bebido um copo. [...]

Ouviu o falatório do bêbedo e caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 127. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015 (Adaptação).

A leitura do segundo parágrafo permite depreender a imagem que Fabiano tem de si mesmo e a sua reação ao domínio a que se submete, por meio do discurso indireto livre. Esse discurso é efetivado pela

- A) reprodução dos estados mentais, dos gestos ou dos pensamentos da própria personagem.
- B) narração, por nexos de subordinação sintática, com verbos de ação adequados.
- C) interlocução evidenciada entre duas personagens, com pontuação pertinente.
- D) voz de um narrador intruso, que faz reflexões ou comentários.
- E) primeira pessoa, com o recurso do narrador-personagem.

- 06.** (Insper-SP-2015) A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Considere estas afirmações sobre o excerto da obra de Guimarães Rosa.

- I. Assumindo um tom proverbial, o narrador-personagem explícita que irá relatar feitos heroicos e grandiosos vivenciados por outra personagem.
- II. Por meio do emprego do discurso indireto livre, o narrador quer transmitir suas vivências a fim de melhor compreendê-las.
- III. Ao justificar o aspecto descontínuo de sua narrativa, o narrador faz uso do recurso metalinguístico.

Está(ão) correta(s)

- A) Apenas I e II.
- B) Apenas II e III.
- C) Apenas I.
- D) Apenas II.
- E) Apenas III.

- 07.** (UDESC)

Ele: – Pois é.

Ela: – Pois é o quê?

Ele: – Eu só disse pois é!

Ela: – Mas “pois é” o quê?

- 5 Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: – Entender o quê?

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

- 10 Ela: – Falar então de quê?

Ele: – Por exemplo, de você.

Ela: – Eu?!

Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 48.

Há três conceitos clássicos de discursos, estudados pela gramática tradicional, que designam três modos de reproduzir ou citar um ato de enunciação. O texto anterior é constituído por apenas um tipo de discurso. Analise as proposições em relação ao texto e aos tipos de discursos.

- I. O discurso direto é a forma de citação do discurso em que o narrador indica o discurso do outro, e depois reproduz literalmente a fala dele.
- II. O discurso direto é uma operação que confere ao discurso a vivacidade e naturalidade típicas da oralidade, pelos recursos das interjeições, exclamações, interrogações diretas e dos vocativos, entre outros elementos.
- III. O discurso direto e o indireto são expedientes linguísticos para mostrar as diferentes vozes bem demarcadas no texto.
- IV. As frases que, no discurso direto, têm a forma interrogativa ou imperativa convertem-se no discurso indireto, em orações declarativas, conforme “Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente” (l. 13-14): Ele perguntou porque o espanto, se ela não era gente, por que gente fala sobre gente.
- V. Em uma mesma mensagem verbal pode-se reconhecer mais de uma função da linguagem, embora uma seja dominante. No diálogo entre Macabéa e Olímpio a função da linguagem predominante é a fática.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente as afirmativas III e V são verdadeiras.
- B) Somente as afirmativas I, III e IV são verdadeiras.
- C) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.
- D) Somente as afirmativas I, II e V são verdadeiras.
- E) Todas as afirmativas são verdadeiras.

- 08.** (UERJ) Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencieei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas?
- [...]

E aqui chego à última objeção que me impus. Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis.

E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las. Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Levandade. [...] Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2002. [Fragmento]

Memórias do cárcere, do romancista Graciliano Ramos, conta as desventuras do autor enquanto foi preso político no Presídio da Ilha Grande, em 1936. Apesar de ser um livro autobiográfico, o autor expõe, logo na abertura, as dificuldades de reconstrução da memória.

A consciência de Graciliano Ramos em relação ao caráter parcialmente ficcional das suas memórias está evidenciada no seguinte trecho:

- A) Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação.
- B) Também me afligiui a ideia de jogar no papel criaturas vivas.
- C) Outros devem possuir lembranças diversas.
- D) conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade.

SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem-2018) Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moldo, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal — e houve uma discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiui-se. Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó.

RAMOS. G. *Infância*. Rio do Janeiro: Record, 1998.

Num texto narrativo, a sequência dos fatos contribui para a progressão temática. No fragmento, esse processo é indicado pela

- A) alternância das pessoas do discurso que determinam o foco narrativo.
- B) utilização de formas verbais que marcam tempos narrativos variados.
- C) indeterminação dos sujeitos de ações que caracterizam os eventos narrados.
- D) justaposição de frases que relacionam semanticamente os acontecimentos narrados.
- E) recorrência de expressões adverbiais que organizam temporalmente a narrativa.

02. (Enem-2016)

Galinha cega

O dono correu atrás de sua branquinha, agarrou-a, lhe examinou os olhos. Estavam direitinhos, graças a Deus, e muito pretos. Soltou-a no terreiro e lhe atirou mais milho. A galinha continuou a bicar o chão desorientada. Atirou ainda mais, com paciência, até que ela se fartasse. Mas não conseguiu com o gasto de milho, de que as outras se aproveitaram, atinar com a origem daquela desorientação. Que é que seria aquilo, meu Deus do céu? Se fosse efeito de uma pedrada na cabeça e se soubesse quem havia mandado a pedra, algum moleque da vizinhança, aí... Nem por sombra imaginou que era a cegueira irremediável que principiava.

Também a galinha, coitada, não compreendia nada, absolutamente nada daquilo. Por que não vinham mais os dias luminosos em que procurava a sombra das pitangueiras? Sentia ainda o calor do sol, mas tudo quase sempre tão escuro. Quase que já não sabia onde é que estava a luz, onde é que estava a sombra.

GUIMARAENS, J. A. *Contos e novelas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. [Fragmento]

Ao apresentar uma cena em que um menino atira milho às galinhas e observa com atenção uma delas, o narrador explora um recurso que conduz a uma expressividade fundamentada na

- A) captura de elementos da vida rural, de feições peculiares.
- B) caracterização de um quintal de sítio, espaço de descobertas.
- C) confusão intencional da marcação do tempo, centrado na infância.
- D) apropriação de diferentes pontos de vista, incorporados afetivamente.
- E) fragmentação do conflito gerador, distendido como apoio à emotividade.

03. (Enem–2015) Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. No princípio. As mulheres, principalmente as mortas do álbum, eram maravilhosas. Os homens, mais maravilhosos ainda, ah, difícil encontrar família mais perfeita. *A nossa família*, dizia a bela voz de contralto da minha avó. Na *nossa família*, frisava, lançando em redor olhares complacentes, lamentando os que não faziam parte do nosso clã. [...]

Quando Margarida resolveu contar os podres todos que sabia naquela noite negra da rebelião, fiquei furiosa. [...]

É mentira, é mentira!, gritei tapando os ouvidos. Mas Margarida seguia em frente: tio Maximiliano se casou com a inglesa de cachos só por causa do dinheiro, não passava de um pilantra, a loirinha feiosa era riquíssima. Tia Consuelo? Ora, tia Consuelo chorava porque sentia falta de homem, ela queria homem e não Deus, ou o convento ou o sanatório. O dote era tão bom que o convento abriu-lhe as portas com loucura e tudo. “E tem mais coisas ainda, minha queridinha”, anunciou Margarida fazendo um agrado no meu queixo. Reagi com violência: uma agregada, uma cria e, ainda por cima, mestiça. Como ousava desmoralizar meus heróis?

TELLES, L. F. *A estrutura da bolha de sabão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Representante da ficção contemporânea, a prosa de Lygia Fagundes configura e desconstrói modelos sociais. No trecho, a percepção do núcleo familiar descortina um(a)

- A) convivência frágil ligando pessoas financeiramente dependentes.
- B) tensa hierarquia familiar equilibrada graças à presença da matriarca.
- C) pacto de atitudes e valores mantidos à custa de ocultações e hipocrisias.
- D) tradicional conflito de gerações protagonizado pela narradora e seus tios.
- E) velada discriminação racial refletida na procura de casamentos com europeus.

04. (Enem) Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.

[...]

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-Pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. [...] Felicidade? Nunca vi palavra mais doída, inventada pelas nordestinas que andam aí aos montes.

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. [Fragmento]

A elaboração da voz narrativa peculiar acompanha a trajetória literária de Clarice Lispector, culminada com a obra *A hora da estrela*, de 1977, ano da morte da escritora. Nesse fragmento, nota-se essa peculiaridade por que o narrador

- A) observa os acontecimentos que narra sob uma ótica distante, sendo indiferente aos fatos e às personagens.
- B) relata a história sem ter tido a preocupação de investigar os motivos que levaram aos eventos que a compõem.
- C) revela-se um sujeito que reflete sobre questões existenciais e sobre a construção do discurso.
- D) admite a dificuldade de escrever uma história em razão da complexidade para escolher as palavras exatas.
- E) propõe-se a discutir questões de natureza filosófica e metafísica, incomuns na narrativa de ficção.

05. (Enem) Quem é pobre, pouco se apegua, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: – Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d’angola, como todo o mundo faz? – Quero criar nada não... – me deu resposta: – Eu gosto muito de mudar... [...] Belo um dia, ele tora. Ninguém discrepa. Eu, tantas, mesmo digo. Eu dou proteção. [...] Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era menino, no sertãozinho de minha terra. [...] Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixio da Sirga, da outra banda, ali onde o de-Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio. [Fragmento]

Na passagem citada, Riobaldo expõe uma situação decorrente de uma desigualdade social típica das áreas rurais brasileiras marcadas pela concentração de terras e pela relação de dependência entre agregados e fazendeiros. No texto, destaca-se essa relação porque o personagem-narrador

- A) relata a seu interlocutor a história de Zé-Zim, demonstrando sua pouca disposição em ajudar seus agregados, uma vez que superou essa condição graças à sua força de trabalho.
- B) descreve o processo de transformação de um meeiro – espécie de agregado – em proprietário de terra.
- C) denuncia a falta de compromisso e a desocupação dos moradores, que pouco se envolvem no trabalho da terra.
- D) mostra como a condição material da vida do sertanejo é dificultada pela sua dupla condição de homem livre e, ao mesmo tempo, dependente.
- E) mantém o distanciamento narrativo condizente com sua posição social, de proprietário de terras.

06. (Enem)

Depois de um bom jantar: feijão com carne-seca, orelha de porco e couve com angu, arroz-mole engordurado, carne de vento assada no espeto, torresmo enxuto de tocinho da barriga, viradinho de milho verde e um prato de caldo de couve, jantar encerrado por um prato fundo de canjica com torrões de açúcar, Nhô Tomé saboreou o café forte e se estendeu na rede. A mão direita sob a cabeça, à guisa de travesseiro, o indefectível cigarro de palha entre as pontas do indicador e do polegar, envernizados pela fumaça, de unhas encanoadas e longas, ficou-se de pança para o ar, modorrento, a olhar para as ripas do telhado.

Quem come e não deita, a comida não aproveita, pensava Nhô Tomé... E pôs-se a cochilar. A sua modorra durou pouco; Tia Policena, ao passar pela sala, bradou assombrada:

– Êêh! Sinhô! Vai drumi agora? Não! Num presta... Dá pisadêra e póde morrê de ataque de cabeça!

Depois do armoço num far-má... mais depois da janta?!

Pires, Cornélio. *Conversas ao pé do fogo*.

São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

Nesse trecho, extraído de texto publicado originalmente em 1921, o narrador

- A) apresenta, sem explicitar juízos de valor, costumes da época, descrevendo os pratos servidos no jantar e a atitude de Nhô Tomé e de Tia Policena.
- B) desvaloriza a norma culta da língua porque incorpora à narrativa usos próprios da linguagem regional das personagens.
- C) condena os hábitos descritos, dando voz a Tia Policena, que tenta impedir Nhô Tomé de deitar-se após as refeições.
- D) utiliza a diversidade sociocultural e linguística para demonstrar seu desrespeito às populações das zonas rurais do início do século XX.
- E) manifesta preconceito em relação a Tia Policena ao transcrever a fala dela com os erros próprios da região.

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01.
 - I. [...] um cangaceiro encontrou uma *Kodak* e entregou ao chefe, que perguntou: "A quem pertence esta *Kodak*?"
 - II. O "rei do cangaço" disparou que queria que tirassem o seu retrato.
- 02. A narrativa é marcada pelo uso de imagens que mostram, de uma maneira enfática e direta, os desencontros entre as protagonistas e a maneira como elas se veem e percebem o mundo ao redor. Percebe-se a impossibilidade de relacionamento através das seguintes oposições: doçura X dureza; obesidade X magreza; delicadeza X grosseria; sensibilidade X insensibilidade. A utilização de imagens violentas (Almira enfiando o garfo no pescoço de Alice) e grotescas (Almira sendo comparada a um elefante) acentua o sentido trágico e irônico do título "A solução".
- 03. O narrador, protagonista do conto, contrapõe o jeito de ser do pai, as relações sociais e a dinâmica familiar ao seu comportamento deliberadamente transgressor. A opção por adotar um tipo "louco", "doido", identificado com atitudes críticas contra os valores da família, garantia-lhe a liberdade e uma "existência sem complexos".

Propostas

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. A
- 03. A
- 04. E
- 05. A
- 06. E
- 07. E
- 08. D

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. B
- 02. D
- 03. C
- 04. C
- 05. D
- 06. A



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Pronomes Possessivos, Demonstrativos, Indefinidos, Interrogativos e Relativos

Os pronomes pessoais, conforme já sabemos, são extremamente importantes para a construção da coerência textual, já que permitem retomar e repetir termos já mencionados. Entretanto, eles não são os únicos pronomes existentes na Língua Portuguesa. Há diversos outros tipos de pronomes, que cumprem diferentes funções.

Neste módulo, vamos estudar os outros pronomes da língua portuguesa: os possessivos, que dão noção de posse; os demonstrativos, que se referem às coisas situando-as no tempo, no espaço ou no discurso; os indefinidos, que permitem fazer referência a coisas e a pessoas de modo impreciso; os interrogativos, que são usados em perguntas diretas ou indiretas; os relativos, que retomam termos e os rearticulam em períodos compostos. Tal como os pessoais, esses pronomes têm papel importante na construção da coesão textual, como veremos a seguir.

PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos referem-se às pessoas do discurso, atribuindo-lhes a posse de alguma coisa. Por exemplo, na frase

Meu relógio estava atrasado.

a palavra **meu** informa que o relógio pertence à 1ª pessoa (eu). **Meu**, portanto, é um pronome possessivo.

Eis as formas dos pronomes possessivos:

	Singular	Plural
1ª pessoa	meu, minha, meus, minhas	nosso, nossa, nossos, nossas
2ª pessoa	teu, tua, teus, tuas	vosso, vossa, vossos, vossas
3ª pessoa	seu, sua, seus, suas	seu, sua, seus, suas

Pronome oblíquo com valor possessivo

Como já foi estudado, os pronomes oblíquos substituem elegantemente os possessivos, em frases como as seguintes:

- *O barulho perturba-**me** as ideias.* [O barulho perturba as **minhas** ideias.]
- *Ninguém **lhe** ouvia as queixas.* [Ninguém ouvia as **suas** queixas.]
- *O vento **nos** despenteava os cabelos.* [O vento despenteava os **nossos** cabelos.]
- *A borboleta pousou-**me** na testa.* [A borboleta pousou na **minha** testa.]
- *Laura acariciou-**lhe** o queixo num gesto vacilante.* [Laura acariciou o queixo **dele**...]
- *O lábio crispou-se-**lhe** num riso de maldade.* [**Seu** lábio crispou-se...]
- *Senti os olhos encherem-se-**me** de lágrimas.* [Senti **meus** olhos encherem-se...]
- *O terror **lhes** contorce as faces.* [O terror contorce as faces **deles**.]

Nessas frases, os oblíquos são **pronomes adjetivos**, uma vez que servem de determinantes de substantivos. Esses pronomes exercem a função sintática de **adjunto adnominal**.

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

São aqueles que situam a pessoa ou a coisa demonstrada em relação às três pessoas do discurso. Essa localização pode dar-se no tempo, no espaço ou no próprio texto.

	Em relação ao ESPAÇO	Em relação ao TEMPO	Em relação ao FALADO ou ao ESCRITO
este(s) esta(s) isto	<ul style="list-style-type: none"> Indicam o que está perto da pessoa que fala. <ul style="list-style-type: none"> – Veja esta marca no meu tornozelo. 	<ul style="list-style-type: none"> Indicam o tempo presente em relação a quem fala. <ul style="list-style-type: none"> – Irei ao supermercado esta tarde. 	<ul style="list-style-type: none"> São utilizados para introduzir algo a ser mencionado. <ul style="list-style-type: none"> – Só desejo isto: a sua atenção.
esse(s) essa(s) isso	<ul style="list-style-type: none"> Indicam o que está perto da pessoa com quem se fala. <ul style="list-style-type: none"> – Paula, empresta-me esse livro que está com você. 	<ul style="list-style-type: none"> Indicam futuro / passado próximos. <ul style="list-style-type: none"> – Viajei esse final de semana. – Esses próximos dias serão tumultuados. 	<ul style="list-style-type: none"> Retomam o que já foi enunciado. <ul style="list-style-type: none"> – Sua atenção; é só isso que desejo.
aquele(s) aquela(s) aquilo	<ul style="list-style-type: none"> Indicam o que está distante de quem fala e de quem ouve. <ul style="list-style-type: none"> – Olhem aquelas pessoas junto à porta. 	<ul style="list-style-type: none"> Indicam passado remoto ou tempo referido de modo vago. <ul style="list-style-type: none"> – Naquele tempo, as mulheres não faziam parte do mercado de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> São utilizados para retomar o 1º elemento de uma enumeração. <ul style="list-style-type: none"> – Pedro e Paulo se destacaram; este, pela dedicação e aquele, pela coragem.

Aos pronomes **este, esse, aquele** correspondem **isto, isso, aquilo**, que são invariáveis e se empregam exclusivamente como substitutos dos substantivos.

Veja os exemplos:

- **Isto** é meu.
- **Isso** que você está levando é seu?
- **Aquilo** que Mário está levando não é dele.

São também pronomes demonstrativos **o, a, os, as**, quando equivalentes a **isto, isso, aquilo, aquele(s), aquela(s)**.

Veja os exemplos:

- São poucos **os** que sabem isto. [os = aqueles]
- Ninguém sabe **o** que ele resolveu. [o = aquilo]
- Ela casou ontem. Não **o** sabia? [o = isso]
- Eu sou **a** que no mundo anda perdida. [a = aquela]

ESPANCA, Florbela. *Livro de mágoas*.

São Paulo: Globus Editora, 2011.

- O médico examinou minuciosamente o enfermo; após **o quê**, prescreveu-lhe repouso absoluto. [o quê = isso]

Mesmo e próprio, quando reforçam pronomes pessoais ou fazem referência a algo expresso anteriormente, também são pronomes demonstrativos.

- Estes rapazes são os **mesmos** que vieram ontem.
- Os **próprios** sábios podem enganar-se.
- Ela **própria** preparou o jantar.
- Fui eu **mesmo** que fiz minha mudança.

Tal e semelhante, quando equivalentes a **esse, isso, essa, aquilo, aquela**, também são pronomes demonstrativos.

- Não diga **tal**.
- **Tais** crimes não podem ficar impunes.
- Não faça **semelhantes** coisas.

Pode ocorrer a contração das preposições **a, de, em** com pronomes demonstrativos: *àquele, àquela, deste, desta, disso, nisso, no*, etc.

Exemplos:

- Cheguei **àquele** sítio às 10 horas. [àquele = a + aquele]
- Não acreditei **no** que estava vendo. [no = naquilo]

PRONOMES INDEFINIDOS

São aqueles que se referem aos seres designados pelo substantivo de modo vago, impreciso ou genérico.

Referem-se à 3ª pessoa do discurso.

Pronomes substantivos	Pronomes adjetivos	Pronomes que podem ser substantivos ou adjetivos
algo, alguém, fulano, sicrano, beltrano, nada, ninguém, outrem, quem, tudo	cada, certo, certos, certa, certas	algun, alguns, alguma(s), bastante(s), muito(s), muita(s), demais, mais, menos, muito(s), muita(s), nenhum, nenhuns, nenhuma(s), outro(s), outra(s), pouco(s), pouca(s), qualquer, quaisquer, qual, que, quanto(s), quanta(s), tal, tais, tanto(s), tanta(s), todo(s), toda(s), um, uns, uma(s), vários, várias

Exemplos de indefinidos exercendo a função de pronomes substantivos:

- **Algo** o incomoda?
- **Alguns** contentam-se com pouco.
- Acreditam em **tudo** o que **fulano** diz ou **sicrano** escreve.
- Não faça a **outrem** o que não queres que te façam.
- Dois tripulantes se salvaram, os **demais** pereceram.
- Não sabíamos o que fazer, no entanto, havia **muito** que fazer.
- O médico atendia a **quantos** o procurassem.
- Diz as coisas com tal jeito que **todos** o aprovam.
- **Uns** partem, **outros** ficam.
- **Quem** avisa amigo é.
- Encontrei **quem** me pode ajudar.
- Ele gosta de **quem** o elogia.

São **locuções pronominais indefinidas**: cada qual, cada um, qualquer um, quantos quer (que), quem quer (que), seja quem for, seja qual for, todo aquele (que), tal qual (= certo), tal e qual, tal ou qual, um ou outro, uma ou outra, etc.

Veja os exemplos:

- **Cada qual** tem o ar que Deus lhe deu.
- No tronco, havia **tal qual** inclinação.
- Enfeitava-se com **tais e tais** enfeites.
- Sentia umas **tais ou quais** cócegas de curiosidade.
- Apenas **uma ou outra** pessoa entrava naquela loja.

PRONOMES INTERROGATIVOS



São os pronomes **que**, **quem**, **qual** e **quanto**, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta.

Podem exercer a função de **pronomes substantivos** ou **adjetivos**. Os interrogativos **que** e **quem** são invariáveis; **qual** flexiona-se em número (*qual, quais*); **quanto**, em gênero e número (*quanto, quantos, quanta, quantas*).

Observe os exemplos:

- **Que** há?
- Diga-me o **que** há.
- **Que** dia é hoje?
- Gostaria de saber **que** dia é hoje.
- Reagir contra **quê**?
- Não sei contra **que** reagir.
- Por **que** motivo não veio à reunião?
- Esclareça por **que** motivo não veio à reunião.
- **Quem** foi seu par no baile?
- Conte-me **quem** foi seu par no baile.
- **Qual** será o motivo de tanta discórdia?
- Queria saber **qual** o motivo de tanta discórdia.
- **Quantos** vão viajar conosco?
- Preciso descobrir **quantos** vão viajar conosco.
- **Quantas** pessoas moram aqui?
- Diga-me **quantas** pessoas moram aqui.

Os pronomes interrogativos estão estreitamente ligados aos indefinidos. A significação de uns e outros é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos, a resposta, em geral, venha esclarecer o que foi perguntado. Os interrogativos são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração.

Veja os exemplos:

- **Que** vovozinha **que** nada!
- **Qual** dinheiro! Não recebi nada!
- **Quem** me dera ser homem!
- **Quantas** coisas tenho a lhe contar!



TOME NOTA!

Quem pode ser, também, um pronome relativo. Para diferenciar **quem**, pronome relativo, de **quem**, pronome indefinido, basta saber que o indefinido não tem antecedente, ou seja, não retoma nenhuma palavra anteriormente mencionada, como ocorre com o relativo.

Exemplos de indefinidos exercendo a função de pronomes adjetivos:

- **Cada** povo tem seus costumes.
- **Certas** pessoas exercem várias profissões.
- **Certo** dia apareceu em casa um repórter famoso.
- Nesses rios havia **muito** ouro.
- Fiquei **bastante** tempo à sua espera.
- **Nenhum** dia se passe, sem que **algum** bem se faça.
- **Menos** palavras e **mais** ações, disse ele, encerrando o discurso.
- Seu Ivo não mora em parte **nenhuma**.
- João tinha **vários** planos arrojados e difíceis.
- Há ali muitas pessoas a quem a fome obriga a aceitar **quaisquer** tarefas!
- **Que** loucura cometeste!



TOME NOTA!

Os pronomes deste grupo que exprimem quantidade, como **mais**, **menos**, **muito**, **pouco**, etc., funcionam como advérbios de intensidade, quando modificam adjetivos, verbos ou advérbios.

PRONOMES RELATIVOS

São pronomes que se referem a termos anteriores.

Forma dos pronomes relativos	
Variáveis	Invariáveis
o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, cuja, cujos, cujas, quanto, quanta	que quem onde

Emprego dos pronomes relativos

Que

O antecedente do pronome relativo **que** pode ser pessoa ou coisa representada por substantivo ou por pronome.

Pode ser precedido de preposição monossilábica.

- Há plantas **que** podem ser cultivadas no interior de sua casa.
- As plantas **de que** mais gosto são cultivadas aqui.
- O jardineiro **que** veio aqui é eficiente.



TOME NOTA!

- A palavra **que**, na Língua Portuguesa, tem muitas funções. Só será pronome relativo quando possuir um antecedente, ou seja, quando retomar um substantivo anteriormente mencionado, e, ao mesmo tempo, puder ser substituída por **o qual** e variantes.
- Vimos anteriormente que o pronome relativo se refere a um substantivo. Obviamente, por extensão, ele pode se referir a qualquer termo de natureza substantiva.

Veja dois exemplos:

- Encontrei o DVD **que** procurava.
- Encontrei o **que** procurava.

No primeiro exemplo, o referente do pronome relativo **que** é claramente o substantivo "DVD". Entretanto, no segundo caso, não encontramos um substantivo aparente ao qual se refira o pronome relativo. Numa análise mais criteriosa, perceberemos que o pronome relativo se refere à palavra "o", que, nesse caso, funciona como pronome demonstrativo de valor substantivo. Na verdade, a palavra "o" tem a mesma função do substantivo "DVD" e está substituindo tal termo. Quando, então, a palavra "o" será pronome demonstrativo? Simples: quando puder ser substituída por "aquele", "aquilo", "isso". Observe como a substituição é perfeitamente plausível: "Encontrei aquilo que procurava".

Quem

O antecedente do relativo **quem** só pode ser pessoa.

- O jardineiro **com quem** simpatizo mora aqui.
- O jardineiro **em quem** confio chegou.

O qual

Usa-se **o qual** e suas variações quando o antecedente vier distanciado do relativo.

- Encontrei a casa de Alexandre, **a qual** me deixou encantada.

Deve ser empregado, prioritariamente, após preposições dissílabas e trissílabas e, ainda, com as locuções prepositivas.

- Esta é a cidade **sobre a qual** voávamos.
- A ponte **debaixo da qual** se escondia foi demolida.
- Eram pessoas **contra as quais** nada tínhamos.

Ocorre com alguns pronomes indefinidos, com os numerais, com expressões partitivas.

- Visitei muitas cidades, **algumas das quais** não me agradaram.
- Encomendei cinco livros, **dois dos quais** sobre Álgebra.

Cujo

O relativo **cujo** concorda em gênero e número com o nome (substantivo) sequente, embora substitua o antecedente.

- O romance **a cujo** conteúdo me refiro é de Jorge Amado.
- As plantas **de cujas** flores eu gosto são as rosas.

Possui, na maioria das vezes, valor possessivo.

Onde

O relativo **onde**, equivalente a **em que**, é empregado quando o antecedente exprime ideia de lugar físico.

- A cidade **onde** reside é maravilhosa.
- A cidade **em que** reside é maravilhosa.

Quanto

O relativo **quanto** tem por termo antecedente os indefinidos *tudo, todo(s), toda(s)*.

- Falei **tudo quanto** eu quis.

Observação: Leva-se para junto do pronome relativo a preposição que o verbo ou o nome exigir.



BWAJ

Pronomes relativos

Estabelecer uma fluida relação entre as orações e facilitar a progressão das ideias entre elas, esta é apenas uma das funções dos pronomes relativos. Aprenda a tirar o máximo desses pronomes nessa videoaula.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (Unicamp-SP) Para achar graça da tira de Angeli que aparece a seguir, é preciso fazer dela uma leitura adequada.



Ler adequadamente a tira significa entender o que está subentendido no enunciado de Stock ("eu também") e perceber que no último quadrinho existe a possibilidade de tal enunciado ser interpretado de duas maneiras diferentes.

- Quais são as duas maneiras possíveis de interpretar o enunciado de Stock no último quadrinho?
- Qual a palavra da fala de Wood que é fundamental para que a última fala de Stock possa ser interpretada de duas maneiras?
- Levando-se em conta os padrões morais da nossa sociedade, qual das duas maneiras de entender a última fala de Stock provoca o riso no leitor?

02. (UFTM-MG) Atenha-se à seguinte passagem:

"[...] dia a dia a **sua** influência se foi sentindo."

Assinale a alternativa em que o pronome destacado tem sentido de possessivo, como o pronome – sua – empregado nessa passagem.

- Volvia-se preguiçoso, resignando-**se**, vencido, às imposições do Sol.
- E ali, **naquela** estreita salinha, sossegada e humilde.
- A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-**lhe** agora aspectos imprevisíveis.
- Uma transformação operava-se **nele**, dia a dia.
- Operava-se nele, dia a dia, reviscerando-**lhe** o corpo.

03. (FGV-SP)



Reprodução

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física.

William Blake* sabia disso e afirmou: "A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê". Sei disso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia à frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.

Adélia Prado disse: "Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra". Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.

ALVES, Rubem. A complicada arte de ver. *Folha de S.Paulo*, 26 out. 2004.

* William Blake (1757-1827) foi poeta romântico, pintor e gravador inglês. Autor dos livros de poemas *Song of Innocence* e *Gates of Paradise*.

A respeito do pronome "disso", na segunda linha do segundo parágrafo, pode-se dizer que é um

- possessivo de segunda pessoa e se refere ao conteúdo do parágrafo anterior.
- demonstrativo combinado com prefixo e se refere aos ipês floridos citados a seguir.
- demonstrativo masculino de segunda pessoa e se refere ao poeta William Blake.
- demonstrativo neutro que tem como referência a última frase do parágrafo anterior.
- possessivo neutro e se refere a Moisés diante da sarça ardente.

04. (UFF-RJ)

Sinha Vitória

- Sinha Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: – “Hum! hum!”
- 5 E amunhecara, porque realmente mulher é bicho difícil de entender, deitara-se na rede e pegara no sono. Sinha Vitória andara para cima e para baixo, procurando em que desabafar. Como achasse tudo em ordem, queixara-se da vida. E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um pontapé.
- 10 Avizinhou-se da janela baixa da cozinha, viu os meninos entretidos no barreiro, sujos de lama, fabricando bois de barro, que secavam ao sol, sob o pé-de-turco, e não encontrou motivo para repreendê-los. Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas. Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido. Fabiano a princípio concordara com ela, mastigara cálculos, tudo errado. Tanto para o couro, tanto para a armação.
- 15 Bem. Poderiam adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no querosene. Sinha Vitória respondera que isso era impossível, porque eles vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer. Para bem dizer, não se acendiam candeeiros na casa.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record; Martins, 1975. p. 42-43.

Marque a alternativa que comenta adequadamente o emprego dos pronomes no texto “Sinha Vitória”.

- A) “Fabiano, **que** não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: – Hum! hum!” (linhas 3-4). O pronome relativo destacado evita a repetição da palavra “desatino”.
- B) “E agora vingava-se em Baleia, dando-**lhe** um pontapé” (linha 9) / “Fabiano a princípio concordara com **ela**” (linha 18). Os termos destacados são duas formas de expressão do pronome pessoal em função de objeto direto.
- C) “Fabiano [...] deitara-**se** na rede e pegara no sono” (linha 6) / “[...] não encontrou motivo para repreendê-**los**” (linhas 12-13). Os dois pronomes pessoais em destaque possuem o mesmo referente e servem para marcar uma ação reflexiva.
- D) “Sinha Vitória respondera que **isso** era impossível, porque **eles** vestiam mal” (linhas 21-22). Os pronomes destacados retomam o mesmo termo do período anterior.
- E) “Fazia mais de um ano que falava **nisso** ao marido” (linha 17). A forma em destaque, contração do demonstrativo “isso” com a preposição “em”, tem função coesiva, pois retoma e sintetiza segmento expresso anteriormente.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UECE) Atente às relações sintáticas entre os elementos do excerto transcrito: “As relações de alteridade dizem respeito às diferenças **que** (1) perpassam o nosso cotidiano, e **que** (2) podem se manifestar nas divergências de opinião em um debate, na diversidade de preferências **que** (3) define as comunidades nas redes sociais, ou podem estar presentes em questões bem mais complicadas, como as diferenças de nacionalidade, de raça, de religião, de gênero ou de classe social, **que** (4) motivam conflitos dos mais diversos”.

Marque a opção que expressa a relação correta dos “quês”.

- A) O antecedente do “que” (1) é a expressão “as relações de alteridade”.
- B) O antecedente do “que” (2) é “o nosso cotidiano”.
- C) O núcleo do antecedente do “que” (3) é o substantivo “preferências”.
- D) O “que” (4) tem como núcleo do seu antecedente o substantivo “questões”.

02. (PUC-Campinas-SP-2016)

Editorial

- Na rotina de mãe de quatro filhos, a escritora israelense Ayelet Waldman começou a detectar em si mesma e em outras mães que conhecia uma ansiedade persistente, disparada pela frustração de não corresponder às próprias expectativas em relação à maternidade. Para piorar seu tormento, aonde quer que fosse, encontrava mulheres sempre prontas a apontar o dedo para seus defeitos, numa espécie de polícia materna, onipresente e onisciente.
- 5 Em uma conversa deliciosa com a *Revista em Dia*, Ayelet discorre sobre as agruras das mães ruins, categoria na qual hoje se encaixa, e com orgulho. E ajuda a dissipar, com humor, o minhocário que não raro habita a cabeça das mães. Minhocário que, aliás, se não for bem administrado, pode levar a problemas muito mais sérios. É o que você
- 10 verá na reportagem da página 14, que traz o foco para a depressão durante a gravidez. Poucos sabem, mas a doença pode ser deflagrada nessa fase e é bom que tanto as gestantes como outras pessoas ao redor fiquem atentas para que as mulheres nessa situação possam receber
- 15 o apoio necessário. A revista também traz temas para quem a maternidade já é assunto menos relevante nesse momento da vida. Se você é daquelas que entraram ou consideram entrar na onda da corrida, terá boas dicas na página 18. Caso já esteja reduzindo o ritmo, quem sabe
- 20 encontre inspiração para espantar a monotonia na crônica da página 8. Esperamos, com um grãozinho aqui, outro ali, poder contribuir um pouco para as várias facetas que compõem uma mulher saudável e de bem consigo mesma.

Comenta-se com correção:

- A) (l. 14) A palavra “você” não é, aqui, um pronome de tratamento, mas um pronome indefinido, indicando “pessoa não identificada”, “alguém”, como em “Se você adoecer, é descontado em seu salário”.
- B) (l. 21) A coesão realizada pelo pronome “esse” supõe a relação com um dado oferecido pelo contexto: trata-se do momento em que a mulher não está especialmente preocupada com a maternidade.
- C) (l. 24-26) Uma crônica é oferecida a quem lê; a coerência do texto não imporia qualquer limite à crônica citada: pode tratar de qualquer assunto, que garantirá inspiração ao leitor pretendido.
- D) (l. 6) Levando em conta que o significado da palavra é “ao lugar em que”, “aonde” está empregada em desacordo com as normas gramaticais.
- E) (l. 11) Se outra formulação para o segmento “E ajuda a dissipar” fosse “E ajuda que se dissipa”, não haveria prejuízo da correção original.

03. (UPE)
2DNS



Disponível em: <<http://biaquario.wordpress.com/2010/04/01/hello-word>>.

Acerca de alguns recursos linguísticos utilizados no texto, analise as proposições a seguir:

- I. O enunciado “Quer levar a culpa por isso?” se configura como uma pergunta dirigida a qualquer leitor do texto.
- II. No enunciado “Quer levar a culpa por isso?”, o pronome “aponta” para a imagem que está retratada no texto.
- III. No texto que é apresentado abaixo da imagem, os pronomes possessivos em “sua rua, seu bairro, sua cidade, seu país” fazem referência ao termo “pessoas”, no trecho: “Quantas pessoas em sua casa [...]”.
- IV. O segmento “do mundo todo” é semanticamente equivalente a “de todo o mundo”.

Estão corretas

- A) I e III, apenas.
- B) II e III, apenas.
- C) I, II e IV, apenas.
- D) III e IV, apenas.
- E) I, II, III e IV.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de 04 a 08.

A Prova

5 Estatísticas. Números. A civilização da tecnologia. Então, alguns cientistas-monges resolveram demonstrar que existe alguma coisa de imponderável, algo que escapa a esse materialismo que está fazendo do homem o mais infeliz dos seres: num laboratório, foram plantadas três sementes em condições e circunstâncias absolutamente iguais. Igual a terra, a iluminação e a água regada nos três vasos onde foram colocadas as sementes trigêmeas. Uma única diferença nesse tratamento: quando o cientista-monge regava a terra do primeiro vaso, dizia em voz alta palavras de fervor, palavras de esperança. Palavras de amor: — “Quero que você cresça bela e forte porque confio em você, porque neste instante mesmo estou lhe dando minha benção do fundo do coração...” Diante do segundo vaso, em silêncio e automaticamente ele deixava cair a água. Mas, quando chegava a vez do terceiro vaso, ele só tinha palavras de hostilidade, desafeto: — “Você será uma plantinha anêmica, feia, não acredito na sua sobrevivência, está me ouvindo? Não gosto de você!”.

20 Ela ouviu. As outras também ouviram e sentiram a diferença de tratamento: a semente regada com indiferença cresceu impassível, sem a exuberância da primeira. Quanto à semente rejeitada, esta virou uma plantinha obscura, de caule entortado e folhas tímidas, a cabeça pendida para o chão.

TELLES, 1996, p. 79.

04. (FJP-MG) Analise o trecho a seguir:

“Então, alguns cientistas-monges resolveram demonstrar que existe alguma coisa de imponderável, algo que escapa a esse materialismo que está fazendo do homem o mais infeliz dos seres [...]”. (linhas 2 a 5)

Assinale a interpretação que melhor traduz o que o autor do texto quis dizer com essa afirmação.

- A) Alguns cientistas-monges decidiram provar que o materialismo reinante na sociedade atual pode ser contido por fenômenos naturais duvidosos, capazes de levar à cura da infelicidade.
- B) Alguns cientistas-monges definiram que, para combater o pessimismo e a infelicidade, o melhor seria exaltar o imponderável sob um ponto de vista materialista e humanizador.
- C) Alguns cientistas-monges deliberaram evidenciar que, a despeito do comportamento descrente que está gerando cada vez mais insatisfação ao homem, há situações e processos ainda inexplicáveis e curiosos.
- D) Alguns cientistas-monges resolveram confirmar que o melhor contra o pessimismo e a tristeza do ser humano moderno é o enfoque sobre assuntos misteriosos e impensáveis.

05. (FJP-MG) Assinale a alternativa em que a reescrita não apresenta erros gramaticais ou de ortografia, de acordo com a norma-padrão.

- A) “[...] num laboratório foram plantadas três sementes em condições e circunstâncias absolutamente iguais”. (linhas 5 a 7)
Em um laboratório cultivaram três plantas com circunstância e em condição completamente parecida.
- B) “Mas, quando chegava a vez do terceiro vaso, ele só tinha palavras de hostilidade [...]”. (linhas 16 a 18)
Na hora que o terceiro vaso chegava, ele tinha apenas termos de rancor.
- C) “[...] não acredito na sua sobrevivência, está me ouvindo?” (linhas 19 e 20)
Não creio em sua sobrevivência, está a me ouvir?
- D) “As outras também ouviram e sentiram a diferença de tratamento [...]” (linhas 21 e 22)
As outras também ouviram e sentiu-se a diferença de tratamento.

06. (FJP-MG) Assinale a alternativa em que a palavra ou expressão sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo do sentido, pela palavra ou expressão entre colchetes.

- A) “A civilização da tecnologia”. (linha 1) [POLÍTICA]
- B) “[...] existe alguma coisa de imponderável, algo que escapa a esse materialismo que está fazendo do homem o mais infeliz dos seres [...]”. (linhas 3 a 5) [DELITUOSO]
- C) “[...] num laboratório foram plantadas três sementes em condições e circunstâncias absolutamente iguais”. (linhas 5 a 7) [CONJUNTURAS]
- D) “[...] quando o cientista-monge regava a terra do primeiro vaso, dizia em voz alta palavras de fervor [...]” (linhas 10 e 11) [DESATINO]

07. (FJP-MG) Observe o trecho a seguir:

“Quanto à semente rejeitada, esta virou uma plantinha obscura [...]”. (linhas 24 e 25)

Conforme a norma-padrão, utiliza-se “esta”, pois

- A) o pronome demonstrativo se refere a fato recente.
- B) o pronome demonstrativo está retomando o substantivo imediatamente anterior.
- C) o pronome demonstrativo faz referência ao substantivo imediatamente posterior.
- D) o pronome demonstrativo se refere a fato presente.

08. (FJP-MG) Verifique o trecho a seguir:

“Então alguns cientistas-monges resolveram demonstrar que existe alguma coisa de imponderável, algo que escapa a esse materialismo que está fazendo do homem o mais infeliz dos seres [...]”. (linhas 2 a 5)

Em relação ao emprego do vocábulo “que”, assinale a afirmativa correta.

- A) No primeiro momento, “que” funciona como conjunção integrante. No segundo e no terceiro momento, “que” funciona como pronome relativo.
- B) Nos três momentos, “que” funciona como pronome relativo.
- C) No primeiro e no terceiro momento, “que” funciona como pronome relativo. No segundo momento, “que” funciona como conjunção integrante.
- D) No primeiro e no terceiro momento, “que” funciona como conjunção integrante. No segundo momento, “que” funciona como pronome relativo.”

09. TJ65

(UERJ)

“Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.”

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

A palavra “onde”, sublinhada anteriormente, remete a um termo anteriormente expresso.

Transcreva esse termo.

Nomeie também a classe gramatical de “onde”, substitua-a por uma expressão equivalente e indique seu valor semântico.

10. 1FZA

(Unicamp-SP) Os textos a seguir integram uma matéria de divulgação científica sobre o tamanho de criaturas marinhas, ilustrada com fotos dos animais mencionados.

Texto I

Eles nascem com milímetros e alcançam metros de comprimento, nadam das praias rasas às águas abissais. Em fotos únicas, produzidas em tanques especiais, conheça as medidas dos animais do fundo do mar.



Texto II

Escala milimétrica

Enquanto este cavalo-marinho pode chegar a 30 cm, os filhotes medem poucos milímetros ao nascer. Eles surgem depois que a fêmea deposita óvulos em uma bolsa na barriga do macho, que é responsável pela fertilização.



ESCALAS Marinhas. *SuperInteressante*, São Paulo, p. 72-73, jun. 2012.

- A) Pode-se afirmar que a compreensão do texto II depende da imagem que o acompanha. Destaque do texto a expressão responsável por essa dependência e explique por que seu funcionamento causa esse efeito.
- B) No que diz respeito à organização textual, que diferença se pode apontar entre os dois textos, quanto ao modo como o pronome “eles” se relaciona com os termos a que se refere?

SEÇÃO ENEM

01. (Enem)



- Observando as falas das personagens, analise o emprego do pronome “se” e o sentido que adquire no contexto. No contexto da narrativa, é correto afirmar que o pronome “se”,
- A) em I, indica reflexividade e equivale a “a si mesmas”.
 - B) em II, indica reciprocidade e equivale a “a si mesma”.
 - C) em III, indica reciprocidade e equivale a “umas às outras”.
 - D) em I e III, indica reciprocidade e equivale a “umas às outras”.
 - E) em II e III, indica reflexividade e equivale a “a si mesma” e “a si mesmas”, respectivamente.

Instrução: Texto para as questões **02** e **03**.

Madagascar: ver para crer

Na costa oriental da África, Madagascar é uma ilha com fartura de recursos ecológicos singulares, mas seus habitantes estão entre os mais pobres do planeta.



Anthony Asael / Art in All of Us / Getty Images

Nas savanas, crescem as pequenas árvores-garrafa, ou pé-de-elefante, e os espinhosos *pachypodiuns*, que parecem cactos suculentos. Nos bosques espinhosos, surgem a *Didieracées trolli* e a *Ravenala madagascariensis*, a palmeirados-viajantes, símbolo do país, com folhas que se abrem como um enorme leque e um caule que sempre tem água acumulada. Também se encontra ali a mais famosa orquídea malgaxe, a *Angrecum sesquipedale*, fecundada por uma borboleta que desenrola uma língua de 30 centímetros de comprimento para poder beber o néctar acumulado no fundo alongado da flor. Como o visitante é um inseto noturno, a orquídea se veste de branco luminoso para guiar a borboleta na escuridão da floresta. Coisa de desenho animado.

Disponível em: <<https://www.revistaplaneta.com.br/madagascar-ver-para-crer/>>. Acesso em: 05 dez. 2018. [Fragmento]

- 02.** O texto anterior pode ser considerado predominantemente
- | | |
|-------------------|-------------------|
| A) argumentativo. | D) descritivo. |
| B) narrativo. | E) de propaganda. |
| C) épico. | |
- 03.** O termo “que” destacado no texto pode ser corretamente substituído por
- | | | |
|-------------|--------------|-------------|
| A) as quais | C) das quais | E) os quais |
| B) onde | D) cujas | |
- 04.** “Arquitetara-se assim: para confirmar a verdadeira morte do marido, ela desceria ao salão. Provocaria Dito Mariano e o seduziria a pontos de água e boca. Envergaria os antigos e arrojados vestidos de que ele tanto se aprazia. Perfumar-se-ia dos incensos que ele tanto sorvera. Assim se certificaria se se tratava ou não de irreversível e definitivo falecimento.”
- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Lisboa: Caminho, 2002. p. 129. [Fragmento]
- No período “Assim se certificaria se **se** tratava ou não de irreversível e definitivo falecimento”, a regra de colocação pronominal que justifica a próclise do “se” em negrito é:
- | |
|--|
| A) Advérbios possuem função atrativa. |
| B) Pronomes relativos possuem função atrativa. |
| C) Pronomes indefinidos possuem função atrativa. |
| D) Pronomes oblíquos possuem função atrativa. |
| E) Conjunções possuem função atrativa. |

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01.
- A) As duas possibilidades de leitura são: Stock tinha uma noiva e fazia sexo com ela ou Stock fazia sexo com a noiva de Wood, assim como o próprio Wood.
 - B) Admite-se como correta para esse item a palavra “minha”, mas é importante assinalar que sua resolução completa exige a análise de pelo menos duas palavras: “também” e “minha”. A carga semântica da primeira (“também”) inclui como traço necessário a ideia de inclusão num conjunto dado, e a da segunda (minha), a ideia de posse e a determinação do “possuidor”, a partir de elementos dados no texto. No caso, havendo elipse, é possível interpretar a fala de Stock de duas maneiras: prevalecendo a semântica de “também”, só há uma noiva e o autor da última fala é incluído no conjunto dos que faziam amor com a noiva do outro, isto é, “minha” vale por “sua”; prevalecendo “minha”, “também” inclui o autor da fala no conjunto dos que faziam sexo (com sua própria noiva). É a descoberta dessa dupla possibilidade de interpretação e o conhecimento da norma de comportamento que provocam o riso.
 - C) Deve-se perceber que uma das interpretações possíveis é a de que Stock trairia Wood ao fazer sexo com a noiva do amigo. Também se deve entender que a traição é um comportamento polêmico segundo os padrões morais de nossa sociedade. Assim, por desviar-se de uma conduta moral esperada, o comportamento que a fala de Stock sugere provocaria riso nos leitores.

02. E 03. D 04. E

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D 03. C 05. C 07. B
 - 02. B 04. C 06. C 08. A
 - 09. O termo a que o vocábulo “onde” se refere é “o Pantanal”. Essa palavra é um pronome relativo; podendo ser substituída por “no qual” e “em que” e tem valor semântico de lugar.
 - 10. Espera-se que se identifique a expressão responsável pela dependência do texto II em relação à imagem: o sintagma “este cavalo-marinho”, ou, mais precisamente, o pronome demonstrativo “este”. Essa relação de dependência decorre do funcionamento do pronome “este”, que consiste em trazer para o interior do discurso referentes diretamente extraídos do lugar de enunciação, operação conhecida como “dêixis”. Espera-se que se explicita tal funcionamento, mesmo que com descrições não amparadas na metalinguagem mais técnica. Elas devem, no entanto, ser precisas o suficiente para revelá-lo.
- Quanto ao modo como se organiza a estrutura textual, espera-se que se perceba que, no primeiro texto, o pronome “eles” está disposto antes do termo a que se refere, processo conhecido como **catáfora**, enquanto que, no segundo texto, o pronome se encontra após o termo a que se refere, procedimento conhecido como **anáfora**.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

01. E 02. D 03. E 04. E



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Verbos

Leia este texto.

Como se conjuga um empresário

Acordou. Levantou-se. Aprontou-se. Lavou-se. Barbeou-se. Enxugou-se. Perfumou-se. Lanchou. Escovou. Abraçou. Beijou. Saiu. Entrou. Cumprimentou. Orientou. Controlou. Advertiu. Chegou. Desceu. Subiu. Entrou. Cumprimentou. Assentou-se. Preparou-se. Examinou. Leu. Convocou. Leu. Comentou. Interrompeu. Leu. Despachou. Conferiu. Vendeu. Vendeu. Ganhou. Ganhou. Ganhou. Lucrou. Lucrou. Lucrou. Lesou. Explorou. [...]

MINO. Como se conjuga um empresário. In: PINILLA, A.; RIGONI, C.; INDIANI, M. T. *Coesão e coerência como mecanismos para a construção do texto*. Disponível em: <www.pead.letas.ufrj.br/>. Acesso em: 30 set. 2011. [Fragmento]

Curiosamente, exceto pelo título, todas as palavras que compõem esse excerto pertencem a uma única classe gramatical: a dos verbos. O autor seleciona uma sequência de formas verbais e as apresenta justapostas e separadas apenas por pontos finais. Embora não exista nenhum mecanismo de coesão, o texto é bastante coerente e, quando o lê, o leitor percebe que se narra um dia do cotidiano de um empresário. Cada verbo indica uma ação desse empresário e, ainda que não estejam concatenadas por nenhum elemento coesivo que indique passagem de tempo, as orações formadas por esses verbos, quando lidas uma após a outra, explicitam ao leitor uma sequência narrativa. Dificilmente, um autor conseguiria estabelecer sequência narrativa semelhante a essa se tivesse usado, por exemplo, apenas substantivos, adjetivos, advérbios. Os verbos são palavras dinâmicas. Além de indicarem ações, podem indicar também estado, posse ou um evento da natureza. São palavras variáveis que se apresentam de forma distinta dependendo do tempo a que se referem, da pessoa do discurso a que se relacionam, do modo em que se apresentam. Neste módulo, vamos conhecer as particularidades dessa classe gramatical.

DEFINIÇÕES

- Verbo** é a palavra variável que indica ação, posse, estado ou fenômeno da natureza.
 - Paulo **esfregou** as mãos com força.
 - Naquele tempo, só o coronel **possuía** terras na região.
 - Patrícia **parecia** ansiosa naquele dia.
 - **Choveu** torrencialmente em janeiro.
- O verbo varia para indicar o **número** e a **pessoa**.

	Singular	Plural
1ª pessoa	eu existo	nós existimos
2ª pessoa	tu existes	vós existis
3ª pessoa	ele existe	eles existem

- Os **tempos verbais** situam o fato ou a ação verbal em determinado momento. São três os tempos verbais:

Presente	}	Perfeito Imperfeito Mais-que-perfeito
Pretérito		
Futuro	}	do presente do pretérito

- Os **modos verbais** indicam as diferentes formas de um fato se realizar. São três os modos verbais:

- **Indicativo:** Exprime um fato certo, real.

Exemplos:

- Ele **canta** bem.
- José **cantou** bem.

- **Subjuntivo:** Exprime um fato duvidoso, hipotético ou desejado.

Exemplos:

- Talvez ele **cante**.
- É preciso que ele **cante**.

- **Imperativo:** Indica uma ordem, um pedido ou um conselho.

Exemplos:

- **Canta**, Ana!
- **Pegue** minha mão.
- **Seja** amigo.

5. Existem, ainda, as **formas nominais** do verbo, que enunciam um fato de maneira vaga, imprecisa, impessoal. Além de seu significado verbal, às vezes, tais formas aparecem com valor substantivo, adjetivo ou adverbial.

São três as formas nominais:

- **Gerúndio:** *plantando, vendendo, ferindo.*
- **Particípio:** *plantado, vendido, ferido.*
- **Infinitivo:** *plantar, vender, ferir.*

6. **Verbos auxiliares** são os que, juntamente com uma forma nominal de outro verbo, formam a voz passiva, os tempos compostos e as locuções verbais. Os principais verbos auxiliares são **ter, haver, ser** e **estar**.

7. Quando dois ou mais verbos apresentam o significado de um só, ocorre uma **locução verbal**.

Exemplos:

- *Janaína **estava caminhando** pela avenida Brasil.*
- *Ela **tinha estado cantando** durante uns dez minutos.*
- *O cônsul **ia chegar** às nove e meia da manhã.*

Veja que, nas frases anteriores, as locuções podem ser substituídas por apenas um verbo (“caminhava”, “cantara”, “chegaria”). Por outro lado, veja como os verbos das frases a seguir não constituem uma locução verbal.

- *Carolina queria ir ao cinema na quinta-feira à noite.*
- *Eles podiam estudar a noite toda, porque eram jovens.*

Diferentemente do que ocorre nas frases anteriormente citadas, nestes dois exemplos, os verbos apresentam duas ideias distintas (querer / desejar ≠ ir / deslocar-se no espaço; poder / ter capacidade de ≠ estudar).

8. Os verbos dividem-se em:

- **Regulares:** Não sofrem alteração no radical, e as desinências seguem o paradigma de conjugação: *cantar, escrever.*
- **Irregulares:** Os radicais sofrem alterações, e / ou as desinências não acompanham o paradigma: *subir, saber, pedir.*
- **Anômalos:** Apresentam mais de um radical: *ir ia, vou, fomos; ser sou, era, fui.*
- **Defectivos:** Falta-lhes qualquer das formas verbais, ou seja, não podem ser conjugados integralmente: *reaver (reavemos, reaveis); abolir (aboles, abole, abolimos, abolis); falir (falimos, falis); adequar (adequamos, adequais).*



TOME NOTA!

O gerúndio – na locução verbal – indica que a ação está transcorrendo no momento em que se fala, como na frase: “Estou aprendendo português neste momento”.

Por isso mesmo, é incorreto utilizá-lo para substituir outros tempos verbais – o infinitivo e o futuro do presente, por exemplo –, como se tornou hábito na fala cotidiana de muitos brasileiros. Assim, devem ser evitadas construções como as que se seguem, chamadas de gerundismos:

- *Vamos estar enviando sua reclamação ao setor responsável.*
- *Sua solicitação vai estar sendo analisada nos próximos dias.*

Em substituição, deve-se optar por frases mais simples, objetivas, que expressem as mesmas ideias, como:

- *Vamos enviar sua reclamação ao setor responsável.*
- *Sua solicitação será analisada nos próximos dias.*

PARADIGMA DE CONJUGAÇÃO DOS VERBOS REGULARES

Modo Indicativo

Presente do indicativo	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
1ª Conjugação					
canto	cantei	cantava	cantara	cantarei	cantaria
cantas	cantaste	cantavas	cantaras	cantarás	cantarias
canta	cantou	cantava	cantara	cantará	cantaria
cantamos	cantamos	cantávamos	cantáramos	cantaremos	cantaríamos
cantais	cantastes	cantáveis	cantáreis	cantareis	cantaríeis
cantam	cantaram	cantavam	cantaram	cantarão	cantariam
2ª Conjugação					
vendo	vendi	vendia	vendera	venderei	venderia
vendes	vendeste	vendias	venderas	venderás	venderias
vende	vendeu	vendia	vendera	venderá	venderia
vendemos	vendemos	vendíamos	vendêramos	venderemos	venderíamos
vendeis	vendestes	vendíeis	vendêreis	vendereis	venderíeis
vendem	venderam	vendiam	venderam	venderão	venderiam
3ª Conjugação					
parto	parti	partia	partira	partirei	partiria
partes	partiste	partias	partiras	partirás	partirias
parte	partiu	partia	partira	partirá	partiria
partimos	partimos	partíamos	partíramos	partiremos	partiríamos
partis	partistes	partíeis	partíreis	partireis	partiríeis
partem	partiram	partiam	partiram	partirão	partiriam

Modo Subjuntivo

Presente (que)	Pretérito imperfeito (se)	Futuro (quando)
1ª Conjugação		
cante	cantasse	cantar
cantas	cantasses	cantares
cante	cantasse	cantar
cantemos	cantássemos	cantarmos
canteis	cantásseis	cantardes
cantem	cantassem	cantarem
2ª Conjugação		
venda	vendesse	vender
vendas	vendessem	venderes
venda	vendesse	vender
vendamos	vendêssemos	vendermos
vendais	vendêsseis	venderdes
vendam	vendessem	venderem
3ª Conjugação		
parta	partisse	partir
partas	partisses	partires
parta	partisse	partir
partamos	partíssemos	partirmos
partais	partísseis	partirdes
partam	partissem	partirem

Modo Imperativo

Afirmativo	Negativo
1ª Conjugação	
Canta (tu)	Não cantes (tu)
Cante (você)	Não cante (você)
Cantemos (nós)	Não cantemos (nós)
Cantai (vós)	Não canteis (vós)
Cantem (vocês)	Não cantem (vocês)
2ª Conjugação	
Vende (tu)	Não vendas (tu)
Venda (você)	Não venda (você)
Vendamos (nós)	Não vendamos (nós)
Vendei (vós)	Não vendais (vós)
Vendam (vocês)	Não vendam (vocês)
3ª Conjugação	
Parte (tu)	Não partas (tu)
Parta (você)	Não parta (você)
Partamos (nós)	Não partamos (nós)
Parti (vós)	Não partais (vós)
Partam (vocês)	Não partam (vocês)

EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS

Tempo	Emprego dos tempos do indicativo
Presente	1) Enuncia um fato atual, que ocorre no momento em que se fala (presente momentâneo). – São três horas da tarde, está um calor infernal e todos têm fome.
	2) Indica ações e estados permanentes ou assim considerados, como uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei (presente durativo). – A Terra gira em torno do Sol, uma pequena estrela que fica num dos braços da Via Láctea.
	3) Expressa uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (presente habitual ou frequentativo). – Ele é extrovertido: quando se vê diante de pessoas estranhas, fala alto e ri muito.
	4) Dá vivacidade a fatos ocorridos no passado (presente histórico ou narrativo). – Caravelas portuguesas distanciam-se no horizonte rumo a um novo mundo. Inicia-se uma nova fase da história da humanidade.
	5) Marca um fato futuro, mas próximo; para impedir qualquer ambiguidade, faz-se acompanhar geralmente de um adjunto adverbial. – Amanhã mesmo vou à escola do bairro e faço sua matrícula.
Pretérito perfeito	SIMPLES Indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. Descreve o passado tal como parece a um observador situado no presente. – Entrei bruscamente na sala de reuniões e explicitai minha indignação.
	COMPOSTO Formado pelo verbo auxiliar no presente do indicativo e o principal no particípio passado . Expressa um fato repetido ou contínuo, aproximando-se do presente. – Tenho lutado pela emancipação das mulheres, mas tenho percebido que talvez essa não seja uma grande vantagem.

<p>Pretérito imperfeito</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Descreve o que era presente em uma época passada. – Ele fumava vários cigarros, coçava a cabeça e não parava de andar de um lado para outro da sala. 2) Indica, entre ações simultâneas, a que estava se processando quando sobreveio a outra. – Quando nos aproximávamos da praia, uma onda mais forte virou a pequena embarcação. 3) Denota uma ação passada habitual ou repetida (imperfeito frequentativo). – Se ele vinha visitá-la em dias de semana, ela sentia-se a mais amada das mulheres. 4) Designa fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes. – Todas as tardes, sentava-se na mesma poltrona e lia os jornais do dia. 5) Denota um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ter ocorrido. – Tivesse ele forças para trabalhar como no passado, transformava aquela pobre roça numa grande e verde plantação. 6) Situa vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. – Era uma vez uma bela menina que vivia em um pequeno vilarejo no meio das montanhas. 	
<p>Pretérito mais-que-perfeito</p>	<p>SIMPLES</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada. – O discurso tornara-se tão enfadonho que ninguém mais o ouviu. 2) Denota um fato vagamente situado no passado. – Estudara na cidade, conhecera muitas pessoas, mas nada o fizera esquecer o amor de sua adolescência. 3) Substitui o futuro do pretérito (simples ou composto) e o pretérito imperfeito do subjuntivo na linguagem literária. – “Sê propícia para mim, socorre / Quem te adorara, se adorar pudera!” (GUIMARAENS, Alphonsus de. <i>Poesia completa</i>. Rio de Janeiro: José Aguilar, p. 215.) 	<p>COMPOSTO</p> <p>Formado com o verbo auxiliar no pretérito imperfeito do indicativo e o principal no particípio passado. Emprega-se com as mesmas funções do pretérito-mais-que-perfeito simples.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Quando voltei para minha cidade, as casinhas coloridas tinham desaparecido. – No horizonte tinham surgido as primeiras estrelas.
<p>Futuro do presente</p>	<p>SIMPLES</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Indica fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala. – Os estrangeiros chegarão amanhã à tarde. 2) Exprime incerteza (dúvida, probabilidade, suposição) sobre fatos atuais. – Será que desta vez ele consegue sair ileso? 3) Expressa uma súplica, um desejo, uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo. – Honrarás pai e mãe. Não matarás. 4) Refere-se a fatos de realização provável em afirmações condicionadas. – Se não voltar para casa antes de chegar a noite, não me encontrará mais aqui. 	<p>COMPOSTO</p> <p>Formado com o verbo auxiliar no futuro do presente e o principal no particípio passado.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Indica que uma ação futura estará consumada antes de outra. – Quando chegar a Belo Horizonte, já terei deixado a cidade para sempre. 2) Exprime a certeza de uma ação futura. – Ela ganhará o concurso e seus esforços não terão sido em vão. 3) Exprime a incerteza (dúvida, probabilidade, suposição) sobre fatos passados. – Terá acontecido tudo isso com ela em tão pouco tempo?
<p>Futuro do pretérito</p>	<p>SIMPLES</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Designa ações posteriores à época de que se fala. – Passada a euforia da conquista, arrepender-se-ia para sempre por ter trapaceado. 2) Exprime a incerteza (dúvida, suposição, probabilidade) sobre fatos passados. – Quem seria a mulher que o visitou por anos na calada da noite? 3) Denota surpresa ou indignação em certas frases interrogativas. – Seria possível que acabasse todo seu amor tão depressa? 4) Refere-se a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão em afirmações condicionadas. – Se não houvesse tantas pessoas interferindo em nosso relacionamento, seríamos felizes. 	<p>COMPOSTO</p> <p>Formado com o verbo auxiliar no futuro do pretérito e o principal no particípio passado.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Indica que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição. – Se eu tivesse chegado alguns minutos antes, nada disso teria acontecido. 2) Exprime a possibilidade de um fato passado. – Como era muito cedo, imaginou que a mãe ainda não teria chegado. 3) Indica a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor. – O que teria sido das crianças se Maria não as tivesse criado?

Tempo	Emprego dos tempos do subjuntivo	
Presente	<p>Pode indicar, de forma incerta, um fato.</p> <ol style="list-style-type: none"> Presente <ul style="list-style-type: none"> - Não estou afirmando que já se conheçam... Futuro <ul style="list-style-type: none"> - Que meus dentes caiam se eu tocar nesta comida. 	
Pretérito perfeito	<p>COMPOSTO</p> <p>Formado com o verbo auxiliar no presente do subjuntivo e o principal no particípio passado. Pode indicar, de forma incerta, hipotética, um fato.</p> <ol style="list-style-type: none"> Passado <ul style="list-style-type: none"> - Espero que você tenha conseguido chegar a tempo de impedir a tragédia anunciada. Futuro <ul style="list-style-type: none"> - Quando eu voltar desta viagem, espero que tenham saído de minha casa. 	
Pretérito imperfeito	<p>Pode indicar, de forma incerta, hipotética, um fato.</p> <ol style="list-style-type: none"> Passado <ul style="list-style-type: none"> - Não havia desejo de Joana que Manoel não atendesse, capricho que não satisfizesse. Futuro <ul style="list-style-type: none"> - Ela era jovem, mas não ingênua e, se não se deixasse envolver emocionalmente, talvez saísse ganhando muito. Presente <ul style="list-style-type: none"> - Como aceitar que não fizesse nada para ajudar a velha mãe doente? 	
Pretérito mais-que-perfeito	<p>COMPOSTO</p> <p>Formado com o verbo auxiliar no pretérito imperfeito do subjuntivo e o principal no particípio passado.</p> <ol style="list-style-type: none"> Indica uma ação anterior a outra ação passada (dentro do sentido eventual do modo subjuntivo). <ul style="list-style-type: none"> - Deixei-me ficar mais um pouco, até que tivessem terminado a arrumação do salão e a festa pudesse começar. Exprime uma ação irreal no passado. <ul style="list-style-type: none"> - Rapidamente a rua se encheu de água, como se houvesse chovido por horas a fio. 	
Futuro	<p>SIMPLES</p> <p>Marca a eventualidade no futuro e emprega-se em orações subordinadas.</p> <ol style="list-style-type: none"> Adverbiais (condicionais, conformativas e temporais), dependentes de uma principal enunciada no futuro ou no presente. <ul style="list-style-type: none"> - Se precisar, mande chamarem-me no hospital. - Executarei o plano conforme instruíres. - Quando a vir, avise que já estou em casa. Adjetivas, dependentes de uma principal também enunciada no futuro ou no presente. <ul style="list-style-type: none"> - Ficarei grato a todos que contribuírem com donativos. - Agradeça aos amigos que não o abandonarem. 	<p>COMPOSTO</p> <p>Formado com o verbo auxiliar no futuro do subjuntivo e o principal no particípio passado. Indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido hipotético do modo subjuntivo).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Peço que não continues com essa pirraça; se a tiver mantido até agora por capricho, abandone imediatamente essa postura. - Quando tudo tiver chegado ao fim, poderei respirar aliviado.

FORMAÇÃO DO IMPERATIVO

- **Imperativo afirmativo:** Constrói-se da seguinte maneira: a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª do plural (vós) são formadas a partir do **presente do indicativo**, suprimindo-se o "s" final; as demais pessoas, 1ª do plural (nós) e 3ª do singular (você) e do plural (vocês), derivam do **presente do subjuntivo** sem qualquer alteração.
- **Imperativo negativo:** Todas as pessoas derivam do **presente do subjuntivo**.

Pessoas	Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Tu Você	amas (-s)	ama ame	ames ame	não ames não ame
Nós Vós Vocês	amais (-s)	amemos amai amem	amemos ameis amem	não amemos não ameis não amem

EMPREGO DO INFINITIVO

Classificação e definição	Emprego e exemplos
<p>Impessoal (cantar, fazer, pedir)</p> <p>Exprime ação sem sujeito determinado.</p>	<ol style="list-style-type: none"> Quando exprime um fato de modo geral, sem referi-lo a um sujeito. <ul style="list-style-type: none"> – <i>É preciso sempre lutar.</i> – Viver é sofrer. – Morrer por uma causa nobre é glorioso! Quando for equivalente a um imperativo. <ul style="list-style-type: none"> – "Lutar! Lutar! Lutar! Com muita raça e orgulho para vencer!"
<p>Pessoal</p> <p>Exprime ação com sujeito determinado.</p> <p>Não flexionado (cantar, fazer, pedir)</p>	<ol style="list-style-type: none"> Quando formar oração que complementa substantivos e adjetivos. <ul style="list-style-type: none"> – <i>Temos muito prazer em ajudar as pessoas necessitadas.</i> – <i>Eles não estão dispostos a enfrentar as filas nos aeroportos.</i> Quando formar locução verbal ou tiver o mesmo sujeito que o verbo da oração principal. <ul style="list-style-type: none"> – <i>Costumamos trabalhar duro desde crianças.</i> Quando, regido das preposições a ou de, formar locução com os verbos estar, começar, entrar, continuar, acabar, tornar, ficar e outros análogos. <ul style="list-style-type: none"> – <i>Continuas a levantar de madrugada mesmo depois que enriqueceste?</i> Quando tiver como sujeito um pronome oblíquo com o qual constitua o objeto direto dos verbos deixar, fazer, mandar, ver, ouvir e sentir. <ul style="list-style-type: none"> – <i>Mandei-os esperar na antessala até que a reunião da diretoria acabasse.</i>
<p>Pessoal</p> <p>Exprime ação com sujeito determinado.</p> <p>Flexionado [cantar (eu), cantarem (eles), fazeres (tu), fazer (ele), pedirmos (nós), pedirdes (vós)]</p>	<ol style="list-style-type: none"> Quando o infinitivo tem sujeito próprio, diferente do sujeito da oração principal (exceto no caso descrito anteriormente no item 4). <ul style="list-style-type: none"> – <i>Trarei um livro para leres nas férias.</i> Quando for verbo passivo, reflexivo ou pronominal (exceto nos casos descritos anteriormente nos itens 2, 3 e 4). <ul style="list-style-type: none"> – <i>Não convinha ao prefeito e ao empresário serem vistos juntos.</i> – <i>Não precisávamos dizer uma só palavra para nos entendermos.</i> – <i>Senti meus cabelos arrepiares-se.</i> Quando vier antes do verbo da oração principal. <ul style="list-style-type: none"> – <i>Para não termos más surpresas, devemos agir conforme o regulamento.</i> Quando usado para indeterminar o sujeito. <ul style="list-style-type: none"> – <i>Farei de tudo para me indicarem como chefe interino.</i> Quando vier regido de preposição, se a oração não é objetiva indireta nem completiva nominal (nesse caso, também se usa não flexionado). <ul style="list-style-type: none"> – <i>Faremos tudo para vencermos / vencer.</i>

EMPREGO DO PARTICÍPIO

- Conforme já visto, o particípio é vago, impreciso e impessoal. Apenas no contexto torna-se mais preciso para exprimir, geralmente, fato concluído, ação relacionada com o passado.
- Alguns verbos, denominados verbos abundantes, possuem dois participípios, um regular, terminado em -ado (1ª conjugação), -ido (2ª e 3ª conjugações), e outro irregular.
 - **Expulsar:** *expulsado / expulso.*
 - **Imprimir:** *imprimido / impresso.*
 - **Pagar:** *pagado / pago.*
- Emprega-se o particípio para formar a voz passiva e os tempos compostos da ativa. As formas **regulares** são usadas, em regra, com os auxiliares **ter** e **haver**, na **voz ativa**, e as **irregulares**, com os auxiliares **ser** e **estar**, na **voz passiva**.
 - Ele **tinha suspenso** a ordem de despejo até o fim do mês.
 - Uma pequena embarcação de pesca **havia salvado** os sobreviventes do naufrágio.
 - O presente **foi aceito** pela moça.
 - Os presos **seriam soltos** ao amanhecer.
- As formas do particípio, regulares e irregulares, também são usadas como adjetivos.
 - No ano **passado**, tudo correu como prevíamos.
 - A moça estava muito **ferida**, completamente **ensanguentada**.
 - Os relatórios **entregues** por você chegaram uma semana **atrasados**.

Voz reflexiva	
Sujeito agente e paciente ao mesmo tempo (pratica e recebe ação concomitantemente)	- <i>Penteei-me.</i> - <i>O caçador se feriu com a arma.</i> - <i>Os namorados se beijaram.</i> ³

Como você pôde notar, quando ocorrer **voz passiva sintética**, teremos um caso de **sujeito paciente**.

É importante não confundir construções de voz passiva sintética com construções de sujeito indeterminado.

A voz passiva sintética só ocorre com verbos transitivos diretos. Verbos transitivos indiretos ou intransitivos, quando associados à partícula **se** – que, nesse caso, se classifica como índice de indeterminação do sujeito –, dão origem a orações com sujeito indeterminado, como ocorre nos seguintes enunciados:

- *Precisa-se de vendedores ambulantes.* (**de vendedores ambulantes** = objeto indireto)
- *Chegou-se ao ponto mais alto.* (**ao ponto mais alto** = adjunto adverbial de lugar)
- *Vive-se bem em Paris.* (**bem** = adjunto adverbial de modo / **em Paris** = adjunto adverbial de lugar)

Observação: O estudo sobre os tipos de sujeito e sobre as demais funções sintáticas será aprofundado nos próximos módulos.

É importante ressaltar ainda que a transitividade de alguns verbos só pode ser definida levando-se em conta o contexto em que aparecem. Veja os dois exemplos a seguir:

- *Vendeu-se muito na loja de Miguel.*
- *Vendeu-se muito abacaxi na loja de Miguel.*

Apesar de o verbo “vender” ter o mesmo sentido nas duas orações, sua transitividade em cada um dos contextos é distinta. Na primeira frase, o verbo é intransitivo (“aparece sem complemento”; “muito” funciona como um intensificador de “vender” e é, portanto, adjunto adverbial de intensidade; “na loja de Miguel” indica o lugar onde se vende, sendo classificado como adjunto adverbial de lugar). Nesse caso, o sujeito é indeterminado, e a voz, ativa.

No segundo caso, temos um verbo transitivo direto. Assim, “muito abacaxi” é sujeito simples, paciente; “na loja de Miguel” é adjunto adverbial de lugar.

Observe que essa segunda frase pode ser transformada em uma construção de voz passiva analítica (Muito abacaxi foi vendido na loja de Miguel.), o que não é possível fazer com a primeira.

VOZES VERBAIS

A voz verbal é a maneira como se apresenta a ação expressa pelo verbo em relação ao sujeito. Tal relação pode ser de atividade, de passividade ou de atividade e passividade ao mesmo tempo. Dessa forma, são três as vozes verbais: **voz ativa**, **voz passiva** (analítica e sintética) e **voz reflexiva**.

Observe:

Voz ativa	
Sujeito agente (pratica ação)	- <i>Penteei os cabelos.</i>

Voz passiva analítica	
Sujeito paciente (recebe ação) + locução verbal (ser / estar / ficar + particípio = VTD) + (agente da passiva) ¹	- <i>Os cabelos foram penteados por mim.</i> - <i>A cidade estava cercada de inimigos.</i>

Voz passiva sintética	
VTD (na terceira pessoa) + SE (pronome apassivador) + sujeito paciente (recebe ação)	- <i>Pentendeu-se o cabelo.</i> - <i>Dão-se aulas de Português.</i> - <i>Encontrou-se o livro de Física.</i> ²



2YAM

Verbos

Nessa videoaula, você vai conhecer um pouco mais sobre os verbos.

¹ O **agente da passiva** é **facultativo**: pode ou não aparecer. Normalmente, é iniciado pelas preposições “por” ou “de”.

² A **voz passiva sintética** pode ser convertida em **voz passiva analítica**.

³ Quando o verbo da **voz reflexiva** apresentar-se no plural, a voz reflexiva passará a ser chamada de **voz reflexiva recíproca**.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

01. (UFRJ) Leia o texto a seguir:

Na contramão dos carros, ela vem pela calçada, solar e musical, para diante de um pequeno jardim, uma folhagem, na entrada de um prédio, colhe uma flor inesperada, inspira e ri, é a própria felicidade – passando a cem por hora pela janela. Ainda tento vê-la no espelho mas é tarde, o eterno relance. Sua imagem quase embriaga, chego no trabalho e hesito, por que não posso conhecer aquilo? – a plenitude, o perfume inusitado no meio do asfalto, oculto e óbvio.

Sempre minha cena favorita. Ela chegaria trazendo esquecimentos, a flor no cabelo. Eu estaria à espera, no jardim.

E haveria tempo.

CASTRO, Jorge Viveiros de. *De todas as únicas maneiras & outras*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002. p. 113.

Ao longo do texto, utilizam-se dois tempos verbais. Identifique-os e justifique o emprego de cada um, considerando a experiência narrada no texto.

02. (FUVEST-SP)

Receita de mulher

As muito feias que me perdoem
Mas beleza é fundamental. É preciso
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso
Qualquer coisa de dança, qualquer coisa de
[haute couture*]

Em tudo isso (ou então
Que a mulher se socialize elegantemente em azul,
[como na República Popular Chinesa].
Não há meio-termo possível. É preciso
Que tudo isso seja belo. É preciso que súbito
Tenha-se a impressão de ver uma garça apenas
[pousada e que um rosto
Adquira de vez em quando essa cor só encontrável no
[terceiro minuto da aurora.

Vinicius de Moraes

* *haute couture*: alta costura.

Tendo em vista o contexto, o modo verbal predominante no excerto e a razão desse uso são

- A) indicativo; expressar verdades universais.
- B) imperativo; traduzir ordens ou exortações.
- C) subjuntivo; indicar vontade ou desejo.
- D) indicativo; relacionar ações habituais.
- E) subjuntivo; sugerir condições hipotéticas.

03. (UFU-MG) Numere a 2ª coluna de acordo com a 1ª.

- I. "O líder rebelde, que se havia exilado e que **voltara** clandestinamente, foi quem encabeçou a rebelião do cochicho [...]"
- II. "[...] um líder operário [...] conseguiu chegar ao poder para a euforia da maior parte da população, convencida de que, enfim, estando à frente do governo um homem nascido do povo, seus problemas **seriam** resolvidos."

III. "Logo **apareceram** políticos que se voltaram para essas áreas pobres e nela desenvolveram uma pregação oportunista [...]"

IV. "Esse aumento inesperado da população alterou a estrutura urbana de Niã, uma vez que, como cogumelos, se **multiplicavam** os casebres de zinco e papelão [...]"

V. "Parece que, no entanto, a verdade histórica **é** outra [...]"

() O tempo verbal indica um fato passado já concluído.

() O tempo verbal indica algo que se repetia frequentemente.

() O tempo verbal denota um fato hipotético.

() O tempo verbal expressa a ideia de algo que ocorreu em um passado anterior ao momento narrado.

A seguir, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

- A) IV, III, V, II
- B) II, III, V, IV
- C) III, II, IV, I
- D) III, IV, II, I

04. (UEG-GO)

PARA IMPRESSIONAR

O que fará os altos executivos prestarem atenção em você

SEJA AUTÊNTICO: evite as respostas ensaiadas. Verbalize o que é coerente com as decisões que tomou ao longo da vida e com sua experiência profissional.

EXIBA SUA VONTADE: demonstre que está no processo porque realmente quer fazer parte da companhia, e não está lá apenas para cumprir tabela. Antes, é preciso estudar o que faz a empresa e como é trabalhar nela.

CONTE DAS SUAS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS: aquela viagem a um lugar exótico ou a ação de voluntariado que você faz aos sábados conta muito dos seus valores e de qualidades como capacidade de doação, liderança e perseverança.

CARA a cara com quem decide. *Exame*, São Paulo, ano 75, n. 5, ed. 998, 24 ago. 2011. Caderno Especial *Treinee*.

Com base no texto anterior,

- A) Identifique o interlocutor do texto citado.
- B) Há nesse texto a predominância de verbos no imperativo. Qual é o sentido que o uso desse modo verbal tem no texto?

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UFAM-2015) Leia o seguinte texto, extraído do livro *Nos Andes de Vargas Llosa*, do escritor Ari Nepomuceno:

Contei a ele que o detetive Lituma já ali **havia estado**, observando a cena do crime e coletando material para a sua elucidação. Fiz questão de salientar sua recomendação ao criado, antes de sair:

– Você, **não toca** em nada aqui, hein?

Se **tivéssemos** mais indícios, não **estariamos** até hoje perdidos, como diante de um enigma de impossível solução. Lituma, no princípio, **creu** que o assassino era alguém da família.

Sobre o emprego das formas verbais em destaque, leia as seguintes afirmativas:

- I. "Estariamos" está empregado no mais-que-perfeito do modo indicativo.
- II. "Não toca" está empregado no imperativo negativo, mas de modo incorreto, pois deveria ser "não toque".
- III. "Tivéssemos" está empregado no pretérito imperfeito do modo subjuntivo.
- IV. "Havia estado" apresenta conjugação no mais-que-perfeito composto do modo indicativo e poderia ser substituído, sem perda de sentido, pela forma "estivera".
- V. "Creu" é forma verbal inexistente, pois esse verbo é defectivo.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente as afirmativas I e IV estão corretas.
- B) Somente as afirmativas I, III e V estão corretas.
- C) Somente as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- D) Somente as afirmativas II e V estão corretas.
- E) Todas as afirmativas estão corretas.

02. (UEPG-PR)

MT6D

Como funcionam os óculos 3D?

Eles alteram a forma de propagação da onda de luz. Normalmente, uma onda luminosa vibra em todos os sentidos. "Quando, porém, uma imagem **é vista** em terceira dimensão, ela **está polarizada** – ou seja, as ondas de luz que a compõem vibram em apenas dois sentidos: vertical e horizontal", afirma o físico Mikia Muramatsu, da USP. No cinema, por exemplo, a imagem **é lançada** na tela por dois projetores: um emite ondas de luz verticais e o outro, horizontais. Cada um projeta a cena de um ângulo diferente, para imitar a sensação de profundidade percebida pelo olho humano.

Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/tecnologia/pergunta_285855.shtml>. Acesso em: maio 2010 (Adaptação).

A respeito dos itens em negrito, assinale o que for correto.

01. Apenas na primeira ocorrência, "é vista", não se apresenta verbo no particípio.
02. É correto afirmar que em todos os casos assinalados há condições de variação em gênero e número.
04. O particípio comporta-se unicamente como forma verbal. Nos casos assinalados, portanto, todas as ocorrências do particípio são invariáveis.
08. Em todas as ocorrências o particípio passa à função de adjetivo.
16. Tanto na ocorrência "está polarizada" como em "é lançada" a forma verbal no particípio pode variar em gênero e número.

Soma ()

03. (PUC RS-2016) Dois caminhos se abriram diante do paulista Marcus Smolka em 2007, quando ele concluiu o pós-doutorado no Ludwig Institute for Cancer Research, em San Diego (EUA).

- 5 Um deles era retornar ao Brasil e associar-se a um centro de pesquisa dotado de espectrômetro de massa, um equipamento novo, que ele dominava como poucos.

Nesse caso, trabalharia como uma espécie de operador da máquina, rodando os trabalhos de outros cientistas. Nas horas vagas, poderia usá-la para dar continuidade a suas próprias pesquisas. A outra opção era aceitar um convite da Universidade Cornell, no Estado de Nova York. Por essa proposta, ganharia um laboratório e teria um espectrômetro só para si, aos 33 anos de idade.

- 15 Para Smolka, nenhuma das duas opções era a ideal. O que ele queria mesmo era voltar ao Brasil e ter um espectrômetro. Mas a proposta que apresentou ao Fundo de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp) esbarrou no custo do equipamento, da ordem de US\$ 1 milhão.
- 20 O brasileiro acabou escolhendo Cornell.

Smolka é hoje parte de uma expressiva comunidade de cientistas brasileiros que estão radicados no Exterior, produzindo pesquisa de ponta e ajudando a mudar os rumos do conhecimento. Tradicionalmente encarado como fuga de cérebros, o fenômeno é, na verdade, uma tendência global.

HISTÓRIAS de cientistas brasileiros ajudam a explicar o fenômeno da exportação de cérebros. *Zero Hora*, Planeta Ciência. 24 jul. 2015 (Adaptação).

Assinale a alternativa correta sobre o emprego das formas verbais no texto.

- A) No primeiro parágrafo, "abriram" (l. 1) e "concluiu" (l. 2) expressam atitudes que começaram a se concretizar num passado recente.
- B) As ocorrências de "era" (l. 5, 11 e 15) podem ser substituídas por "poderia ser", sem prejuízo para o sentido e para a coerência do texto.
- C) O emprego do futuro do pretérito (l. 8, 10 e 13) indica uma hipótese que não será confirmada no final do texto.
- D) O uso de "havia escolhido" no lugar de "acabou escolhendo" (l. 20), além de correto, seria mais coerente com o nível de formalidade do texto.
- E) A utilização do presente do indicativo no quarto parágrafo determina a caracterização de um cenário atual.

04. (Insper-SP) Leia estas manchetes:

I. Câncer mata Hugo Chávez, líder populista da Venezuela (*Folha de S.Paulo*, 06/03/2013)

II. Chorão é achado morto em apartamento de Pinheiros (*Folha de S.Paulo*, 07/03/2013)

Considerando que as vozes verbais abrem um leque de possibilidades expressivas, é correto afirmar que

- A) em I, a opção pela voz ativa assume caráter de deboche ao enfatizar que o poderoso líder foi vencido por uma doença.
- B) em II, a construção na voz passiva analítica tem o intuito de colocar em evidência quem é o agente da ação expressa pelo verbo.
- C) em I, a predicação do verbo "matar" não permite, segundo a norma-padrão, a transposição para a voz passiva analítica.
- D) em II, a omissão do agente da passiva acentua o mistério em torno da morte do cantor; já em I, o sujeito agente esclarece a causa da morte.
- E) em I, a opção pela voz ativa produz marcas de subjetividade que revelam um enunciador simpatizante do chavismo.

05. (UFPR) A sentença "Ele anda ouvindo música" pode ser interpretada de duas formas: a) ele ouve música enquanto caminha – neste caso, o verbo "andar" funciona como verbo pleno, significando "caminhar"; b) a atividade de ele ouvir música tem se repetido ultimamente – neste caso, o verbo "andar" se esvazia de seu sentido pleno e funciona como elemento gramatical, um auxiliar.

Podemos identificar no português outros verbos que podem ter esses dois usos: um com seu sentido lexical pleno e outro funcionando como elemento gramatical. Tendo isso em vista, considere os conjuntos de sentenças a seguir:

1. Ele **chegou** na festa e bagunçou o tempo todo.
Ele **chegou** a interferir no processo, mas foi neutralizado.
2. Ela está **querendo** comer camarão.
Ela está **querendo** ficar doente.
3. O que ela fez com a faca que estava no chão? Ela **pegou** e guardou na gaveta.
Como ele agiu quando se deparou com o grupo? Ah, ele **pegou** e foi batendo em todo mundo.
4. Todos **trabalham** pela causa.
Eles **trabalham** vendendo computadores.

Em qualquer caso, independentemente do contexto, o verbo grifado pode ser interpretado com sentido lexical pleno em ambas as ocorrências

- A) do conjunto 3 apenas.
- B) do conjunto 4 apenas.
- C) dos conjuntos 1 e 4 apenas.
- D) dos conjuntos 1 e 2 apenas.
- E) dos conjuntos 2, 3 e 4 apenas.

06. (Unesp-2016) Leia o poema de Manuel Bandeira (1886-1968) para responder à questão.

Poema só para Jaime Ovalle¹¹

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).
Chovia.
Chovia uma triste chuva de resignação
Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.
Então me levantei,
Bebi o café que eu mesmo preparei,
Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...
– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.

Estrela da vida inteira. 1993.

No poema, Bandeira explora uma espécie de contraste entre os tempos verbais "pretérito perfeito" e "pretérito imperfeito". Dos pontos de vista sintático e semântico, que padrão pode ser percebido no emprego desses dois tempos verbais?

¹¹ Jaime Ovalle (1894-1955): compositor e instrumentista. Aproximou-se do meio intelectual carioca e se tornou amigo íntimo de Villa-Lobos, Di Cavalcanti, Sérgio Buarque de Hollanda e Manuel Bandeira. Sua música mais famosa é "Azulão", em parceria com o poeta Manuel Bandeira. (Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira)

07. (UFPE) "Muitos imaginam que os que 'falam errado' falam de qualquer jeito. Mas é bastante fácil mostrar que, de fato, os que 'erram' apenas seguem outras regras. O problema é que essas regras não são aceitas ou são consideradas desvios. Vejamos um exemplo: É comum que crianças digam 'Mamãe fazeu um bolo gostoso!' e 'Eu também sabo abrir esse pacote de bolacha'. O que estão fazendo? É simples: tratando verbos irregulares como se fossem regulares."

POSSENTI, Sírio. *Questões de linguagem*. São Paulo: Parábola, 2011. p. 33 (Adaptação).

Com base no texto anterior, escreva um comentário em que você explique "a regra" que seguem os usuários da Língua Portuguesa quando falam ou escrevem um enunciado como o seguinte:

Nos últimos meses, subiu os preços de vários produtos e, conseqüentemente, diminuiu os lucros do mercado.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2018)

Cartão de campanha com o seguinte conteúdo:

- Topo: Centro de Defesa da Mulher
- Imagem: Três mulheres cobrindo os olhos.
- Texto principal: SE VOCÊ FOI VÍTIMA DE ASSÉDIO, ROMPA O SILÊNCIO: DENUNCIE
- Botões de ação: LIGUE 180 e TELEFONE LILÁS 0800 541 0003
- Logos: Proger, TREMUR, BRASIL

Disponível em: <www.sul21.com.br>.
Acesso em: 01 dez. 2017 (Adaptação).

Nesse texto, busca-se convencer o leitor a mudar seu comportamento por meio da associação de verbos no modo imperativo à

- A) indicação de diversos canais de atendimento.
- B) divulgação do Centro de Defesa da Mulher.
- C) informação sobre a duração da campanha.
- D) apresentação dos diversos apoiadores.
- E) utilização da imagem das três mulheres.

02. (Enem-2015)

Palavras jogadas fora

Quando criança, convivia no interior de São Paulo com o curioso verbo pinchar e ainda o ouço por lá esporadicamente. O sentido da palavra é o de “jogar fora” (pincha fora essa porcaria) ou “mandar embora” (pincha esse fulano daqui). Teria sido uma das muitas palavras que ouvi menos na capital do estado e, por conseguinte, deixei de usar. Quando indago às pessoas se conhecem esse verbo, comumente escuto respostas como “minha avó fala isso”. Aparentemente, para muitos falantes, esse verbo é algo do passado, que deixará de existir tão logo essa geração antiga morrer.

As palavras são, em sua grande maioria, resultados de uma tradição: elas já estavam lá antes de nascermos. “Tradição”, etimologicamente, é o ato de entregar, de passar adiante, de transmitir (sobretudo valores culturais). O rompimento da tradição de uma palavra equivale à sua extinção. A gramática normativa muitas vezes colabora criando preconceitos, mas o fator mais forte que motiva os falantes a extinguirem uma palavra é associar a palavra, influenciados direta ou indiretamente pela visão normativa, a um grupo que julga não ser o seu. O pinchar, associado ao ambiente rural, onde há pouca escolaridade e refinamento citadino, está fadado à extinção?

É louvável que nos preocupemos com a extinção de ararinhas-azuis ou dos micos-leão-dourados, mas a extinção de uma palavra não promove nenhuma comoção, como não nos comovemos com a extinção de insetos, a não ser dos extraordinariamente belos. Pelo contrário, muitas vezes a extinção das palavras é incentivada.

VIARO, M. E. *Língua Portuguesa*, n. 77, mar. 2012
(Adaptação).

A discussão empreendida sobre o (des)uso do verbo “pinchar” nos traz uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, a partir da qual compreende-se que

- A) as palavras esquecidas pelos falantes devem ser descartadas dos dicionários, conforme sugere o título.
- B) o cuidado com espécies animais em extinção é mais urgente do que a preservação de palavras.
- C) o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.
- D) as gerações têm a tradição de perpetuar o inventário de uma língua.
- E) o mundo contemporâneo exige a inovação do vocabulário das línguas.

GABARITOMeu aproveitamento **Aprendizagem**

Acertei _____ Errei _____

- 01. Os tempos verbais empregados são o presente e o futuro do pretérito. O primeiro expressa a experiência concretizada pelo narrador, e o segundo expressa a experiência projetada, a hipótese, o desejo.
- 02. C
- 03. D
- 04.
 - A) O interlocutor é o leitor do texto.
 - B) O modo imperativo evidencia, no texto, o sentido de sugestão, conselho e ordem.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. Soma = 10
- 03. E
- 04. D
- 05. B
- 06. Estão no pretérito perfeito as formas verbais “acordei”, “levantei”, “bebi”, “preparei”, “deitei”, “acendi”, “fiquei” e “amei”; no pretérito imperfeito estão “fazia”, “estivesse” e “chovia”. O padrão do uso do pretérito perfeito para ações pontuais e já finalizadas, como aquelas em que o eu lírico descreve o que fez naquela manhã; já o pretérito imperfeito é usado para indicar como estava o tempo na ocasião retratada, portanto são ações que não haviam sido finalizadas no momento em que ele acordava, levantava, bebia, preparava, etc., além disso, pode-se perceber que o uso do pretérito imperfeito para os fenômenos da natureza trazem um sentido de continuidade, progressão para as ações do eu lírico.
- 07. Ao analisar o enunciado apresentado, percebe-se que o falante realizou a concordância dos verbos “subiu” e “diminuiu” com a palavra “mercado”, e não com “preços” e “lucros”, que são os núcleos do sujeito no plural das duas orações que compõem o período

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. C



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Estudo do Período Simples – Sujeito e Predicado

Quando estudamos as palavras considerando suas possibilidades de variação formal (em gênero, número, grau, pessoa, tempo, modo), estamos aprendendo parte da morfologia, palavra composta por dois radicais gregos, *morpho* (forma) e *logia* (estudo), que pode ser entendida como “estudo da forma”. Quando estudamos as funções e as relações entre as palavras em uma estrutura frasal, estamos aprendendo a sintaxe, termo derivado de *syntaxis*, que pode ser traduzida do grego como “disposição”.

Neste módulo, começaremos a estudar mais detalhadamente a sintaxe. Você relembra quais são os termos essenciais da oração e como se classificam. Relembra, também, como identificar uma oração e diferenciá-la dos demais tipos de enunciado que existem na língua.

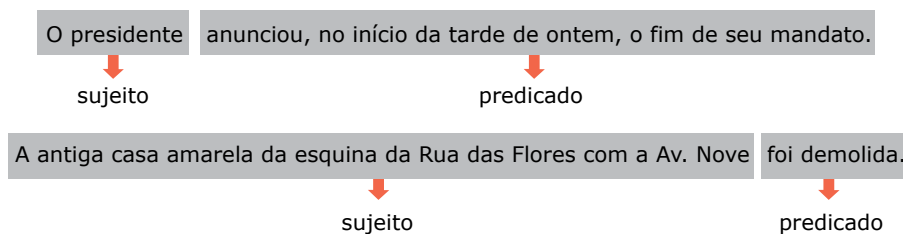
FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Tipo de enunciado	Características	Exemplos
Frase	<ul style="list-style-type: none"> Possui sentido completo. Pode ou não conter um ou mais verbos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Socorro! - Muito obrigada! - As crianças fazem muito barulho. - As crianças fazem muito barulho quando brincam e incomodam o condomínio inteiro.
Oração	<ul style="list-style-type: none"> Pode ou não ter sentido completo. Contém sempre um verbo ou uma locução verbal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Clarissa chegou ontem às 3h da manhã. - Nevou muito no último inverno. - O garoto malcriado havia dito / que não atenderia ao pedido da velha senhora. (duas orações, ambas sem sentido completo quando desarticuladas).
Período	<ul style="list-style-type: none"> Possui sentido completo. Contém sempre um (período simples) ou mais verbos (período composto). 	<ul style="list-style-type: none"> - Estive na Europa mês passado. - Estive na Europa mês passado e lá fazia muito calor. - Quando cheguei ao shopping, estranhei que estivesse tão vazio.

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Os termos essenciais da oração são:

- **Sujeito:** É o termo de valor substantivo, determinado pelo predicado da oração. A relação do predicado (determinante) com o sujeito (determinado) é marcada, geralmente, pela concordância verbal.
- **Predicado:** É o termo que, na maior parte das vezes, contém uma declaração sobre o sujeito.



CLASSIFICAÇÃO DO SUJEITO

Sujeito determinado

Refere-se a um elemento específico da estrutura oracional. Pode ser de quatro tipos:

- A) **Sujeito simples:** Possui um único núcleo (substantivo, pronome substantivo, numeral substantivo ou termo substantivado).
 - *Os **momentos marcantes do governo** tiveram a participação de poucos deputados.*
 - *Estare**mos** esperando pela ajuda dos governantes. (Nós – desinencial)*
 - ***Alguém** falará por nós.*
 - *Percorreram-se **muitos caminhos** até aqui.*

- B) **Sujeito composto:** Possui dois ou mais núcleos (substantivos ou equivalentes).
 - *Os **governadores e prefeitos** participarão de um congresso promovido pela ONU.*

- C) **Sujeito de infinitivo (simples e composto):** Ocorre em períodos compostos nos quais o verbo da oração principal é causativo (mandar, fazer, etc.) ou sensitivo (ouvir, sentir, ver, etc.), e o da oração subordinada encontra-se no infinitivo. O sujeito simples tem um único núcleo, e o composto, dois.
 - *Os vizinhos ouviram-**me** gritar como um louco.*
 - *O presidente mandou **deputados e senadores** esvaziarem o plenário.*

- D) **Sujeito oracional (simples e composto):** Ocorre em períodos compostos em que uma oração desempenha a função de sujeito de outra oração. No sujeito oracional simples, apenas uma oração compõe o sujeito; no oracional composto, ocorrem duas orações.
 - ***Comer demasiadamente** não faz bem para o coração.*
 - ***Dedicar tempo à educação dos filhos e estar presente** são posturas indispensáveis para a boa criação.*

Sujeito indeterminado

A declaração do predicado não é atribuída a um elemento específico.

Essa indeterminação é obtida por meio de três processos:

1. Com verbos na terceira pessoa do plural sem agente expreso:
 - *Arrombaram o cofre da escola esta noite.*
 - *Fizeram mais que o necessário naquela ocasião.*

2. Com verbos transitivos indiretos e intransitivos na terceira pessoa do singular seguidos pela partícula **se** (índice de indeterminação do sujeito).
 - *Tratou-se **daquele assunto com a máxima** discrição.*
 - *Procedeu-se **à execução do projeto, mesmo sem a permissão do chefe da engenharia.***

Com verbos transitivos diretos, não é possível indeterminar o sujeito utilizando o **se**. Nesse caso, tem-se uma construção de voz passiva sintética, o sujeito é determinado, e o **se** é um pronome apassivador.

- *Comemorou-se o **aumento do número de clientes.***
(sujeito simples paciente)

Equivale a:

- *O **aumento do número de clientes** foi comemorado.*

3. Com verbos no infinitivo impessoal.
 - *Não adianta protestar contra a ditadura.
que eu proteste.
que tu protestes.
que ele proteste.
que nós protestemos.*

Distinção entre o SE pronome apassivador e o SE índice de indeterminação do sujeito		
Função	Ocorrências	Exemplos
SE pronome apassivador	<ul style="list-style-type: none"> • Ligado a verbos transitivos diretos. • Ligado a um sujeito paciente. • 3ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular (concordando com o sujeito). 	<ul style="list-style-type: none"> - Publicou-se apenas um livro no ano passado. - Publicaram-se vários livros no ano passado. <p>“um livro” e “vários livros” são sujeitos simples pacientes.</p>
SE índice de indeterminação do sujeito	<ul style="list-style-type: none"> • Ligado a verbos transitivos indiretos ou intransitivos. • Ligado a um sujeito agente. • 3ª pessoa do singular. 	<ul style="list-style-type: none"> - Precisa-se de bons livros. - Estuda-se em bons livros nesta escola. <p>Em ambas as orações, o sujeito é indeterminado.</p>

Sujeito inexistente (Oração sem sujeito)

A informação do predicado não remete a elemento algum. Nesse caso, os verbos permanecem na 3ª pessoa do singular e são chamados **impessoais**. Ocorre nos seguintes casos:

1. Com verbo **haver** no sentido de *existir*, de *ocorrer*.
 - Há muita *polêmica em torno deste tema*.
 - Houve *várias tentativas de assalto ao banco*.
 - Deve *ter havido muitas reclamações dos hóspedes*.

2. Com os verbos **ser**, **estar**, **fazer**, **haver** na indicação de tempo (cronológico ou meteorológico).
 - Está *fazendo 32 °C, à sombra*.
 - Era *uma hora*.
 - Está *frio hoje*.

3. Com verbos que indicam fenômeno da natureza.
 - Choveu *muito hoje*.
 - Trovejou *a noite toda*.
 - Anoitece *mais cedo no inverno*.

4. Com as expressões **passar de** (na indicação de tempo), **chegar de** e **bastar de**.
 - Passava *de meia-noite*.
 - Basta *de preocupação com a dívida externa e com os juros altos*.
 - Chega *de choro, menina!*

Na modalidade coloquial, é frequente o uso do verbo *ter* como impessoal, em declarações de existência e de ocorrência. Tal uso, contudo, é inadequado à língua culta, que exige sujeito e objeto direto para o verbo *ter*.

Observe:

• **Linguagem coloquial**

Tem <u>petróleo</u>	<u>na Amazônia</u> .
obj. direto	adj. adv. lugar

• **Linguagem padrão**

A) Há <u>petróleo</u>	<u>na Amazônia</u> .
obj. direto	adj. adv. lugar
B) Existe <u>petróleo</u>	<u>na Amazônia</u> .
sujeito	adj. adv. lugar
C) <u>A Amazônia</u> tem	<u>petróleo</u> .
sujeito	obj. direto



TOQ6

Sujeito

Você sabe quais os termos essenciais de uma oração? Nessa videoaula, vamos falar mais detalhadamente de um deles: o sujeito.



TOME NOTA!

Na oração, o sujeito frequentemente ocupa a posição de tópico, sobretudo em orações declarativas estruturadas na voz ativa, com verbo de ação e de ligação. Todavia, como a estrutura frasal deve atender à intenção comunicativa do falante, este pode optar pela topicalização de qualquer outro termo, cuidando, porém, de assinalar o tópico não sujeito.

Alguns verbos e estruturas verbais costumam vir antes do sujeito, até mesmo topicalizados. A conseqüente posposição do sujeito como que o rebaixa diante do verbo, parecendo tirar-lhe o poder de comandar a flexão verbal. A norma culta, porém, não leva em consideração esse sentimento do usuário da língua: segundo ela, anteposto ou posposto ao verbo, o sujeito exige-lhe a concordância.

Nas orações divisíveis em sujeito e predicado, o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa. Verbos impessoais, estruturadores de oração sem sujeito, devem aparecer na 3ª pessoa do singular, salvo o verbo *ser* na indicação de dias e horas.

PREDICAÇÃO VERBAL

Entende-se por predicação verbal a constituição do predicado tendo como ponto de partida o verbo e seus complementos. Diz-se que uma frase é de predicação completa quando a ela basta a presença de um sujeito e de um verbo. Se, no entanto, o verbo exige um complemento para que a frase tenha sentido, diz-se que esta é de predicação incompleta. Segundo uma definição atual, os verbos se dividem entre aqueles que necessitam de complemento, aqueles que recusam complemento e, ainda, aqueles cujos complementos são de livre aceitação. Válido observar que é somente no contexto da comunicação que se pode classificar cada verbo.

- *Todos aqueles soldados **morreram***. (predicação completa)
- *Crianças **gostam** de doces*. (predicação incompleta)

Quanto à predicação, os verbos da Língua Portuguesa são divididos em três grupos: verbos intransitivos, verbos transitivos e verbos de ligação.

Observe:

Verbos intransitivos

São aqueles que não exigem complemento de natureza substantiva (objeto direto e objeto indireto). As orações com verbos intransitivos prototípicos são compostas, na maior parte dos casos, apenas por sujeito e verbo.

- *Aqueles soldados morreram.*
- *Todos choraram.*
- *O dia amanheceu.*

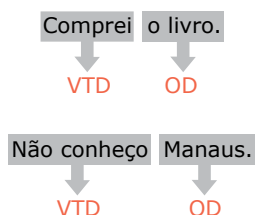
Verbos transitivos

São aqueles que exigem complemento(s) de natureza substantiva.

Podem ser:

Verbos transitivos diretos

São os que exigem complemento não preposicionado, ou seja, um **objeto direto**.



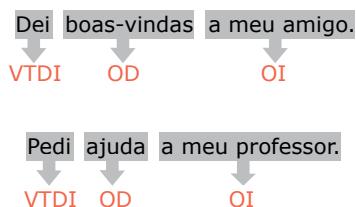
Verbos transitivos indiretos

São os que exigem complemento preposicionado, ou seja, um **objeto indireto**.



Verbos transitivos diretos e indiretos ou bitransitivos

São os que se constroem com os dois complementos.



Verbos transitivos circunstanciais

São verbos que exigem complementos de natureza adverbial, denotando determinadas circunstâncias, entre elas a de lugar, a de quantidade e a de intensidade.

- *Jantarei em Paris.*
- *Já era tarde quando voltamos da festa.*
- *Pesar dois quilos.*
- *Envelhecer vinte anos.*
- *Viver muitos anos.*

O complemento circunstancial se difere do adjunto adverbial pelo critério da dispensabilidade na oração. Em uma frase como "Jantarei em Paris", a circunstância de lugar não é selecionada pelo verbo da mesma forma como na frase construída com o verbo "ir". Nesta última, tal complemento é, via de regra, indispensável, ao passo que na primeira poderiam ocorrer outras circunstâncias.



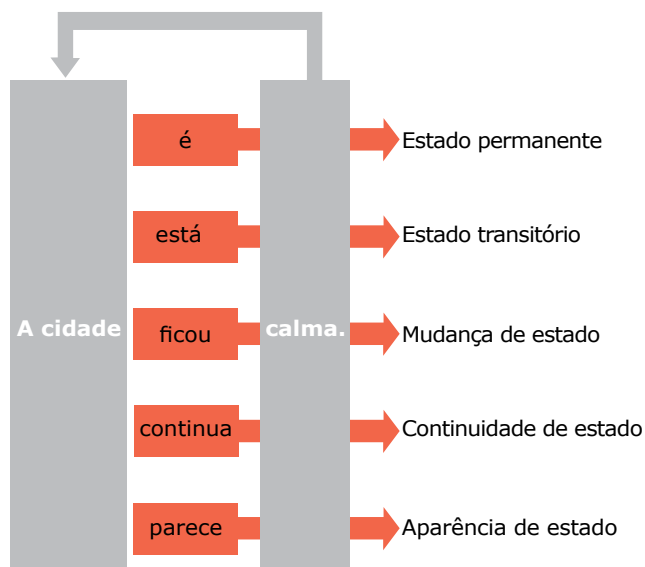
TOME NOTA!

Na Gramática Normativa, esses verbos são classificados como intransitivos e seus complementos como adjuntos adverbiais.

Verbos de ligação

São aqueles que, na frase, promovem a união do sujeito com um predicativo (termo que expressa um atributo ou um estado do sujeito), mas que não denotam nenhuma noção semântica explícita.

Indicam:

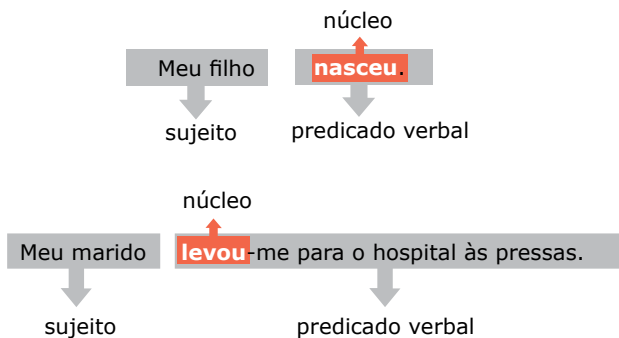


TIPOS DE PREDICADO

O predicado de uma oração, de acordo com o tipo de verbo que o compõe, pode ser:

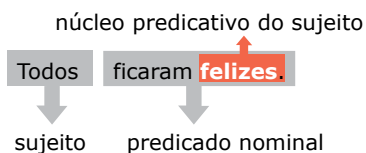
Predicado verbal

Seu **núcleo é um verbo** significativo (intransitivo, transitivo direto, transitivo indireto ou bitransitivo), seguido ou não de complemento(s) ou termos acessórios.



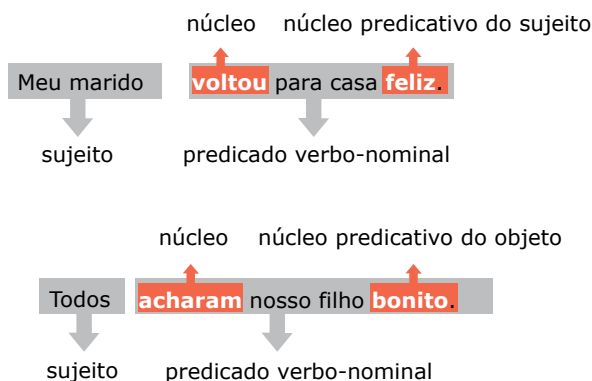
Predicado nominal

Seu **núcleo é um nome** (substantivo, adjetivo ou pronome – predicativo do sujeito), ligado ao sujeito por um verbo de ligação.



Predicado verbo-nominal

Possui **dois núcleos**, um verbo significativo e um nome (substantivo, adjetivo ou pronome – predicativo do sujeito ou do objeto).



EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

- 01.** (UFMG) Considere este conceito:
- “O sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração.”
- CUNHA, C.; CINTRA, L.
Nova gramática do português contemporâneo.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira,
1985. p. 119.
- Redija um texto, explicitando por que esse conceito não se aplica a cada uma das seguintes frases:
1. Eu vos declaro marido e mulher.
 2. Dessa água, nós não bebemos de jeito nenhum.
- 02.** (Unicamp-SP) O texto a seguir é parte de uma campanha promovida pela ANER (Associação Nacional de Editores de Revistas).
- Surfamos a Internet, Nadamos em revistas**
A Internet empolga. Revistas envolvem.
A Internet agarra. Revistas abraçam.
A Internet é passageira. Revistas são permanentes.
E essas duas mídias estão crescendo.
- Um dado que passou quase despercebido em meio ao barulho da Internet foi o fato de que a circulação de revistas aumentou nos últimos cinco anos. Mesmo na era da Internet, o apelo das revistas segue crescendo. Pense nisto: o Google existe há 12 anos. Durante esse período, o número de títulos de revistas no Brasil cresceu 234%. Isso demonstra que uma mídia nova não substituiu uma mídia que já existe. Uma mídia estabelecida tem a capacidade de seguir prosperando, ao oferecer uma experiência única. É por isso que as pessoas não deixam de nadar só porque gostam de surfar.
- IMPrensa, P. 17, n. 267, maio 2011 (Adaptação).
- A) O verbo “surfear” pode ser usado como transitivo ou intransitivo. Exemplifique cada um desses usos com enunciados que aparecem no texto da campanha. Indique, justificando, em qual desses usos o verbo assume um sentido necessariamente figurado.
 - B) Que relação pode ser estabelecida entre o título da campanha e o trecho reproduzido a seguir? Como essa relação é sustentada dentro da campanha?
“A Internet empolga. Revistas envolvem.
A Internet agarra. Revistas abraçam.
A Internet é passageira. Revistas são permanentes.”
- 03.** (PUC-SP) No trecho: “Se eu **convencesse** Madalena de que ela não **tem** razão [...] Se lhe **explicasse** que é necessário **vivermos** em paz [...]”, os verbos destacados são, respectivamente,
- A) transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto, transitivo indireto.
 - B) transitivo direto e indireto, transitivo direto, transitivo direto e indireto, intransitivo.
 - C) transitivo indireto, transitivo direto, transitivo direto, intransitivo.
 - D) transitivo direto e indireto, transitivo direto, intransitivo, transitivo indireto.
 - E) transitivo direto, transitivo direto, intransitivo, intransitivo.

04. Em todas as alternativas, a necessidade de adaptação à norma culta justifica a nova versão das frases, exceto
- Haveriam ali perto outras casas como aquela?
Haveria ali perto outras casas como aquela?
 - Já passavam de quatro horas de reunião quando lhes foram dado a palavra.
Já passava de quatro horas de reunião quando lhes foi dada a palavra.
 - Devia ser cinco horas da tarde quando chegou as mercadorias.
Deviam ser cinco horas da tarde quando chegaram as mercadorias.
 - Era Dia da Independência do Brasil, 7 de setembro.
Eram 7 de setembro, Dia da Independência do Brasil.
 - Decorreu alguns meses até que ele se convencesse de que ia acontecer-lhe mais coisas daquele tipo.
Decorreram alguns meses até que ele se convencesse de que iam acontecer-lhe mais coisas daquele tipo.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UEG-GO-2015) Comparando-se as frases “A população humana se aproxima da marca de 7 bilhões” e “Compreender os princípios ecológicos é um passo necessário para lidar com esses problemas”, verifica-se que os trechos sublinhados desempenham a função sintática de
- sujeito em ambas as orações.
 - objeto na primeira oração e sujeito na segunda.
 - objeto em ambas as orações.
 - sujeito na primeira oração e objeto na segunda.

02. (PUC-GO)
XKPA

[...]

Eu sei que ao longe na praça.
Ferve a onda popular,
Que às vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes – altar.
Que zombam do bardo atento,
Curvo aos murmúrios do vento
Nas florestas do existir,
Que babam fel e ironia.
Sobre o ovo da utopia
Que guarda a ave do porvir.
Eu sei que o ódio, o egoísmo,
A hipocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão,
Peitos surdos às conquistas,
Olhos fechados às vistas,
Vistas fechadas à luz,

Do poeta solitário
Lançam pedras ao calvário,
Lançam blasfêmias à cruz.

[...]

ALVES, Castro. *Melhores poemas de Castro Alves*.
São Paulo: Global, 2003. p. 111.

Considerando-se os traços sintático-semânticos definidores do sujeito gramatical do verbo “lançar”, em suas duas ocorrências nos versos finais da segunda estrofe do poema, é correto afirmar que tal sujeito, no texto, é

- simples e revela as qualidades necessárias para a salvação das “almas escuras das grutas” a que o enunciador se refere.
 - composto e apresenta significação oposta aos valores cristãos evocados pelas palavras “calvário” e “cruz”.
 - desinencial e esconde a identidade solitária do poeta.
 - indeterminado e deixa implícito o desejo do enunciador de desistir da luta.
03. (UFAM-2016) O texto a seguir é o início (adaptado) da crônica intitulada “E agora, José”, de autoria de José Saramago. Leia-o antes de responder à questão, elaborada a partir do que nele está expresso:

Há versos célebres que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marcar, sinais de trânsito, bússolas – ou segredos. Este, que veio ao mundo muito depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-me desde que nasci, por um desses misteriosos acasos que fazem do que viveu já, do que vive e do que ainda não vive, um mesmo nó apertado e vertiginoso de tempo sem medida. Considero privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: “E agora?” Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras e jiboias, em que as mãos ficaram vazias e atônitas. Foram aquelas horas de uma total miscelânea interior. “E agora, José?” Um oceano rugiu agitado em nós; grande, porém, é o poder da poesia para que aconteça, como juro que acontece, que esta pergunta simples aja como um tônico, um golpe de espora, e não seja, como poderia ser, tentação, o começo da interminável ladainha que é a piedade por nós próprios.

Em todo o caso, há situações de tal modo absurdas (ou que o pareceriam vinte e quatro horas antes), que não se pode censurar a ninguém um instante de desconforto total. Não se pode censurar um segundo em que tudo dentro de nós pede socorro, ainda que saibamos que logo a seguir a mola pisada, violentada, se vai distender vibrante e verticalmente afirmar a antecâmara do horror. Nesse átimo de tempo, marchamos desorientados. Nesse momento veloz toca-se o fundo do poço.

Sobre aspectos sintáticos do texto foram feitas as seguintes afirmativas:

- O último período do texto é simples e o sujeito é indeterminado.
- O primeiro período do segundo parágrafo (que tem início com “Em todo caso”) apresenta três orações e uma só frase.

- III. No penúltimo período do texto, a única oração apresenta predicado verbo-nominal.
- IV. Na oração “Um oceano ruga agitado em nós”, o predicado é verbo-nominal.

Assinale a alternativa correta.

- A) Somente as afirmativas I e III estão corretas.
- B) Somente as afirmativas II e III estão corretas.
- C) Somente as afirmativas I, II e IV estão corretas.
- D) Somente as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- E) Todas as afirmativas estão corretas.

04. (UEL-PR)

Marte é o Futuro

- O pouso na Lua não foi só o ápice da corrida espacial. Foi também o passo inicial do turbocapitalismo que dominaria as três décadas seguintes. Dependente, porém, de matérias-primas do século 19: aço, carvão, óleo.
- 5 Lançar-se ao espaço implicava algum reconhecimento dos limites da Terra. Ela era azul, mas finita. Com o império da tecnociência, ascendeu também sua nêmesse, o movimento ambiental. Fixar Marte como objetivo para dentro de 20 ou 30 anos, hoje, parece tão louco quanto
- 10 chegar à Lua em dez, como determinou John F. Kennedy. Não há um imperialismo visionário como ele à vista, e isso é bom. A ISS (estação espacial internacional) representa a prova viva de que certas metas só podem ser alcançadas pela humanidade como um todo, não por
- 15 nações forjadas no tempo das caravelas. Marte é o futuro da humanidade. Ele nos fornecerá a experiência vívida e a imagem perturbadora de um planeta devastado, inabitável. Destino certo da Terra em vários milhões de anos. Ou, mais provável, em poucas décadas, se
- 20 prosseguir o saque a descoberto da energia fóssil pelo hipercapitalismo globalizado, inflando a bolha ambiental.

LEITE, M. Caderno Mais! *Folha de S.Paulo*. São Paulo, domingo, p. 03, 26 jul. 2009 (Adaptação).

Quanto à predicação verbal, é correto afirmar:

- A) Em “Lançar-se ao espaço implicava algum reconhecimento” (l. 5), o verbo “implicar”, nesse contexto, é um verbo transitivo direto, por isso seu complemento não exige preposição.
- B) Em “Não há um imperialismo visionário como ele à vista” (l. 11), o verbo “haver” é considerado um verbo de ligação, pois estabelece relação entre sujeito e seu predicativo.
- C) Em “A ISS (estação espacial internacional) representa a prova viva” (l. 12 e 13), o verbo “representar” é intransitivo, portanto, não necessita complemento.
- D) Em “Marte é o futuro da humanidade” (l. 15 e 16), o verbo “ser” é classificado como verbo transitivo direto e indireto, ou seja, possui um complemento precedido de preposição e outro não.
- E) Em “Ele nos fornecerá a experiência vívida e a imagem” (l. 16 e 17), o verbo “fornecer” é classificado como verbo defectivo, pois não apresenta a conjugação completa.

- 05.** (CEFET-SC) A minha velha tábua de cortar temperos era de madeira e foi adquirida na loja do Alcides Zuanazzi. Rachou-se ao meio a tábua, tal como aconteceu com a gamela onde eu dava de beber à minha fauna íntima.

[...]

- 5 Em vinte anos de convivência ficamos tão parecidas, eu e a tábua; ela vincada dos cortes de faca por conta das hortas de temperos e legumes que teve que aparar, e eu vincada dos caminhos que a Via Láctea percorreu em mim.”

BOCHECO, Eloí E. *Pedras soltas*. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 107.

Segundo o texto, é correto

- A) [...] “era de madeira” (linhas 1 e 2) classifica-se sintaticamente como predicado verbal e “de madeira”, conseqüentemente, como predicativo do sujeito.
- B) Em “Em vinte anos de convivência ficamos tão parecidas, eu e a tábua” (linha 5 e 6), o verbo concorda com o sujeito “eu e a tábua” está flexionado no presente.
- C) O narrador adota tempos verbais diferentes, tais como presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro.
- D) Em “A minha velha tábua de cortar temperos era de madeira” (linhas 1 e 2), “minha” é classificado morfologicamente como pronome possessivo; “velha”, como adjetivo de tábua de cortar temperos.
- E) O termo “vincada” (linhas 6 e 7) apresenta, mesmo sentido denotativo: “cortada”.

- 06.** (OMEC-SP) Assinale a frase em que há sujeito indeterminado:

- A) Compram-se jornais velhos. D) Choveu muito.
- B) Confia-se em suas palavras. E) É noite.
- C) Chama-se José o sacerdote.

- 07.** (PUC-SP) No seguinte trecho:

“Não brincara, não pandegara, não amara – todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara”.

As últimas orações – “não vira”, “não provara”, “não experimentara” – têm a mesma organização sintática e seus predicados são

- A) verbais, formados por verbos transitivos diretos, complementados por um objeto direto explícito no período.
- B) verbais, formados por verbos intransitivos.
- C) verbais, formados por verbos transitivos indiretos, complementados por um objeto indireto não explícito no período.
- D) verbais, formados por verbos transitivos direto e indireto.
- E) verbo-nominais, formado por verbos e predicativos do sujeito.

SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem) A substituição do “haver” por “ter” em construções existenciais, no português do Brasil, corresponde a um dos processos mais característicos da história da língua portuguesa, paralelo ao que já ocorrera em relação à ampliação do domínio de “ter” na área semântica de “posse”, no final da fase arcaica. Mattos e Silva (2001:136) analisa as vitórias de “ter” sobre “haver” e discute a emergência de “ter” existencial, tomando por base a obra pedagógica de João de Barros.

Em textos escritos nos anos quarenta e cinquenta do século XVI, encontram-se evidências, embora raras, tanto de “ter” “existencial”, não mencionado pelos clássicos estudos de sintaxe histórica, quanto de “haver” como verbo existencial com concordância, lembrado por Ivo Castro, e anotado como “novidade” no século XVIII por Said Ali.

Como se vê, nada é categórico e um purismo estreito só revela um conhecimento deficiente da língua. Há mais perguntas que respostas. Pode-se conceber uma norma única e prescritiva? É válido confundir o bom uso e a norma com a própria língua e dessa forma fazer uma avaliação crítica e hierarquizante de outros usos e, através deles, dos usuários? Substitui-se uma norma por outra?

CALLOU, D. A propósito de norma, correção e preconceito linguístico: do presente para o passado. In: *Cadernos de Letras da UFF*, n. 36, 2008. Disponível em: <www.uff.br>. Acesso em: 26 fev. 2012 (Adaptação).

Para a autora, a substituição de “haver” por “ter” em diferentes contextos evidencia que

- A) o estabelecimento de uma norma prescinde de uma pesquisa histórica.
- B) os estudos clássicos de sintaxe histórica enfatizam a variação e a mudança na língua.
- C) a avaliação crítica e hierarquizante dos usos da língua fundamenta a definição da norma.
- D) a adoção de uma única norma revela uma atitude adequada para os estudos linguísticos.
- E) os comportamentos puristas são prejudiciais à compreensão da constituição linguística.

02. (Enem) Murilo Mendes, em um de seus poemas, dialoga com a carta de Pero Vaz de Caminha.

A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de oiro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muito,
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes tem à vontade
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudoso
Se for embora daqui.

MENDES, Murilo. *Murilo Mendes: poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Arcaísmos e termos coloquiais misturam-se nesse poema, criando um efeito de contraste, como ocorre em

- A) A terra é mui graciosa / Tem macaco até demais.
- B) Salvo o devido respeito / Reforçai, Senhor, a arca.
- C) A gente vai passear / Ficarei muito saudoso.
- D) De plumagens mui vistosas / Bengala de castão de oiro.
- E) No chão espeta um caniço / Diamantes tem à vontade.

03. Embora seja comum na língua coloquial, o uso do verbo “ter” na indicação de ocorrência ou existência não é aceito como gramaticalmente correto. A frase em que o verbo ter aparece obedecendo à norma culta padrão é:

- A) Na Amazônia, tem bastante petróleo.
- B) Ele tem muitos problemas a resolver.
- C) Tem muita gente lá fora.
- D) Tem gente no banheiro?
- E) “Tinha uma pedra no meio do caminho.”

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. Há, evidentemente, uma incoerência entre a definição de sujeito proposta por Celso Cunha e Lindley Cintra e os exemplos mencionados. Segundo a definição dos gramáticos, o sujeito seria “o ser sobre o qual se faz uma declaração”, mas o que se percebe nos exemplos 1 e 2 é que os seres sobre os quais se declara alguma coisa não constituem os sujeitos das orações. No exemplo 1, alguém, provavelmente uma autoridade civil ou religiosa, declara um casal (representado por um pronome da segunda pessoa do plural) marido e mulher. No exemplo 2, alguém declara que não beberá de uma determinada água. Pelo conceito de Cunha e Cintra, os sujeitos das orações 1 e 2 deveriam ser “vos” e “dessa água”, já que é sobre eles que recaem as declarações feitas. Mas, de fato, os sujeitos dessas orações são “eu” e “nós”. Diante dessa discrepância, talvez se fizesse necessária uma redefinição do conceito de sujeito: é o termo que comanda a flexão verbal.
- 02.
 - A) O verbo “surfar” é usado como transitivo direto no título do texto da campanha e em sentido figurado, pois está relacionado à capacidade de transição entre sites acessíveis na Internet. Na última frase, o mesmo verbo é usado como intransitivo e apresenta significado literal, pois pertence ao mesmo campo lexical da palavra “nadar”.
 - B) No trecho do enunciado, os termos verbais “empolga”, “agarra” e “passageira” associados à palavra “Internet” sugerem uma ação intensa, apaixonante, mas efêmera, ao contrário do que acontece com os que estão ligados à palavra “revista”, menos intensos, mas mais duradouros (“envolvem”, “abraçam”, “são permanentes”). O mesmo é sugerido no título, já que “surfar” é atividade esportiva moderna e “nadar”, uma modalidade tradicional.
 - 03. B
 - 04. D

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. A ○ 03. D ○ 05. D ○ 07. A
- 02. B ○ 04. A ○ 06. B

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. E ○ 02. A ○ 03. B



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %